

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

ALEXANDRE ANTÔNIO NERVO

**As imagens criadas pelas biografias de líderes
neopopulistas da América Latina**

Porto Alegre

2012

ALEXANDRE ANTÔNIO NERVO

**As imagens criadas pelas biografias de líderes
neopopulistas da América Latina**

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação da Faculdade
de Comunicação Social da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Dr. Antonio Hohlfeldt

Porto Alegre

2012

ALEXANDRE ANTÔNIO NERVO

**As imagens criadas pelas biografias de líderes
neopopulistas da América Latina**

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação da Faculdade
de Comunicação Social da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de ____ de ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt – PUCRS

Prof. Dr. Benito Schmidt – UFRGS

Prof. Dr. Francisco Rüdiger – PUCRS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N456i Nervo, Alexandre Antônio
As imagens criadas pelas biografias de líderes neopopulistas da América Latina / Alexandre Antônio Nervo. - Porto Alegre, 2012.
229 f.

Diss. (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS.

Orientação: Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt.

1. Comunicação e Política. 2. Populismo – América Latina.
3. Presidentes – Biografias. 4. Imagens – Representação.
5. Análise do Discurso. I. Hohlfeldt, Antonio.

CDD 301.161

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297

Dedico este trabalho aos meus pais, Arialdo e Morena

Resumo

Este estudo analisa as estratégias para a aproximação entre o público leitor e as imagens de personalidades políticas, através de suas trajetórias biográficas. Buscamos a identificação de uma tipologia para as práticas de liderança *neopopulistas*, em realidades latino-americanas, com base nas biografias de líderes carismáticos. Focamo-nos na reconstrução de vida dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil, 2002-2010) em **A história de Lula: O filho do Brasil** (2009), de Denise Paraná e **O que sei de Lula** (2011), de José Nêumanne Pinto; Hugo Chávez Frías (Venezuela, 1999-atual), a partir do relato **Hugo Chávez sem uniforme** (2006), de Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka; e Evo Morales (Bolívia, 2006-atual), com base no texto **Evo Morales: The extraordinary rise of the first indigenous president of Bolivia** (2010), de Martín Sivak.

Utilizamos a Análise Crítica do Discurso, como lente metodológica que permitiu identificar os estereótipos, mitos e arquétipos utilizados pelos autores. Percebemos que as biografias, no formato de livro, constituem-se em extensão para as estratégias de construção das imagens dos líderes *neopopulistas* da América Latina. O estilo de liderança *neopopulista* caracteriza-se, em uma leitura a partir do campo da Comunicação Social, pelos traços de personalidade que são atribuídos ao personagem, sempre em busca da aproximação com o povo.

A transposição das etapas da Jornada do Herói, de Joseph Campbell (2007), permitiu o enquadramento da análise do conteúdo das biografias, demonstrando uma linha comum entre as obras: o tratamento heroico conferido aos protagonistas. A trajetória dos líderes presidenciais é narrada a partir de três fases principais: a partida, com as provações que se interpõe ao herói no início de sua vida; a iniciação, quando o indivíduo entra em contato com o universo político e inicia o seu aprendizado pessoal; e o retorno, na expressão da conquista do topo da escalada política, com a missão de modificar a realidade em que está inserido.

Palavras-chave: populismo; neopopulismo; biografias; Lula da Silva; Evo Morales; Hugo Chávez.

Abstract

This study analyzes strategies to bring the reading audience close to images of political personalities through biographies. We have sought to identify a typology for *neo-populist* leadership practices in Latin American realities based on the biographies of charismatic leaders. We focused on reconstructing the lives of Presidents Luiz Inácio Lula da Silva (Brazil, 2002-2010) in ***A história de Lula: O filho do Brasil*** (2009), by Denise Paraná, and ***O que sei de Lula*** (2011), by José Nêumanne Pinto; Hugo Chávez Frias (Venezuela, 1999-present), from the report ***Hugo Chávez sem uniforme*** (2006), by Cristina Marcano and Alberto Barrera Tyszka; and Evo Morales (Bolivia, 2006-current) based on the text: ***Evo Morales: The extraordinary rise of the first indigenous president of Bolivia*** (2010), by Martín Sivak.

We made use of Critical Discourse Analysis, with a methodological lens that allowed us to identify the stereotypes, myths and archetypes used by the authors. We observed that the book format biographies were an extension of the strategies to build the images of Latin American *neo-populist* leaders. The style of *neo-populist* leadership is characterized by a reading from the field of Social Communication, through the personality traits that are attributed to the character in question, always seeking to become closer to the people.

Transposition of the stages of the Hero's Journey concept by Joseph Campbell (2007) made it possible to frame the analysis of the biographical content, tracing a common line among the works: the heroic treatment given to the characters. The story of the presidential leaders is narrated in three main stages: the beginning, with the obstacles that test the hero at the beginning of life; the initiation, when the individual comes into contact with the political world and begins their personal learning experience; and the return, in the expression of their attaining the highest level on the political scale with the mission to change the reality in which they are inserted.

Key words: populism; neo-populism; biographies; Lula da Silva; Evo Morales; Hugo Chávez.

Sumário

1. Introdução.....	11
---------------------------	-----------

PARTE I – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO (CONTEXTUALIZAÇÃO)

2. Percursos acadêmicos acerca do populismo como conceito.....	14
---	-----------

2.1 Populismo norte-americano e russo.....	15
2.2 Esboços para uma tipologia do movimento.....	17
2.3 Populismo como estratégia política e dinâmica social.....	20
2.4 Povo, liderança e demandas populares.....	24
2.5 Bases no contexto socioeconômico latino-americano: 1930 a 1960.....	33
2.6 Perspectivas contemporâneas para a América Latina e Europa.....	38
2.7 Populismo e comunicação social.....	48

3. Os limites do biográfico no pensamento ocidental.....	57
---	-----------

3.1 A concepção heroica do homem nas narrativas de vida.....	59
3.2 As possibilidades do biográfico entre a realidade e a ficção.....	71
3.3 A biografia como estratégia de comunicabilidade.....	78

PARTE II – DISCUSSÃO METODOLÓGICA

4. Metodologia.....	90
----------------------------	-----------

4.1 Comunicação e esfera pública.....	91
4.2 A mediação e o discurso político.....	93
4.3 A dupla perspectiva da Análise do Discurso.....	98
4.4 Análise Crítica do Discurso.....	101
4.5 Discurso e Sociedade.....	104

PARTE III – ANÁLISE DAS BIOGRAFIAS POLÍTICAS

5. Líderes sul-americanos em perspectivas biográficas.....	110
---	------------

5.1 Recortes biográficos de Luiz Inácio Lula da Silva.....	113
5.2 Recortes biográficos de Evo Morales.....	121
5.3 Recortes biográficos de Hugo Chávez.....	124
5.4 Critérios de aproximação das obras biográficas.....	128

6. Análise comparativa das obras biográficas.....	137
6.1 <i>Jefazo: Retrato íntimo de Evo Morales, por Martín Sivak.....</i>	138
6.1.1 A partida.....	138
6.1.1.1 O chamado.....	139
6.1.1.2 A recusa ao chamado.....	141
6.1.1.3 O auxílio sobrenatural.....	141
6.1.1.4 Passagem pelo primeiro limiar.....	142
6.1.1.5 O ventre da baleia.....	143
6.1.2 A iniciação.....	144
6.1.2.1 O caminho das provas.....	145
6.1.2.2 O encontro com a deusa.....	147
6.1.2.3 A sintonia com o pai.....	148
6.1.2.4 A apoteose.....	149
6.1.2.5 A benção última.....	149
6.1.3 O retorno.....	151
6.1.3.1 A recusa do retorno.....	152
6.1.3.2 A fuga mágica.....	152
6.1.3.3 O auxílio externo.....	154
6.1.3.4 Capacidade comunicativa (passagem p/ limiar do retorno).....	155
6.1.3.5 Senhor de dois mundos.....	156
6.1.3.6 Liberdade para viver.....	158
6.2 <i>Hugo Chávez sem uniforme: Uma história pessoal, por Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka.....</i>	159
6.2.1 A partida.....	159
6.2.1.1 O chamado.....	160
6.2.1.2 A recusa ao chamado.....	162
6.2.1.3 O auxílio sobrenatural.....	162
6.2.1.4 Passagem pelo primeiro limiar.....	164
6.2.1.5 O ventre da baleia.....	164
6.2.2 A iniciação.....	164
6.2.2.1 O caminho das provas.....	165
6.2.2.2 O encontro com a deusa.....	166

6.2.2.3 A sintonia com o pai.....	167
6.2.2.4 A apoteose.....	168
6.2.2.5 A benção última.....	168
6.2.3 O retorno.....	169
6.2.3.1 A recusa do retorno.....	170
6.2.3.2 A fuga mágica.....	171
6.2.3.3 O auxílio externo.....	172
6.2.3.4 Capacidade comunicativa (passagem p/ limiar do retorno).....	174
6.2.3.5 Senhor de dois mundos.....	175
6.2.3.6 Liberdade para viver.....	177
6.3 <i>Lula, o filho do Brasil</i>, por Denise Paraná.....	179
6.3.1 A partida.....	180
6.3.1.1 O chamado.....	181
6.3.1.2 A recusa ao chamado.....	183
6.3.1.3 O auxílio sobrenatural.....	184
6.3.1.4 Passagem pelo primeiro limiar.....	185
6.3.1.5 O ventre da baleia.....	185
6.3.2 A iniciação.....	186
6.3.2.1 O caminho das provas.....	187
6.3.2.2 O encontro com a deusa.....	188
6.3.2.3 A sintonia com o pai.....	190
6.3.2.4 A apoteose.....	191
6.3.2.5 A benção última.....	191
6.4 <i>O que sei de Lula</i>, por José Nêumanne Pinto.....	192
6.4.1 A partida.....	192
6.4.1.1 O chamado.....	193
6.4.1.2 A recusa ao chamado.....	196
6.4.1.3 O auxílio sobrenatural.....	197
6.4.1.4 Passagem pelo primeiro limiar.....	198
6.4.1.5 O ventre da baleia.....	200
6.4.2 A iniciação.....	201
6.4.2.1 O caminho das provas.....	201

6.4.2.2 O encontro com a deusa.....	203
6.4.2.3 A sintonia com o pai.....	204
6.4.2.4 A apoteose.....	205
6.4.2.5 A benção última.....	205
6.4.3 O retorno.....	207
6.4.3.1 A recusa do retorno.....	207
6.4.3.2 A fuga mágica.....	208
6.4.3.3 O auxílio externo.....	210
6.4.3.4 Capacidade comunicativa (passagem p/ limiar do retorno)...	211
6.4.3.5 Senhor de dois mundos.....	212
6.4.3.6 Liberdade para viver.....	212
7. Conclusão.....	215
8. Referências bibliográficas.....	221

1. INTRODUÇÃO

A referência ao fenômeno do *populismo* se faz recorrente, na atualidade, nos pronunciamentos e discussões políticas, no âmbito da América Latina, tanto quanto no restante do mundo¹. Esta pesquisa teve início com o desejo de estudar o *populismo* como uma forma de se construir a realidade social, explicitada por meio de estratégia de comunicação e/ou estilos políticos identificáveis nas diversas produções textuais e discursivas.

Hernán Reyes Aguinaga² distingue dois âmbitos gerais que tratam de entender as formas características do *populismo*: o fenômeno como categoria analítica, tomado como recurso teórico delimitado na literatura política; ou como um dado da experiência, considerado assim uma realidade dada. Ao centrar-se na última pressuposição de análise, o autor defende a inclusão dos meios de comunicação como fator de influência para as manifestações populistas contemporâneas.

Especialmente quando tratamos da esfera política, notamos que os relatos e testemunhos de experiências individuais são recursos amplamente utilizados como forma de virar o jogo a favor do orador. Nesse sentido, as biografias políticas surgem como plataformas discursivas para a construção e/ou o reforço de imagens e estereótipos em um contexto público e geral de comunicação.

A circulação das narrativas centradas no universo biográfico proporciona novas formas de compreensão da realidade vivida e da convivência em comunidade. Quando falamos de líderes reconhecidos publicamente como *populistas*, estamos nos referindo a uma maneira peculiar de articulação dos aspectos privados e públicos desses sujeitos. As imagens construídas desses atores sociais desperta, nas audiências, através de diversas referências, os sentimentos inerentes à prática do *populismo*. Da mesma maneira, suas histórias de vida sofrem a influência de referenciais e representações sociais enraizadas em contextos regionais particulares.

¹ De acordo com Ricardo Vélez Rodríguez, em *Neopopulismo: Uma realidade latino-americana*. Fundação Liberdade e Cidadania. Acesso em 2010 pelo endereço eletrônico www.flc.org.br/imprensa06.asp.

² *Democracias médio-mágicas y gobernabilidad mínima en América Latina* in GOMES, Pedro Gilberto; BRITTOS, Valério Cruz *Comunicação e governabilidade na América Latina* São Leopoldo: Unisinos, 2008, p.133

O cenário político latino-americano, entre os anos de 1930 e 1960, foi o território nascente para as investidas governamentais ditas *populistas* e centradas na figura de uma liderança personalista. Sociedades em processo de industrialização, com fluxo de trabalhadores migrantes do campo para a cidade, testemunharam o sucesso do apelo personalista de lideranças políticas. Personalidades como Juan Domingos Perón (1946 a 1955 e 1973 a 1974), na Argentina; Getúlio Vargas (1930 a 1945 e 1951 a 1954), no Brasil; ou Lázaro Cárdenas (1933 a 1940), no México, são exemplos de líderes pretensamente identificados com o povo e suas necessidades. Dessa forma, o contexto histórico do populismo político, na América Latina, compreende a imagem do líder carismático que teoricamente se dirige e se identifica diretamente com o povo.

O período posterior à década de 1990, na mesma região, corresponde ao despoite de lideranças políticas cujas imagens aparecem galvanizadas com o respaldo do aparato midiático. Junto a isso, somam-se o apelo direto ao povo (como unidade indiferenciada), o discurso antielitista e o modo de governo personalista como características que denotam a necessidade de uma atualização conceitual para o *populismo* clássico. Surgem, então, os amplamente referidos *neopopulismos* de Hugo Chávez, na Venezuela (1999, até o presente); de Evo Morales, na Bolívia (2006, até o presente); ou do ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva (2002 a 2010).

As biografias políticas, assim como os discursos públicos legitimados, buscam a defesa de um argumento ou de uma ideia central, utilizando como alicerce o retrato de vida dos indivíduos. São relatos em que o apelo ao povo, característico da estratégia *neopopulista*, pode ser passível de justificação. A retomada das origens dos governantes implica na consideração do desenvolvimento do caráter e das manifestações vocacionais inerentes aos tempos infantis e juvenis.

Assumimos que o estudo aprofundado das obras biográficas permite estender a compreensão dos processos que conduziriam às construções das imagens públicas de líderes políticos *neopopulistas* sul-americanos. Pretendemos, para o presente trabalho, avaliar uma amostra dessa realidade em que as biografias, como alicerces para o estabelecimento dos ícones, heróis e celebridades, no imaginário coletivo, encontram, na veiculação literário-jornalística, uma estratégia para a aproximação com o público.

Em busca da identificação de uma tipologia para as práticas de liderança *neopopulista*, em realidades latino-americanas, enfocaremos a trajetória de três presidentes (Luiz Inácio Lula da Silva, Hugo Chávez Frías e Evo Morales) que, ao longo de seus mandatos, remetem (ou remeteram) ao reconhecimento desse tipo de estratégia para a conquista de popularidade. Serão utilizados, como base material de análise, os relatos biográficos **Lula, o filho do Brasil** (2002), de Denise Paraná e **O que sei de Lula** (2011), de José Nêumane Pinto; **Hugo Chávez sem uniforme: Uma história pessoal** (2006), de Cristina Marcano e Alberto Tyszka; e **Jefazo: Retrato íntimo de Evo Morales** (2008), de Martín Sivak.

A estrutura do trabalho compreende cinco capítulos: quatro deles teóricos, e um último, de análise. O primeiro capítulo busca as raízes históricas do *populismo* no mundo e suas manifestações latino-americanas. Procuramos contextualizar as diversas interpretações teóricas para o fenômeno, inserindo a prática *populista* nos contextos político, socioeconômico e da comunicação social.

No capítulo 2 discutimos as origens da escrita biográfica e suas implicações como documentação da realidade, alicerçadas nos costumes dos povos e nas características de períodos históricos específicos. O culto ao heroísmo, no âmbito do biográfico, é refletido a partir de conceitos de autores como Thomas Carlyle, Joseph Campbell e Otto Rank. Situamos o gênero biográfico como uma estratégia de comunicabilidade, a partir da argumentação de Jesús Martín-Barbero (2003).

O capítulo 3 enfoca a discussão da política em um contexto público, estreitamente relacionado com o conteúdo das produções culturais e jornalísticas. Consideramos os pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD), com base nos modelos teóricos de Teun van Dijk (2010) e Norman Fairclough (2001), como lentes metodológicas adequadas para nossa pesquisa.

O capítulo 4 consiste em um levantamento dos principais materiais biográficos, publicados até a presente data, que tratam da vida dos líderes políticos em estudo.

Por fim, estruturamos a análise do conteúdo das biografias com base nas etapas da Jornada do Herói, de Joseph Campbell (1983). Concluímos que a trajetória dos personagens é moldada pelo heroísmo, mesmo que na posição de anti-herói, como no caso da biografia de Lula escrita por José Nêumane Pinto. Consideramos que a tipologia descrita para o *neopopulismo* permite identificá-lo como fenômeno comunicativo socialmente adaptável e articulável nos discursos e ações políticas.

2- Percursos acadêmicos acerca do populismo como conceito

A abordagem do populismo, como conceito acadêmico, exige um percurso que implica a passagem por relatos teóricos intrincados e, por vezes, dotados de indisfarçável ambivalência. Alerta-nos Peter Worsley (*in* IONESCO *et* GELLNER, 1969; p.258-304) que a apreensão do sentido das evidências colhidas pode variar conforme a realidade analisada, ou o ponto de vista do observador. Ao levarmos o alerta em conta, não seria excesso de zelo estender a revisão bibliográfica ao nível mais amplo possível, a fim de reunir visões de pesquisadores familiarizados, tanto com a realidade latino-americana quanto com a europeia.

Da mesma maneira, parece de boa prática a cautela frente a análises que buscam uma generalização totalizante do termo, a partir de visões históricas, políticas ou comparativas de movimentos específicos. Sendo assim, é necessário considerar que a compreensão das especificidades do populismo nem sempre é atingida, a despeito dos esforços analíticos desenvolvidos pelos mais diversos pesquisadores.

Desde o início, é apropriado ressaltar o nosso objetivo, com o que pretendemos expor e, dessa forma, justificar as escolhas teóricas que resultarão dos diálogos estabelecidos com os campos político, sociológico, econômico e da comunicação social. Longe do apego apressado a qualquer generalização, obtida a partir dos fenômenos peculiares a este ou àquele país, optaremos por tomar como referencial específico as abordagens que considerem a ontologia e os potenciais comunicativos do populismo como conceito acadêmico.

Significa dizer que não nos ocuparemos com discussões eminentemente históricas, centradas na descrição dos principais movimentos populistas, em cada tempo e região. Antes disso, podemos tirar maior proveito com o recurso crítico, diante de análises comparativas de movimentos que apelem ao povo ou a personalidades carismáticas. Contudo, devido ao relevo de sua base histórica precursora, breve excursão será aberta, em seguida, com relação às principais

características dos movimentos populistas no contexto agrário norte-americano e russo.

2.1 Populismo norte-americano e russo

Muitos pesquisadores consideram a manifestação populista norte-americana, do século XIX, como um caso paradigmático de uso da propaganda política, com forte apelo aos direitos agrários. Naquele período, determinados valores correspondentes ao povo norte-americano, espelhado pelos proprietários de terras e agricultores, tornaram-se importantes e dignos de defesa. Todos os que estivessem em desacordo com tais ideais encontrar-se-iam deslocados do âmbito do povo nacional.

A defesa dos ideais agrários, com intensa oposição aos bancos, estradas de ferro e grupos elitistas foram reivindicações do chamado Partido do Povo. Criado em 1891, e sustentado primordialmente por fazendeiros, a agremiação estabeleceu o sistema monetário da época como um dos principais alvos de protesto (CANOVAN, 1981). Utilizando a caracterização de Margaret Canovan (ver detalhes na seção 1.4), para as investidas populistas, a utopia popular estadunidense foi tanto um movimento agrário, quanto político; possuía uma base socioeconômica posicionada na realidade do produtor rural e a retórica era dirigida contra as elites governantes (DEIWIKS, 2009).

Um famoso panfleto circulou, à época, advogando em prol da livre cunhagem da prata, o que significava torná-la equivalente ao ouro como indexador no sistema monetário. O texto, chamado **Coin's Financial School**, foi escrito por William Hope Harvey, em 1893. O documento iniciava com citação do apóstolo católico Mateus, em passagem do capítulo 11, versículo 25: *Graças te dou, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos*. As palavras, colocadas no contexto, demonstram a clara intenção de se estabelecer uma oposição entre as camadas rurais, de vida simples, e as elites dominantes, capitalistas. O manifesto impresso constituiu-se em um marco da militância populista em território estadunidense.

O populismo agrário, nos Estados Unidos, mobilizou uma classe de agricultores comerciais bem conscientes do valor do dinheiro e do funcionamento da economia, no período. Os camponeses, aqueles que apenas trabalhavam na terra e compartilhavam a vida no campo, contudo, não compunham o núcleo ativo da

investida. A grande força que o movimento adquiriu se deveu, em grande parte, ao arrebatamento de empresários e pequenos capitalistas para as suas frentes (HOFSTADTER, 1969).

Por sua vez, o movimento populista, na Rússia tsarista do século XIX, apresentou-se com feições bastante diversificadas. A começar pelo termo russo empregado para fazer referência ao fenômeno: *narodnichestvo*. Alerta-nos Andrzej Walicki (1969, p.81-120) para duas acepções principais atribuídas ao vocábulo, e que se mostram, até certo ponto, contraditórias. Trata-se de um sentido histórico estrito, e outro marxista, mais amplo. O autor postula que a escolha consciente de um dos significados da palavra é indispensável para uma concepção coerente do populismo russo,

No primeiro sentido, o termo populismo designa uma teoria que defende a hegemonia das massas com relação às elites cultas; em segundo, se refere a uma teoria sobre o desenvolvimento não capitalista da Rússia (WALICKI, 1969, p.83).

O primeiro dos sentidos mencionados trata o populismo, não como movimento organizado, mas sim como uma ideologia, com amplo alcance, e direcionada para a elevação das características da vida no campo. A perspectiva econômica e social das famílias rurais é tomada sob sentido idealista. Os defensores do populismo russo pregavam a emancipação dos camponeses e a dissolução das desigualdades sociais. Reivindicavam a adoção de um modo de organização diferenciado, baseado em antigos modelos de comunidades rurais.

Quando o ideal é quebrado, derivam os movimentos radicais organizados pelas elites, e que então passarão a ver o homem do campo como potencial adversário. Esse é o segundo sentido elencado, o qual considera o populismo não mais do que um breve episódio do movimento revolucionário russo, a partir da década de 1870. Sob esta interpretação, os populistas revolucionários representavam diferentes variantes do populismo, ancoradas em oposição ao capitalismo e próximas ao ideário social marxista.

Os revolucionários empreendiam ações violentas (muitas com caráter terrorista) e, em busca de transformação social, alinhavam-se a princípios ideológicos do marxismo. Por essa via, encontram-se formações revolucionárias como a chamada Vontade do Povo (*Naródnaya Volia*), fundada em 1879 por revolucionários atuantes

que se opunham à autocracia, e os seguidores do socialismo revolucionário do teórico russo Pyotr Lavrov.

É como se o populismo russo fosse posto em contato estrito com duas bases (e dois momentos) de ações diferenciadas: a noção de *narodnichestvo*, ou seja, a ideologia populista expressa como tal (direcionada para a idealização romântica da vida no campo), e a unidade *narodniki*, na expressão dos seus integrantes revolucionários, advindos da camada intelectual, postos em oposição violenta (com declarada inspiração no marxismo), e circunstancial, ao sistema agrário tsarista vigente, (DEIWIKS, 2009).

É fundamental que a sociedade russa da época estava organizada a partir de três setores básicos: aristocratas dominantes, camponeses dominados e, no espaço intermediário, a referida parcela da intelectualidade. De maneira geral, os populistas russos se opunham ao modo de gestão do Estado tsarista. Ao mesmo tempo, não demonstravam simpatia pelos modelos de sociedades ocidentais, baseados na industrialização e na urbanização. O capitalismo ocidental era tomado como destrutivo e decadente. Eram consideradas como princípio da sociedade ideal a comunidade rural e as raízes coletivas agrárias. O novo agrupamento social seria regido por contornos primordialmente socialistas (REIS FILHO, 2002).

Margaret Canovan (1981) nota que o populismo *narodnichestvo* foi um movimento dedicado aos camponeses. Estivera, contudo, efetivamente atrelado aos interesses de segmento intelectual tentado a oferecer liderança e, ao mesmo tempo, tirar lições do contato com o campesinato russo. De acordo com Peter Worsley (1969, p.258-304), tratava-se de uma forma de populismo que se espelhava em elementos da cultura tradicional, ao mesmo tempo em que evitava as formas manifestas de tradicionalismo. Demonstrava postura anarquista em relação ao Estado, sem deixar de depositar confiança nas conformações sociais comunitárias e organizadas.

2.2 Esboços para uma tipologia do movimento

Peter Worsley (1969) debruça-se sobre os traços seminais do populismo, como movimento político, justamente a partir dos fenômenos russo e norte-americano, e também com base na movimentação populista em curso, à época, no Terceiro

Mundo¹. Ao cabo de breve esboço comparativo, encontra segurança para arriscar o postulado de um conceito geral, pretensamente comum a todos: *o enfrentamento entre uma ordem social de pequenos produtores rurais, e o poder mais vasto da indústria e comércio em larga escala (normalmente capitalistas)* (in IONESCO et GELLNER, 1969; p.295). É possível notar, por meio da assertiva, uma clara adesão ao conceito de populismo como movimento de gênese rural, com referência às manifestações analisadas pelo autor.

Essa obra é uma das referências mais conhecidas para tratar do populismo no mundo. Organizada por Ghita Ionescu e Ernest Gellner, a compilação de artigos divide-se em duas partes. Uma delas reúne trabalhos que investigam manifestações populistas nas diversas partes do globo: África, Europa Oriental, América Latina, e os clássicos movimentos russo e norte-americano. A segunda parte do compêndio ocupa-se em empreender uma tentativa de definição do termo.

Diante da profusão de abordagens historiográficas e etnográficas, oriunda de estudos situados nos campos político, econômico e cultural, torna-se prudente considerar que o escrutínio das características individuais de determinados movimentos, ou indivíduos, é insuficiente para a derivação de um modelo geral, confiável e minimamente imune a críticas. O forte ecletismo no foco dos relatos acadêmicos, publicados ao longo dos anos, se deve, majoritariamente, à própria polissemia inerente ao termo.

No campo intelectual do Brasil, há quem considere que a primeira contribuição relevante ao populismo remeta ao ano de 1963, pelas mãos do cientista político brasileiro Francisco Weffort (*apud* CONNIFF, 2006, p.34). Até hoje personalidade de referência no assunto, indicou o populismo, em seus primeiros trabalhos, como fenômeno predominantemente urbano e alicerçado no recrutamento das massas. Em texto posterior (1980), dirige-se a exemplos da realidade populista brasileira, cujas primeiras manifestações marcantes se voltam aos feitos de figuras como Getúlio Vargas (presidente do Brasil, de 1930 a 1945), Adhemar de Barros (governador de São Paulo por dois mandatos: (1947 - 1951 e 1963 - 1966) e Jânio Quadros (presidente do Brasil de 31 de janeiro de 1961 até 25 de agosto de 1961).

A delimitação do populismo, como processo que se manifesta em meio às crises de hegemonia política de regiões subdesenvolvidas, consistirá no argumento central

¹ Incluiu movimentos populistas na África e na América Latina.

de importantes trabalhos publicados entre os anos 1960 e 1970, a partir dos postulados do sociólogo brasileiro Octávio Ianni (1964-1970), do cientista político Francisco Weffort, do ítalo-argentino Torcuato Di Tella (1969), e do também ítalo-argentino Gino Germani (1968). As análises referidas, cada qual com suas particularidades, situam o populismo nas realidades de transição entre uma sociedade tradicional e um contexto de industrialização e de expansão capitalista.

O apelo ao povo é justamente um dos traços gerais mais comuns que se atribui às dinâmicas populistas. O conceito de *povo*, para o populismo, conforme a definição de Norberto Bobbio (2000, p.981), não é racionalizado, mas pode ser *intuído ou apoditicamente postulado*². Isso significa que o termo *povo* é delimitado na dinâmica populista como uma entidade mítica, não passível de caracterização objetiva. Parece apropriado considerar a retórica centrada na figura do povo como pressuposto essencial na busca por uma tipologia para o populismo.

Entre os trabalhos que provocaram frutíferas discussões, incluindo a busca por uma tipologia geral para o movimento, situamos o legado da britânica Margaret Canovan (1981 e 1999). Sua sugestiva tipologia, para o fenômeno, começa com uma distinção entre duas grandes categorias: o populismo agrário e o populismo político. Dessa maneira, a análise cobre uma vasta gama de movimentos populistas no decorrer da história mundial. A autora investiga os direcionamentos, e consequentes sentidos, que o discurso populista pode assumir em relação ao povo.

Consideraremos, ainda, como referência central, a meritória abordagem sociológica de Ernesto Laclau (2010), elogiável por incitar a alocação do populismo como instante de trocas políticas e comunicativas significativas, além de estruturalmente verificável. O autor visualiza o populismo, não como sintoma transitório, inerente a crises democráticas, ou como uma simples lógica centrada na manipulação e distanciada da ética, mas pensa o fenômeno como uma dinâmica social passível de descrição estrutural, revestida de validade acadêmica.

Propomos que as manifestações contemporâneas do populismo, para a América Latina e a Europa, sejam discutidas em síntese no presente capítulo. Para isso, serão visitados textos que estudam as novas expressões do populismo, ou o chamado *neopopulismo*, a partir do legado de teóricos como Paul Cammack, Kurt

² Apodítico é adjetivo que remete a algo evidente, incondicional.

Weyland, Michael Conniff, Ricardo Vélez Rodríguez e Pierre-André Taguieff, entre outros.

Em seguida, ocorrerão as discussões necessárias para percebermos as relações estabelecidas entre lideranças populistas e os meios de comunicação social. Como ponto fundamental, decorre o advento de novas possibilidades para a difusão de conteúdo, aproximando o *marketing* da política. Sendo assim, julgamos lógico considerar a delimitação básica para o conceito de *telepopulismo*, em Pierre-André Taguieff (2007) e a distinção entre diferentes formas de populismo, com base no discurso das lideranças, na esteira do trabalho de Jan Jagers e Stefaan Walgrave (2007). Os últimos nos acenam com elementos metodológicos próprios para a identificação de intenções populistas, em textos políticos.

2.3 Populismo como estratégia política e dinâmica social

Quando investigado como elemento analítico, integrado aos âmbitos político e social, imagina-se prudente que o populismo deva ser posto à prova como conceito passível de definição particular e unitária. No lastro do legado teórico de Ionescu e Gellner (1969, p.10), é possível recorrer à proposição de cinco questões fundamentais sobre as quais parece clarear-se o debate inicial acerca do fenômeno populista como movimento político com bases sociais.

Não se trata de engendrar uma prescrição por meio de respostas diretas. Muito menos pode ser séria a abordagem que se restrinja a uma só breve investida teórica. Posicionando-se na trilha oposta, nosso intento é permitir que o diálogo possa encontrar raízes críticas, justamente, nos questionamentos que seguem:

1) seria o populismo uma ideologia ou um movimento, ou talvez as duas possibilidades de uma única vez?

2) não se trataria de uma atitude mental, manifesta em diferentes contextos históricos e geográficos, em função de situação atípica vivida por determinadas sociedades?

3) poderia ser definido nos termos de uma psicologia política, baseado na consideração de perseguição do povo, de ideias conspiratórias contra a entidade comunitária, o que resultaria em antagonismos frente às entidades externas ao povo?

4) o populismo poderia ser caracterizado como um negativismo, um antifenômeno que se oporia ao urbano, ao capitalismo, ao semitismo, entre outros?

5) seria o populismo, com o aceno de idolatria ao povo, incluído no conjunto de outras manifestações características do nacionalismo ou do socialismo, por exemplo?

Dentre as possibilidades acima elencadas, os investimentos analíticos sobre o termo *populismo*, sugere uma comentarista, concentram-se atualmente no movimento como um *antifenômeno* e como idolatria ao povo (DEIWIKS, 2009, p.1). Grande parte das abordagens políticas clássicas, de certa maneira, considera o populismo como um momento de tensão entre realidades sociopolíticas antagônicas, com potencial de mobilização centrado nas camadas populares. A dualidade entre tradição e urbanismo é tema recorrente nas investigações focadas em períodos de expressivo desenvolvimento urbano-industrial, em países latino-americanos, a partir do final dos anos 1950.

Parece lícito aceitar que as principais investigações acadêmicas se revezam entre duas bases conceituais para o reconhecimento de manifestações populistas e suas conseqüências. Conforme assinala Franco Savarino (2006), determinadas correntes de pensamento consideram o populismo como ideologia específica, ao tomá-lo como uma alternativa viável à modernidade liberal; outros pesquisadores preferem inscrevê-lo como um estilo de governança peculiar, ao privilegiar mobilizações políticas e sociais populares centradas na figura de liderança personalista.

Sugere-nos Angus Stewart (*in* IONESCU *et* GELLNER, 1969; p.224) que a linha comum, prevalente em abordagens sociológicas e econômicas do populismo, consistiria em considerá-lo como uma resposta social diante de crise provocada pelo período de modernização e suas derivações, nos países em desenvolvimento. Os problemas de autoridade política e de instabilidade econômica seriam os mais comuns e principais desencadeadores da trama desestabilizadora da harmonia em sociedade.

A análise, empreendida pelo autor, considera o contato dos indivíduos com realidades mais desenvolvidas, social e economicamente, como aspecto externo para a consideração do populismo como ideologia ou como movimento. O aspecto

analítico, dito interno, corresponde às diferentes reações de grupos sociais distintos, no mesmo país, frente ao processo de modernização em curso.

A abordagem de Kurt Weyland (2001) alerta para as incertezas geradas por meio de interpretações eminentemente econômicas do populismo. O autor destaca que a definição do populismo, por critérios de expansão econômica e medidas distributivas de renda, termina por aglutinar, sob a mesma alcunha, líderes de orientação e períodos bem diversos, tais como o populista clássico Juan Perón, o novo populista Alan Garcia, o conservador José Sarney e o marxista Salvador Allende³ (Idem, p.11).

Para Weyland, uma abordagem política do fenômeno é preferível, no momento em que conceitua o populismo como uma maneira específica para o alcance e exercício do poder político. Situa o populismo em uma esfera de dominação, não de distribuição. Artifícios econômicos entrariam em cena, em um segundo momento, como instrumentos para a obtenção dos propósitos do líder.

Cada ator político terá a sua capacidade de poder atrelada, predominantemente, a duas configurações específicas: os números, por meio dos resultados eleitorais, pesquisas de satisfação, etc.; e a força, com base em influências econômicas ou coerção militar. A intersecção entre essas duas dimensões criará diferentes *estratégias* políticas e *estilos* de governo.

Uma classificação simples, proposta pelo trabalho de Kurt Weyland, expõe com clareza a diferença do populismo em relação a outras formas de liderança individual, como o caudilhismo ou o patrimonialismo. Conforme tabela, reproduzida abaixo, o autor diferencia três tipos de atores políticos: indivíduos, grupos informais e organizações formais (2001, p.13). O populismo, por exemplo, é baseado em figura individual que exerce liderança por meio dos números a ele favoráveis. A última coluna da tabela mostra que a relação do líder populista com sua base de suporte é marcada pela fluidez e desorganização.

³ Juan Perón (presidente da Argentina por três mandatos: de 1946 a 1952; de 1952 a 1955; e de 1973 a 1974); Alan Garcia (presidente do Peru por dois mandatos: 1985 a 1990 e 2006 até o presente); José Sarney (presidente do Brasil de 1985 a 1990); Salvador Allende (presidente do Chile, de 1970 a 1973).

TYPE OF RULER	PRINCIPAL POWER CAPABILITY			RULER'S RELATIONSHIP TO SUPPORT BASE
	Numbers	Special Weight		
		Economic Clout	Military Coercion	
Individual Person	Populism	Patrimonialism	<i>Caudillismo</i>	Fluid & Unorganized
Informal Grouping	Clientelism	Oligarchy	Government by Military Faction	Firm Informal Ties
Formal Organization	Party Government	Corporatism	Government by Military Institution	Stable Organizational Links

Note: The right and left columns refer to the same dimension, but from different angles.

Classificação de Kurt Weyland (2001, p.13) para as formas de liderança individual

No percurso rumo ao esboço de tipologias gerais para designar uma taxonomia básica para o populismo, encontramos o esforço da pesquisadora britânica Margaret Canovan (1981). Relutante em considerar o fenômeno como processo unificado, a autora empreende divisão esquemática que inicia pela descrição de duas amplas categorias distintas: o populismo agrário e o populismo político.

A manifestação populista agrária provém de movimentos ligados ao radicalismo, dirigidos à defesa do cenário rural, aos moldes do populismo dos agricultores norte-americanos, assim como compreende movimentos direcionados aos camponeses, conduzidos por parcela da intelectualidade (espelho da movimentação clássica russa para o populismo). Dessa maneira, o populismo agrário se dividiria em três tipos de acordo com a base ideológica predominante: dos agricultores proprietários de terras, dos camponeses e dos intelectuais locais.

O populismo norte-americano, com as reivindicações dos proprietários de terras por intervenções na economia, é outro exemplo de conformação agrária do movimento, a partir de meados do século XIX. A autora considera o populismo russo como exemplo de forma apelativa aos camponeses, porém efetivamente conduzido pela intelectualidade social, cujas atitudes oscilavam entre a liderança e o aprendizado, em relação à realidade da massa trabalhadora rural.

Por outro lado, o populismo político baseia-se na relação entre o povo e as elites. O escrutínio mais aprofundado da relação entre os liderados e a liderança

governante, em contexto populista, revelaria a ambiguidade do conceito de *povo* e as possibilidades de movimentação política. É por meio do estabelecimento de afinidades e identificações entre líder e povo que as elites governantes conseguiriam assegurar coalizões vantajosas, com as classes minoritárias, no cenário político e econômico.

À categoria do populismo político são dadas quatro subdivisões: *as ditaduras populistas*, com o exemplo da gestão de Perón, na Argentina; *as democracias populistas*, baseadas na sensação de estímulo à participação do povo, no âmbito institucional; *os populismos reacionários*, calcados em medidas governistas segregacionistas e autoritárias ao Estado de direito; e o *populismo dos políticos*, com base na obtenção de articulação do povo, a fim de se alcançar panoramas favoráveis ao exercício da liderança (CANOVAN, 1981).

2.4 Povo, liderança e demandas populares

Em artigo intitulado “Trust the people” (1999), Margaret Canovan busca estudar o ideal típico do populismo contemporâneo, como manifestação peculiar de sociedades democráticas. Ao longo do percurso teórico, alerta para a dificuldade em se determinar os elementos que levam um fenômeno político a ser considerado como populista. Entende o populismo como um apelo direto ao povo, colocando-se em contraponto às estruturas de poder estabelecidas e às ideias e valores dominantes em sociedade (1999, p.3).

Dessa forma, o teor de discursos populistas tende a variar conforme as instituições a que se dirigem as ações oposicionistas. Em termos práticos, no caso de uma nação com economia orientada à elevação da carga tributária, a tendência de grupos populistas pode ser a reivindicação de ideal antagonista como, por exemplo, uma campanha por determinada orientação mais liberal. No entanto, agrupamentos populistas semelhantes, localizados em outros países, podem, facilmente, sustentar reivindicações protecionistas aos respectivos cenários econômicos onde se encontram.

O discurso populista apela para o reconhecimento da autoridade popular ao primar pela reivindicação em nome de interesses pretensamente pertinentes ao povo. Canovan identifica três diferentes sentidos presentes no discurso populista:

- a) o apelo ao povo como entidade unida, sob a figura da nação ou do país;

b) o apelo ao *nosso povo* (*our people*), como a expressão de tendências etnocêntricas;

c) a mobilização das camadas mais simples na segmentação societária (*ordinary people*), contra suposta divisão privilegiada, voltada para a vida urbana nas grandes cidades (*elites sociais*).

Canovan identifica, ainda, um forte componente emocional (*characteristic mood*), articulado nas investidas populistas, fator que possibilitaria o ingresso de entusiastas não acostumados à participação política nas fileiras da coalizão. Este ingrediente extra-emocional encontraria expressão em relatos de cunho salvador, ou renovador, sobre realidades nacionais insatisfatórias. Em conjunto com este componente emocional, surge a tendência de centrar as emoções populares na figura de liderança carismática.

A centralidade do líder, tomado como salvador, encontraria equivalência no ideal mítico das formações coletivas de orientação messiânica. Em conformações sociais primitivas e ocidentais, de acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976), a *crença messiânica*, ou o *messianismo* propriamente dito, corresponde à prevalência de um período latente regido pelo domínio mítico. Nesses tempos, proliferam narrativas que congregam elementos de cultura nativa que irão compor o mito difundido pelo líder carismático de inspiração transcendental.

Ao tempo de cultivo das noções idílicas de conquistas existenciais, restauradoras do mundo paradisíaco antecessor, ou espelho de conformidade ideal sobre-humana, segue-se movimentação coletiva em busca dos ideais almejados. É na mobilização grupal, com vistas à concretização do ideário indicativo da restauração do passado, que se enquadra o *movimento messiânico*⁴. Evidencia-se, nesse instante, o traço ativo dos grupos que empreendem movimentações messiânicas. É deles que dependerá o próprio reconhecimento da liderança salvadora. O Messias somente é reconhecido quando da formação do movimento messiânico, no momento em que o povo adere aos ideais por ele defendidos e

⁴ Desde a época colonial, o Brasil tem sido terreno fértil para a gênese de movimentos messiânicos. Episódios violentos, como a chamada Revolta dos Muckers, no estado do Rio Grande do Sul e a Guerra do Contestado, nos estados do Paraná e de Santa Catarina, ou de inspiração pacífica, como o intitulado Povo do Velho Pedro, no interior da Bahia, na década de 1940, são exemplos pertinentes a contextos predominantemente rurais nos séculos XIX e XX.

estabelece, com o mesmo, uma relação de reverência. O público opta por seguir o líder escolhido, no decurso de suposta luta reformadora ou revolucionária.

Ao considerar as definições de caráter do líder carismático, Max Weber (*apud* CONSORTE, 1988) descreve o Messias na categoria dos profetas, em oposição aos domínios do sacerdócio. O posto-chave de liderança, na crença messiânica, não exige uma relação hierárquica, ou religiosa, baseada em princípios de uma tradição social consolidada. Os ciclos messiânicos despontam em períodos históricos cuja insatisfação humana com as imperfeições circundantes encontra conforto em narrativas de mundos ideais, divinos e puros. Das ambivalências originadas do encontro entre realidade e relatos idílicos, surge a esperança por dias melhores no suposto Reino Celeste.

Nos limites da concepção místico-religiosa, encontra-se a definição de Max Weber para a figura do Messias, enquanto líder religioso e social, enviado ao mundo dos homens, por divindade superior, com a incumbência de reinstaurar a harmonia alusiva ao suposto Paraíso perdido. O embate da liderança celestial circunscreve-se à dicotomia entre o bem e o mal, com a intenção de promover a vitória do bem, contornando as vicissitudes que impedem a felicidade plena na esfera comum (WEBER *apud* QUEIROZ, 1976:26).

Em suma, a história nos mostra que a formação do Estado brasileiro se dá pela fé religiosa (os primeiros relatos dos portugueses sobre a terra descoberta, o Brasil, faziam referência a um lugar mágico, paradisíaco, inimaginável para os padrões europeus de vida). Das suas origens fundacionais evoluem para movimentos setoriais, conforme o exemplo contemporâneo da Teologia da Libertação, que carrega o mito-fundador nacional remanescente em suas estratégias de persuasão coletiva (CHACON, 1990). Nesses movimentos, os temas religiosos misturam-se a elementos laicos, a vagas teorias socialistas e inserem-se em visões de redenção política e/ou cultural.

Enredos provenientes do messianismo podem desempenhar relevante papel na construção de mitos políticos⁵. O historiador francês Raoul Girardet (1986) aponta quatro temas principais para exemplificar a produção de imaginários e de mitos no universo discursivo da política.

⁵ O mito político consiste na afirmação de preceitos aparentemente sem base racional para legitimar a condução de ações políticas e evocar os sentimentos das massas. O mito se vale do reforço de um ou mais elementos provindos de um imaginário referencial (RUBIM, 2004, p.380-404).

a) O salvador: ao líder político são atribuídas as premissas mágicas de personagem instaurador de uma pretensa ordem renovadora. Assim como a definição das formações messiânicas pode ser dividida em duas fases distintas (crença messiânica e movimento messiânico), surgem neste tipo de concepção do herói três momentos: I – o tempo de espera do salvador, no qual se difunde a imagem e as esperanças pela intervenção mágica na realidade; II – o tempo da presença, em que o curso das coisas está prestes a ser modificado com a chegada do Messias; III – o tempo da lembrança, quando a figura do herói salvador é reposicionada no passado e sujeita às intervenções da memória, no sentido de amplificá-la ou reforçá-la no presente.

Fortemente marcado pelo contexto factual, o discurso ligado ao político salvador pode servir de parâmetro para o delineamento dos traços ideológicos e sistema de valores inerentes a determinados grupos e tempos cronológicos. Um exame acurado das figuras heróicas e salvadoras de cada tempo histórico é capaz de revelar os modelos de autoridades vigentes. Vide o exemplo do *nazifascismo* atrelado ao culto à imagem dos pregadores políticos Adolph Hitler (1934 a 1945) e Benito Mussolini (1922 - 1943 e 1943 - 1945). O culto ao Messias consiste na visão arquetípica do salvador do povo, o sujeito que estenderia as possibilidades para supostas reversões idílicas de uma realidade desfavorável.

b) A idade de ouro: mito que envolve discursos e articulações que reforçam as expectativas pelo retorno a um passado simbólico, ideal e harmônico. O futuro é definido em função do que foi ou do que pode ter sido. Em oposição a um relato presente de desalento e desestrutura, prevalece a indicação de um possível futuro portentoso e restaurador da ordem pretérita. Com a mobilização de atributos inerentes à expectativa coletividade do sonho e da fantasia, obtém-se a mitificação dos tempos passados. Trata-se do reforço do imaginário, alimentado pelas narrativas religiosas e históricas, como nos exemplos do Jardim do Éden e das narrativas político-mitológicas. O mito da idade de ouro pode associar-se ao mito do salvador, com a referência à entidade messiânica como guia do povo em direção à renovação social almejada.

c) A conspiração: insere o poder político no terreno da manipulação. Consiste em processo de demonização dos adversários, atribuindo-lhes a causa de eventos desfavoráveis. São acusações que os detentores dos poderes políticos e sociais

estabelecidos empregam como forma de livrar-se dos opositores e legitimar iniciativas próprias. Trata-se de uma maneira de redução dos fatos a uma explicação aparentemente simples e diretamente imputada ao âmbito do outro. Em relação aos demais mitos políticos, a conspiração se revela particularmente forte, ao permitir a manipulação de elementos factuais como forma embasada de persuasão.

d) A unidade: tentativa de eliminação dos fatores individuais ou coletivos, considerados como dissonantes em relação ao sistema como um todo. A multiplicidade de interesses deve ganhar abrigo sob os limites de um projeto comum. As tentativas políticas de unidade encontram nas categorias indiferenciadas de *povo* e *nação* uma maneira de legitimação dos discursos. Os governantes podem, assim, falar pretensamente em nome do povo, quando, na verdade, estão a enunciar as próprias vontades e interesses posicionados como a expressão de um desejo coletivo.

É possível encontrar traços messiânicos, combinados com estratégias populistas, empregados como recurso retórico em contextos políticos nacionais recentes. Análise discursiva da campanha vitoriosa do ex-presidente brasileiro Fernando Collor de Mello (mandato de 1990 a 1992) permite considerar que a estratégia de apelo ao povo projetava-se a partir de dupla perspectiva: pelo âmbito do governante, com o emprego de discurso político-religioso, característico da crença messiânica; e ao alcance do povo, com o emprego de práticas populistas de governo (TAVARES, 1998).

Collor calcou o discurso de sua campanha eleitoral para presidente do país na auto-intitulação publicitária de *o caçador de marajás*. Encarnava, dessa maneira, a figura de personalidade nova e jovem (eleito governador de Alagoas aos 37 anos) no cenário político nacional. Foi ornado pela propaganda com a prerrogativa da renovação da realidade a partir da retomada de um passado tido como ideal. Dizia-se claramente capaz de reinstalar a ordem e a ética na política brasileira, com o desmantelamento do panorama de corrupção considerado como vigente. Utilizou-se da exposição de suas próprias características como prova de seriedade em suas investidas, pretensamente calcadas no tripé da moralidade, austeridade e eficiência. Com repercussão relevante, promoveu a atitude pessoal de recusar remuneração provinda da posição de conselheiro em um órgão de desenvolvimento regional (CLARET, 1989).

Como prova oferecida ao povo de suas atribuições potencialmente modificadoras da realidade, Collor destacava um plano de governo chamado de Brasil Novo. A inflação e a corrupção eram identificados como os dois males a serem expurgados imediatamente da sociedade. O político reiterava que sacrifícios seriam necessários para atingir a meta estabelecida de restauração da ética e da moral na sociedade civil. Em um trecho de sua proposta de gestão, redigida sob a forma de discurso, promove a legitimação de suas palavras *em nome da fé, como mandatário da Verdade e sob a inspiração da Liberdade com Justiça* (CLARET, 1989, p.101).

Quanto ao mito fundador nacional⁶, Collor utilizou-se de dois processos discursivos, os quais representariam três metáforas: a metáfora da fundação da fé; a metáfora do descobrimento (que, por sua vez, foi um sonho realizado pelos portugueses); e a metáfora da reconstrução (do redescobrimento, que é um sonho brasileiro) (TAVARES, 1998, p.94).

Recente abordagem de Ernesto Laclau, em volume intitulado **La razón populista** (2010), enfoca a dimensão afetiva como fator central na análise de dinâmicas populistas. O agrupamento geral, definido como povo, não se restringiria à mera expressão ideológica, compreendendo uma relação concreta estabelecida entre agentes situados no contexto social (Idem, p.97). O populismo traduzir-se-ia na própria unidade de constituição e harmonia do grupo.

O autor inicia seu estudo pela exploração da categoria de *demanda social*. Descreve que o sistema institucional democrático não apresentaria ampla capacidade para absorver as demandas insatisfeitas, de maneira diferencial, ou seja, atentando às particularidades de cada segmentação. Por isso, faz-se necessária a obtenção de uma relação de *equivalências* quanto aos interesses e necessidades gerais, no contexto societário. Essa relação entre demandas equivalentes é que torna possível a concepção de um povo como aglomeração unificada e solidária.

Em uma situação democrática ideal, caracterizada por um Estado nacional como pleno benfeitor social, pareceria coerente que as necessidades fossem satisfeitas de

⁶ A constituição do mito fundador do Brasil remonta ao período de sua instituição como colônia de Portugal. Foi quando passou a ser difundida a ideia de uma terra abençoada por Deus, repleta de riquezas naturais e com povo pacífico e alegre, à espera de alguém que descobrisse esses predicados. Os relatos dos primeiros conquistadores portugueses, a partir da carta de Pero Vaz de Caminha, representaram construções ideológicas que perduram ainda hoje como referências de identidade nacional do povo brasileiro (CHAUI, 2000).

maneira diferencial (atentando para as reivindicações particulares de cada grupo). Desse modo, não haveria brechas para a formação de fronteiras internas, ou de antagonismos entre os indivíduos, características inerentes a qualquer forma totalizante e regida por condutas de massa. A solução encontrada é a desconsideração de interesses privados, em nome de uma identificação que proporcione um discurso de divisão social, com base em lógicas de equivalências entre os interesses coletivos (Idem, p.104).

Para conceber uma totalidade, definida como povo, a lógica populista necessitaria eleger uma parcialidade de demandas que funcionasse, como se fosse, de fato, a totalidade de uma comunidade. Para explicar uma organização governada por uma lógica da diferença, encontra-se a resposta na construção de uma *identidade global*, a partir da aproximação de uma vasta gama de demandas sociais privadas, diluídas no meio societário.

Os anseios surgem, inicialmente, de maneira isolada, no campo social. A transição de uma reivindicação particular, para uma demanda popular, consiste na obtenção de algum tipo de equivalência entre as diversas reivindicações particulares. A articulação entre equivalências e diferenças, entre demandas particulares, é definida, por Ernesto Laclau, como a *identidade popular* (2010, p.110).

O laço entre os indivíduos componentes do povo, originalmente calcado na mediação entre demandas particulares, passa a adquirir consistência própria. Os sentimentos de proximidade, entre os integrantes, reagem sobre as demandas, a constituir o seu fundamento. Resta explicar como uma pluralidade de vínculos se torna uma indicação singular, por meio da condensação em torno de uma identidade popular.

O autor indica que uma identidade popular consiste em um espaço em constante expansão, sempre aberto à incorporação de novas demandas. Por isso, a identidade popular pode funcionar como um *significante potencialmente vazio* (2010, p.125). Exemplo didático, da dinâmica exposta, consiste na vaga definição de *injustiça social* atribuída à oligarquia de um determinado local. Nesse processo, é trabalhada a identidade comum do povo, direcionada para as oposições à oligarquia; e, por outro extremo, o inimigo ganha contornos visíveis e globalmente ampliados,

podendo ser identificado em diversas esferas institucionais ou grupos de classe (2010, p.126).

As lógicas de equivalência conduzem a um pensamento coletivo singular, de que decorre a identificação da suposta unidade de um grupo com o nome de um líder. Laclau recorre aos textos **Psicologia das multidões**, de Gustave Le Bon (1954), e **Os princípios da psicologia de grupo**, de Sigmund Freud (2003), para determinar os contornos e influências da liderança em coalizões populistas.

A investigação precursora de Gustave Le Bon (1954) define o conceito de *multidão psicológica* como todo o agrupamento de pessoas que age por influência, sendo necessária a expressão de sentimentos comuns. Os homens atuam de maneira inconsciente, quando reunidos em multidões. Em uma multidão, todo sentimento, todo ato é contagioso, e contagioso ao ponto de o indivíduo sacrificar, sem dificuldade, seu interesse pessoal ao interesse coletivo.

As particularidades e diferenças ficam subsumidas nos agrupamentos. A contribuição de Sigmund Freud (2003) tem o mérito de encontrar, nos impulsos instintivos, inconscientes, uma explicação para a força e a coesão de determinados grupos. Considera que a libido relaciona-se com todos os sentimentos de união ligados ao âmbito amoroso, como a devoção à família, aos amigos, ou ao líder. Dessa forma, os agrupamentos sociais em questão seriam ligados por laços emotivos de duas ordens: relação com o líder e aproximação entre os elementos do grupo. Os laços mútuos se dão através do processo de identificação, baseado na natureza do laço estabelecido com a liderança e com os traços pessoais que os indivíduos comungam entre si.

O grupo ficaria sujeito ao poder da palavra e não buscaria o questionamento de verdades estabelecidas. Demonstrações de força são um incentivo à anuência perante a autoridade, assim como sentimentos cruéis e autoritários manifestam-se largamente em ambientes grupais. O texto de Ernesto Laclau (2010, p.165) esboça um modelo alternativo para a conformação de relações estabelecidas entre diversos segmentos sociais, em regimes opressivos.

Trata-se da construção de uma universalidade de demandas em oposição a pressupostos hegemônicos comuns. As demandas da maioria dos setores da sociedade estariam separadas por uma fronteira política. Cada demanda mantém latentes os seus particularismos e, dessa maneira, difere das demais em função

dessas mesmas particularidades. Contudo, a face que se põe em evidência, em cada grupo, são os postulados comuns, dispostos em clara oposição ao regime excludente.

Uma rede de equivalências de demandas, não apenas se opõe a um poder antagônico, como também rechaça tudo o que não encontrar espaço de representação semelhante. Equivale dizer que alguma demanda pode não ser incorporada à cadeia de identificações, ao estar em desacordo aos objetivos particulares das demandas que se constituíram em elo articulador. A segregação torna-se radical à medida que pressupõe *não somente uma exterioridade a algo que está dentro de um espaço de representação, como a respeito do espaço de representação como tal* (Idem, p.176).

Neste ponto, ocorre o surgimento de agrupamentos *subclassistas* e exteriores aos limites do domínio das demandas populares. São diferenciações caras ao conceito de *lumpemproletariado*, de Marx e Engels (1933). Expresso pela primeira vez na obra **A ideologia alemã**, o termo definia os grupos excluídos, e politicamente vulneráveis, em sociedades capitalistas. Destituídos da possibilidade de agregação à esfera proletária trabalhadora, os indivíduos forçosamente posicionam-se à margem do todo social e ficam à mercê da transgressão e da criminalidade.

Diferentemente da noção marxista de grupos desprovidos de história e sem nenhum tipo de inserção em ordens sociais vigentes, Ernesto Laclau considera a divisão *lumpemproletariado* como elemento heterogêneo, porém integrante da ordem esquemática que define as demandas populares homogêneas. Para o autor, não existe formação histórica em oposição binária entre entidades sociais. Portanto, a existência de interesses heterogêneos, não aglutináveis em demandas gerais, consiste na possibilidade de resistência do povo à total integração simbólica. São os que estão posicionados do lado de fora do sistema, os ditos marginais, os verdadeiros responsáveis pela manutenção de fronteiras antagônicas entre os patamares hegemônico e popular.

Em síntese, a homogeneidade é importante para a formação de interesses comuns e a definição de demandas gerais postas em oposição ao regime. Por outro lado, a heterogeneidade far-se-ia presente na articulação dos domínios populares, seja através da preservação latente das demandas particulares, no contexto de

grupo, seja pela existência de parcelas marginais que se recusam a subsumir os seus interesses aos daquele grupo.

Agora sabemos que a construção do povo implica também a construção da fronteira que o povo pressupõe. (...) Isto conduz a um novo jogo hegemônico: todo novo povo irá requisitar a reconstituição do espaço de representação, mediante a construção de uma nova fronteira. O mesmo ocorre com os *exteriores* ao sistema: toda transformação política não só implica uma reconfiguração de demandas existentes, como também a incorporação de novas demandas (ou seja, de novos atores históricos) à cena política – ou o seu oposto: a exclusão de outros que estavam presentes previamente (LACLAU, 2010, p.193).

O autor conclui que não existe nenhuma intervenção política que não seja, de certa maneira, uma manifestação populista. O grau de ligação ao fenômeno do populismo dependerá da extensão da cadeia de equivalências que unifica as demandas sociais. Em outras palavras, deve-se aceitar que somente o discurso de ruptura é característico ao fazer político (2010, p.195). Assim, o populismo pode ser definido como um movimento político de duas faces: um lado *subversivo* do existente e um lado que repete os anseios pela *reconstrução*, em certa medida também radical, de uma nova ordem, substituta à anterior, debilitada.

2.5 Bases no contexto socioeconômico latino-americano: 1930 a 1960

O pesquisador ítalo-argentino Torcuato Di Tella (1969) fala do incentivo às demandas democráticas das massas, por meio do efeito denominado *revolução das aspirações*. Consistiria na exposição de estratos da população, em países com níveis de subdesenvolvimento, a efeitos da modernização, em locais com desenvolvimento industrial e econômico estabelecidos. A realidade dos países menos desenvolvidos imporia um obstáculo à satisfação das aspirações de cidadãos, cada vez mais animados com as supostas benesses econômicas do decurso capitalista mundial.

A impossibilidade de as elites locais empreenderem incremento no *status* social gera uma situação de tensão política. Os indivíduos que se sentem *incongruentes* em relação ao próprio *status* social começam a pressionar por mudanças. Quanto ao homem comum, ainda imerso no contexto simples do regramento da vida rural, resta-lhe pender para o lado das *extravagâncias do incongruente*, em vez de se aproximar do *pedantismo econômico da aristocracia operária* (DI TELLA, 1969, p.84).

É nesse momento que as massas tornam-se disponíveis à aceitação de discursos que se disponham em oposição ao *status quo*. As linhas discursivas giram em torno da oposição a determinados elementos urbanos e à concentração de poder por grupos industriais em ascensão, sem deixar de ver com bons olhos a realidade de desenvolvimento econômico e industrial.

A existência de um estruturalismo dualista, com a coexistência de áreas socialmente defasadas e setores mais desenvolvidos, no mesmo contexto societário, consistiria em uma das condições, em países periféricos, para o populismo como movimento político. É o que define Torcuato Di Tella (1997, p.196), ao enumerar outras duas condições para a mobilização de um setor popular, liderado por elites de estratos sociais intermediários e superiores: níveis de educação e industrialização que elevem as expectativas individuais por ascensão econômica e social; e migrações internas, principalmente de egressos do campo para as cidades.

Os grupos migrantes estariam desprovidos de experiência organizacional prévia ou instrução educacional que lhes outorgasse capacidade de organização por demandas particulares; por outro lado, a concentração de poder econômico, pela via associativa entre elites locais e estrangeiras, estaria desprovida de legitimidade cara a cara com as classes médias urbanas. É a relação estabelecida entre o líder carismático, e o povo liderado, o fator da aglutinação de interesses tomados como comuns entre elites intermediárias, superiores e povo simples das classes sociais de base.

Para Octávio Ianni (1989), os movimentos populistas, em território latino-americano, seriam oportunistas, ao se valerem de momentos transitórios de instabilidade na liderança política local. As manifestações se tornariam mais frequentes em sociedades com algum nível de subdesenvolvimento econômico, mas com previsões otimistas para o desenvolvimento industrial. O abandono de modelos de gestão precedentes, predominantemente do tipo oligárquico, é o que proporcionaria a situação de instabilidade governamental, à qual Ianni se refere como um momento de *vazio político*.

Nesses tempos de crise gerencial, dado o reajuste da cena econômica, pela via capitalista, praticamente nenhum dos grupos de classe existentes possuiria suficiente unidade, ou mesmo coesão, para investir na conformação de demandas visando à conquista do poder. O espaço gestor vago privilegiaria o desponte de

alguma liderança pessoal, detentora de aparente capacidade para aglutinar as diferenças classistas locais, sob o espectro de um grupo coeso, solidário entre seus integrantes e portador de interesses e antagonismos, à primeira vista, comuns, e de caráter homogêneo.

Os particularismos de classe se encontrariam, momentaneamente, fora das reivindicações políticas postas em jogo. De acordo com Octávio Ianni (1989), o que se vê é uma associação desvinculada de qualquer orientação baseada em conceitos de classe social. Consolidam-se os agrupamentos ditos *policlassistas*. Da mesma forma, é desestimulado, pelo Estado, o estabelecimento de laços associativos, motivados por processos de identificação de demandas particulares de classe. Os relatos de progresso econômico e social, ao serem direcionados à entidade indiferenciada do povo, pretensamente seriam extensivos ao desfrute de todos os agrupamentos societários envolvidos na coalizão populista.

Francisco Weffort (1980) relativiza a premissa geral de *manipulação das massas* urbanas disponíveis no pacto populista. As massas que se estabelecem nas grandes cidades não deixariam de exercer pressão para ascenderem socialmente. O homem que desembarca nos núcleos citadinos, deixando para trás a vida simples do campo, almeja trabalho, perspectivas de consumo de bens e participação na política institucional. Mesmo que não alcance organização sindicalista estruturada, fato que permitiria aos indivíduos se manifestar de maneira direta, as demandas individuais não estariam totalmente alijadas das mentes dos cidadãos, em cada classe social.

O populismo é algo mais complicado que a mera manipulação e sua complexidade política não faz mais que ressaltar a complexidade das condições históricas em que se forma. O populismo foi um modo determinado e concreto de manipulação das classes populares, mas foi também um modo de expressão de suas insatisfações (WEFFORT, 1980, p.62).

Weffort destaca a manipulação como uma relação ambígua, cuja variante interpretativa dependeria da perspectiva adotada: pela ótica política, através de reconhecimento identitário estabelecido entre o líder, que doa, e o povo, que recebe; sob o ponto social, explicado através da relação entre o Estado e determinadas classes sociais (1980, p.74).

No jogo político entre lideranças e liderados, as reivindicações particulares seriam retiradas de cena, na articulação democrática com o Estado. Contudo, ao líder, interessado em manter o seu prestígio junto às massas, cabe expressar a

imagem de doador e protetor do povo. Para tanto, é necessária a satisfação de algumas demandas específicas dos indivíduos, a fim de alimentar a sensação de que preceitos como a igualdade e a cidadania são respeitados no decurso da lógica populista.

Gino Germani (1971) discute o contraste entre a ação coletiva autônoma e a ação coletiva populista, ingênua e acrítica. A última baseia-se na mobilização realizada em nome de um líder carismático, enquanto a primeira possibilitaria a agregação dos indivíduos em torno de suas próprias interpretações e interesses. Essa é uma das razões para acreditar que os movimentos, denominados pelo autor como *nacional-populares*, e conduzidos por lideranças carismáticas, possuam a peculiaridade de reunir origens classistas, anseios sociais e ideias de futuro tão diversos e heterogêneos.

Para Carlos M. Vilas (1988), a distribuição de renda, extensível às classes populares, pode se tornar medida exequível, dentro de um processo estratégico de acumulação de capital, por parcela da classe burguesa industrial. A reserva de renda, para essa fração da população, exigiria que a burguesia mantivesse relacionamento amigável com as demais classes, incluindo-se aí o proletariado e níveis subalternos. As medidas distributivas e de inclusão das classes populares, no rateio das dádivas econômicas, pode traduzir-se em sensação de justiça social, conduzindo ao sentimento de equilíbrio.

O autor procura não entrar no mérito do emprego de estratégias econômicas para propósitos demagógicos, filantrópicos ou mesmo de instrumentalização das massas. O que lhe importa postular é que tais mecanismos de distribuição de renda são decorrência da acumulação de recursos por parcela da população e que passa, de maneira necessária, pela ampliação do consumo particular de bens e serviços.

A satisfação de demandas coletivas, por meio da democracia de massa, passa a ser conduzida por elites e intelectuais interessados em mudanças na conformação social dos países em desenvolvimento industrial. Francisco Weffort (1980) salienta que o projeto de Estado democrático encontra a interação com as massas por intermédio da figura de um líder governista carismático (WEFFORT, 1980, p.41).

As ações públicas do líder não seguiriam uma orientação racional, nos termos de reflexões políticas contextualizadas. Dedicar-se menos importância às explicações lógicas de ações práticas e adquirir relevo a repercussão das medidas

empreendidas na relação de confiança entre líder e povo. Poderíamos falar de uma interação quase simbiote⁷ entre liderança e liderados: em parte, o povo entrega-se ao arbítrio do líder; em contrapartida, o líder espera legitimação popular de sua imagem. Qualquer deslize que arranhe a confiança adquirida pela liderança estabelecida pode significar prejuízos à legitimidade do Estado, no contexto democrático.

Paradigma histórico da prática de governo dita populista, na América Latina, desponta a figura de Juan Domingo Perón. Como presidente da Argentina, ao longo de três mandatos, a partir de 1945, foi capaz de alcançar, pela publicidade, a mistificação da relação estabelecida entre liderança e povo liderado, entre populismo e anseios populares. Os cenários descritos por Eva Perón, no clamor do chamado *peronismo* argentino, ao longo da obra **A razão de minha vida** (1952), bem demonstram a perspectiva do líder populista como *profeta*, cingido por atributos sobre-humanos. A liderança personifica-se no homem que é publicamente reconhecido como bem-feitor dos desfavorecidos. Também visualizamos, como exemplificação histórica, a gênese da alcunha de *pai dos pobres*, com a qual o presidente brasileiro Getúlio Vargas foi reverenciado ainda antes de sua morte, em 1954.

Considerando-se as peculiaridades de cada país sul-americano, no decorrer das décadas, é possível obter diversas leituras para o fenômeno. Em se tratando da realidade brasileira, é praticamente impossível derivar algum consenso com base em divisões cronológicas. Existem estudiosos que consideram o populismo brasileiro como embrionária expressão da primeira gestão de Getúlio Vargas (1930 a 1945). Outros preferem referir apenas o segundo período da gestão de Vargas (1951-54). Existem investigações que consideram, ainda, o populismo como *um todo indiferenciado, cujos marcos cronológicos situam-se entre 1930 e 1964* (FERREIRA, 2001, p.132).

Já Francisco Weffort (1980) sugere a origem do populismo brasileiro como produto de transformações na sociedade, a partir dos eventos decorrentes da Revolução de 1930. O conceito, postulado por ele, refere uma evolução populista sob dupla perspectiva: como *estilo de governo* e como *estratégia política* focada no

⁷ Termo relativo às Ciências Biológicas e que define a associação harmônica entre duas ou mais espécies de organismos vivos, com a obtenção de vantagens mútuas e coexistência obrigatória. Cf. FORNARI NETO, Ernani. **Dicionário prático de ecologia**. São Paulo: Aquariana, 2001, p.229.

apelo às massas. Como forma de gestão, a análise das causas e derivações da Revolução de 1930 auxiliaria na compreensão das origens do populismo, enquanto que o escrutínio da relação entre Estado e democracia, entre os anos de 1945 e 1964, representariam os traços da manifestação populista, baseada na noção de relativa *manipulação das massas*. As origens do movimento remontam às transformações sociais oriundas da crise do poder oligárquico e à necessidade de se preencher esta sensação de vazio institucional.

Sobre a perspectiva de uma política de massas, o período republicano demonstraria os moldes de instabilidade governamental, propício ao estabelecimento do pacto social envolvendo elites, líder e classes populares. O Estado atuaria como promotor da situação de bem-estar social, comprometendo-se com o equilíbrio do poder frente às elites, e subordinando o povo ao líder carismático. Designado como intermediário institucional, a liderança governamental atuaria na articulação das demandas democráticas entre a instância federal e as camadas populares.

2.6 Perspectivas contemporâneas para a América Latina e Europa

Conforme vimos, as manifestações do fenômeno populista, entre os anos de 1930 e 1960, estiveram ancoradas em contextos de crise econômica e desenvolvimento industrial. Foram notáveis, especialmente nos períodos subsequentes aos grandes conflitos bélicos mundiais. A partir dos anos 1980, contudo, o curso da globalização passa a impulsionar nova onda de ocorrências populistas, tanto na Europa, como na América Latina. Muitos autores consideram o período como um ressurgimento do populismo, utilizando as alcunhas *novo populismo* ou *neopopulismo*, para diferenciar os novos contextos econômicos, políticos e sociais que interferem no fenômeno (Carlos M. Vilas, 1988; Paul Cammack, 2000; Kurt Weyland, 2001; Michael Conniff, 2003; Carlos de la Torre, 2007; Pierre-André Taguieff, 2007; Ricardo Vélez Rodríguez, 2008).

No contexto do *novo populismo*, muitas características não fogem à familiaridade com a versão clássica do fenômeno: apelo a sentimentos nacionalistas; lideranças carismáticas; campanhas publicitárias de massa; promessas de reformas e evocação dos interesses do povo (CONNIFF, 2003, p.34). No entanto, os líderes procurariam uma relativa distância de marcas que remetessem, diretamente, à identificação com partidos políticos tradicionais. Muitos líderes são denominados

outsiders, ou seja, despontam de plataformas não prioritariamente encravadas no cenário político-partidário.

Paul Cammack (2000, p.155) promove uma análise da conjuntura política para diferenciar o populismo revisitado de sua versão clássica. Enquanto o populismo clássico objetivava a quebra de conformação institucional, baseada na economia liberal e na oligarquia, o *neopopulismo* emerge em um contexto de investidas neoliberais bem-sucedidas contra o estabelecido percurso desenvolvimentista estatal e o populismo clássico. A variante contemporânea do populismo manteria uma perspectiva de ambivalência estrutural: se, por determinado momento, coloca-se em oposição ao vínculo entre neoliberalismo e democracia revisionista liberal, por outro promove a si mesma como alternativa para o estabelecimento da hegemonia.

Determinados autores consideram que as mudanças provocadas na ordem econômica e social, pela via da integração intercontinental, são fatores potencialmente estimulantes ao desponte de liderança carismática *neopopulista*. O modelo, contudo, difere do populismo tradicional pelo contexto de crise: não mais a transição dos meios agrários aos urbanos e o forte incremento industrial do pós-guerra. A partir dos anos 1990, a crise passaria a ter como pano de fundo a nova ordem econômica e social. Sentimentos de incerteza e angústia despontariam nos principais núcleos da população global.

Ansiedades inerentes, com ainda maior intensidade, para a parcela diretamente atingida pelos inconvenientes trazidos pela globalização: desemprego, oscilações econômicas e o estranhamento entre culturas geograficamente distantes, abruptamente postas em contato, promoveriam esse novo contexto. Esta é a visão analítica, sob a perspectiva econômica, de autores que consideram o populismo, e o *neopopulismo*, como *uma espécie de doença que afeta as democracias no momento em que se encontram em crise* (RODRÍGUEZ, 2008, p.4).

De acordo com a análise política de Kurt Weyland (2001), a versão contemporânea do populismo apresenta menor nível de institucionalização do que a sua manifestação clássica. O *neopopulismo* privilegiaria a esfera privada, como caminho para atingir os seguidores, deixando em segundo plano as manifestações coletivas na esfera pública. O apelo ao povo, bem como a suposta defesa de seus interesses, ganhariam respaldo por meio de aprovação aferida em pesquisas eleitorais e de satisfação pública com as respectivas gestões.

As performances midiáticas, em especial a televisiva, promovem o sentimento de aproximação individual ao líder, diminuindo a necessidade organizacional. De acordo com o autor, a vertente *neopopulista* é mais compatível com a democracia liberal e apresenta maior potencial de representação social. Dedicase menos à mobilização por intervenções na realidade social, justificando possíveis medidas neoliberais com o aceno de benefícios sociais a médio e longo prazo. Não pregaria, com tanta ênfase, como anteriormente, medidas distributivas de renda. Reformas neoliberais, quando defendidas, diferem profundamente da conformação socioeconômica do populismo tradicional.

A redefinição do termo *populismo*, empreendida por Weyland (2001), enfoca o exercício de liderança pessoal com base no apoio de massa social carente de organização. A anuência popular é atingida por meio do carisma. O líder necessita estar em posição de constante proximidade com o público, contato facilitado pela comunicação televisiva. O panorama divulgado consta da preocupação com as necessidades e problemas caros ao homem comum. Dessa maneira, posiciona-se o *neopopulismo* como subtipo do populismo clássico, atenuado em função de carência organizacional e apelo indireto ao povo. Contudo, nos termos de uma estratégia política de caráter transitório, considera-se o fenômeno contemporâneo como o mais marcante de todos.

O populismo em território europeu apresenta traços que variam de acordo com a região. Conforme nota Cas Mudde (2000), na Europa Ocidental, o termo remete aos perfis de partidos políticos orientados à extrema direita ou direita radical (2000, p.33). Na Europa Oriental, o cenário é um pouco diferente. Consistiria em um fenômeno mais difuso, *espalhado por todo o espectro ideológico*. O termo ganharia os contornos, principalmente no vocábulo da mídia e do meio acadêmico, de palavra de uso comum (*catchword*) para definir fenômenos cujas características particulares podem diferir bastante. Em síntese, significa dizer que os relatos acadêmicos disponíveis sobre o tema direcionam suas lentes, em grande parte, para o panorama da Europa Ocidental.

A porção européia, localizada a leste, constitui-se em região periférica ao restante do continente, em função de diferenças geopolíticas e econômicas apresentadas. Agrupam-se, nesta divisão, os países que, em algum momento de suas histórias, adotaram o regime político socialista e o governo formado por partido

único. Esses regimes impuseram importantes marcas para as manifestações populistas, principalmente entre os anos de 1945 a 1989. Nesse período, o populismo encontrava terreno fértil, em uma Europa praticamente desprovida de fronteiras internas. As diferenciações surgiram com a oposição entre os blocos socialistas e capitalistas. Entretanto, os laços étnicos e culturais sempre permaneceram fortes entre as nações. A queda do Muro de Berlim, em 1990, representou o ocaso da hegemonia socialista e o início de um novo período para o populismo no Leste europeu.

Os dissidentes do comunismo, após a queda do regime, tornaram-se ativistas políticos a promover hostilidade contra agremiações partidárias, com forte apego à retórica *antipolítica* e fortes prescrições morais ao fazer político. Partidos de direita, e de orientação nacional-populista, angariaram bons níveis de adesão no período pós-comunismo.

Digno notar o exemplo da Sérvia, onde dois partidos populistas, centrados nas figuras de líderes carismáticos, obtiveram resultados exitosos nas urnas. São eles o Partido Socialista da Sérvia (SPS), criado em 1990 e centrado na liderança de seu fundador, Slobodan Milosevic (presidente do país de 1989 a 1997); e o Partido Radical da Sérvia (SRS), fundado em 1992 e ligado à imagem do parlamentar Vojislav Seselj, presidente do partido desde a sua criação. A cartilha das duas agremiações considerava o povo como protagonista político e a revolta contra instituições estabelecidas (VYKOUPILOVÁ e STOJAROVÁ, 2007).

A peculiar trajetória de Slobodan Milosevic, marcada por rápida ascensão à presidência e ruidosa queda, sob acusações de corrupção e genocídio, demonstra como a mesma adesão popular que leva ao poder pode transformar-se em tácita rejeição, gerando a queda do governante. Milosevic foi eleito presidente da república iugoslava da Sérvia com menos de uma década de atividade na cena política. Ele tirou proveito da retomada dos ideais nacionalistas para ganhar apoio e sagrar-se um líder carismático, ao pregar a união dos sérvios em pró do desmantelamento do então Estado da Iugoslávia. A identidade sérvia foi sobreposta aos demais grupos minoritários.

Com manifestações de independência oriundas de unidades nacionais integrantes da Iugoslávia, conflitos armados tiveram início na região. As intervenções armadas eram apoiadas por Milosevic e visavam anexar territórios aos

domínios da Sérvia e de Montenegro. Ações violentas tiveram lugar em territórios como Bósnia, Herzegovina e Kosovo e custaram ao presidente da Sérvia as acusações de genocídio, limpeza étnica e assassinato de opositores. Derrotado nas eleições presidenciais de 1999 e contestando o resultado da votação, Milosevic foi deposto do cargo no ano de 2000, passando a viver na clandestinidade. Morreu preso, em uma cela do Tribunal Penal de Scheveningen, em Haia, no dia 11 de março de 2006.

Na Bélgica, as investidas nacionalistas radicais tiveram lugar com o Movimento Flemish, liderando uma corrente moderada, e outra radical, de direita. Advogavam a autonomia da região belga de Flanders e medidas protecionistas no âmbito cultural e social do país. As reivindicações iniciaram, em 1954, pelas mãos da corrente moderada denominada Volksunie (União do Povo). O desmembramento da agremiação deu origem a outros grupos, entre eles o partido de extrema direita Vlaams Blok (Bloco Flemish), fundado em 1978 (JAGERS e WALGRAVE, 2007).

Apesar de investidas consideradas, por muitos, como fascistas, racistas e antidemocráticas, o Vlaams Blok não deixou de angariar boa presença nas urnas, a partir de 1980. O partido trocou de nome, em 2004 (passou a chamar-se Vlaam Belang, que no idioma português significa Interesse Flemish), e promoveu uma reestruturação de sua linha política. Em sua cartilha ideológica, continua a pregar a independência da região de Flanders, restrições à imigração e rechaço ao multiculturalismo. Entretanto, chega a admitir uma sociedade multiétnica, condicionada ao acato da cultura local pelos não nativos. Além disso, apesar da linha conservadora defendida pela agremiação, seus integrantes acenam com simpatia para medidas econômicas de orientação neoliberal (JAGERS e WALGRAVE, 2007).

A democracia italiana forneceria um dos exemplos midiaticamente mais notórios: o primeiro ministro Silvio Berlusconi. Empresário influente no universo da comunicação social, controlador de veículos jornalísticos e de entretenimento, além de proprietário de bancos e presidente de clube de futebol (o Milan, da Itália), o vasto campo de atuação social do político, e sua posição reconhecida como um dos homens mais ricos da Europa, são traços passíveis de articulação com um enredo de infância modesta, permeada por dificuldades. A imagem de homem mulherengo e

fanfarrão é um dos estereótipos comuns que o personagem adquire, hoje, mundo afora.

Quando a análise é transferida para a conformação político-partidária da parte ocidental européia, parece próprio identificar dois tipos principais de populismo, conforme descrição de Pierre-André Taguieff (2007)⁸. As respectivas derivações do termo consideram o período atual, posterior à década de 1980, como o marco inicial de uma nova variante do fenômeno, o qual muitos consideram lícito referir como *novo populismo* ou *neopopulismo*.

A primeira derivação do termo, presente no princípio dos anos 1980, considera as manifestações seminais do populismo como *estilo político*, atrelado à orientação ideológica da direita conservadora, ou da extrema direita. São seus precursores o movimento *lepenista* francês, atrelado à imagem de Jean-Marie Le Pen, reconhecido líder da extrema-direita francesa (chegou a disputar a presidência da França, em 2002, sendo derrotado por Jacques Chirac, no segundo turno); e o fenômeno do *thatcherismo*, na Inglaterra, centrado nas gestões da primeira ministra Margaret Thatcher, ao longo de três mandatos (no período que vai de maio de 1979 a novembro de 1990).

Conforme os exemplos citados, a aproximação entre as investidas ditas *neopopulistas*, em território inglês e francês, residiria na oscilação discursiva entre situações bipolares. Transitaria facilmente do polo de oposição em direção ao identitário; do reconhecimento do povo como massas populares, assim como entidades étnicas de princípios nacionalistas, à oposição dirigida contra as elites, ao mesmo tempo passível de emprego contra os estrangeiros.

A polêmica torna-se o fator de alinhamento desses princípios políticos em uma mesma corrente de pregação demagógica: de uma parte, os *pequenos* contra os *grandes*; de outra parte, o povo autêntico, enraizado em uma *identidade* de pertença local, contra os cosmopolitas, a parte dos estrangeiros, alocados em laços ditos exteriores. Jean-Marie Le Pen e os preceitos da Frente Nacional são visivelmente inspirados em um nacionalismo autoritário e parecem ser a expressão do modelo típico do populismo contemporâneo, na Europa Ocidental, como um estilo político de expressão conservadora, ou extremista de direita.

⁸ Para Pierre Taguieff (2007), o populismo é um *estilo político* de orientação ampla, característico por sua abertura, tanto ao autoritarismo, como ao hiperdemocratismo; tanto ao ideário conservador, como ao progressista. O líder carismático encontra espaço para imprimir o seu jeito de governar. O discurso pode, facilmente, oscilar entre as premissas democráticas e antidemocráticas.

A segunda extensão do que Taguieff considera como o novo paradigma populista parece ainda mais atual, considerando a sua entrada em cena no decorrer dos anos 1990. Consiste na aparição de líderes políticos cujo estilo pessoal difere do que, até então, considerava-se o tipo comum dessas lideranças. A característica atípica reside nos diferenciais discursivos, obtidos através de performances midiáticas. São líderes europeus, e também sul-americanos, cujo carisma ganha respaldo na difusão de sua imagem pela mídia. Pierre-André Taguieff opta por agrupar os protagonistas do fenômeno sob a alcunha generalizante e aglutinadora de *demagogos telepopulistas* (TAGUIEFF, p.146).

Taguieff enfoca, especialmente, a modalidade televisiva como possibilidade de interação midiática, que permitiria a construção de certas ilusões, as quais constituiriam a base mesma do fenômeno populista. No seio dos hodiernos governos latino-americanos, além da gestão do venezuelano Hugo Chávez, Taguieff destaca como exemplos principais de *telepopulistas demagogos* os brasileiros Leonel Brizola (como governador dos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) e o ex-presidente Fernando Collor de Mello; o ex-presidente da Argentina, Carlos Menem; e o peruano Alberto Fujimori, que ocupou o posto de presidente do país por três mandatos consecutivos, de 1990 a 2000 (TAGUIEFF, 2007, p.146)

Determinadas correntes teóricas, no lugar de considerar o *neopopulismo* como uma *crise política*, preferem tomá-lo como uma crise *da política*, na América Latina, considerando os tradicionais movimentos políticos focados no discurso *antioligárquico*, no nacionalismo e no Estado como matriz de poder. O desponte de líderes *neopopulistas* estaria atrelado à ausência de capacidade de mobilização, por parte das instituições políticas e sociais vigentes. O fenômeno privilegiaria a constituição de novas identidades, a redefinição de fronteiras políticas e a articulação de novos discursos políticos e relações sociais. Nesse ressurgimento populista, líderes como Alberto Fujimori, do Peru, e Fernando Collor de Mello, do Brasil, representariam a consolidação de líderes, em certa medida, externos e desafiantes ao círculo político vigente (*outsiders*) (PANIZZA, 2000).

Essa afeição popular a discursos oposicionistas ao *status quo* político se deve, de acordo com abordagem de Michael Conniff (2003), à expansão do contingente eleitoral insatisfeito, a partir da década de 1990. As elites governantes teriam deixado flancos expostos em três áreas consideradas fundamentais:

- 1) ineficácia política, mediante sinais de corrupção, má administração executiva, falta de preparo político e estagnação legislativa;
- 2) diminuição da segurança pessoal, manifesta pelo aumento nos índices de criminalidade, constituição de guerrilhas, crimes de colarinho branco e corrupção judicial;
- 3) desempenho econômico deficitário, na década de 1980, com extensiva concentração de renda e crises monetárias (CONIFF, 2003, p.32).

O tipo ideal *neopopulista*, no decurso dos anos 1980, era composto por lideranças predominantemente jovens, de pele branca (sic), com educação superior e desenvolvida capacidade oratória. Angariam apoio das classes médias, mesmo quando da tomada de medidas neoliberais. Os seus apoiadores almejavam solvência para as questões deixadas em aberto pelos modos de organização política antecessores (CONIFF, 2003, p.34).

Contudo, é pertinente considerar que o esboço de um perfil atual para os líderes *neopopulistas* (alçados ao cenário público-político entre as décadas de 1990 e 2000) dificilmente corroboraria os traços de idade, raça e nível educacional supracitados. Figuras sul-americanas de vulto no cenário político-populista mundial, na imagem de líderes como Evo Morales (Bolívia – 2006, até o presente) e Hugo Chávez (Venezuela – 1999, até o presente), não seriam enquadráveis às características de precocidade etária, etnia caucasiana e educação de nível superior, por exemplo.

Na busca por tentativas de enquadramento histórico do populismo, na América Latina, como movimento político e social, surgem classificações que divergem entre si e produzem dúvidas sobre a grafia de um conceito geral para o populismo contemporâneo. Iniciemos por citar a classificação historiográfica realizada por Michael Conniff (1999). Ele divide as manifestações no continente em três períodos marcantes: dos anos 1900 a 1920, como o populismo inicial (*early populism*); dos anos 1940 aos 1960, designando o espaço temporal como o apogeu (*heyday*) do fenômeno; e, finalmente, partindo do início dos anos 1970 até o presente, configurando o que muitos definem como o *novo populismo* ou *neopopulismo*.

Em contrapartida, os editores da obra intitulada **Miraculous metamorphoses: The neoliberalization of Latin American populism** (DEMMERS; FÉRNANDEZ GILBERTO e HOGENBOOM, 2001) empregam uma divisão histórica um pouco diferenciada da precedente: o período que vai dos anos 1930 aos 1960 é

considerado como *populismo clássico*; os anos 1970 aos 1980 aparecem sob o desígnio de *populismo tardio*; e nos anos 1980 aos 1990 ocorre a *neoliberalização do populismo*.

Pelo lado latino-americano, o imaginário que cerca os passos do líder venezuelano Hugo Chávez Frías ganha contornos de ódio e veneração, pela via dos discursos midiáticos. O presidente da Venezuela conquistou o seu espaço, em 1998, ao pregar mudanças radicais na estrutura política do país, com a retirada dos políticos tradicionais do poder; e na esfera econômica, empregando a distribuição de renda que os antecessores não teriam efetivado (KELLER, 1973). A pregação do político envolve autocomparação com heróis independentistas, como Simón Bolívar, além de pregar a necessidade de medidas assistencialistas em benefício da população nacional.

O incentivo à formação espontânea de grupos populares, aos moldes dos Círculos Bolivarianos⁹, de Hugo Chávez, poderia tornar-se uma estratégia eficaz para a governabilidade de outros líderes sul-americanos contemporâneos, ao valorizar a ideia de intervenção social do povo, frente à administração governamental, com a finalidade de incrementar a participação democrática. Assim, entende-se o interesse de Chávez pela formação de reuniões abertas ao interesse do cidadão, em discussões políticas e ideológicas ligadas ao ideário governamental. Os seus mais de dois milhões de membros conferiram-lhe suporte quando de seu afastamento temporário do cargo, em abril de 2002.

Os comentários de Ricardo Vélez Rodríguez (2008) sugerem a possibilidade de aproximação entre líderes governantes populistas e os denominados movimentos sociais. Cita o caso brasileiro, em que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva manteve relações de amparo financeiro e tolerância a protestos, quanto a entidades como o Movimento dos Sem Teto e Movimento dos Indígenas, entre outros (RODRÍGUEZ, 2008, p.14). Se adotada como estratégia de aproximação com o povo, por meio da sensação de liberdade, para o livre exercício da cidadania, seria o líder contemplado com a segurança de contar com reserva estratégica de apoio em momentos de crise.

Nesse ponto da discussão, torna-se pertinente evocar a divisão proposta por Aníbal Quijano (1998) entre dois tipos de populismo, conforme a inclinação política

⁹ Círculos Bolivarianos são grupos comunitários de suporte ao regime, que exercem funções semelhantes aos grupos de apoio à revolução de Cuba (CONNIFF, 2003, p.36).

apresentada: populismo de esquerda e populismo de direita. O primeiro compreende a maior parte das manifestações clássicas, ao propor o enfrentamento das *oligarquias locais* e prescrever alterações nas realidades econômicas, políticas e sociais, então vigentes. São caracterizados como movimentos de orientação *nacional-popular*.

O segundo tipo de populismo proposto, o de orientação direitista, defende a ordem capitalista e inclina-se na direção de propostas neoliberais. Constitui a maioria das manifestações *neopopulistas* contemporâneas. As modificações na estratégia política, adotada pelo ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2006; 2006-2010), ao longo de sua participação em quatro disputas eleitorais para a presidência (1989, 1994, 2002 e 2006), exemplifica a possibilidade de um discurso moderado colaborar para a eleição de um candidato com raízes políticas no movimento sindical e na oposição a medidas econômicas de orientação liberal. A campanha política de Lula, para o pleito presidencial de 1989, expressava a necessidade de mudanças sociais e econômicas radicais, alinhadas às teses da esquerda. Acabou derrotado por Fernando Collor de Mello, candidato que pregava o fim da corrupção e o desenvolvimento nacional, sem o recurso a medidas sociais radicais e de distribuição de renda. Em subsequente candidatura à Presidência, em 1994, Lula sustentou discurso contrário às intervenções na economia do país (Plano Real) empreendidas pelo seu adversário no pleito, o então ex-Ministro da Economia, Fernando Henrique Cardoso. Como resultado, Lula amarga nova derrota nas urnas. Somente no ano de 2002 viria a ser eleito presidente, dessa vez com um discurso moderado, centrado na imagem de homem do povo e sindicalista, mas sem sugerir desacordos com o setor empresarial e modificações substanciais no plano econômico. O exemplo em questão ilustra a tese de Aníbal Quijano (1998), segundo a qual um mesmo líder pode oscilar entre os dois tipos de discurso, de inspiração direitista e esquerdista. O contexto sociopolítico da nação, com variação nos níveis de tolerância a medidas radicais, será o fator decisivo para a tomada de ação, por parte da liderança governamental.

2.7 Populismo e comunicação social

Uma análise política da comunicação, em períodos populistas, exige, inicialmente, uma breve incursão através dos referenciais históricos da propaganda nazifascista. Falamos das estratégias empregadas por um modelo de transmissão de mensagens, focado em ideais nacional-socialistas, cuja eficiente expressão se dá mediante o controle progressivo dos meios de comunicação. De acordo com José Manuel Morán (1981), o regime do líder nazista Adolf Hitler (período de 1934 a 1945) promoveu extensivo controle da difusão de conteúdo informativo-cultural, passando pela criação de núcleos vigilantes às produções cinematográficas, radiofônicas e jornalísticas em geral.

As qualidades pessoais do líder são ressaltadas nos discursos radiofônicos, enquanto que as incertezas e os problemas sociais são delegados aos grupos inimigos. São acusações raramente abertas a réplicas, na medida em que fecham os espaços para qualquer tipo de contra-argumentação. A repetição de determinadas frases e estereótipos permite a fixação dos principais temas no imaginário coletivo e a consequente aceitação de ordens e pareceres vindos do partido governante. O espetáculo rege as alocações direcionadas às massas, a partir do estímulo à formação de grandes audiências públicas, em grandes solenidades, além do esmero na edição sonora de programas radiofônicos e inserção de propaganda subliminar nas produções cinematográficas.

A propaganda totalitária é capaz de posicionar os seus inimigos como reais conspiradores da população. Hannah Harendt (1989) aponta a história da conspiração mundial judaica como uma eficaz ficção estratégica empreendida pela propaganda nazista. Quanto mais os partidos e órgãos de opinião pública se recusavam a discutir a questão judaica, mais o público se convenciu de que eram os judeus os verdadeiros representantes das autoridades constituídas, e de que a questão judaica era o símbolo da hipocrisia e da desonestidade de todo o sistema (HARENDT, 1989, p.404).

É importante destacar a utilização da propaganda, de maneira dissimulada, sob a rotulagem de conteúdo informativo e noticioso. Para Jean-Marie Domenach (1955), a atividade da propaganda é inerente ao fazer político. Contudo, a veiculação explícita e declarada das mensagens persuasivas seria capaz de desestimular a atenção pública. Para atingir o interesse dos receptores de maneira velada, a

atividade propagandística encontraria refúgio no formato de relatos estatísticos, reportagens e documentários.

O apelo a discursos e indicações inerentes ao campo mitológico é o que possibilita às audiências das propagandas bem-sucedidas vivenciarem uma realidade que vai muito além do seu próprio mundo. Neste sentido, a retórica política atribui ao estadista a posição de representante dos anseios coletivos, capaz de compreender as necessidades, interesses e sonhos de todos os seus liderados. Jean-Marie Domenach (1955) indica que, desse ponto, podem partir dois vícios na atividade da propaganda política: a censura e a falsa notícia.

A censura consiste nos grupos que tentam impedir a divulgação de notícias e informações postas em desacordo com as ideias e fatos que julgam estabelecidos. A notícia falsa pressupõe a utilização de fatos inverídicos, criados por um conjunto de indivíduos, com a intenção de oferecer suporte para os argumentos e ideais do mesmo.

Quando bem empregados, os estratagemas da censura e da falsidade noticiosa são capazes de promover a substituição da realidade vivida. Contudo, essa substituição quase nunca pode ser considerada como total, visto que é comum o surgimento de manifestações de contrariedade ao discurso hegemônico, provenientes de grupos minoritários, como forma de protesto. Mesmo que a carência de expressividade política e social, inerente a determinados grupos, afaste a efetividade do protesto, as redes clandestinas de informação e o contato boca a boca são importantes disseminadores de contestações à propaganda majoritária.

Para Domenach (1955, p.83-88), o ato de contestar as teses do adversário político, a chamada contrapropaganda, pode ser sistematizada a partir das seguintes regras:

- 1- assinalar os temas do adversário: os termos do discurso adversário são isolados e combatidos;
- 2- atacar os pontos fracos: utilizado pelos alemães na Primeira Guerra mundial como forma de atacar a moral dos russos. Prevê a identificação do ponto fraco na argumentação do adversário e conseqüente ataque;
- 3- jamais atacar frontalmente a propaganda adversária quando a mensagem for poderosa;
- 4- atacar e desconsiderar o adversário;

- 5- colocar a propaganda do adversário em contradição com os fatos;
- 6- ridicularizar o adversário;
- 7- fazer predominar seu *clima de força*.

Assim como o mito, a propaganda política utiliza os símbolos para promover estímulos visuais que remetam a reações condicionadas nas massas. A presença do símbolo é associada à manifestação de sentimentos e desejos específicos, que resultam em atitudes instintivas. Postula Serge Tchakhotine (1967) que a própria palavra escrita pode ser considerada como um determinante para a evocação de um pensamento ou ação no leitor. Os símbolos e ritos permitem ao indivíduo a sensação de que determinadas aspirações podem ser satisfeitas de maneira simplificada e condicionada.

A propaganda hitlerista tinha como símbolo principal a cruz gamada, elemento visual gráfico cujas linhas simples e de fácil reprodução não remetiam, inicialmente, a nenhum significado específico para a civilização europeia. Foram os seguidores do nazismo que, à imagem da cruz gamada, associaram os pensamentos inerentes ao fascismo, tais como o poder das massas operárias, as pressuposições antisemitas e o poder do líder do movimento (TCHAKHOTINE, 1967).

Para o autor, os processos de democratização, cada vez mais visíveis na política contemporânea, promovem a diminuição da influência do emprego de métodos populares de sugestão, como artifício da propaganda. O expressivo volume de informação difundida, junto com a sortida gama de opções de publicações jornalísticas, hoje disponível, termina por afastar as possibilidades de orientação rápida do indivíduo e dificulta os conseqüentes processos de identificação e sugestão. A crescente requisição das capacidades de seleção e interpretação das ideias dos receptores de conteúdo vai de encontro ao resultado rápido e eficaz permitido pela indução à crença e à ação acríticas. É bem verdade que os apelos ao raciocínio subjetivo também podem ensejar a estimulação propositada das emoções de audiências. Os reflexos condicionados são passíveis de estímulo por meio de construções argumentativas tendenciosas e pela inserção de símbolos e *slogans* disfarçados sob a epígrafe da informação (TCHAKHOTINE, 1967).

Até aqui, a propaganda foi vista como estratégia de persuasão focada em símbolos, *slogans* e marcas de referência para o apelo às massas. Como vimos nas seções precedentes, semelhante apelo ao povo também é característica

fundamental da retórica populista, com a possibilidade do uso de palavras de ordem, frases de efeito e construções discursivas de persuasão, por parte de lideranças carismáticas. Consideramos que esse apelo populista às massas pode revestir-se de duas roupagens diferenciadas, porém intercambiáveis: o populismo como um *estilo* de se fazer política ou como uma *estratégia* de comunicação política (WEFFORT, 1980).

A definição do populismo como um *estilo político* (CONNIFF, 1999) tem embasamento no reconhecimento de características específicas no modelo de expressão política adotado por um líder. De acordo com Gabriela Carneiro (2009), o reconhecimento de traços carismáticos, de discursos polarizadores e de orientação antielitista permitiria o enquadramento de uma liderança dentro de um *estilo político* dito populista. Nesse âmbito de análise, cabe ressaltar, a autora somente considera como populista o político que demonstrar as características peculiares ao estilo tanto nos períodos anteriores quanto posteriores aos processos eleitorais.

O populismo como *estratégia política* (WEYLAND, 2001) consiste na utilização consciente de elementos de expressão que visem ao fortalecimento do vínculo personalista entre o líder e o público, visando à *conquista* e *manutenção* do poder político. Significa dizer que a estratégia populista engloba o período eleitoral (*conquista* de adesão popular) e o período de governo (*manutenção* de relação com o público e apoiadores). Essa estratégia utiliza-se de diversos modos de construção discursiva, sendo um deles a própria adoção de um *estilo político* para mobilização de eleitores e apoiadores (CARNEIRO, 2009).

O populismo como uma *estratégia de comunicação* permite considerar uma nova manifestação do fenômeno, ancorada no desempenho dos atores políticos no âmbito midiático. É a expressão da imagem de líderes carismáticos que fazem do chamado *neopopulismo* um modo peculiar de se fazer política. Podemos considerar a adoção de um *novo estilo populista* como um dos requisitos para uma *estratégia política (populista)* mais ampla, onde a fidelidade às agremiações partidárias e aos pressupostos ideológicos permanecem em segundo plano.

Pierre-André Taguieff (2007, p.211-216) sugere uma nova categoria de populismo contemporâneo (como *estilo político* de orientação ampla), reconhecidamente adaptada para o máximo proveito dos recursos de mediações televisuais disponíveis. O chamado *telepopulismo* distingue-se das formas

tradicionais do fenômeno e, ao mesmo tempo, demonstra forte capacidade para influenciar as mesmas. Acrescenta, ao tradicional traço de apelo ao povo, premeditadas estratégias midiáticas para reforçar o sentido das mensagens veiculadas. Busca a vantagem persuasiva, no desempenho comunicativo das lideranças, diante das câmeras, microfones e ambientes informativos cibernéticos (na expressão de *blogs*, endereços institucionais e jornalísticos na Internet e perfis em redes sociais, entre outros).

Ao líder *telepopulista* torna-se imprescindível conquistar o reconhecimento do povo, como forma de suporte político. Para comprovar os possíveis índices de aprovação, concentrados em relevantes segmentos da opinião pública, pode recorrer à divulgação de pesquisas de satisfação e levantamentos opinativos nos meios de comunicação. Tais atitudes demonstram crescente influência de pressupostos do *marketing* pessoal no fazer político. Tal como o líder messiânico, o líder populista, dos tempos midiaticizados, tenta galvanizar a própria imagem como salvador e, para atingir esse objetivo, necessita do reconhecimento como ser que se diferencia do tipo político convencional.

Para elevar as chances de identificação, em especial com as camadas populares, lança mão de referências sugestivas ao aparente rompimento com o sistema político. Dessa forma, afasta-se da roupagem política clássica, ao assumir posição pretensamente externa ao sistema partidário: o seu lugar seria, antes, a sociedade civil; a sua ascendência remeteria, em caráter ideal, ao nível do cidadão comum, ao âmbito do povo. Para Taguieff (2007), o líder populista se transforma, no contexto midiaticizado, em um comunicador demagógico: *ele é o homem de todas as promessas e aponta, idealmente, para todos os públicos* (TAGUIEFF, 2007, p.211).

Para o autor, o fenômeno do *neopopulismo* converge, não apenas à globalização, no plano econômico, como também corre na esteira da interconexão mundial dos meios eletrônicos de difusão da informação. As formas coletivas de participação política são paulatinamente suplantadas pela noção do *hiperdemocratismo*, modalidade marcada pelo excesso de individualização, quando os partidos perdem espaço no certame político para a democracia da opinião pública. A participação política ganha os contornos de uma relação aparentemente direta entre lideranças e liderados (TAGUIEFF, 2007, p.214).

Existe, ainda, a possibilidade de estratégias ditas neo-revolucionárias, por meio do uso de uma retórica antiglobalização, principalmente através dos meios eletrônicos de expressão: o *cyberpopulismo*. Através dele, mensagens de resistência às pretensas investidas negativas do capitalismo globalizante são evocadas em nome dos povos oprimidos e carentes de defesa. Trata-se de uma modificação das tradicionais reivindicações radicais, armadas, por uma modalidade de *contestação pacífica e ultramidiatizada* (TAGUIEFF, 2007, p.216).

A definição do populismo como uma *estratégia de comunicação* política, onde a principal característica são as referências discursivas ao povo, provenientes dos atores políticos, é proposta por Jan Jagers e Stefaan Walgrave (2007). Com o objetivo de analisar, comparativamente, os discursos políticos de partidos populistas belgas, os autores distinguem dois conceitos balizadores, para a classificação do fenômeno: a manifestação dita *tênue* (*thin populism*) e a expressão considerada como *densa* (*thick populism*).

A definição *tênue* corresponde, primordialmente, às falas endereçadas, de maneira objetiva, à entidade geral do povo. São discursos que pretendem demonstrar proximidade com o povo, apenas pelo fato de falar sobre ele. A versão *densa* do populismo possui a mesma retórica direcionada ao povo, somada a duas ênfases discursivas peculiares: o apego a ideais *antielitistas* e a consideração do povo como um grupo unitário, desprovido de diferenciações internas, exceto por determinadas características que demandam estratégias de exclusão (JAGERS e WALGRAVE, p.322).

O texto populista, dito *tênue*, não manifesta diretamente características pejorativas ou conotações autoritárias. Pode ser empregado tanto à orientação política de esquerda quanto de direita, configurando-se em um estilo de comunicação política passível de utilização por todos os perfis políticos, em qualquer período. Trata-se do núcleo essencial do populismo e fator de distinção diante de manifestações semelhantes (p.323).

Na expressão *densa* do populismo, existe a preocupação com o posicionamento hierárquico do ator político no cenário social. A partir da retórica *antielitista*, o postulante enfatiza pretensa distância, nos termos do convívio em sociedade, existente entre o povo e as elites. O personagem populista coloca-se ao lado do

povo, no embate contra indícios de opressão econômica e política, por parte das parcelas dominantes no estrato societário.

O inimigo é posicionado externamente ao povo, e em patamar social superior aos cidadãos comuns. A definição da elite, enquanto parcela social dominante, pode abranger uma ampla gama de entidades, grupos ou indivíduos, tais como: partidos políticos, ministros e chefes de Estado, além de integrantes da mídia (jornalistas e gestores de veículos jornalísticos, entre outros), intelectuais e lideranças representativas do campo econômico.

A retórica populista densa compreende, ainda, uma indiferenciação horizontal da entidade generalista do povo. O argumento populista considera que determinados grupos e valores são incompatíveis com as demandas gerais, concernentes ao povo. Dessa maneira, certos segmentos populacionais são postos à margem desse agrupamento societário unitário e estigmatizados em relação à sugerida unidade nacional.

A análise de Jan Jagers e Stefaan Walgrave (2007) aponta para quatro tipos de populismo, teoricamente passíveis de identificação, derivados de retóricas políticas pertencentes às duas básicas definições supracitadas (tênue e densa) do populismo. O chamado *populismo excludente* (*excluding populism*) corresponde à ausência de antielitismo, combinada com exclusão de grupos e indivíduos nas expressões discursivas. O *populismo antielitista* (*anti-elitist populism*) não apresenta indícios de exclusão ao nível horizontal do povo, mas emprega atitudes antielitistas. O *populismo dito completo* (*complete populism*), cuja característica é a presença, tanto do antielitismo, como de elementos para a exclusão. Por fim, o *populismo vazio* (*empty populism*) implica na ausência tanto de antielitismo, como de referenciais para a exclusão.

Para os propósitos do presente estudo, consideraremos o *neopopulismo* como um *novo* modo de se fazer política e de se exercer o poder (OLIVA e GUERREIRO, 2006). Atribuiríamos o referido caráter de novidade à utilização das múltiplas plataformas midiáticas para a difusão publicitária por partidos e personalidades políticas. Chegaremos ao ponto de reconhecer que praticamente toda a ação política seria pensada em função dos meios de comunicação social. Inseridos em uma ordem de enquadramento da realidade pelos produtores de conteúdo (SÁDABA, 2008), os discursos e narrativas políticas *neopopulistas* empregariam uma versão do

real com vistas à atração publicitária. A função informativa perde o seu espaço para a publicidade, podendo ainda servir como disfarce para investidas de cunho propagandístico. Nesses casos, as estratégias políticas de conquista e manutenção do poder seguem lógicas centradas na entidade fundamental para a prática *neopopulista: o povo*. A intenção primordial consistiria em modelar o comportamento e os referenciais de vida das figuras políticas de acordo com as expectativas das audiências. Os discursos dos (aspirantes a) governantes promoveriam a identificação de alvos específicos para a solução dos problemas sociais (discurso antielitista).

Atualmente, os líderes latino-americanos identificados com *estratégias de comunicação política neopopulistas* comungam entre si o discurso contra as elites, o apelo pela mobilização do povo e o modo de governo personalista, focado na figura-chave do presidente. As estratégias de construção pública de suas respectivas imagens trabalham com base na identificação do povo com os seus referenciais de vida e ascensão ao poder. A recorrente expressão midiática para uma possível consolidação de uma nova ordem política na América Latina, com orientação esquerdista, inspiração nacionalista e em oposição aos Estados Unidos (TOURAINÉ, 2006) encontra respaldo nas imagens pessoais construídas pelos presidentes Hugo Chávez Frías (Venezuela – 1999, até o presente) e Evo Morales (Bolívia – 2006, até o presente) e pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil – 2002 a 2010).

Estereótipos, mitos e arquétipos são trabalhados para a galvanização de histórias de vida centradas em possíveis vínculos com as origens e a realidade de grupos minoritários ou marginalizados. A classe trabalhadora organizada deixou de ser o cerne dos apelos *neopopulistas*, oferecendo espaço para que, em cada país, determinados segmentos populacionais sejam eleitos como fonte de legitimação (FAUSTO, 2006).

É nessa volta ao passado que se busca a correlação dos referenciais levantados com o contexto societário dos respectivos âmbitos nacionais. Vejamos a trajetória de Evo Morales, enfatizada pela situação de extrema pobreza no desenvolvimento infanto-juvenil e por suas origens familiares no segmento populacional indígena boliviano (SIVAK, 2008). Atentemos para a reconstrução da vida de Hugo Chávez, indicando a representação da figura do revolucionário Simon Bolívar como artifício

legitimador para seus discursos políticos reformistas, centrados nas camadas mais carentes do país (MARCANO e TYSZKA, 2006). O olhar sobre a biografia de Luiz Inácio Lula da Silva lembra a vida difícil no campo e os sonhos de uma oportunidade melhor para a família com a emigração para uma metrópole (PARANÁ, 2002).

3- Os limites do biográfico no pensamento ocidental

Abordar as origens e evoluções da biografia, como gênero literário, implica a busca de suas raízes. Esse olhar para o passado pode conduzir o investigador para além dos domínios das expressões modernas e contemporâneas, indicando a possibilidade de considerar o legado da Grécia Antiga como esclarecedor ponto de partida. Contudo, a sugerida iniciativa esbarra, inevitavelmente, em uma visível dificuldade inicial de análise: a escassez de material biográfico proveniente dos primeiros séculos da Antigüidade.

Apesar de quase nada ter sido preservado da produção oriunda do século V a.C, a data é evocada nos estudos de Arnaldo Momigliano (1971) como marco seminal da biografia como gênero literário específico. Os relatos de trajetórias individuais, à época, encontraram a mais significativa expressão nos espaços de epigramas funerários e no âmbito da doxografia¹, entre outras formas indiretas de manifestação.

Do século IV a.C, restaram como testemunhos fragmentados da escrita biográfica os trabalhos de Isócrates (**Evágoras**) e Xenofonte (**Agésilau**). A primeira sequência de biografias do período clássico a alcançar o escrutínio do Ocidente é a obra de Cornelius Nepos. Os seus escritos mais conhecidos são as biografias de Catão e de Cícero. Esses relatos, de maneira geral, não obedeciam a ordenamentos cronológicos e a comprovações documentais rigorosas (MOMIGLIANO, 1971).

Às manifestações do biográfico, no período helênico, impunha-se uma clara diferenciação em relação às práticas de cunho historiográfico. Os relatos biográficos eram considerados sob a égide da poética, enquanto que as reconstruções históricas enquadravam-se no campo mais metódico da retomada estrita dos fatos e eventos vividos em determinado período (MOMIGLIANO, 1971).

¹ A doxografia consiste na escrita que reúne trechos de obras, fragmentos e citações com vistas a interpretar as ideias de um determinado autor. Platão e Aristóteles empregaram a doxografia ao referirem opiniões alheias em seus trabalhos (MITIDIÉRI, 2010).

O pensamento prevalente nas sociedades do período clássico considerava a existência do indivíduo atrelada ao âmbito das funções coletivas. Como consequência, as distinções memoriais privilegiavam as inscrições de personagens cujos feitos remetiam ao padrão esperado para o exercício das carreiras reconhecidas como tradicionais. Somente a partir da época helenística é que a noção de biografia aproxima-se ao conceito de *bios* (DOSSE, 1950).

A escrita de *bios* veiculava os traços nobres de caráter e retidão moral impregnados em relatos de viagens, de grandes feitos bélicos e de trajetórias de indivíduos que se distinguiram nos campos político e filosófico. Ao expandirem as fronteiras do mundo, por meio de descrições utópicas e fantásticas, os helênicos transgrediam os limites entre o real e o imaginário (MITIDIERI, 2010).

A efetiva utilização da palavra *biografia* somente ocorreria no século V d.C, e o conceito de *autobiografia* encontraria afirmação prática apenas ao final do século XVIII. Dessa forma, a Antigüidade oferece relatos que não se enquadram conceitualmente à noção moderna de biografia. Contudo, esses relatos mostram-se dignos de nota ao se revelarem como elementos textuais que se aproximam do gênero moderno (SILVA, 2008).

A instituição de um modelo de escrita biográfica ganha contornos mais visíveis somente a partir da época do Império Romano. Uma série de estudos e ensaios refere o grego Plutarco (aproximadamente 46 a 126 d.C) como o precursor do gênero biográfico na humanidade. O autor de **Vidas paralelas** tem uma existência íntima pouco conhecida até hoje, a principiarem pela própria data de seu nascimento. O relato biográfico do conquistador Alexandre, o Grande, é atribuído ao escritor. Esta obra é considerada, por muitos, como o marco inicial do gênero, ao tratar de aspectos tanto públicos quanto privados acerca da vida do personagem (BURKE, 1997).

Apesar de tudo, a biografia pública e moralizante não se mostrava como gênero estabelecido para questionamentos. As fronteiras e os limites do biográfico somente viriam à tona a partir do século XVIII. Foi quando os autores começaram a questionar as limitações e as possibilidades da biografia diante das contradições e complexidades morais de seus perfilados. Com a ascensão da burguesia, a individualidade passa a ser valorizada. Os rituais públicos, com a espontânea exibição das pessoas na rua, começam a operar como uma forma de construção da

identidade (SENNETT, 1989). A biografia clássica mostrava o biografado como um ser que, desde o berço, estava destinado a realizar grandes façanhas.

O século XX mostrou que a preferência pela especulação dos pensamentos e realizações alheias poderia não se restringir apenas aos *grandes homens*. O levantamento da intimidade de pessoas comuns e mais distanciadas da esfera pública acaba angariando a simpatia de leitores em todo o mundo. Um dos marcos desta tendência é o clássico **O queijo e os vermes**, de 1976, que analisa as idéias sobre o mundo, Deus e a religião, de um moleiro na Itália do século XVI.

O trabalho dos autores das biografias atualmente bem sucedidas editorialmente, no século XXI, tem como base a designação de uma ordem para os fatos e referências dispersos na cronologia da vida: a eles são atribuídos significados e hierarquias na reconstrução da trajetória do biografado (PENA, 2004, p. 20). O período contemporâneo vê surgir uma classificação das vidas sociais distintas a partir do binômio herói – celebridade.

O traço heróico remeteria ao indivíduo que, por realizações que ultrapassam o caráter ordinário da vida mundana, tornam-se referência e modelos de conduta perante determinados grupos. Em outro extremo, as celebridades representariam o imediatismo da sociedade de consumo, atribuindo a distinção célebre a todos os que se enquadram nos perfis rentáveis da indústria da cultura. As intercomunicações entre essas duas categorias de distinção social discutidas corresponderiam aos marcos referenciais para a reconstrução pública dos detalhes de uma vida.

3.1 A concepção heroica do homem nas narrativas de vida

As vidas dos santos forneceram o mote para a concepção de narrativas amplamente aceitas no período medieval. A influência religiosa dos postulados do catolicismo, com a disseminação do pensamento clerical, na filosofia e nas artes, a partir do século V d.C, engendrou a chamada prática da *hagiografia*. Há indícios de que as *hagiografias* teriam surgido ainda no século II d.C, como forma de homenagem aos primeiros mártires da religião católica (DOSSE, 1971). Trajetórias de santos e divindades, com a ênfase em suas virtudes e traços eminentes de caráter, eram apresentadas como exemplos a serem admirados e tomados como referência de conduta coletiva.

Da mesma maneira como foi mantido o distanciamento entre a biografia e a história, na Antigüidade, as *hagiografias* foram postas em clara diferenciação diante da prática historiográfica, no período da Idade Média. Dessa maneira, o processo de criação permitiria uma leitura dos fatos muito mais aberta à evasão criativa e a investidas fantásticas por parte de seus autores (DOSSE, 1950).

A crescente disseminação do pensamento laico, principalmente a partir do fim da Idade Média, no período entre os séculos XIII e XV, fez consolidar-se o empreendimento de narrativas voltadas para a celebração da bravura dos heróis guerreiros. O prestígio da atividade de cavaleiro fez das biografias chamadas de *cavaleirescas* uma exaltação das proezas supostamente inerentes à carreira. Tais narrativas buscavam a consolidação do poder monárquico estabelecido, ao enfatizar as realizações e conquistas militares dos personagens da época. O gênero biográfico dito *cavaleiresco* se diferenciava da variante supracitada como *hagiografia*, visto que,

à diferença do santo na *hagiografia*, o indivíduo não é aqui o habitáculo da voz divina, mas seu sopro épico deve muito à atenção de Deus, que é a todo instante seu protetor e sua armadura, permitindo-lhe superar a corrida de obstáculos (DOSSE, 1971, p.153).

Na biografia *cavaleiresca*, a inspiração sobre-humana não mais atua diretamente sobre o indivíduo e seus atos, abandonando paulatinamente a evocação divina como primeira instância explicativa para os resultados e realizações obtidos. Em vez disso, a intervenção dos planos santos superiores surge em momentos anteriores aos atos, resguardando espaço para que a interação entre o herói e o meio adquira consistência e valor durante a ação.

Com o advento renascentista, é possível observar o acréscimo de valor destinado às biografias e aos relatos autobiográficos em virtude das tendências cada vez mais individualistas que emergiam do meio social. O século XVI foi pródigo ao ampliar o universo das personalidades biografadas, passando das esferas unicamente militares, políticas e literárias, para outros gêneros e grupos, como as mulheres, os artistas e até mesmo indivíduos provenientes de outras culturas (BURKE, 1997).

É pertinente notar, a respeito dos relatos biográficos originários do Renascimento, a iniciativa comum de incluir breves sínteses da vida de escritores e filósofos como elementos paratextuais, no espaço de prefácios e de posfácios, nos compêndios de suas próprias obras. Este ato demonstrava o forte pensamento particularista do período, ao atrelar a fina compreensão dos textos ao acesso às informações individuais de vida dos escritores. A concepção de determinada obra era tida como o reflexo dos passos percorridos na trajetória individual de uma vida (BURKE, 1997).

Mais adiante, na cronologia histórica mundial, com os primórdios do século XVII, testemunhamos a valorização cada vez maior do poder régio no cenário público. Desse postulado derivam as preocupações com o estabelecimento de uma imagem glorificada e imponente do rei diante do povo. Glorificar e conferir ares de grandeza não significava mais, contudo, manter ativa a sensação de distanciamento entre monarcas e plebeus. O processo de individualização social passa a ser ainda mais visível com a possibilidade de se manusear e carregar as imagens de reis e rainhas estampadas em materiais de divulgação. A desmistificação das prerrogativas particulares dos representantes da hierarquia monárquica faz com que a imagem do monarca ganhe o domínio público. Dessa forma, os detalhes da vida de um nobre governante não tomariam mais a forma de um livro cujo conteúdo pertenceria ao velado contato com restritas audiências. Aos súditos seria concedida a liberdade de discutir os traços de caráter e as performances públicas de suas lideranças régias.

A exímia preocupação com a construção pública da imagem de um monarca tem o seu exemplo mais conciso, e paradigmático, nas estratégias empreendidas por Luís XIV e seus conselheiros, na França do século XVII. A noção de que a popularidade do rei dependeria da sensação de proximidade com os seus súditos será a responsável por iniciativas publicitárias² até então inéditas.

Com observada frequência, Luís XIV dedica aos seus súditos o privilégio do desfrute de suas aparições públicas, na maioria das vezes expansivas e majestosas. A imagem do rei passa a ser sentida e observada com sensação de proximidade através da cunhagem de moedas e reproduções artísticas visuais, entre outras formas de difusão. Nesse quesito, aponta-nos Peter Burke (1994), Luís XIV foi

² O termo *publicidade* ainda não existia na época. Podemos considerar que somente no século XIX, com a criação da primeira agência de publicidade nos Estados Unidos, em 1841, o termo efetivamente passa a ser empregado como delimitação para as práticas publicitárias.

reconhecidamente um dos monarcas mais hábeis como articulador da popularidade de sua própria imagem.

Neste mesmo século XVII, o poder monárquico, em seu esplendor de celebração, encontra na leitura dos heróis de Plutarco, e dos respectivos feitos grandiosos dos mesmos, um genuíno modelo para identificação. A tradução dos 23 volumes das **Vidas paralelas** para a língua francesa, primordialmente pelas mãos de Jacques Amyot³, proporcionou a ampliação do acesso aos textos exultantes do heroísmo grego, considerados como o modelo inicial de relato biográfico estruturado desde a Antigüidade. Podemos dizer que a história encontrara um ressurgimento do culto aos heróis como satisfação dos anseios individuais por integridade, nobreza, predestinação e constância moral.

Os escritos biográficos de Plutarco priorizaram as ações públicas em detrimento dos feitos privados, relegados ao segundo plano da narrativa. Paradoxalmente, a busca pela compreensão do homem, como intento maior, não descartava o desejo de se desvelar o traço íntimo. Considerava, antes de tudo, que o indivíduo era produto do seu meio, não sendo possível desviar as vistas aos indicativos inerentes à individualidade. O paralelo obtido pela comparação entre ideais e empreendimentos, fossem eles antagônicos ou proximais, foi um dos critérios pelos quais Plutarco intentou extrair os princípios norteadores da índole dos seus biografados. Não por acaso, dispôs lado a lado as duplas de olímpianos biografados em cada volume das **Vidas paralelas** (CAVALHEIRO, 1943).

Fossem dispostas frente a frente distintas origens ou atribuições, tal como um grego diante de um romano, ou como um imperador diante de sua tropa de comandados, as atitudes do herói sempre terminariam por confirmar as suas particularidades de caráter. Não era a descrição de cenários grandiosos o marco fundamental da revelação identitária do herói perfilado, como se poderia equivocadamente pensar. O autor grego dedicava fundamental atenção ao escrutínio dos mais elementares atos que as eminentes figuras do cenário greco-romano protagonizavam em cenário público.

³ Jacques Amyot (França – 1513 a 1593) foi um escritor francês que, por dominar o Grego e o Latim, destacou-se como tradutor das obras de Plutarco para a Língua Francesa.

É preciso que se lembrem de que não me pus a escrever histórias, mas vidas somente; e as mais altas e gloriosas proezas nem sempre são aquelas que mostram melhor o vício e a virtude do homem; ao contrário, muitas vezes uma ligeira coisa, uma palavra ou uma brincadeira põem com mais clareza em evidência o natural das pessoas do que derrotas onde tenham morrido dez mil homens, ou grandes batalhas, ou tomadas de cidades por sítio ou assalto (PLUTARCO, 1953, p.15).

Não seria exagero afirmar que o biógrafo grego reuniu características analíticas que o tornariam digno da alcunha de psicólogo social de seu tempo. Plutarco buscava a essência do homem nas interações cotidianas deste com o seu meio social. Tinha a prerrogativa de considerar fatos históricos, ou mesmo não históricos, como indícios para a compreensão de uma época. Mesmo hábil na exploração do pitoresco e do corriqueiro, não se furtava da inclinação panegírica, com predicados extasiantes aos seus heróis, e nem mesmo declinava das prescrições moralizantes imiscuídas em seus relatos (CAVALHEIRO. 1943).

Os escritos de Plutarco adquiriram o caráter de leituras universais e atemporais, constituindo-se em documentos literários do gênero, ainda hoje, no século XXI, modelares aos que intentam a incursão pelo biográfico. Ao abordar sujeitos heroicos, ornados pelos títulos nobres da regência imperial, como Alexandre, O Grande e Júlio César, o biógrafo grego retratava indivíduos não sujeitos a regras sociais estritas de comedimento. O poder que detinham poderia facilmente incliná-los, dessa forma, ao descomedimento e à intempestividade nas ações empreendidas. Os pressupostos morais, como elementos interpostos de contenção, ofereceriam as condições para a plausibilidade de uma personalidade reta e erigida sob o escudo da imunidade diante de possíveis julgamentos e acusações, quanto a intempestivas tomadas de postura.

Na época do Iluminismo, a partir do século XVIII, é possível observar um deslocamento do interesse ao culto exclusivo do herói, como ser social distinto, em direção ao valor inerente aos traços dos chamados *grandes homens*. A referida alcunha distinguiria o homem *que consegue fazer coincidir sua determinação pessoal com a vontade coletiva de uma época* (DOSSE, 1971, p.169).

Em síntese, o perfil de biografado preferencial afasta-se das realizações militares, não mais tidas como referências diretas e duradouras, e aproxima-se das obras e descobertas que tenham influência clara e perene na sociedade. A intenção

é constituir um padrão cultural comum e universal, com base nos indícios de sucesso pessoal, obtido com iniciativas de impacto humanitário. O perfilado será tanto mais digno de memoriais na intensidade em que os valores morais e virtuosos, por ele cultivados, tiverem espelhado e chamado a atenção do povo.

A crise do culto ao heroísmo parece agravar-se, ainda mais, com o advento do século XIX. A prevalência de valores liberais e democráticos terminava por privilegiar as demandas coletivas e sociais. Tornava-se cada vez mais oneroso pensar em façanhas heroicas individuais, como emblemas dos anseios universais. Não fossem os registros de Thomas Carlyle (1795-1881) e a prevalência dos relatos dos heróis, como explicação para as vicissitudes e anseios da humanidade, estaria em muito depreciada.

O intelectual vitoriano Carlyle propôs uma vertente de verdadeira apologia ao heroísmo, que remetia aos critérios de divinização e veneração propositalmente incondicionais. A contemplação do resgate das vidas meritórias, e de suas correspondentes façanhas, consistiria no elemento maior para a gratificação de uma sociedade em seu curso evolutivo. Dos exemplos de personagens, cujas reconstruções biográficas apontam para o êxito em suas respectivas missões de vida, derivam traços interpretados como de indubitável caráter exemplar.

O homem o mais capaz é também essencialmente o mais verdadeiro, o mais bondoso, o mais justo e o mais nobre: o que ele nos manda fazer deve ser exatamente o que for mais sábio e mais apropriado; é a coisa que de qualquer forma devemos acatar, com agradecimento leal e verdadeiro, não duvidando nunca de sua justeza (CARLYLE, 1930, p.240).

Na concepção de heroísmo carlyleana, todos os homens, ao ingressarem na existência, seriam providos das mesmas possibilidades de expansão do caráter, com semelhantes construções de índole pré-formadas. No entanto, seria a *percepção que lhes dispensa o mundo* o fator que lhes proporcionaria, posteriormente, projeções altamente diferenciadas. A interferência do mundo na vida do indivíduo pode ser tomada como influente linha divisória entre o *homem comum* e o *grande homem* (CARLYLE, 1930, p.52).

O autor fornece, em **Os heróis e o culto dos heróis** (1930), uma tipologia para as manifestações biográficas consideradas como a intervenção divina no mundo,

expressa através das figuras de representantes destacados entre os seres mortais e comuns. A seguir, destacaremos os seis tipos de heróis por ele apresentados.

O *herói como divindade* corresponderia à encarnação do próprio Deus, corroborada com o exemplo do escrutínio da figura mítica de Odin, no universo do paganismo escandinavo. O escolhido como Deus é reconhecido, na narrativa, a partir de suas realizações extraordinárias e poderes extra-humanos.

O *herói como profeta* ganha expressão na reconstrução da trajetória de Maomé e na conseqüente difusão da doutrina islâmica pelo globo. Nesse caso, não existe mais a imagem de um suposto deus encarnado, sendo a inspiração divina manifesta pela argüição persuasiva do profeta. Em termos diretos, a voz do profeta é tomada como a voz da própria natureza.

Em seguida, o tipo do *herói-poeta* é delineado a partir dos exemplos de Dante e Shakespeare. Carlyle considera os mesmos como personalidades heroicas pertencentes a todas as épocas, enquanto que os *heróis como divindades* e os *heróis como profetas* estariam restritos aos tempos pretéritos. Ele justifica a assertiva com o argumento de que a originalidade inerente ao *herói-poeta*, presente na sensibilidade de suas obras, é o traço comum que os torna uma inspiração possível, e talvez necessária, a qualquer categoria de herói pretensamente estabelecida.

A distinção seguinte concerne ao *herói como sacerdote*, com exemplos plasmados nas figuras de Martin Lutero e John Knox. Carlyle os considera como modelo de heróis puros, sinceros e cuja principal arma é a fé. São personalidades carismáticas que confrontam as lideranças estabelecidas, com a intenção de conduzirem os homens à realidade que julgam ser a mais correta e verdadeira.

O entusiasmo de Carlyle, claramente simpático à Reforma protestante, não é nada contido ao falar de Lutero. Considera o personagem como um homem simples, que transpôs as dificuldades sociais de seu desenvolvimento, foi pobre e desanimou-se com preceitos seculares que julgava opressores e falsos. A sua indignação teria sido o choque propulsor para a luta em prol da correção de abusos e pela substituição de falsos preceitos estabelecidos. Em suma, para o *herói como sacerdote*, a mobilização popular, mediante a fé dos seguidores, constitui a sua mais valiosa fonte de legitimidade.

O tipo de herói calyleano seguinte tem o perfil dos homens de letras. O *herói das letras* é um enviado divino, um Goethe, Rousseau ou Burns, que passa pela prova necessária à vida letrada. Supera as desvantagens materiais, as dificuldades que a atividade literária proporciona, e mostra que *nem tudo pode ser sanado por meios pecuniários*. Demonstra a necessidade de que as classes mais baixas sonhem, e não meçam esforços para elevar-se do patamar desfavorável em que se encontram. O *herói homem de letras* seria o produto dos tempos modernos, da era tipográfica, com a disseminação da escrita para o grande público. A pregação oral cede espaço aos discursos escritos, modificando a movimentação das audiências na busca do saber, na medida em que o público emancipa-se da proximidade física que a palavra do orador ensejava.

O último tipo heroico é, também, o clímax da explanação do culto ao herói. É quando Carlyle revela o *herói-rei*, na expressão do político britânico puritano Oliver Cromwell e do imperador francês Napoleão Bonaparte. As conquistas do *herói-rei* provêm da bravura e da força da alma. Trata-se de um ser de cunho histórico, que não discute sua superioridade perante os demais. O homem mais capaz de governar, na alcunha de *herói-rei*, seria também o mais bondoso, o mais verdadeiro, o mais sábio, o mais justo. Suas deliberações seriam cingidas, por conseguinte, pela sabedoria e justiça.

Divergindo da influência dos preceitos seculares, prevalentes no século XIX, a tipologia de Thomas Carlyle adere ao postulado da criatura extraordinária, do ser iluminado. Para ele, narrar a trajetória de um herói seria o mesmo que contemplar o leitor com a existência histórica real, revelando o indivíduo de exceção como aquele que aceita e enfrenta os desafios a ele interpostos pelo meio circundante.

O herói parece ser o único sujeito capaz de ação modificadora em momentos de crise. Uma prerrogativa que parece atrelar-se a uma característica adicional na diferenciação entre o ser heróico e o homem comum: o privilégio intelectual. Além de facilidade para apreender o conhecimento objetivo imediato, o herói de Carlyle possuiria uma capacidade vidente superior, arrogando-lhe a possibilidade de vislumbrar a essência das coisas.

Ao conduzirmos a análise para o contexto do século XX, encontramos o legado do inglês Lytton Strachey (1880-1932), a quem muitos atribuem o título de precursor da biografia moderna (CAVALHEIRO, 1943). Como vínhamos tratando do modelo de

culto apologético ao herói, ficará evidenciado o caráter diverso que a estrutura empregada pelas obras **Eminentes vitorianos** (1918) e **A Rainha Vitória** (1921) trouxe para o espaço biográfico.

Em 1921, Strachey elaborou o perfil da Rainha Vitória, que comandou o Império Britânico, de 1837 a 1901. O escritor realizou uma pesquisa detalhada sobre a vida da monarca. Longe de ser uma biografia panegírica, que se constituía no padrão da época, o resultado é uma análise completa da vida da rainha sem, contudo, elevá-la a uma condição acima do comum. A nobreza não afugenta o autor de detalhes que se descolavam do estereótipo do poder na época.

Na mesma linha de humanização das figuras heróicas, está o escritor alemão Emil Ludwig (1881-1948). No entanto, ele discordava do princípio universal, abraçado por Strachey, de que o homem é produto do meio em que vive. Para Ludwig, importava mais a maneira pela qual a personagem tomava consciência de si própria do que as condições externas que permitiriam esta aquisição. O interesse voltava-se para os dilemas e anseios vividos pelas personagens. O biógrafo passa a empregar uma verdadeira análise psicológica dos seus biografados, de forma que ele interpretava o personagem a partir da verificação dos fatos pesquisados, de seus sentimentos e reações.

A análise do mito dos heróis, sob o amparo de preceitos psicanalíticos, demonstra um suposto desprendimento do herói de seu mundo, em busca visionária por situações mais elevadas de consciência e espiritualidade. Joseph Campbell (1989) considera que o ser heroico é aquele que *conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas* (CAMPBELL, 1989, p.28). Conclui-se que a gênese das vidas sublimes, posteriormente elevadas a um plano superior, se dá no seio do pensamento e das ações mundanas. O heroísmo consiste em uma condição adquirida no mundo humano, através do êxito em trajetória específica, permeada por ritos de iniciação na terra, de passagem ao plano superior e de retorno ao mundo dos comuns.

Em **O herói de mil faces** (1983), Joseph Campbell desvenda a estrutura da jornada do herói a partir da análise de narrativas mitológicas. Os elementos comuns aos relatos remetem à existência de um encadeamento básico para a gênese do heroísmo, que transpassa os diferentes mitos. O autor propõe a jornada do herói a partir de três estágios fundamentais e as suas conseqüentes subdivisões:

I - A partida

- a) o chamado da aventura: convite do destino para o herói.
- b) a recusa ao chamado: hesitação ou recusa ao convite.
- c) o auxílio sobrenatural: encontro com figura protetora que oferece suporte e esclarecimento ao herói.
- d) a passagem pelo primeiro limiar: a figura mítica do guardião surge para estabelecer os limites que se interpõem entre o herói e a experiência do mundo.
- e) o ventre da baleia: simbolismo da imagem do útero como a passagem para o período de renascimento.

II - A iniciação

- a) o caminho das provas: o herói deve sobreviver a uma sucessão de provações.
- b) o encontro com a deusa: vencidos os desafios interpostos, chega o momento de encontrar respaldo nas características do sexo oposto para melhor conhecer a vida.
- c) a mulher como tentação: momento para o herói descobrir a sua própria posição em relação ao sexo oposto, evitando as possibilidades extremas de fraqueza expressas no apego à tentação carnal ou na fuga às tentações sensuais.
- d) a sintonia com o pai: ruptura com valores passados, encontrando na figura do pai a segurança para perceber a sua missão no mundo.
- e) a apoteose: o herói se liberta das visões arquetípicas do mundo e se vê pronto para estender a sua capacidade de interpretação da realidade.
- f) a benção última: o herói atinge o patamar de ser superior, ultrapassando os limites do plano terreno.

III - O retorno

- a) a recusa do retorno: resistência do herói em retornar para transmitir a sua mensagem aos demais. Desejo de retiro para atenuar os resquícios da experiência mundana e compreender sua própria razão de existência.

- b) a fuga mágica: o herói, diante da possibilidade de fracassar em seu desejo de triunfo, utilizará como último recurso a fuga, sujeita a intempéries e provações.
- c) o resgate com auxílio externo: o sucesso na aventura estará atrelado à obtenção de auxílio, proveniente do mundo dos mortais, exigindo a interferência de outros personagens no contexto.
- d) a passagem pelo limiar do retorno: momento de encontro entre a transcendência e o humano. É tarefa do herói a transposição didática dos significados místicos e divinos para o limiar da compreensão humana.
- e) senhor de dois mundos: o herói é capaz de transitar com desenvoltura entre os mundos do divino e do cotidiano, demonstrando uma evolução espiritual que exerce poder de atração perante os demais.
- f) liberdade para viver: renascimento do herói e nova trajetória de vida.

O ponto de vista psicológico da interpretação de Campbell posiciona o traçado heroico como um período de superação das limitações individuais em busca de uma compreensão refinada da realidade. O autoconhecimento proporcionaria a tomada de uma posição ativa no contexto mundano e a possibilidade de elevar o pensamento do herói acima das questões concernentes aos regramentos da subsistência no âmbito cotidiano.

Os momentos introspectivos, propícios à autoanálise e à rememoração dos estágios infantis do desejo, aliados aos avisos e mensagens sobrenaturais durante as intempéries da jornada, são considerados como elementos influentes na evolução e constituição do ser heroico. O indivíduo experimenta, à medida que avança na trajetória mítica, uma elevação espiritual que lhe traz a gratificação por ter atingido o desafio que o mundo lhe propôs. Os benefícios da bem-sucedida aventura ultrapassam a esfera privada e passam a influenciar na coletividade.

Os estudos do psicanalista Otto Rank (1884-1939) também indicam que a compreensão do mito implica no retorno aos primórdios fantásticos e imaginativos dos tempos infantis. Em **El mito del nacimiento del heroe** (1961), o autor demonstra que todo o mito origina-se no próprio herói, por meio da retomada de angústias e sentimentos que encontraram livre expressão nas sendas da infância.

Por seu turno, os autores e espectadores do mito atribuem ao herói as suas próprias histórias infantis, promovendo extensivas identificações com o mesmo. O processo do reconhecimento de si, no outro, culmina com a constatação de que o verdadeiro herói das narrativas é o próprio eu que encontra a si mesmo. O relato heroico permitiria que todas as audiências regressassem ao tempo em que eram os seus próprios heróis (RANK, 1961, p.100-101).

A análise, proposta por Rank, dos mitos de Sargon, Moisés, Karna, Édipo, Paris, Telephus, Perseu, Gilgamesh, Cyrus, Tristan, Romulus, Hércules, Jesus, Siegfried e Lohengrin aponta a origem comum a todos em dois temas relacionados com a reivindicação do indivíduo através do herói. São explicitadas duas dinâmicas opostas: por um lado, as temáticas do afeto e gratidão para com os pais; e por outro extremo, a rebelião contra as figuras parentais.

Em resumo, a jornada arquetípica do herói possui ares de rebeldia para com a estrutura arquetípica parental, e todas as suas derivações, no decorrer da história de vida. Tornar-se independente é a grande meta que rege o período da infância à idade jovem e a sua efetivação implica na superação das limitações aparentemente impostas pela interação com os progenitores. Como desafio interposto a qualquer herói, mais árduo do que a participação em épicos embates com oponentes e conspiradores, a heroicidade representa a busca pela resolução dos conflitos internos de identidade e de autonomia. O ser que negasse a infância e não respondesse aos chamados do mundo não encontraria espaço nas narrativas míticas.

Consideramos, para o presente estudo, que os heróis podem ser classificados conforme o suporte tecnológico de comunicação prevalente em cada sociedade. Lance Strate (1997) nota que há três tipos de heróis, cada qual atrelado a um grupo particular de tecnologias da informação. Os *heróis da oralidade* fariam parte das sociedades primitivas, que tinham na fala o único meio para a transmissão da informação e do conhecimento. Mais tarde, com o advento da escrita e dos recursos para a impressão, surgiram os chamados *heróis tipográficos*. Por fim, na esteira do impacto técnico que a revolução industrial proporciona ao mercado da cultura, despontam os chamados *heróis eletrônicos*. É quando as empresas têm à disposição mídias avançadas para a propagação de imagem e sons em tempo real,

facilitando a projeção da fama para algo ou alguém e criando os grandes monopólios culturais.

Com base nesta distinção de Strate, sugerimos uma categoria suplementar que sintetizaria com muita propriedade as personalidades cultuadas nos dias atuais: o *herói multimídia*. Neste universo, o gênero da biografia assume um expressivo papel de veículo para o desponte e a consolidação de uma figura ilustre, justamente no momento em que a sociedade multimídia reúne todos os recursos, de maneira integrada e interativa, para a propagação da imagem dos personagens em voga.

3.2 As possibilidades do biográfico entre a realidade e a ficção

É possível escrever a vida de um indivíduo? O questionamento inicial nos confronta com os limites que as peculiaridades temporais e contextuais de uma existência impõem aos escritores de relatos biográficos. Pierre Bourdieu (1996) critica a postura de determinados escritores por caracterizarem a identidade como elemento constante e de previsível compreensão. Para o autor, não seria exagero falar de uma situação de *ilusão biográfica* diante de todas as considerações do projeto biográfico como um universo coerente e ordenado dos acontecimentos.

A biografia, como gênero híbrido, se vale das variáveis obtidas através das relações de tensão e troca entre dois percursos de criação diferenciados, de acordo com François Dosse (2009, p.55):

a) a partir das intenções de reprodução da realidade vivida, em sua integralidade, e sob o amparo do rigor histórico;

b) com o auxílio da imaginação literária, como estratégia de criação livre. Neste caso, confrontados com a impossibilidade de se reduzir a complexidade das trajetórias da vida humana, os biógrafos encontrariam as possibilidades de extensão e ornamento das histórias de vida, sob o amparo de recursos concernentes à ficção.

O primeiro caminho encontra o seu franco delineamento nas práticas da historiografia e nos levantamentos biográficos históricos. Como ressalta Giovanni Levi (1996), existe ainda certa ambiguidade na recorrência dos historiadores aos pressupostos da biografia. Em um dado momento, a utilização do gênero assume papel legitimador para a pesquisa social. A escrita oportuniza ao pesquisador um espaço para que conceitos de ordem histórica e sociológica sejam esboçados sob

uma perspectiva prática e probatória. Os dados individuais de narrativas de vida são resgatados como amostras para a análise de pressupostos teóricos generalizantes.

Por outra parte, a utilização do gênero biográfico consistiria em uma forma de afastamento e recusa dos historiadores à racionalidade dos métodos de pesquisa social. Os indícios particulares, identificados nas trajetórias de vida, são então tomados como prova da impossibilidade de simples redução do indivíduo a pressupostos teóricos generalizantes.

Como pressuposto comum a qualquer abordagem historiográfica que seja realizada, estará a biografia considerada como *o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia* (LEVI, 2006, p.168). Cabe ressaltar, neste ponto, que a própria Antigüidade sempre manteve clara a distinção estabelecida entre biografia e história. No entanto, o que vemos, atualmente, indica que o enfoque do investigador da História passa por um deslocamento do escrutínio estrutural, baseado nos destinos coletivos, em direção à valorização das experiências subjetivas. Para Sabina Loriga (1998) a tendência mais cara ao historiador do século XIX, quando enfocava o biográfico, correspondia à valorização dos feitos e atividades dos indivíduos de destaque. Na época, dentre as personalidades destacadas, a prevalência era pela figura do homem de exceção, do herói que faz a história escrita nos livros.

É da influência do campo literário que se origina o interesse pela vida do homem comum. Os dramas humanos passam a angariar cada vez mais interesse, no momento em que as atenções se desvinculam da prevalência na focalização do espírito das divindades e heróis. Expoentes como Paul Thompson e Carlo Ginzburg, no século XX, assinalam o deslocamento dos interesses pelo grande homem para a valorização do homem comum. O levantamento da intimidade de cidadãos ordinários e mais distanciados da esfera do consumo acaba angariando a simpatia de leitores em todo o mundo.

Para Paul Thompson, a análise das histórias de vida anônimas permite estabelecer as relações de influência recíprocas existentes entre as estruturas econômicas e sociais, por um lado, e as necessidades biológicas e traços comportamentais dos indivíduos. A compreensão da vida cotidiana depende do escrutínio da vida privada, e vice versa (THOMPSON, 1992).

Já o escritor italiano Carl Ginzburg defende que o retrato de uma boa micro-história, como ponto representativo de uma época, e com vistas a um paralelo com realidades diversas, são aspectos que tornam a sua obra ao mesmo tempo uma fonte para historiadores e uma produção de entretenimento para o público em geral (GINZBURG, 1991).

A contextualização do indivíduo e do ambiente circundante consiste em um dos elementos diferenciadores entre a biografia histórica e a biografia como gênero literário (LORIGA, 1998). O método biográfico empregado nas Ciências Sociais se debruça sobre os relatos coletivos, enquanto que a biografia, como gênero literário, delega relevância ao indivíduo, por meio das narrativas particulares.

Nas histórias de vida como método de pesquisa, a busca excessiva pela coerência entre o meio social e a vida individual pode resultar em interpretações errôneas. É possível que a particularidade de determinados indivíduos não sofra tanta influência do meio quanto o imaginado. Da mesma maneira, as referências identitárias dos atores sociais variam conforme a concepção que os mesmos têm de si e do meio no qual estão inseridos.

A metodologia da história oral, à maneira como foi empregada pelo antropólogo norte-americano Oscar Lewis, nos servirá de exemplo ilustrativo para a tentativa acadêmica de se compreender como os sujeitos interpretam e interpelam o próprio meio. Os relatos de vida dos membros de uma família pobre mexicana, situados na década de 1960, são tomados como objeto de estudo pelo pesquisador. Em **Os filhos de Sánchez** (1965), Lewis utiliza o exemplo de uma família considerada financeiramente desfavorecida como paradigma das transformações econômicas e comportamentais decorridas na periferia de uma cidade industrial do México (PARANÁ, 2002).

Neste tipo de abordagem, o antropólogo considera que a ética e a cultura podem ser reinterpretadas pelo indivíduo ao longo de sua experiência de vida. O conceito de *cultura da pobreza*, proposto pelo próprio Lewis, a partir do estudo supracitado, reconhece uma forma de organização peculiar a determinadas agremiações em situações de extrema privação material. Para garantir a sobrevivência em ambientação hostil e precária, os indivíduos lançariam mão de pressupostos éticos e organizacionais próprios. No estudo citado, presume-se que a pobreza é um elemento contextual capaz de imprimir traços indelévels naqueles que em seus

núcleos foram nascidos e criados. Uma interpretação que, ainda hoje, oscila intermitentemente entre a adesão e a crítica, nos círculos acadêmicos, em função de sua tentativa de enquadrar a história do indivíduo ao meio de onde o mesmo se origina.

A busca pela autenticidade dos fatos revisitados não é uma prerrogativa exclusiva dos relatos biográficos de cunho acadêmico e historiográfico. Ao leitor comum do gênero literário, compete a predisposição em acreditar que o conteúdo ao seu alcance é digno da veracidade presumida. Sendo assim, como estabelecer uma relação de credibilidade entre o leitor e o biógrafo? Philippe Lejeune, ao tratar dos propósitos da autobiografia⁴, indica a existência de um pacto estabelecido entre o autor e o leitor. Esse pacto oferece garantias de credibilidade ao texto, no momento em que estipula marcos fronteiros entre o gênero autobiográfico e a ficção narrativa (LEJEUNE, 1975).

Para o presente trabalho, interessa reter o conceito de *pacto autobiográfico*, estendendo-o em paralelo ao que identificamos como um *pacto de transparência*, pertinente à concepção das biografias tradicionais. Esse último pacto corresponderia a um regramento implícito ao enquadramento tradicional do gênero, que prima pela construção narrativa com base em *fatos-verdade*. Nos prefácios e apresentações de grande parte das obras, como nota Sérgio Vilas Boas (2008), é comum a declaração de veracidade dos fatos apurados pelo biógrafo mediante a reafirmação:

- 1) da quantidade de documentos consultados;
- 2) da quantidade de entrevistas realizadas;
- 3) do volume de informações coletadas.

A escolha do biografado também reflete preferências e elementos da vida do biógrafo. A afinidade do último com os aspectos da vida do primeiro é fator passível de condicionamento na escolha do método de levantamento dos dados. Quando indicados, a modalidade de pesquisa e o tratamento editorial empregado podem servir de parâmetro para os objetivos e resultados alcançados pelo biógrafo com a sua tarefa. Além disso, a classificação do relato pode auxiliar o leitor com relação às expectativas inicialmente devotadas a um texto que, na realidade, nada mais é do que uma determinada leitura da vida de alguém, realizada por uma terceira pessoa. Fazemos referência à escolha entre biografias concebidas a partir de quatro

⁴ Consideramos a possibilidade de reter o conceito para refletir sobre o âmbito do gênero biográfico, autorizado ou não.

categorias de *pacto autoral*, de acordo com divisão esquemática sugerida por Sergio Vilas Boas (2002, p.48):

- a) *biografias autorizadas*: escritas com a chancela e/ou cooperação do biografado ou de seus descendentes;
- b) *biografias independentes ou não autorizadas*: escritas sem a chancela e/ou cooperação do biografado ou de seus descendentes;
- c) *biografias encomendadas*: o interesse de realização parte do próprio biografado, de seus familiares ou da parte de editores.
- d) *biografias ditadas*: quando o biógrafo realiza o trabalho em nome do biografado e permanece no anonimato (*ghostwriter*).

Entendemos que as categorias *a* e *b* são as mais facilmente identificáveis por parte dos leitores e, por conseguinte, são as que poderão gerar expectativas de leitura diferenciadas. Presume-se que o conteúdo de uma biografia autorizada passe pelo filtro dos agentes interessados em sua feitura. Cria-se a expectativa de complacência para com a imagem da personagem. Em um relato rotulado como não autorizado, é possível imaginar que as revelações promovidas são de orientação mais polêmica, quem sabe até inéditas, a ponto de não ter conquistado a colaboração ou mesmo a anuência do ser biografado ou de seus descendentes.

No caso das *biografias encomendadas*, torna-se mais difícil para o leitor perceber os interesses intrínsecos de editores, autores e biografados na obra concebida. Contudo, não são raras as vezes em que o tom apologético, ou estritamente documental, intencionalmente empregado na narrativa, seja percebido e criticado pelos leitores. A inscrição de *biografia chapa branca* ocupa resenhas críticas e pareceres públicos de todos os que identificam intenções escusas na concepção de uma obra. Já as *biografias ditadas*, quando não explicitam em prefácios a sua condição, não tardam em ser confundidas com relatos de cunho autobiográfico.

Outro aspecto canônico, inerente à escrita biográfica tradicional, define que ao biógrafo deve caber a escolha da terceira pessoa para a reconstrução textual da trajetória de vida do biografado. A retomada impessoal dos fatos é, inclusive, um dos elementos para a distinção entre o gênero biográfico e a autobiografia. À última, lhe é peculiar a dissertação emotiva e pessoal das memórias pelo próprio biografado. A escolha da terceira pessoa para a biografia indicaria precaução contra as tentações

de deslumbramento com a vida que se narra. Colocar-se no lugar do outro pode trazer à tona emoções que pertencem ao biógrafo, não ao biografado. Contudo, existem autores que possuem a coragem de subverter a regra tradicional da terceira pessoa e explicam as suas escolhas na apresentação de suas obras. Tomemos como exemplo o caso do jornalista brasileiro Luciano Klöckner que, ao retomar a trajetória do político sul-rio-grandense Sereno Chaise, opta por estruturar o relato na primeira pessoa, como se o próprio biografado estivesse falando:

Em princípio, a ideia era desenvolver uma biografia clássica, narrada em terceira pessoa. Porém, após 30 encontros e 17 horas de gravações, por mais de dois anos, sobressaiu-se o Sereno Chaise contador de minúcias da história e, com isso, a narrativa concentrou-se na primeira pessoa do singular (KLÖCKNER, 2007, p.11-12)

Quanto ao segundo percurso da biografia, como gênero híbrido, segundo François Dosse (2009), consideraremos as possibilidades criadas pelo uso da ficção como artifício criativo. A biografia romanceada ganha destaque com a obra **Ariel ou a vida de Shelley** (1923), do francês André Maurois (1885–1967). O trabalho pode ser considerado como a continuidade do legado de Lytton Strachey, na primeira metade do século XX.

A biografia moderna, para Maurois, esbarrava em um impasse relativo à conciliação entre duas demandas aparentemente divergentes: o apego à precisão histórica, contraposto à necessidade de compreensão das complexidades da personalidade dos perfilados (MAUROIS, 1932). O primeiro caso estaria mais associado aos usos acadêmicos da biografia, enquanto que a segunda questão encontraria respaldo na atuação literária e artística.

Mesmo diferenciando claramente as funções de historiador e de biógrafo, Maurois admitia e empregava, nas biografias com sua assinatura, as duas atribuições como fundamentos para a escrita do gênero. Em nota introdutória a **Ariel ou a vida de Shelley** (1923), o autor indica que o traço romanesco adquire prevalência na narrativa sem, contudo, comprometer a precisão e veracidade dos fatos recontados:

Aspiramos a fazer, neste livro, obra de romancista bem mais que de historiador ou crítico. Sem dúvida, os fatos são verídicos, e não tomamos a liberdade de atribuir a Shelley frase ou pensamento que não estejam nas memórias de seus amigos, em suas cartas, em seus poemas; mas esforçamo-nos por ordenar esses elementos verdadeiros de modo a produzir a impressão de descoberta progressiva, de crescimento natural que parece peculiar ao romance (MAUROIS, 1923, p.2).

André Maurois admitia a inspiração romanesca nos domínios da função de biógrafo. Da mesma maneira, era preciso contemplar o leitor mais exigente com as datas corretas dos fatos e as respectivas fontes de consulta. Ao lançar vistas sobre sua obra, as características que logo se sobrepõem são a preocupação com a documentação das informações e o esmero textual, alcançado a partir de explícita fluência da narrativa romântica ou poética. Na edição brasileira de **A vida de Disraeli** (1933), o autor inclui uma nota bibliográfica, na parte final da obra, relacionando boa parte das referências utilizadas para a elaboração do texto.

Surgia, com a biografia moderna, a compreensão de que não somente os heróis eram dignos de serem biografados. Os modelos heroicos, para Maurois, não seriam as inspirações mais atraentes e dotadas de credibilidade diante das jovens audiências. A identificação operaria de maneira mais direta quando o modelo apresentado pudesse ser tomado como personalidade comparável às inquietações e vicissitudes inerentes ao homem ordinário (CAVALHEIRO, 1943).

Na construção narrativa de **A vida de Disraeli** (1933), por exemplo, nota-se a intensidade com a qual o escritor mergulha no íntimo da personagem. A trajetória do parlamentar inglês ergue-se aos olhos do leitor como reconhecida encruzilhada de angustias e temores diante de desafios inerentes a qualquer pessoa. A possibilidade de um mero retrato da conhecida imagem de um político austero cede passagem às inconstâncias de um ser que sofre com a solidão e a sensação de falta de reconhecimento.

Para a escritora Virginia Woolf (Inglaterra, 1882 – 1941), as possibilidades nascentes da biografia moderna situavam o gênero em um espaço indefinido pela dicotomia, entre ficção e realidade. O fazer biográfico ganhava os contornos de uma síntese entre o lado incontestável das evidências verificáveis e o âmbito evanescente e subjetivo da natureza humana. A autora explicitou a hibridização entre fatos objetivos e imaginação literária em **Orlando: Uma Biografia** (1928), ao

tomar a vida de uma personalidade real como mote para a escrita de uma narrativa romanesca. Em **Flush, uma biografia** (1933), é evidenciada a interposição entre os polos do ficcional e do real: no fluxo dos fatos, a partir da suposta percepção da consciência de um cão, o traço da ficção; por meio da narração da história da proprietária do animal, a inspiração provinda do factível. De acordo com Woolf (1958), o equilíbrio entre realidade e imaginação é um dos questionamentos centrais que devem ser levados em consideração pelos biógrafos em suas obras.

3.3 A biografia como estratégia de comunicabilidade

O panorama editorial norte-americano contempla um expressivo aumento no volume de publicações do gênero biográfico no período que parte do início do século XX até a década de 1940. O interesse do público se aproxima dos ícones da esfera do entretenimento, deixando de lado os biografados que adquiriam destaque por meio de funções tradicionais, tais como militares, políticos e médicos.

De acordo com Leo Lowenthal (1984), esse deslocamento de preferências começa a se estabelecer no espaço midiático do período posterior à Primeira Guerra Mundial. Tomando como base edições do Saturday Evening Post e da Collier's⁵ no período entre os anos de 1901 e 1941, o pesquisador percebe um progressivo crescimento nas publicações de relatos biográficos neste espaço temporal relativamente curto. Em 1941, o número de biografias é quase quatro vezes maior, em comparação com o início daquele século.

A incorporação ao ser humano de todo o agenciamento social toma conta da sociedade como uma unidade de consumidores cujo tipo de literatura que apreciam resultou em um artigo padronizado, preparado com estratégias de *marketing* por um tremendo negócio e consumido por outra instituição de massa, os leitores das revistas da nação. A descoberta de uma fisionomia de profissional comum em todos estes retratos encoraja Lowenthal a especular que o que quer que seja verdadeiro na seleção do público, será também verdadeiro para a seleção do que vai ser falado sobre esse público. O consumo é um traço que aparece em todas estas histórias de vida.

⁵ Saturday Evening Post (1821 a 1969) e Collier's (1888 a 1957) foram duas influentes revistas semanais de variedades norte-americanas. Atingiram tiragens expressivas, superando a marca dos três milhões de exemplares em determinados períodos.

As biografias atuam como alicerces para o estabelecimento dos ícones, heróis e celebridades no imaginário coletivo, ao encontrarem na veiculação multimídia uma estratégia para a aproximação com o público. A dinâmica que congrega diversas mídias em torno de um mesmo tema influencia nos processos de criação autoral, no instante em que *a tendência é que o texto carregue, desde o momento de sua criação, os vestígios dos usos e interpretações permitidos pelas suas diferentes formas* (CHARTIER, 1998, p.72).

Jesús Martín-Barbero (2003) insere os processos de leitura, em diferentes plataformas de difusão, como elementos de troca organizados entre produtores e destinatários, nos cotidianos de massificação cultural. Para o autor, o monopólio intelectual na difusão do conhecimento popular revela a necessidade de um processo de negociação permanente entre a realidade narrada e o mundo dos leitores. O que os produtores de conteúdo falam ou escrevem precisa fazer sentido para a realidade cotidiana dos seus receptores. É através de processos pragmáticos, atingidos através da objetividade social, jornalística ou ideológica, por exemplo, que os significados contidos nos textos adquirem sentido organizado.

Os gêneros literários ou jornalísticos são regimentos que atuam como pontes entre produtores de conteúdo e grupos culturalmente reconhecíveis em determinada localidade. Através dessa perspectiva, podemos situar o gênero biográfico como uma *estratégia de comunicabilidade* analisável no texto (MARTÍN-BARBERO, p.314). O autor indica que pensar o âmbito literário como meio de interação comunicativa implica em atribuir as competências textuais tanto para o espaço da emissão como para o da recepção.

Os gêneros somente fazem sentido levando-se em conta as configurações culturais de cada país ou região. Desse modo, podemos situar as biografias de ordem literária ou histórica como relatos circunscritos ao campo teórico da Comunicação Social. Toda narrativa biográfica pretende lançar uma mensagem, construir ou desconstruir uma imagem, emocionar ou provocar a ira dos leitores frente aos passos resgatados de uma vida. Da mesma maneira, todo o relato biográfico corresponde a um recorte da realidade que necessita da identificação com uma suposta realidade vivida pelo público.

Conforme aponta Maria da Glória de Oliveira (2007), determinados relatos biográficos são centrados na história do indivíduo a partir do contexto de uma nação.

Ao analisar o projeto biográfico empreendido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (a partir de 1838), a autora identifica tentativas de construção de uma política nacional por meio de estratégias para a nacionalização da figura do herói e do grande homem. Os indivíduos eleitos, em diversos campos de atuação, representavam, antes de tudo, os grandes patriotas e constituintes da história da nação. Serviam de exemplo aos demais cidadãos de como agir, com vistas à obtenção do reconhecimento público. Nesse caso, mesmo personalidades nascidas em Portugal (como os sacerdotes portugueses Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, por exemplo) eram apresentadas, através das publicações do instituto, como expoentes da história intelectual brasileira.

A existência de uma galeria de personalidades ilustres despontaria como influência relevante para a construção das identidades e representações dos indivíduos em sociedade. As representações sociais são reservas potenciais para a construção de sentidos na vida em comunidade. Para Serge Moscovici (2003), o pensamento pode ser considerado como um ambiente, nos termos de uma atmosfera social e cultural. Os objetos, as pessoas e os acontecimentos são representados a partir do que é aceito consensualmente como realidade. O conhecimento e as noções de mundo, passados de pai para filho, atuam também como forças irresistíveis para a prescrição de uma realidade vivida. A realidade social, para o autor, surge a partir dos espaços comunicativos. Nesses espaços, interagem indivíduos e meios de transmissão da informação e do conhecimento social.

As opiniões do público, acerca dos atores sociais que obtêm destaque, desenvolvem-se sob a influência de mitos e fatos históricos reforçados através da dinâmica midiática. As esferas públicas midiáticas⁶ são espaços propícios para a articulação entre os âmbitos do público e do privado dos indivíduos celebrizados (considerados como seres heroicos ou célebres). Tomemos como exemplo a frequente identificação pública dos líderes políticos nacionais Hugo Chávez Frías (Venezuela), Evo Morales (Bolívia) e Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil) com as prerrogativas inerentes a um referido *estilo político neopopulista*. Podemos considerar, dessa forma, que as narrativas biográficas dos políticos citados constituem-se em espaços propícios para a rearticulação dos âmbitos do público e

⁶ O conceito de esfera pública midiática representa um dos pressupostos centrais para o empreendimento da presente investigação e, por isso, será tratado em profundidade no espaço do referencial metodológico.

do privado, com vistas à compreensão do papel que essas personalidades exercem no cenário público. As suas respectivas biografias políticas representam estratégias de construção e/ou desconstrução de uma imagem pública dos indivíduos em destaque no campo político de debate. Os relatos trazem consigo o reflexo de enraizamentos culturais e de simbolismos galvanizados ao longo da história.

Torna-se premente destacar que cada plataforma de comunicação exerce um determinado impacto no espaço social em que atua. Com isso, segmentos específicos de audiências são mobilizados pela difusão dos discursos em diferentes formatos e gêneros comunicacionais (VERÓN, 1980). A crescente integração entre plataformas midiáticas diversas (*cross media*) amplia as possibilidades de divulgação do conhecimento e da informação. No caso das biografias impressas em formato de livro, o conteúdo dos relatos ganha amplitude de público com a adaptação de obras para as linguagens televisiva, cinematográfica e de Internet, por exemplo. O público atingido pelas narrativas biográficas pode abarcar a totalidade dos receptores das mensagens veiculadas nos formatos de produção em televisão, cinema e Internet.

O termo *espaço biográfico* é empregado por Leonor Arfuch (2002) para designar as relações estabelecidas entre os gêneros discursivos, as plataformas multimídias e as expectativas dos leitores na construção das narrativas de vida e na exposição pública da intimidade. Neste ambiente, marcado pela diversidade das interações discursivas, circulam múltiplas possibilidades para a construção das subjetividades. Formas canônicas, como as biografias e as autobiografias (autorizadas ou não), ou expressões inovadoras, como as encenações televisivas da realidade (*reality shows*), as redes sociais e os diários íntimos, postados na Internet, constituem exemplos de formas múltiplas que compõem o referido *espaço biográfico* contemporâneo.

Mais do que o enfoque na especificidade de cada gênero, importa ressaltar a maneira como se dá a interatividade entre eles, com a conseqüente repercussão de diferentes modelos de vida e aspectos discursivos formais. Além disso, cabe considerar como os elementos constituintes dos relatos de vivências integram gêneros que tocam tanto o universo da cultura de massas (na expressão dos relatos

biográficos jornalísticos, *ciberbiografias* e *cinobiografias*⁷), como a esfera acadêmica da história e a ficção literária (VIEGAS, 2008).

Da articulação entre diferentes gêneros discursivos, com os diversos modelos de vida que despontam dessa inter-relação, derivam um ordenamento narrativo e uma orientação ética dos indivíduos. Leonor Arfuch (2002) utiliza o conceito de *valor biográfico* para determinar a incorporação dos referenciais do vivido na configuração do espaço grupal de cada época. A implantação de uma ordem para as narrativas de vida implica em uma orientação coletiva baseada nessas formas peculiares de se considerar o mundo (princípios éticos). Torna-se possível diferencial três tipos principais de *valores biográficos*⁸:

- a) *valor heroico*, com base nos desejos de glória e posteridade;
- b) *valor cotidiano*, focado nos sentimentos e nos contextos imediatos de interação;
- c) *valor das fábulas de vida*, que se mostra de caráter bem mais aberto em relação à vivência. É o momento da possibilidade de confirmação entre os mundos do real e o da expectativa de um real.

Nesse sentido, o autor de narrativas (auto) biográficas encontra sua importância como figura literária contemporânea no próprio desafio da criação de um personagem, de uma figura heroica a partir de representações de uma realidade já existente (nos *valores biográficos*). Consideramos que a função do biógrafo também adquire relevo e repercussão editorial a partir da concentração dos anseios de determinados públicos no voyeurismo e nos detalhes da intimidade de personalidades famosas. Invasões de privacidade, consentidas ou não, aos bastidores de personalidades e a sobrevalorização de intrigas e referenciais de consumo fariam da prática biográfica uma reprodução de valores imediatos do cotidiano. A justificativa para o resgate da vida de uma celebridade pode se restringir à repercussão de um único evento de ampla repercussão midiática⁹.

⁷ Perfis, entrevistas e documentários são formas de expressão biográfica alicerçadas no gênero jornalístico. Referimos como *ciberbiografias* e *cinobiografias*, respectivamente, como a veiculação de narrativas biográficas nos espaços discursivos da rede mundial de computadores e da produção cinematográfica.

⁸ Leonor Arfuch (2002) toma do estudo de Bakhtin (1982) conceitos para a compreensão histórica da produção de discursos autobiográficos. Os três principais tipos de *valores biográficos* são considerados a partir da perspectiva bakhtiniana para os elementos que compõem as relações entre emissores e receptores no contexto de produção biográfica. Consideramos que o conceito de *valor biográfico* é também válido para produções que são enquadradas no gênero da biografia, autorizada ou não.

⁹ No Brasil, ver o exemplo de celebridades midiáticas como Bruna Surfistinha e Geisy Arruda. A primeira conquistou fama nacional ao publicar relatos pessoais da vida como prostituta, na autobiografia **O doce**

Em suma, podemos definir o gênero biográfico como uma construção híbrida que reúne regramentos oriundos das práticas literária, histórica e jornalística. Por possuir parâmetros específicos para o resgate e delimitação dos referenciais de vida dos indivíduos, a biografia antecipa, para os leitores, uma maneira de se compreender a realidade. São relatos que oferecem ações que produzem algum sentido para quem as lê. Assim é aberta a possibilidade para que o sujeito se identifique com as etapas de vida do biografado.

A intersubjetividade é um elemento essencial na construção social dos sentidos. Desse modo, a linguagem e a comunicação estão no cerne da sociabilidade. São os meios de comunicação os elementos de ligação entre os indivíduos e as suas experiências (BERGER e LUCKMANN, 1991). Por isso, as biografias podem ser consideradas como uma plataforma para a difusão dos ícones, heróis e celebridades de uma sociedade contemporânea.

As biografias intervêm nas realidades cotidianas dos indivíduos através de reservas de sentido, com significados homogêneos. A inscrição de uma história de vida, a partir das etapas advindas da construção do mito do herói, é uma maneira de se produzir sentidos nas audiências. Ao remeter indiretamente as incertezas e percalços na linha de vida de uma figura heroica às angústias de sua infância, o biógrafo está lançando mão de um simbolismo universal. De acordo com Peter Berger e Thomas Luckman (1991), os universos simbólicos são capazes de ordenar as diversas fases da biografia – ser criança, ser adolescente, ser adulto – a partir de sentimentos de segurança e participação.

O âmbito do espaço biográfico desempenha a função social de reserva de sentidos. O arquétipo do herói surge, na contemporaneidade, ao lado do culto das celebridades midiáticas, como fortes modelos de identificação para as audiências. A celebridade se distingue do herói por ter os méritos de sua notoriedade restritos à insistente exposição pública de sua imagem. Os heróis tornam-se seres distintos por suas características e empreendimentos postos a serviço da sociedade. O herói impulsiona o mundo com os seus dons e o êxito de sua trajetória. A celebridade vive

veneno do escorpião: O diário de uma garota de programa (2005). A última conseguiu projetar sua imagem a partir de um escândalo envolvendo a sua expulsão, como aluna, da Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN), por usar um vestido considerado excessivamente curto. No lastro da ascensão repentina, como celebridade, lançou uma biografia intitulada **Geisy Arruda: Vestida para causar** (2010), de autoria do jornalista Fabiano Rampazzo.

apenas para si, busca o prazer dos sentidos no consumo e a razão para a sua existência na influência do consumo alheio (VILAS BOAS, 2007).

Felipe Pena (2004, p.21-24) discute o poder de sedução que essas narrativas adquirem ao trabalhar a memória em enquadramentos retrospectivos e prospectivos. O passado torna-se articulável no presente, em forma de narrativa, da mesma maneira que a especulação do futuro nos discursos. Dessa forma, as interpretações de realidades antecessoras tornam-se apreensíveis por indivíduos em contextos temporais distantes. O autor acrescenta que o potencial midiático contemporâneo, para reverberar imagens pré-concebidas, é capaz de incrementar, ainda mais, o caráter sedutor das obras do gênero e reforçar imagens e estereótipos nos textos.

As leituras dessas histórias me faziam ter saudade de um tempo que eu não vivi. Elas me faziam querer participar da Passeata dos Cem Mil, frequentar o Opinião, acompanhar Lamarca pelo sertão da Bahia e lutar com Marighela. Elas me faziam querer voltar para onde eu nunca tinha ido (...) (PENA, 2004, p.22).

No mercado editorial brasileiro atual, é cada vez maior o número de biografias assinadas por jornalistas e, na mesma proporção, o jornalismo que busca inspiração nas narrativas biográficas para a composição de textos diferenciados. O momento oportuniza o surgimento da função de jornalista-biógrafo. O profissional, nessa condição, é capaz de obter um maior aprofundamento informativo e de estilo narrativo do que aqueles que seguem à risca as prescrições dos manuais de redação das principais revistas e jornais do país (PENA, 2004). Neste sentido, as obras biográficas permitem estender a compreensão dos processos que conduzem, ou não, determinados relatos de trajetórias individuais à conquista de visibilidade e credibilidade na esfera pública, através da integração dos mesmos com o aparato comunicacional.

As características inerentes ao gênero jornalístico da reportagem não periódica foram aos poucos sendo incorporadas à prática biográfica. Os jornalistas encontraram no *livro-reportagem*, já a partir de 1940, nos Estados Unidos, fértil terreno para expandir os princípios tradicionais da reportagem dos fatos diários: informar, contextualizar e documentar.

O jornalista norte-americano John Reed (1887-1920) foi o autor de **México rebelde** (1914), *livro-reportagem* que teve o mérito de disseminar o relato da sucessão dos fatos de um conflito armado sem submeter-se ao julgamento pela

parcialidade do envolvimento entre escritor e personagens. Enviado como correspondente internacional ao México, ele se juntou aos revoltosos liderados por Pancho Villa, no período da rebelião camponesa de 1914. A obra privilegia a investigação jornalística aliada à análise do cotidiano e do perfil dos participantes da ação. A descrição dos cenários é detalhada e incrementada com ampla utilização de adjetivos.

A partir de uma escrita que endossa, ao longo de várias passagens, a primeira pessoa do plural na rememoração dos eventos, Reed retrata os detalhes das disputas armadas que presenciou ao lado dos revoltosos. Busca a identificação com a realidade do grupo ao qual delega os sentimentos de simpatia e companheirismo. Chega a esboçar um breve perfil do líder camponês Pancho Villa, do qual procurava claramente o lado humano, em meio aos indícios de uma vida fora da lei e de postura implacável contra os inimigos.

Vila foi um bandoleiro durante vinte e dois anos. (...) É quase impossível obter dados exatos de sua vida como bandido. (...) É fascinante vê-lo descobrir novas ideias. É preciso não esquecer que ignora em absoluto as dificuldades, as confusões e as peripécias da civilização moderna (REED, 1914, p.98-111).

O *livro-reportagem*, além de permitir breves fugas interpretativas e a introdução de ornamentos literários à narrativa, prima pela condução do leitor à extensão informativa acerca do evento ou personagem enfocado. O aprofundamento se dá pela via horizontal, através de dados, números e informações fornecidas, mas também ocorre à forma vertical, por meio de descobertas que incrementem o conhecimento qualitativo do indivíduo e as possibilidades de leitura articulada dos fatos e contextos (LIMA, 1993, p.40).

Podemos considerar o jornalista José Louzeiro como um dos precursores do modelo de *livro-reportagem* no Brasil. **Lúcio Flávio, o passageiro da agonia** (1975) resgatou a trajetória de um indivíduo comum, mas que adquiriu relevo pela peculiar inserção na criminalidade. O autor valeu-se do depoimento concedido pelo bandido para narrar a sua trajetória até os últimos dias de vida. O relato foi estendido para outra plataforma midiática, o cinema. Com a colaboração do próprio Louzeiro, na adaptação do roteiro, a produção homônima foi dirigida por Hector Babenco, em 1977.

Aracelli, meu amor: Um anjo à espera da justiça dos homens (1976) foi outro relato envolvendo a criminalidade, transposto para a linguagem *lítero-jornalística*. Na

obra, José Louzeiro faz uso das atribuições jornalísticas, concatenadas com a ficção, para relatar a morte da protagonista e todas as implicações decorrentes. Discorre sobre o drama da família enlutada, a atuação da polícia e a impunidade.

Uma das obras mais conhecidas de Louzeiro foi lançada em 1977, também um *livro-reportagem* enfocando a vida de indivíduos como exemplares para a compreensão de situações coletivas. **Pixote, infância dos mortos** narra a trajetória de meninos de rua em posição de risco e miséria no município de Camanducaia, em Minas Gerais. O livro também deu origem a um filme, **Pixote, a lei do mais fraco** (1981), dirigido por Hector Babenco.

A produção *litéro-jornalística* de José Louzeiro inclui os relatos das trajetórias de vida de destacadas personalidades brasileiras. Edvaldo Pereira Lima (1993, p.51-52) classifica os relatos biográficos redigidos sob regramentos da esfera jornalística como *livro-reportagem-biografia*. É quando um jornalista empreende uma apuração, com base em documentos e entrevistas, em torno do passado de uma personalidade em foco.

Entre as narrativas biográficas concebidas pelo jornalista Louzeiro, encontramos **André Rebouças** (1968), que traça o percurso de vida do engenheiro e abolicionista que dá nome a obra; **Cantando para não enlouquecer** (1997), que reconstrói a trajetória da cantora Elza Soares; e a biografia intitulada **O anjo da fidelidade** (2000), que traz como biografado Gregório Fortunato, guarda-costas de Getúlio Vargas.

As vidas escrutinadas pelo autor, a partir das obras acima citadas, apresentam como denominador comum a imagem de atores sociais em crises pessoais e vítimas do esquecimento público. O resgate dessas trajetórias é conduzido sob o princípio de humanização das personalidades resgatadas. Louzeiro promoveu esforços para a valorização do exercício do jornalismo e da narrativa biográfica, em tempos de estreita liberdade de expressão, decorrentes da ordem militar ditatorial no Brasil (PINHEIRO, 2006).

No âmbito das biografias concebidas a partir de uma perspectiva histórica, encontramos o legado do jornalista e escritor brasileiro Otávio Tarquínio de Sousa (1889 – 1959). Ele teve participação destacada no cenário cultural do país, na década de 1930, em um período marcado pela busca dos referenciais representativos da nação. Congregando as estratégias discursivas e investigativas

da biografia e da história, Otávio Sousa dedicou-se à pesquisa de aspectos da vida política nacional, com base no resgate do legado das vidas de líderes do período regencial. Foi o autor da coletânea de biografias intitulada **História dos fundadores do Império no Brasil** (1957). Dividida em dez volumes, a obra retomou as trajetórias das vidas de Diogo Antonio Feijó, Evaristo da Veiga, José Bonifácio, Bernardo Pereira de Vasconcelos e D. Pedro I (GONÇALVES, 2010).

Outra variante do *livro-reportagem* pode ser situada em uma nova categoria de escrita de caráter biográfico, o *livro-reportagem-perfil*, cuja intenção principal é traçar o lado humano da personagem pública ou anônima. No caso de o perfilado ser oriundo da esfera pública, serão priorizadas referências a pretensos traços de heroísmo e de destaque pessoal. Quando a escolha para o perfil recai sobre um indivíduo anônimo, surgirá a necessidade de se atrelarem as características pessoais do indivíduo à representatividade de determinados grupos (LIMA, 1993).

Revistas norte-americanas de variedades e entrevistas, como The New Yorker (1925 até o presente), Esquire (1933 até o presente), Vanity Fair (1981 até o presente) e Life (1936 a 2000) foram responsáveis por popularizar a *reportagem-perfil* no contexto de suas respectivas épocas de circulação (VILAS BOAS, 2002). No Brasil, publicações sobre temas variados que tornaram comum a veiculação de perfis e entrevistas no jornalismo periódico foram as revistas Cruzeiro (1928 a 1975) e Realidade (1966 a 1976).

O gênero da *reportagem-perfil* continua largamente empregado no cenário jornalístico atual, a partir de publicações que tratam da mídia e de celebridades, como as revistas Contigo (1963 até o presente) e Caras (1995 até o presente). Essas publicações privilegiam a descrição dos hábitos de consumo e bastidores do universo de vidas classificadas como célebres, em função da visibilidade que alcançam no cenário midiático. As revistas ilustradas de hoje priorizam as intrigas e as invasões consentidas na intimidade de personalidades famosas. Diferem em grande medida das publicações dos anos 1950 e 1960, as quais buscavam um diálogo interativo e humanizador com figuras que se destacavam principalmente dentro de determinados campos da atividade artística.

As *vedetes* do passado ganham referência contemporânea sob o termo *celebridade*. Podemos considerar que as nomenclaturas se diferenciam pelo próprio contexto que buscam designar. As *vedetes* são personalidades e eventos de uma

época em que o estrelato estava acessível aos indivíduos que se destacavam dos demais em determinada atividade. Eram as cantoras de ópera, as atrizes de cinema e as damas que habitavam os círculos do poder, por exemplo. Por outro lado, a época das *celebridades* indica que tornar-se famoso é uma possibilidade real, estendida a qualquer pessoa. Para ser célebre, bastaria estar na mídia e ter a sua imagem reconhecida pelos demais, não importando as prerrogativas que elevaram um indivíduo comum ao referencial de destaque social.

São as personalidades vazias de significado e restritas a um evento específico de difusão da imagem: os participantes dos *reality shows*, as namoradas e amantes de famosos, os vencedores de um concurso televisivo, entre outros. O que importa para a *celebridade* é chamar a atenção pública e ser o alvo de questionamentos e polêmicas sociais. Neste sentido, a figura do anti-herói, do ser infame, ganha espaço a partir das situações que envolvem a vida dos indivíduos. Atitudes intempestivas, antiéticas e criminosas podem alçar um nome ao rol dos indivíduos cujas vidas ganham desmembramento no âmbito dos veículos de comunicação social.

A via de acesso ao conhecimento e a opinião acerca da vida privada das personalidades em destaque, para grande parte da população, circunscrevia-se prioritariamente ao território dos relatos jornalísticos, realidade de outrora que limitava o estabelecimento de uma ponte comunicativa entre emissor e público. Com a ampliação da esfera participativa, na esteira das redes sociais, *blogs* e páginas pessoais na Internet, surge a possibilidade de se interagir com a vida pública e privada dos heróis e celebridades sociais. Desse modo, as investidas biográficas ganham o suporte de plataformas multimídia na extensão do universo dos heróis e das celebridades.

Inseridas em uma perspectiva de comunicação multimídia e de midiatisação da esfera pública, as biografias atuam mediante uma dupla perspectiva:

- 1) Como reflexo das informações e do conhecimento dos diversos meios e da esfera pública (representações sociais, simbolismos, imaginários políticos).
- 2) Em sua particularidade textual, atuando na formação da imagem de um ator social e agregando referenciais para a esfera pública.

O número cada vez mais expressivo de biografados em vida levanta outro aspecto interessante ao impacto biográfico no cotidiano. Seria possível influenciar a conduta de um sujeito perfilado? Nesse sentido, a imagem prescrita pelo relato de

vida público teria consigo o poder de condicionar ações e posturas a fim de que o indivíduo possa corresponder a uma construção pública de sua própria identidade. Conflitos identitários poderiam decorrer da exposição do biografado às leituras públicas de sua própria vida.

Estudar as biografias literárias corresponde à imersão em um universo múltiplo, que reúne as mais diversas formas simbólicas de expressão e reconhecimento da figura do outro, no âmbito da realidade social mediada. É quando o biográfico estabelece vínculos irrevogáveis com a esfera da comunicação de massas.

4- Metodologia

Jürgen Habermas (1984) considera que a esfera pública, como categoria histórica, delinea-se pela primeira vez com a organização social burguesa. Naquele momento, ocorre a emergência de um público que lê, somando-se ao surgimento de uma imprensa segmentada e opinativa. Demais fatores de impacto societário, como educação e interesses comerciais, conjugam-se para criar as condições que formam uma esfera pública em que os sujeitos constroem e manifestam opiniões sobre assuntos de interesse aparentemente geral.

Diante da capacidade de racionalização como uma prerrogativa inerente ao ser humano, o conceito habermasiano de *esfera pública* presume que todo o indivíduo é capaz de participar de um âmbito geral de discussões. Uma das credenciais fundamentais para fazer parte de uma esfera pública de diálogo é, justamente, possuir opinião sobre determinado assunto. A opinião pública, em linhas gerais, consiste nas considerações e julgamentos expressos publicamente em relação a cada um destes temas.

O ator social que se vê no centro dos debates, em uma esfera pública, está à mercê de toda a sorte de questionamentos e julgamentos provenientes dos demais. À medida que os seus argumentos e ideias são postos à prova, cabe aos interlocutores a capacidade de interpelação e de crítica, visando sempre desestabilizar o ser que está em posição de destaque. O fato de estar em evidência, na esfera pública, significa uma situação de constante provação pelo grupo. A acepção de *público* corresponde, exatamente, àquele que julga, um *público* que se faz juiz do outro. Neste sentido, a opinião pública sobre um mesmo assunto pode variar conforme os simbolismos e as representações sociais particulares de cada comunidade.

O próprio modo de agir em uma esfera pública reproduz a mesma heterogeneidade de pensamentos e crenças inerentes às mais diversas populações. Contudo, existem, pelo menos, dois fatores que são praticamente imutáveis na estruturação de um âmbito de discussões públicas: a impossibilidade de julgamentos isolados e a busca pelo consenso. Neste sentido, somente uma opinião pública é

capaz de influenciar o domínio público e alcançar *status* de visibilidade. As divergências de grupos minoritários não encontrariam espaço de expressão, abafadas pela preponderância de uma opinião pública pretensamente consensual e sem abertura para o contraponto.

4.1 Comunicação e esfera pública

A esfera pública burguesa, apesar de alicerçada em interesses coletivos e na prerrogativa de que todos possuem capacidade de racionalização, não pode ser tomada como categoria aberta à participação de todos. Era necessário possuir duas características para buscar integração: os indivíduos deveriam ser proprietários de terras e esclarecidos, intelectualmente. Apesar dessas contradições, Habermas defendeu que, nessa esfera, poderia haver convivência solidária, consciência coletiva, ações não coercitivas e igualdade entre os homens.

O esquema habermasiano para o domínio histórico burguês (HABERMAS, 1984, p.103) pressupunha a esfera pública e a esfera privada como possíveis garantidoras dos direitos fundamentais do indivíduo. A esfera privada era composta pelo espaço íntimo da família e pela sociedade civil (atrelada ao trabalho e à troca de mercadorias). A esfera pública era composta por duas subdivisões: uma esfera pública política (para intermediar as relações entre Estado e sociedade, através da opinião pública) e uma esfera dita literária (como meio de assegurar a liberdade de imprensa, de opinião e de expressão, a partir dos veículos de comunicação).

Dominique Wolton (1995) considera a possibilidade de formação de espaços particulares nos domínios de uma esfera dita pública. Para cada uma dessas possíveis subdivisões, corresponderiam determinados atores sociais, com prerrogativas próprias para a articulação. Tomando como exemplo o campo da comunicação política, a legitimidade para o debate recairia sobre três tipos de atores específicos: os políticos, os jornalistas e a opinião pública. O último grupo somente teria a sua opinião reconhecida por meio de pesquisas focadas na publicidade. Eis a crítica de Wolton ao que define como *esferas públicas midiáticas*: a opinião dos cidadãos, em geral, somente é reconhecida por meio de sondagens que visam obter um dado consensual. O espaço público contemporâneo corresponde a uma esfera pública indissociável do papel da mídia. Os indivíduos precisam se articular para obter visibilidade nos espaços disponibilizados pelos veículos de mediação da informação e do conhecimento.

Para Jürgen Habermas (1984), a reorganização estrutural da esfera pública burguesa decorre de uma mudança crucial na atuação dos meios de comunicação. É a passagem de uma imprensa de opinião (fortemente ligada a grupos de interesse) para uma imprensa literária (movida pelas prerrogativas de isenção e imparcialidade), o que determina o reposicionamento dos atores sociais no cenário público. No momento em que a mídia não pretende mais ser aliada de nenhum grupo específico, a sociedade civil e o poder público necessitam lançar mão de estratégias para a obtenção de visibilidade. Pelo lado da sociedade civil, vemos a mobilização de cenas espetaculares e a renúncia da racionalidade comunicativa em prol do alcance da visibilidade necessária à sua existência. O poder público, por sua vez, precisa negociar os seus interesses com os da mídia.

Nesta nova conformação do certame público, reestruturado a partir dos regramentos estabelecidos pelos meios de comunicação, o que importa é a tensão entre os diversos pontos de vista entre os atores sociais. Sociedade e Estado são postos em constante articulação e embate, visando à conquista de uma opinião pública. A esfera pública crítica cede lugar para uma esfera pública cada vez mais centrada no caráter manipulador de uma opinião coletiva.

As esferas públicas nacionais oferecem elementos que possibilitam o reconhecimento das populações como entidades vinculadas por narrativas, mitos, simbolismos e imaginários sociais. Muitas vezes, as referências públicas comungadas no presente possuem raízes longínquas, que remetem a um referencial histórico e social do passado. São valores coletivos que espelham a sociedade política de cada região.

Sandra Jovchelovitch (2000) considera a possibilidade de que as esferas públicas nacionais reduzam os saberes possíveis a determinados fatos históricos emblemáticos, ou a mitos balizadores da cultura e da política. A perene galvanização de referenciais do passado, presente nos debates em busca das identidades e das representações sociais locais, no espaço público, representaria um duro retrocesso na concepção autônoma da realidade.

No caso brasileiro, as práticas sociais que ocorrem na esfera pública são repletas de contradições e revelam muito do estoque simbólico da história latino-americana (JOVCHELOVITCH, 2000, p.192).

Para a autora, sentimentos de incerteza rondam a vida social no Brasil e na América Latina, no momento em que as relações entre significados e indivíduos, na esfera pública, não é compatível com as respectivas realidades políticas, sociais e culturais. Valores que remetem ao período da colonização europeia fazem com que as relações entre o eu e o outro adquiram caráter difuso. Dificuldades em se estabelecer uma identidade latino-americana despontam em função das relações multiculturais e de miscigenação de raças, que remetem aos tempos de conquista dos povos aborígenes locais. Em contexto historicamente marcado pelo hibridismo, a tendência natural é de se buscar a explicação para os males sociais em sua própria condição originária. É por esse fato que movimentos contrários aos marcos culturais fundadores surgem como elemento paliativo, a partir de iniciativas de purificação e de exclusão social.

Aos meios de comunicação social cabe, nas sociedades modernas, a centralidade do papel de mediação entre a esfera da sociedade civil e do poder público. São cada vez mais frequentes as pesquisas de opinião que apontam maior grau de confiança dos entrevistados no poder de investigação da imprensa do que no próprio poder público. A alteração dos modos de interação e de consumo dos bens simbólicos, incitada pela mídia, constrói narrativas que possibilitam o estabelecimento de vínculos (e tensões) entre o indivíduo e a política.

Como exemplos hodiernos, temos as imagens do político corrupto e do cidadão desinteressado nas rotinas políticas reforçadas por meio de produções culturais e jornalísticas latino-americanas. Assim, o campo representacional de uma esfera pública estará atrelado aos referenciais de ações e de condutas coletivas predominantemente veiculados pelas plataformas de difusão da informação e do conhecimento. Os mitos e fatos históricos de uma determinada região poderão ser retomados como uma perspectiva interpretativa para a realidade vigente.

4.2 A midiaticização e o discurso político

De acordo com Patrick Charaudeau (2008), o processo de midiaticização da esfera pública contribui para a aproximação entre a política e a esfera civil. O discurso político passa a englobar o espaço da vida privada. Ao político caberá, sob essa perspectiva, a administração de uma imagem pública vinculada a referências de sua vida privada. É quando os detalhes de cunho privado dos representantes políticos se tornam objetos de julgamento público.

A ausência de fronteiras explícitas entre os âmbitos do pessoal e do coletivo, no campo político, gera a sensação de que a política está em todo o lugar. A premissa é válida, especialmente quando enunciados simples são tomados como manifestações políticas, ou quando uma referência aparentemente política serve de pretexto para intenções fora do âmbito político. Quando o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva declarou, em janeiro de 2010, que “uma mulher não pode ser submissa ao homem por causa de um prato de comida, tem que ser submissa porque gosta dele”, estava, a princípio, expressando uma opinião pessoal, um pré-conceito sobre o sexo feminino que carregava consigo. Por ser uma pessoa pública, a declaração do líder ganhou ares de polêmica e teve considerável impacto político na época. Já a frase “eu tenho aquilo roxo”, proferida em discurso do então presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992), parecia mais uma escolha retórica do que a revelação de uma característica pessoal. Mesmo assim, o dizer teve ampla repercussão nacional e virou motivo para paródias populares envolvendo a imagem pessoal da liderança em questão. Dessa forma, fica claro que o discurso adquire caráter político, a partir do contexto em que ocorre a comunicação, independentemente de seu conteúdo específico.

As formas de interação e as identidades estabelecidas entre os interlocutores são os fatores primordiais para a formação de um pensamento político comum. Desse universo particular, onde cada um sabe identificar o seu papel e a sua posição no processo de comunicação, derivam os sentidos produzidos em uma esfera pública. Patrick Charaudeau (2008, p.40) identifica três posições específicas para as trocas discursivas, no âmbito político: o discurso político como *sistema de pensamento*, como *ato de comunicação* e/ou como *comentário*.

O espaço do discurso político, como *sistema de pensamento*, busca o respaldo de determinados princípios societários para balizar o argumento político. A intenção é ligar os tópicos políticos a referenciais comuns, opiniões coletivas e simbolismos universais. São esses elementos, de domínio público, que os líderes políticos utilizam como referência para a sustentação de posicionamentos ideológicos. As proposições políticas de cada grupo poderão alcançar o reconhecimento, como *forças de verdade*, caso os mesmos consigam defendê-las publicamente e sustentá-las como verdades vinculadas ao bem comum, em determinada região.

A meta individual dos proponentes políticos é fazer com que as suas forças e capacidades pareçam superiores às do adversário. A intenção de se mostrar publicamente superior é marcada por discursos que evocam o engajamento das massas em ideais de justiça social. Os políticos empregam estratégias discursivas que têm como propósito despertar nas audiências sentimentos como a fidelidade e a confiança. A biografia das lideranças políticas torna-se uma referência primordial, no cenário público, para a construção de uma imagem fidedigna. A nós interessa a retenção de duas características principais da força persuasiva de um discurso, com base no argumento de Patrick Charaudeau (2008): a mobilização contra um adversário comum e os anseios pelo retorno de ideais e simbolismos do passado.

O exemplo da retórica populista demonstra ser uma maneira particular de força discursiva no campo político. O populismo fundamenta-se na tomada do povo como uma entidade indiferenciada e pretensamente homogênea, identificando os próprios adversários da causa a partir de referenciais generalizantes. Os inimigos do populista (e do povo) são, na maior parte das vezes, os burgueses, as elites dominantes. A vontade do povo é tomada, majoritariamente, como uma busca pelo retorno a um passado considerado virtuoso e socialmente justo. O povo é tomado como categoria social soberana e a ele são dirigidos extremos apelos pela defesa de ideais supostamente comuns, como a igualdade e a solidariedade.

O discurso político, como *ato de comunicação*, envolve as capacidades persuasivas dos indivíduos produtores das falas em cenários participativos de comunicação (comícios, passeatas e eventos políticos, entre outros). As investidas discursivas apostam na construção de imagens idealizadas dos atores políticos envolvidos. Essas imagens pré-concebidas são utilizadas como formas de se angariar a atenção da opinião pública. Patrick Charaudeau (2008, p.118) identifica duas categorias de *ethos* (identidades sociais), atreladas ao reconhecimento da capacidade de liderança no campo da política. São os chamados *ethos de credibilidade* e *ethos de identificação*.

A *credibilidade* pressupõe à construção que todo o sujeito político deve fazer de sua própria imagem, a fim de conquistar a aceitação pública como representante governamental. A capacidade de interferir na realidade e de colocar as suas proposições em prática torna a articulação política um terreno de inter-relação entre as características pessoais do sujeito e a sua predisposição para o exercício do

poder. Aquele que se faz bem-sucedido nas tentativas de convencer a opinião pública de que possui poder, aumenta as chances de obter vantagem real sobre os adversários. O autor destaca as imagens de *seriedade* (manutenção de expressões públicas de austeridade e blindagem dos aspectos familiares privados), de *virtude* (tomada do político como exemplo de comportamento social, derivando características como a honestidade e a lealdade) e de *competência* (provar conhecimento e experiência, no tocante às causas públicas) como principais elementos, atrelados aos atores políticos, na busca pela condição de credibilidade.

O discurso de um líder que se mostra credenciado ao exercício do poder deve satisfazer (mesmo que de forma aparente) a três premissas fundamentais (CHARAUDEAU, 2008, p.120)¹: a *sinceridade* (dizer a verdade); a condição de *performance* (poder aplicar o que promete); e a *eficácia* (provar que o resultado do cumprimento de suas promessas será positivo).

A característica da identificação consiste no estabelecimento de vínculos afetivos entre os cidadãos e a imagem referencial dos representantes políticos no cenário público. Essas imagens de referência podem assumir, conforme classificação de Charaudeau (2008, p.137 a 166), os significados de *potência* (reputação de virilidade, de conquista), de *caráter* (personalidades fortes, das quais derivam traços como a provocação e a polêmica, ou mesmo o equilíbrio de forças, caracterizando o traço da tranquilidade), de *inteligência* (do qual podem derivar a astúcia e a malícia), de *humanidade* (compaixão pelos que sofrem), de *chefe* (de onde pode derivar a figura de *guia supremo*: o líder com características sobre-humanas, pretensamente capaz de levar ao povo uma realidade social idealizada) e de *solidariedade* (vontade de estar junto daqueles que necessitam de apoio, de proximidade).

O discurso como comentário não se encontra necessariamente atrelado a uma intenção política. Ele é capaz de trazer à tona a opinião de um indivíduo público sem revelar as suas intenções de ação acerca do tema abordado. As peculiaridades desse tipo de diálogo ficam evidentes nos debates públicos em que o tema proposto perde o foco e cede lugar para a troca de acusações, ou comentários supérfluos. Já os pareceres oriundos da esfera privada podem se tornar públicos e utilizados para fins políticos, na medida em que alcancem o espaço midiático.

¹ Neste ponto, o raciocínio de Patrick Charaudeau retoma conceitos trabalhados anteriormente por Jürgen Habermas. Ver tomos I e II de HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Madri: Trotta, 2010.

Ou seja, tudo o que um político disser em uma mesa de bar, para amigos próximos, pode ser transferido para a esfera pública de discussão, em função da relevância do tema ou da importância do sujeito no contexto social. Isso mostra a capacidade do discurso político *de se manifestar em diferentes situações de comunicação e de atravessar diferentes comunidades de opinião* (CHARAUDEAU, 2008, p.42). Cientes de que o discurso político representa mais uma encenação do que um propósito de ação social, consideramos importante delimitar o mesmo a partir de três esferas: a *instância política*, a *instância cidadã* e a *instância midiática* (Idem, *ibid*, p.56 a 65).

A *instância política* é o lugar de governança e que mais necessita de legitimidade e de credibilidade para o exercício de suas prerrogativas. Os seus representantes, na maior parte das vezes, desejam ocupar o poder e permanecer nessa condição, mas não podem expressar essa vontade diretamente em seus discursos. Necessitam lançar mão de propostas, pontos de vista, chamados à adesão e crítica aos adversários, como estratégias discursivas para justificar a participação no sufrágio universal. Dessa forma, o âmbito político encontra, como antagonistas diretos, todos aqueles que compartilham do mesmo desejo de poder. A instância adversária, ao ser movida pelas mesmas motivações, acaba como o alvo preferencial para a crítica, exercida através de estratégias discursivas que visam a sua desestabilização. Assim, os grupos políticos detentores do poder (e aqueles com o simples desejo de ingresso no círculo governamental) vivem em constante tensão discursiva entre si, em uma busca constante pela credibilidade e pelo reconhecimento da opinião pública.

A *instância cidadã* consiste em uma via de construção de opiniões desvinculadas do âmbito da política governamental. É o espaço em que as ações e intenções políticas podem ser criticadas e questionadas. Ao alcance dos cidadãos, como constituintes de uma opinião pública, estão as possibilidades de reivindicação, questionamento e de punição aos atores políticos. A última se dá por meio da participação no sufrágio. A cidadania é capaz de influenciar o plano governamental sem, contudo, apresentar qualquer interferência direta nas práticas de governo. Patrick Charaudeau (2008, p.59) distingue dois âmbitos concernentes à instância cidadã: a *sociedade civil* e a *sociedade cidadã*. O primeiro deles significa a convivência social dos cidadãos no ambiente público, sem a necessidade de uma

consciência de participação. Por outro lado, a *sociedade cidadã* representa uma tomada de consciência dos indivíduos sobre os deveres e direitos que o simples fato de estarem juntos implica.

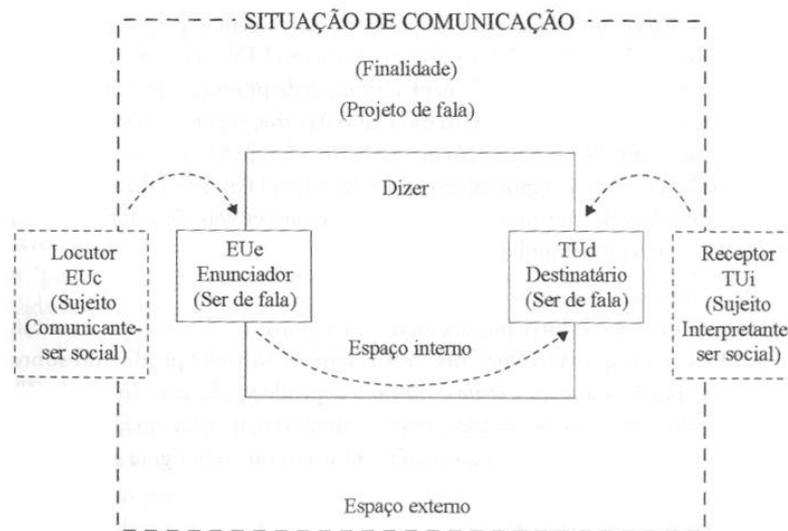
A instância midiática compreende o espaço de mediação entre a governança e a opinião comum. Os sujeitos que fazem parte da construção do discurso das mídias inserem-se em uma lógica da conquista e manutenção de credibilidade e legitimação. Para isso, contextualizam os meios de difusão da informação em uma ordem pretensamente democrática, onde haveria espaço, tanto para a divulgação das práticas de governo, como da opinião do público sobre as mesmas. Nesse sentido, a esfera dos meios de comunicação social atua sob dupla perspectiva: com a capacidade de informar sobre o real, difundindo mensagens para públicos-alvo gerais e em busca de credibilidade; e com a possibilidade de atribuir elementos espetaculares e fantásticos ao real, visando à fidelização dos receptores.

4.3 A dupla perspectiva da Análise do Discurso

A Análise do Discurso, como método de pesquisa, a partir da leitura de Patrick Charaudeau (2008a), leva em conta o ato de linguagem através de uma dupla perspectiva. O autor ressalta que a produção de sentido, em toda a situação de comunicação, efetiva-se a partir da inter-relação estabelecida entre os campos do Implícito e do Explícito (2008a, p.52).

O sujeito produtor é representado esquematicamente pelo EU, enquanto o sujeito interlocutor é referido como TU. A autoria discursiva envolve sentido duplo, pois compreende um EUc (sujeito comunicante) e um EUe (sujeito enunciador). O enunciador (EUe) fala para um sujeito destinatário (TUd), nos limites do espaço interno do circuito. Interação no âmbito do Explícito, a partir das práticas sociais e de linguagem reconhecidas por ambos os sujeitos. Em um espaço externo, marcado pela troca no plano do Implícito, a imagem de sujeito comunicante (EUc) será tomada por um sujeito interpretante (TUi). Do conhecimento de TUi em relação à imagem assumida por EUc é que dependerá a efetivação do processo de comunicação.

O ato de linguagem, e os sujeitos nele envolvidos, são representados através da seguinte esquematização da teoria:



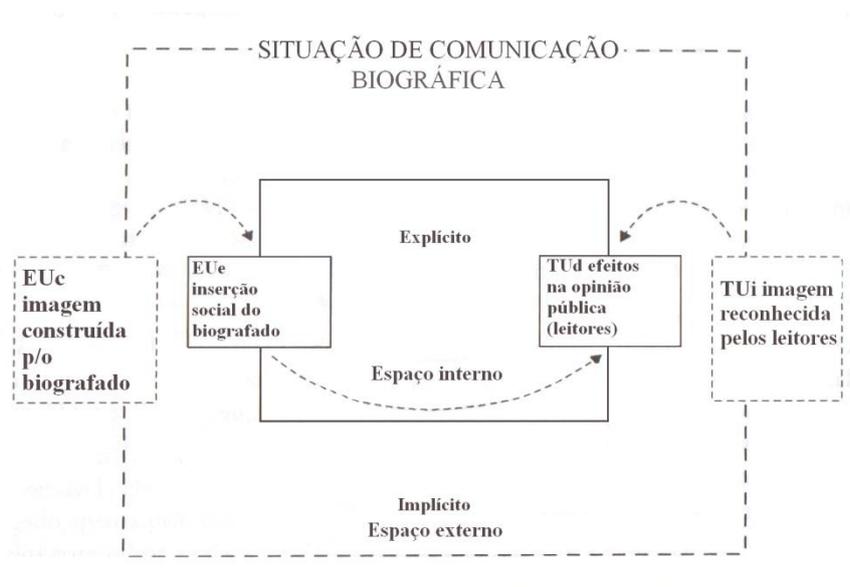
Situação de Comunicação (CHARAUDEAU, 2008a, p.52).

O autor define o ato de comunicação como uma *encenação*, ao considerar que o processo de interação entre o sujeito enunciador e o seu interpretante não é de todo transparente. As posições externas ao processo conferem um estatuto particular para as interações. Essa dinâmica transcorre com o emprego de estratégias de expressão, pelo sujeito comunicante (EUC), e com a liberdade interpretativa do discurso, como competência do sujeito interpretante (TUI). O contexto onde se desenvolve todo o processo de interação discursiva deve ser levado em conta para o reconhecimento das estratégias de diálogo. O ponto de encontro entre os processos de produção e interpretação se dá quando a imagem do enunciador (EUE) é tomada no contexto comunicante (EUC) para a articulação de sua possibilidade de interpretação por parte do sujeito interpretante (TUI).

O modelo estabelece uma articulação *íntima, bidirecional, não determinista, entre os planos situacional e linguístico* (NOGUEIRA, 2004). Nesse sentido, para que o contrato de comunicação seja estabelecido é necessário o engajamento funcional dos sujeitos, posicionados tanto no campo da produção como no da interpretação (*bidirecionalidade*). As referências de identidade assumidas pelo enunciador devem fazer sentido para os receptores da informação. Qualquer tipo de autoridade investida no primeiro deverá ser passível de reconhecimento pelos últimos (*articulações íntimas e não deterministas*). Da mesma forma, a compreensão das mensagens divulgadas dependerá do reconhecimento, por parte dos destinatários, em um contexto social específico (*plano situacional*). Ao produtor

caberá a prerrogativa de persuadir, enquanto que ao receptor delegar-se-á a atribuição interpretativa.

Ao tomarmos como exemplo prático a situação de um contrato de leitura biográfica, propomos um esquema comunicativo (com base na teoria de Patrick Charaudeau) que envolve a revelação de aspectos da vida privada de alguém, com vistas à construção de uma imagem pública.



Adaptação do esquema comunicativo de Patrick Charaudeau (2008a, p.52).

Na situação de comunicação biográfica são os biógrafos que, no espaço Externo do circuito, promovem a construção das imagens públicas das personalidades (EUC). São esses referenciais, presentes na reconstrução da trajetória de um personagem que, revestidos com atributos de verdade, irão legitimar a posição social da pessoa de quem se fala (EUE). Falamos do reconhecimento público de alguém como herói, ícone, líder ou celebridade, por exemplo. Essa correspondência entre a imagem construída estrategicamente (EUC) por um escritor-jornalista e o reconhecimento/aceitação social da mensagem (TUI) pelos leitores das biografias determinará o impacto das investidas biográficas na opinião pública (TUd).

Devemos, ainda, considerar a possibilidade de que a articulação das imagens dos protagonistas das narrativas de vida (biografados), no campo da produção, seja influenciada por perfis presumíveis de audiência. Desta forma, os biógrafos ressaltam as características dos personagens que julgam ser do interesse e do agrado dos leitores potenciais. A título de exemplificação, aos fãs de um roqueiro célebre por manter um lado obscuro e desregrado, prioridade seria delegada aos

detalhes de possíveis envolvimento com drogas, relacionamentos afetivos conturbados e contravenções sociais. Já para os admiradores de um político conservador, indícios de uma vida regrada e dramas pessoais superados são referências que corresponderiam à imagem social do sujeito em questão.

As prerrogativas para a identificação de uma imagem de leitor que se deseja atingir recaem sobre os biógrafos e os editores de biografias. Nos termos do circuito comunicativo para a comunicação biográfica, anteriormente representado, surgem, no plano discursivo Interno, as características sócio-culturais de um público leitor, correspondentes à imagem que se tem de TUd.

No plano específico das narrativas de cunho biográfico, poderíamos especular a existência de um sujeito externo ao plano da interação discursiva propriamente dita, porém determinante para a definição dos rumos do processo. Uma espécie de sujeito em posição de sondar as condições culturais e sociais do processo comunicativo como um todo e com condições de definir as possibilidades de elaboração das narrativas, no espectro das imagens estabelecidas para o personagem (EUe) e o público leitor (TUd). Indicamos essa posição analítica, externa ao plano comunicativo esquematizado, como um sujeito produtor do discurso, na figura do biógrafo e/ou editor de uma obra biográfica. São esses indivíduos que estabelecem as correspondências entre a imagem idealizada do protagonista da narrativa (biografado) e dos leitores a que ela se destina.

4.4 Análise Crítica do Discurso

A investigação em Análise Crítica do Discurso (ACD) é definida, por Teun van Dijk (2010), como um recurso teórico amplo e multidisciplinar, para se desvelar a maneira como as estruturas discursivas podem reproduzir (e também influenciar) os valores e as representações sociais dominantes. Esse tipo de ferramenta analítica parte do pressuposto de que os espaços sociais são marcados por relações desiguais entre as formações grupais. O controle exercido por determinados grupos dominantes é destacado como uma decorrência das diversas formas de apropriação e influência nos discursos públicos. Cabe ao pesquisador social, sob o viés crítico, revelar as conexões que se estabelecem entre a esfera do discurso e o âmbito do poder. A consideração de duas questões fundamentais pode guiar os passos iniciais na excursão teórica em ACD (VAN DIJK, 2010, p.118):

- 1) Como os grupos (mais) poderosos controlam o discurso público?

2) Como esse discurso controla a mente e a ação dos grupos (menos poderosos) e quais são as consequências sociais desse controle (como, por exemplo, a desigualdade social)?

O exercício do poder social, para Van Dijk (2010), pressupõe o acesso privilegiado a recursos que possibilitam a dominação de determinados grupos sobre outros. O controle de qualquer discurso, no domínio público, representa um poderoso mecanismo para o exercício do âmbito do poder. Grupos institucionais definidos adquirem a primazia no contato com os vários campos discursivos particulares que se formam na arena geral de discussão. Podemos citar, como exemplos, o discurso acadêmico, controlado pela universidade, e o discurso educacional, articulado pela escola.

Nessas subdivisões especializadas dos saberes, a autoridade para expor as normas de estruturação dos gêneros discursivos circunscreve-se a um grupo restrito de atores sociais. Os membros poderosos de um grupo podem, inclusive, decidir sobre as possibilidades de interpretação nos atos discursivos e de fala. A estrutura ideológica é utilizada como base para a sustentação do poder entre determinadas parcelas da população. A flexibilidade no uso da linguagem permite que estratégias sejam postas em prática, por grupamentos hegemônicos, com vistas à criação de narrativas cujos significados e simbolismos sejam socialmente compartilhados por todos os grupos. Com isso, cria-se a possibilidade de manipulação do imaginário popular, cenário que invariavelmente antecede às investidas de abuso do poder.

Aos chamados formadores de opinião, na imagem dos produtores de conteúdos midiáticos e políticos influentes no âmbito da comunicação, dispõem-se os aparatos para o amplo controle dos temas e articulações entre tópicos na pauta de discussões na sociedade civil. Teun Van Dijk (2010, p.46) considera como *élites simbólicas* os grupos pequenos que detêm o controle da maioria por meio de influência exercida nos domínios da ideologia. Os dominadores, conforme o autor os denomina, são os sujeitos com acesso privilegiado aos processos de produção e de difusão do conteúdo informativo. Referências históricas e culturais são elaboradas e recombinações, estrategicamente, através das produções culturais e jornalísticas. Significa dizer que a esfera pública de uma determinada região estará atrelada aos interesses dos grupos dominantes, cuja influência oscilaria conforme o grau de representatividade dos mesmos, no contexto social. Contudo, a imagem que as

instituições midiáticas costumam ostentar pressupõe critérios de neutralidade e imparcialidade, inerentes ao fato de aparentemente destinarem espaços democráticos para a expressão da opinião pública.

Em uma esfera pública midiaticizada, é presumível que os elementos discursivos, atrelados aos meios de comunicação, façam sentido para as audiências. É por isso que se torna necessário contextualizar as narrativas, visando à compreensão pública dos fatos e ideias e à assimilação das imagens que se pretende expressar. Aspectos locais, tais como as situações histórica, simbólica, social e de hegemonia, podem ser utilizados como ferramenta para tornar *naturais* interesses privados e legitimar os grupos que estão no poder. Para exemplificar o postulado acima, basta atentar para a maneira como os sistemas educacionais conduzem o ensino para temas que envolvem as elites, ou o quando o jornalismo privilegia notícias sobre um mesmo grupo hegemônico.

A discussão sobre a totalidade social deve levar em consideração as inter-relações entre dois níveis estruturais fundamentais. O primeiro deles corresponde à perspectiva *macroanalítica*, com o foco direcionado para os cenários de dominação e desigualdade entre grupos sociais. O segundo plano corresponde à visão *microanalítica*, que deve levar em consideração elementos como os usos da linguagem, o discurso, a interação verbal e a comunicação (VAN DIJK, 2010, p.116). Nas situações discursivas cotidianas, os dois níveis de análise atuam de maneira unificada: uma única fala pública governamental reproduz tanto o contexto social de uma interação específica (micronível – o panorama do debate em si) quanto as suas relações com o âmbito geral da sociedade (macronível – conexões com o universo de sentido de uma região). No entanto, cabe ressaltar que fora do âmbito cotidiano os discursos não necessariamente interagem com as referências coletivas de um contexto social específico. Quando o processo comunicativo se dá no interior de grupos que comungam conhecimentos especializados e exclusivos, como as esferas jurídicas e acadêmicas, os processos de interação e de uso da linguagem não são estendidos à sociedade como um todo.

Para a ACD, todos os níveis da estrutura do texto são passíveis de controle por agentes institucionalmente poderosos. O abuso desse poder caracteriza a situação de dominação social. Contudo, é necessário considerar a possibilidade de que os receptores não aceitem o discurso difundido e preguem a inversão do quadro de

dominação. Investidas contrárias ao poder estabelecido consistem em uma reação natural de todos os que possuem consciência de si mesmos, da esfera social à qual pertencem e da estrutura social em que vivem. A análise crítica do mundo ao redor representa o recurso maior, pretensamente acessível a todo o cidadão, para esquivar-se de estratégias manipulativas, presentes no discurso público e em suas respectivas estruturas.

4.5 Discurso e Sociedade

Para Norman Fairclough (2001), a abordagem crítica da análise do discurso implica a exposição das conexões e causas ocultas dos fenômenos sociais, discursivos e culturais. A relação dialética entre as práticas discursivas e a estrutura social possibilita a compreensão do mundo e das conseqüentes práticas de dominação e de hegemonia existentes. Os discursos possibilitam a construção de identidades sociais, a sustentação dos laços sociais e o estabelecimento de sistemas de conhecimento e de crença. Dessa tríade de efeitos derivam as respectivas funções da linguagem denominadas *identitária*, *relacional* e *ideacional* (FAIRCLOUGH, 2001, p.92).

Essas funções correspondem ao ponto de partida para as tomadas de ação e de representação social, contribuindo, tanto para a transformação da sociedade, quanto para a reprodução de princípios estabelecidos. As possibilidades de um discurso para a mudança, ou para a manutenção do *status quo*, dependerão da relação entre o discurso e o meio social. No primeiro caso, o discurso é tomado como uma influência construtiva no campo social; no último caso, as ações discursivas são tomadas como reflexo do social.

Existem duas possibilidades de mudança, inter-relacionadas, que podem interferir diretamente na ordem do discurso social, de acordo com Norman Fairclough (2001, p.129):

- 1) Aparente democratização do discurso, com a redução das marcas de poder institucional – dar voz tanto para professores como para alunos, tanto para gerentes como para trabalhadores;
- 2) Simulação do discurso privado face a face ao discurso público, para audiências de massa (personalização sintética).

O discurso é tomado como uma constante luta pelo poder, dentro dos limites da prática política. As estratégias colocadas em cena incluem tentativas de se

naturalizar as situações de poder e de promoção de convenções e princípios ideológicos. Nessa perspectiva, as esferas da política e da ideologia não estariam em posição de independência uma da outra. No entanto, a prática política se constitui como uma categoria discursiva superior em relação ao campo ideológico.

As formações discursivas articulam-se entre si, compondo uma unidade maior denominada *interdiscurso* (FAIRCLOUGH, 2001, p.95). Os textos presentes podem, assim, carregar vestígios de outros textos antecessores. Já as referências a outros textos, empregadas intencionalmente em um texto particular, representam o caráter da *intertextualidade*. Essas novas ordens de discurso que se formam promovem articulações que permitem a redefinição de limites entre os elementos e os significados antigos de um contexto social. É assim que representações históricas se mantêm vivas através dos tempos, servindo como convenções que dão sentido à realidade vivida. Entretanto, é possível que convenções naturalizadas possam tomar sentidos contraditórios. Nesse caso, a opinião pública é capaz de identificar as possíveis contradições entre discurso e realidade, reagindo a partir de manifestações *contradiscursivas* (em oposição ao discurso hegemônico).

Conforme Norman Fairclough (2001, p.99), os múltiplos aspectos que envolvem a origem de um texto exigem que a prática discursiva seja analisada a partir dos processos de produção, distribuição e consumo. Como todos esses processos pertencem ao campo social, torna-se necessário a consideração das variáveis econômicas, políticas e institucionais de cada contexto. A produção e o consumo exigem processos *sociocognitivos* de interpretação, na medida em que têm como base estruturas e convenções já assimiladas pelos indivíduos.

Para a ACD, um texto não é resultado do trabalho de uma só pessoa. Os textos são espaços para tensões, embates e articulações entre diferentes leituras de uma mesma realidade. Estratégias ideológicas e recursos discursivos costumam mesclar-se às narrativas. A fim de se revelar a natureza discursiva das mudanças sociais e culturais, em contextos marcados por intensas relações de poder entre grupos, consideramos pertinente adotar a concepção tridimensional da análise do discurso, proposta por Fairclough (2001, p.100). O autor considera a reunião das dimensões analíticas do *texto*, da *prática discursiva* (com os aspectos da produção, da distribuição e do consumo) e da *prática social* para uma abordagem crítica do

discurso. Por esse prisma, a crítica, a ideologia e o poder são os termos enfatizados (na ACD) para a compreensão das formas inconscientes de estruturação social.

O estudo do discurso, como texto, implica a consideração desses múltiplos processos de análise textual, com base na produção e na interpretação dos conteúdos. Desse modo, a análise não se restringe ao texto em si. O foco do pesquisador deve estender-se aos processos sociais que levam à concepção de uma narrativa e às identificações e interpretações que os indivíduos ou grupos fazem ao interagirem com as narrativas. Fairclough indica quatro itens para a análise textual: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. O vocabulário leva em conta três aspectos principais (FAIRCLOUGH, 2001, p.105):

- 1) Significados alternativos sobre as mesmas questões (uso de eufemismos);
- 2) Relação entre palavras e sentidos, tomada como formas de hegemonia;
- 3) Uso político e ideológico de metáforas e conflitos entre metáforas alternativas.

A gramática tem como unidade principal a oração. Toda a oração apresenta caráter multifuncional, ou seja, adquire sentidos diversos a partir de relações entre significados ideológicos e interpretativos. As relações entre os indivíduos, e desses com o meio social, são os fatores condicionantes para as diversas visões e interpretações de um mesmo elemento textual. As intenções dos produtores podem, ou não, ser levadas em consideração.

A coesão corresponde ao modo como se dá o encadeamento entre as unidades textuais: as orações ligadas em frases e as frases combinadas para formar unidades maiores. Os artifícios práticos para obter-se essa ligação entre unidades textuais compreendem o uso de conjunções, expressões específicas, sinônimos e repetições de palavras. A observação dos modos de emprego desses elementos pode determinar o caráter das práticas discursivas.

Como estrutura textual, define-se as convenções utilizadas para a criação de diferentes constituições textuais. Exemplos disso são as convenções que podem representar as maneiras como os diferentes elementos são combinados nas narrativas ou as opções discursivas empregadas (monólogo ou diálogo). Os gêneros jornalísticos se diferenciam entre si, justamente, pelas diversas combinações de episódios e elementos discursivos empregados.

A prática discursiva trabalha com a hipótese de que os fatores sociais influenciam diretamente nos critérios de produção, distribuição e consumo dos

textos. Essa variação é que poderá explicar os diferentes tipos de discurso sobre um mesmo acontecimento. A relação entre produtores, organizações e receptores dos conteúdos textuais é tomada da seguinte maneira: produtores e organizações tentam interferir nos processos de distribuição, transformação e consumo. Os receptores exercem suas capacidades de interpretação dos textos, sob a influência dos contextos e situações sociais historicamente enraizadas. Com isso, fecha-se um circuito que prima pelo jogo de forças entre grupos hegemônicos, pelo domínio ideológico dos discursos públicos e pela conquista da opinião pública. Em tal contexto, Norman Fairclough (2001, p.111-114) destaca três itens fundamentais para a análise da prática discursiva: a força dos enunciados; a coerência dos textos e a sua interdiscursividade.

A força de um discurso corresponde ao seu impacto no meio social, dos significados que o mesmo agrega aos indivíduos. Os traços dos produtores de conteúdo são revelados por meio da análise das tonalidades discursivas: elementos de fala imperativos, questionadores, em tom de ameaça ou de promessa, por exemplo. Desse fato, decorre a importância de se considerar o contexto discursivo como elemento de influência na força de um texto. As características de força de um texto demonstram o quanto essa produção pode estar envolvida em investidas de cunho político ou ideológico.

A coerência textual consiste na relação das partes constituintes de um texto com um determinado sentido. Os sentidos possíveis para os receptores dependerão da maneira como a leitura é gerada. O traço de coerência permite ao decodificador da mensagem uma possibilidade de relação de sentido sem a necessidade de referências explícitas de significados. Presume-se que ao receptor é reservada a prerrogativa de resistência às ideias incutidas nos mais variados tipos de criação textual. Dessa forma, torna-se premente focar o trabalho ideológico das produções discursivas.

Levemos em conta a característica inter-relacional das produções textuais, possibilitando a formação do que Norman Fairclough (2001) chama de *cadeias intertextuais*. Em termos ilustrativos de caso, é o texto inicialmente tratado como a descrição de uma consulta médica e que, posteriormente, passa para o *status* de registro médico e torna-se, mais adiante, um elemento pertencente a determinada estatística no âmbito da medicina. Percebe-se, assim, como o relato rotineiro de

uma situação cotidiana é retomado, sob diferentes perspectivas, até adquirir a forma perene de um modelo para a representação de uma realidade específica.

A característica da *intertextualidade* prevê a utilização (direta ou indireta) de fragmentos de outros textos em uma mesma produção do gênero. Os produtores buscam, a partir do diálogo com textos históricos, transformar símbolos e significados do passado em referenciais válidos para o presente. Imagens e contextos pré-determinados por outras narrativas são tomados como base de identificação ou enquanto contra-argumento direcionado às realidades sociais vigentes. Nesse sentido, o autor destaca a relevância de se considerar a análise das conversações sob uma dupla perspectiva. De um lado, a *microanálise* atenta para as maneiras pelas quais os participantes produzem e interpretam textos, com base nos recursos dos membros de um grupo. Por outro lado, a *macroanálise* é direcionada para a natureza dos recursos dos membros de uma comunidade específica para produzir e interpretar textos. O foco duplo da análise permite vislumbrar a prática discursiva como mediação das práticas sociais e do texto.

Como terceira perspectiva, integrada à ACD (junto com o texto e a prática discursiva), destaca-se a tomada do discurso como prática social. Por esse foco, o conceito de discurso é posto em conexão com os aspectos ideológicos e com as estruturas de poder. Fairclough (2001) considera as convenções sociais como a base para as manifestações ideológicas nos discursos. Contudo, isso não significa que todo o discurso seja ideológico. Os sentidos contidos em um texto, tanto podem representar um determinado posicionamento ideológico, como propiciar uma rearticulação de significados, a partir do contato com o contexto social.

As condições de dominação são os fatores decisivos para se determinar uma situação de apego ideológico ou de liberdade para o exercício das capacidades interpretativas e criativas dos sujeitos. Contextos de dominação, com base em critérios como classe social, gênero ou raízes culturais, são propícios para o surgimento de argumentações com um cunho eminentemente ideológico, ao passo que uma sociedade participativa e inclusiva predispõe-se a valorizar a crítica e o confronto de ideias entre os diversos atores sociais.

Uma ordem de discurso rearticulada consiste em uma síntese entre elementos autoritários e democráticos. Essa relação de aliança e integração pode ser analisada sob as lentes do conceito de *hegemonia*. Para Norman Fairclough (2001), os grupos

hegemônicos priorizariam a integração voluntária dos demais estratos societários, sob uma mesma linha de pensamento, como mecanismo ideal para a conquista e manutenção do poder. Assim, meios ideológicos podem ser empregados, por determinadas agremiações de classe detentoras de prestígio, a fim de se persuadir as classes subalternas. Os discursos políticos são exemplares como projetos que visam o estabelecimento de determinadas crenças e ideias particulares como sentidos naturais e automaticamente reconhecíveis para os receptores. Nesse sentido, os textos políticos atuariam como projetos hegemônicos que possibilitariam a rearticulação da ordem política vigente em um local específico.

Em linhas gerais, as mudanças discursivas, postas em relação direta com as mudanças nas ordens social e cultural, podem ser entendidas a partir de uma dupla perspectiva de análise (FAIRCLOUGH, 2001, p.127):

- 1) Entender os processos de mudança nos eventos discursivos;
- 2) Compreender como os processos de rearticulação afetam as ordens de discurso.

É possível estudar, a partir do que foi colocado, o tratamento biográfico conferido às lideranças políticas como uma referência político-social em um contexto público de comunicação. As articulações entre os âmbitos do público e do privado, nas reconstruções das vidas dos sujeitos, podem ser trabalhadas por ângulos distintos e de acordo com os interesses dos produtores de conteúdo. O ser político poderá assumir, nos relatos biográficos, os papéis de herói e/ou celebridade ou, ainda, simplesmente, ser tratado como ícone inspirador das camadas populares. Consideramos que as referências expostas pelos discursos biográficos podem atuar como estratégias comunicativas que visem tanto a manutenção como a desarticulação dos poderes políticos estabelecidos. A estrutura social de uma região e sua época acabarão reproduzidas nos relatos de vida e poderão servir como figuras simbólicas, tanto para a manutenção do *status quo*, como para o investimento na mudança social.

5- Líderes sul-americanos em perspectivas biográficas

A comunicação política guarda um saber que proporciona novas maneiras de sociabilidade e de identificação. A amplificação dos referenciais discursivos e textuais característicos de determinadas culturas, aponta-nos Beatriz Bretas (2006), abre ao indivíduo a reflexão sobre sua condição de sujeito no mundo. As narrativas do cotidiano promovem o descobrimento de saberes que se constroem por uma teia de narrativas que remetem às relações interpessoais e/ou entre grupos em sociedade.

A apreensão do real e a construção das subjetividades abrem amplas possibilidades de interação a partir dos suportes midiáticos de difusão do conteúdo cultural, social e antropológico. As narrativas biográficas afetam o cotidiano dos indivíduos ao se transformarem em matéria de conversação. Perspectivas históricas e culturais são galvanizadas ao longo do tempo por meio dessas narrativas, as quais despertam sensações de proximidade, diferença e pertencimento, em contextos globais ou regionais.

A compreensão de ser sujeito, da qual a cultura participa ativamente, é passível de narração, tal e qual outras matérias culturais que se revelam a partir de algum tipo de inscrição. Se a cultura e todas as suas práticas têm uma dimensão discursiva, o sujeito também é constituído como discurso, ou uma expressão sobre si, capaz de produzir um pensamento sobre si mesmo (BRETAS, 2007, p.204).

O desenvolvimento dos recursos tecnológicos de divulgação da informação é responsável por uma quebra nos paradigmas que diferenciavam hierarquicamente os papéis desempenhados pelos indivíduos em ambiente societário. Políticos tornam-se célebres através da difusão de suas imagens nos veículos massivos. Celebidades angariam postos na esfera governamental, via atuação por meio das plataformas midiáticas de divulgação e fixação de seus perfis. E o lugar do público fica cada vez mais próximo em termos de interatividade e diálogo com os ídolos, por meio dos recursos eletrônicos de comunicação.

Na modernidade, a principal preocupação dos governantes e postulantes a cargos representativos na esfera governamental, conforme indica John Thompson

(2008), é a administração de suas respectivas imagens públicas. O vertiginoso desenvolvimento dos recursos para a mediação entre os cidadãos ordinários e os sujeitos detentores dos papéis de gestores públicos cria um universo onde “aqueles que exercem o poder é que são submetidos agora a um determinado tipo de visibilidade, mais do que aqueles sobre quem o poder é exercido” (THOMPSON, 2008, p.121).

O presente trabalho propõe a análise de relatos biográficos literários divulgados em um período político marcante para a história do continente latino-americano. O início do século XXI corresponde ao desponte de lideranças de Estado que passam a defender, cada qual com as suas especificidades, um novo modelo de gestão, focado na autonomia da região perante a nova ordem política mundial.

Uma narrativa documental, elaborada pelo cineasta estadunidense Oliver Stone (2009), aponta para a formação de um novo bloco político na América Latina. A produção cinematográfica, intitulada **Ao sul da fronteira**, é aqui evocada por representar uma tentativa de se aproximar os traços carismáticos e populistas dos presidentes eleitos Hugo Chávez (Venezuela), Evo Morales (Bolívia), Néstor Kirchner e Cristina Kirchner (Argentina), Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil), Rafael Correa (Equador), Fernando Lugo (Paraguai) e Raul Castro (Cuba). Para Stone, os elementos centrais, supostamente comungados pelas lideranças citadas, são a oposição ao domínio econômico dos Estados Unidos, o apelo direto ao povo e a centralização na figura do líder, além do comprometimento com a distribuição de renda e a justiça social.

A alternância entre intervenções militares e governos democráticos é uma marca particular e comum às nações da América do Sul, entre as décadas de 1960 e 1980. Por essa razão, foram frequentes os embates envolvendo discursos políticos democráticos e autoritários.

O processo de globalização e a dependência econômica dos países do eixo latino-americano, diante das potências econômicas europeias e dos EUA, a partir dos anos 1990, criou ambientes propícios para a defesa de políticas neoliberais. Contudo, o *populismo* não deixou de se constituir em uma orientação política forte para as lideranças da região, nesse período de conformações econômicas e sociais voltadas para os princípios do liberalismo e do livre mercado.

O período de afirmação política de nomes como Luiz Inácio Lula da Silva, Evo Morales e Hugo Chávez remonta à primeira década dos anos 2000. Um momento que se mostra também favorável à disponibilização de material biográfico abordando as suas respectivas trajetórias pessoais. No tocante à realidade histórica da América Latina, nessa época, as mudanças profundas na construção hegemônica global merecem registro.

Nesse momento da História, o continente latino-americano, antes relegado à posição de mero coadjuvante no cenário econômico e político mundial, sempre subordinado às potências européias e aos EUA, viu as atenções globais voltadas para si. Os atentados terroristas aos edifícios do World Trade Center e ao Pentágono, em 11 de setembro de 2001, foram visivelmente marcantes para a desestabilização dos Estados Unidos como articulador político mundial. Aliado a isso, um período de mudanças estruturais e econômicas na América Latina ensejou a aceitação de discursos de oposição à concentração de poder no eixo Estados Unidos – Europa.

O palco internacional de debates passou a englobar os nomes de presidentes de orientação política dita *populista* ou *neopopulista*, tais como Rafael Correa (Equador), Christina Kirshner (Argentina), Álvaro Uribe (Colômbia) e Fernando Lugo (Paraguai), para não citar novamente as lideranças que são o objeto de interesse do presente trabalho.

As análises para esse novo cenário da América do Sul dividem-se, majoritariamente, entre a euforia pela formação de uma corrente de inspiração esquerdista-revolucionária e o receio de uma radicalização do pensamento contra-hegemônico na região. O fato é que acordos e alianças recentes demonstram a tendência para a integração governamental e comercial latino-americana. São exemplos disso o fortalecimento dos laços do Mercado Comum do Sul (Mercosul) e o Tratado Consultivo da Unasul (que reúne doze países da América do Sul em acordos comerciais e de intercâmbio cultural).

Diante do quadro exposto, de mudanças econômicas e sociais no contexto latino-americano, resta-nos questionar como as biografias dos líderes classificados como *populistas* ou *neopopulistas* apresentam os seus biografados. Antes da discussão sobre a aproximação de obras biográficas para a análise de seus respectivos discursos (e como será orquestrada a estrutura de análise),

empreendemos uma investigação sobre as referências biográficas literárias produzidas. Procuramos levantar um sumário, o mais completo possível, dentro dos limites de tempo disponíveis, dos livros que tratam das vidas dos líderes latino-americanos Luiz Inácio Lula da Silva, Evo Morales e Hugo Chávez. As narrativas que não tiveram edição ou tradução para a língua portuguesa serão assim sinalizadas, e as suas respectivas traduções livres serão indicadas em notas de rodapé.

5.1 Recortes biográficos de Luiz Inácio Lula da Silva

Os primeiros registros biográficos de Luiz Inácio Lula da Silva, a tomarem as formas de uma publicação organizada, remontam à época em que este começava a ganhar notoriedade, no cenário político nacional, através da militância no movimento sindical. Havia intensa curiosidade pública em torno da figura do metalúrgico que despontava como líder dos trabalhadores das indústrias do interior de São Paulo, o que motivou a especulação sobre suas origens familiares e traços de caráter. No período em questão, o jornalista Mário Morel publicou **Lula, o metalúrgico – Anatomia de uma liderança**, cuja primeira edição data de 1981, com o selo editorial da Nova Fronteira.

O autor imprime um tom intimista à narrativa, demonstrando a sua própria afinidade e admiração perante a figura que entrevista, por diversas vezes, para a escrita do livro. A informalidade dos encontros fica explícita por descrição direta no prefácio da obra: “Gravador, uma garrafa de uísque e, sentados no chão, a gente conversava” (MOREL, 2006, p.12). O texto não promove incursões polêmicas na vida do sujeito da obra, mas isso não significa que deixe de munir o leitor com informações acerca da trajetória familiar e da vida amorosa do personagem.

A infância aparece como um período de provações e dificuldades que tiveram de ser transpostas: “As recordações desse tempo não são boas” (MOREL, 2006, p.30). O autor estende as entrevistas ao círculo de referência do biografado, colhendo os depoimentos de seu irmão mais velho (Frei Chico), da companheira afetiva (Marisa Letícia) e de amigos próximos (Frei Betto, Nelson Campanholo).

Uma das preocupações de Mário Morel foi abordar as questões que envolviam a agremiação partidária recém-criada por Lula da Silva, o Partido dos Trabalhadores (PT). Ele chegou a colher o depoimento do então Secretário Geral do partido, Jacó

Bittar. São questionadas, ao longo da obra, as intenções políticas do PT, suas relações com a Igreja Católica e com os movimentos sindicais e sociais.

Ao fim do relato, observa-se que o autor não demonstra segurança para arriscar qualquer projeção a respeito do futuro político do então sindicalista. No entanto, o próprio interesse na elaboração de um referencial biográfico inicial para Lula é um forte indício de que o biógrafo antevia vãos mais altos para aquele *operário-metalúrgico* que demonstrava carisma e capacidade de militância política. O livro foi reeditado, no ano de 2006, sob o título **Lula: O início**, pela mesma editora Nova Fronteira, contendo um encarte de 16 páginas com fotos do personagem-título, além de novo prefácio e texto de apresentação atualizado.

Um dos amigos de Lula, citados no texto de Mário Morel, Frei Betto, lançaria, em 1989, um relato biográfico intitulado **Lula: biografia política de um operário**, com o respaldo da editora da Fundação Perseu Abramo (organização ligada ao Partido dos Trabalhadores). A obra ganharia nova edição em 2003, com o título **Lula: um operário na presidência**, desta vez pela editora Casa Amarela.

Em 1995, há o registro de uma obra pouco divulgada e cuja proposta, se não toca com firmeza a esfera biográfica, ao menos chama a atenção pela sua ousadia discursiva. Trata-se da reconstituição dos passos de Lula a partir da campanha eleitoral, de 1993, até a divulgação do resultado do pleito, em 1995, sob o título **Lula presidente do Brasil**, da editora Alfa-Omega. O candidato Lula sairia derrotado, no segundo turno desse processo eleitoral para a Presidência, pelo seu então oponente, Fernando Henrique Cardoso.

O texto é de autoria de um simpatizante de Lula e de seu partido político (PT), o jornalista brasileiro Ivo Patarra, o que empresta um tom panegírico ao relato e culmina com uma proposta insólita: a interpretação fantástica de como teria sido o curso da História caso Lula tivesse conquistado a eleição de 1994. “O povo vota em Lula e o candidato petista é eleito Presidente da República. Lula merece a confiança da população” (PATARRA, 1995, p.130).

Mais do que pela quase inexistente representatividade editorial que a publicação tenha alcançado, o que chama mais a atenção nesse esboço cronológico é a parcialidade do convite à imaginação por um desvio no percurso dos fatos em favor do sujeito de quem se fala.

Em 1996, surge o que se considera, até o presente, como a investigação mais meticulosa e completa da vida do hoje ex-presidente brasileiro. O relato da jornalista brasileira Denise Paraná, **A história de Lula: O filho do Brasil**, sob a chancela da Fundação Perseu Abramo. A autora obedece à linha da história oral, colhendo os depoimentos do biografado e de seu ciclo familiar e de amizade. O seu primeiro contato pessoal com o biografado ocorreu quando este concorria à presidência pela primeira vez, em 1989. Denise trabalhava em sua campanha eleitoral e expressa fulminante admiração pelo líder político, desde os primeiros momentos em que interagiram. “É incrível. Ele é um sedutor. Ele tem o poder de convencer alguém sobre qualquer coisa sem entrar em conflito, sem confronto direto”, declara Denise Paraná ao jornalista Tom Philips, em entrevista para o jornal The Guardian (05/03/2010).

Denise Paraná utiliza a trajetória de Lula para defender uma tese acadêmica sobre as condutas e as aspirações de famílias brasileiras menos favorecidas socialmente. A colunista de política brasileira Mônica Bergamo classifica o relato como “uma tese acadêmica volumosa e não muito agradável de ler” (2009). O compêndio soma 527 páginas e a autora dedica um capítulo especialmente para desenvolver a sua análise sociológica sobre a família Silva, no contexto brasileiro. Ela estabelece uma ligação entre as privações socioeconômicas e educacionais, sofridas pela família Silva, com uma suposta realidade cultural peculiar a indivíduos assolados pelas mesmas situações de carência e exclusão sociais. Nesse sentido, princípios éticos e culturais seriam passíveis de reinterpretação pelos indivíduos em situação de risco social, em nome da sobrevivência.

Os Silva simbolizam muito do que poderíamos chamar de *caráter nacional*. Compreender a história de Lula e da família é compreender a história recente do Brasil no mais amplo sentido que o termo compreensão possa traduzir (PARANÁ in LAVORATTI, 02/10/2006).

O prefácio da obra é assinado pelo renomado crítico literário brasileiro Antônio Cândido, que classifica a pesquisa biográfica realizada por Denise “como um panorama do comportamento e dos sentimentos das classes oprimidas” (CÂNDIDO in PARANÁ, 2002, p.13). A crítica favorável ao trabalho da biógrafa, por diversas vezes, menciona o mérito do tratamento humano dedicado à figura do biografado.

Quando li a biografia, para cobrir a campanha de 2002, às vezes ri muito com Lula, às vezes chorei, em outras achei-o mau-caráter, em alguns parágrafos deu até raiva. Ao final da leitura consegui me aproximar das muitas verdades de Lula, um homem complexo e contraditório como são todos os homens (BRUM, 2009).

Reeditado em 2002, sob o título **Lula, o filho do Brasil**, o relato ganhou adaptação para o cinema, em 2008, resultando no longa-metragem homônimo, dirigido pelo cineasta brasileiro Bruno Barreto, e com a própria Denise Paraná atuando como roteirista. A transposição da narrativa, do formato literário para a plataforma fílmica, promoveu algumas alterações na reconstrução original de fatos e situações da vida do personagem. Em função disso, a película obteve ressalvas da crítica especializada, à época de seu lançamento. “Filme omite episódios da vida de Lula”, esse foi o título de uma reportagem veiculada pelo jornal *Folha de São Paulo* no dia 27 de novembro de 2009. O jornal de circulação nacional *O Globo* também manifestou opiniões desfavoráveis à cinebiografia em questão.

O filme tem uma preocupação de evitar temas polêmicos da vida de Lula, e até mesmo deturpa alguns fatos na procura da melhor imagem para seu personagem central (O GLOBO, 2009).

Pretendemos avaliar a influência que a obra biográfica de Denise Paraná e sua transposição para a plataforma cinematográfica possam ter na construção da imagem pública de Lula. Partiremos de uma breve discussão sobre as possíveis repercussões no cenário midiático e editorial (nacional e internacional) desse levantamento biográfico em particular.

Primeiramente, é necessário considerar que o conteúdo da obra teve a sua transposição para uma produção cinematográfica de distribuição transnacional. Contudo, a cinebiografia não atingiu o nível esperado de público nos cinemas do Brasil e não escapou ao crivo de resenhas, criticando a construção da narrativa, nos meios de comunicação social. Os pareceres desfavoráveis apontavam para o excesso na dose de imaginação, em algumas cenas, e distorção de acontecimentos relatados originalmente no livro de Denise Paraná. Mesmo assim, o filme obteve relativa divulgação no circuito cinematográfico mundial, até mesmo em função de ter sido indicado como produção brasileira para concorrer à premiação do Oscar.

Quanto ao relato impresso de Denise Paraná, a análise do panorama editorial do gênero mostra que o texto é utilizado como referência bibliográfica por grande parte dos autores das biografias que se seguiram. Autores como o brasileiro Audálio Dantas, o britânico Richard Bourne, e, mais recentemente, José Nêumanne Pinto, tiveram boa parte de seus respectivos textos biográficos sobre o líder brasileiro baseados na pesquisa publicada por Denise Paraná. São frequentes as citações e as menções ao conteúdo desta.

Uma nova versão para a biografia de Lula, com caráter mais romanceado, foi lançada por Denise Paraná, em 2009. O novo título escolhido é igual ao da primeira versão, de 1996, **A história de Lula: O filho do Brasil**, apresentando um volume de páginas inferior ao original (114 ante as 528). Nesse caso, o enredo aproxima-se muito mais do conteúdo do filme. A imagem da mãe de Lula adquire caráter ainda mais central nessa obra. Tanto que a linha do tempo parte do nascimento da própria Lindu (e não de Lula, como no primeiro livro) e se encerra com a morte da mesma. Dessa vez, a biógrafa assume a posição de narradora.

A iniciativa da reedição parece preocupada em proporcionar uma maior amplitude de público. Essas são estratégias que nos indicam o foco para a conquista de um receptor eventualmente interessado na história de Lula, mas ainda não habituado à leitura tradicional de biografias. O preço de capa da nova edição caiu para a metade do valor e a compra ainda dava direito a um ingresso para assistir ao filme (THENÓRIO, 2010).

Experiências anteriores como biógrafa não constam do currículo de Denise Paraná. O impacto de sua figura no contexto editorial viria mesmo com a eleição de Lula para o primeiro mandato presidencial em 2002. Foi quando o seu nome passou a figurar nas estantes de autores de biografias. A autora voltou a inserir a sua assinatura nos lançamentos do gênero biográfico em 2006, quando publicou um livro-depoimento centrado na figura do ex-deputado e ex-presidente nacional do PT, José Genoíno. **Entre o sonho e o poder** traz como destaque a abordagem do escândalo do *mensalão* e uma retomada da trajetória do político.

A história de Lula, o operário presidente é outra biografia de Lula que ganhou as livrarias do país, em 2003, pelas mãos do jornalista Brito Alves. Lançada pela editora Espaço e Tempo, a obra retoma as origens humildes de Lula e deslumbra-se com a dimensão das conquistas do ex-retirante nordestino. A narrativa se estende

ao longo de 192 páginas. A obra encontra-se, atualmente, esgotada no fornecedor e não há previsão de nova edição.

O jornalista brasileiro Bernardo Kucinski assina uma biografia de Lula lançada em 2004. Com vivência no exterior e versado em jornalismo internacional, o autor elaborou um relato em língua inglesa, voltado para o público de fora do Brasil. Em **Lula and the workers party in Brazil**¹ ele traça um panorama das origens de Lula e do Partido dos Trabalhadores (PT). Assessor de imprensa de Lula, no ano de 1998, Kucinski é autor de **As cartas ácidas da campanha de Lula de 1998**, uma compilação das análises da cobertura midiática sobre o Lula candidato a presidente, nas eleições daquele ano. Os relatos diários do jornalista, ríspidos e objetivos, eram enviados diretamente para Lula. Eles foram utilizados para situar o comitê de campanha sobre as questões que os profissionais de imprensa estariam inclinados a abordar nas entrevistas. As chamadas *cartas ácidas* funcionariam como espécie de preparação para entrevistas e debates pré-eleitorais.

Jornalista e pesquisador de política britânico, Richard Bourne é o autor de **Lula do Brasil – A história real**, de 2009. O relato pretende servir de referência para leitores não familiarizados com os detalhes contextuais da política brasileira contemporânea. Muitas das siglas e dados políticos citados são didaticamente explicados. O texto aproxima-se de uma hagiografia, tamanha a simpatia do autor para com a imagem de seu biografado. A capa escolhida para a obra de Bourne guarda semelhanças inconfundíveis com o cartaz de divulgação da película **Lula, o filho do Brasil**. Por essa razão, a Justiça brasileira determinou o recolhimento dos exemplares das livrarias, alegando que poderiam incitar à compra enganosa por parte de leitores que acreditassem ser o texto um resumo da produção cinematográfica. A circulação foi normalizada com a troca de capa. O livro apresenta alguns erros de datas e versões incorretas para determinados fatos da história nacional. O autor encerra com uma avaliação preliminar do primeiro mandato de Lula.

O escritor e jornalista Joaquim Crispiniano Neto (2009) empreende uma abordagem biográfica do ex-presidente Lula por meio da literatura de cordel. Trata-se de uma coletânea que reúne textos poéticos que remetem à vida e à trajetória política de um homem considerado de *vida simples*, predestinado à defesa dos mais

¹ Livro sem edição brasileira. O título pode ser traduzido como **Lula e o Partido dos trabalhadores no Brasil**, com o selo editorial da New Press, de New York, nos Estados Unidos.

humildes e identificado com os sofrimentos e agruras do povo. As ligações do líder metalúrgico com a cultura e as referências sociais do homem da região Nordeste do Brasil são frequentemente evocadas nos poemas selecionados. Tomemos como exemplo um trecho do poema “Do pau-de-arara à Presidência da República”, de Vânia Freitas:

Nos meus versos vou falar / De um menino diferente / Nascido em quarenta e cinco / Pra mostrar a muita gente / Que ser filho do Nordeste / É ser um cabra da peste / Que encara qualquer batente (FREITAS, 2009, p.135).

Conforme Crispiano Neto (2009), a manifestação artística, por meio de versos em cordel, registra a centralidade de Luiz Inácio Lula da Silva no cenário político brasileiro a partir dos anos 1990, seja como forma de apoiá-lo, seja como maneira de conferir apoio aos seus críticos e adversários. O autor destaca, ainda, os poemas biográficos em cordel, tendo Lula como personagem. Em “A história do presidente Lula em Cordel”, de Lima Rodrigues, ganha destaque a superação dos obstáculos enfrentados pelo protagonista em terreno adverso nas regiões mais pobres do Brasil.

Vamos narrar pra vocês / A história de um lutador / Um menino muito pobre / Retirante sofredor / Que nasceu em Pernambuco / Para ser um vencedor (RODRIGUES, 2009, p.107).

Ainda em 2009, o jornalista Audálio Dantas publica uma biografia de Lula escrita em versos, como um poema de cordel. A obra conta com ilustrações inspiradas na cultura popular do nordeste brasileiro. **O menino Lula** apresenta encadernação diferenciada (no formato 20,5 x 20,5 cm), letras ampliadas e escrita poética, ao longo de 97 páginas.

Recente lançamento biográfico sobre a figura de Lula, em língua portuguesa, é a obra **O que sei de Lula**, de 2011. O paraibano José Nêumanne Pinto confere (no espaço de 522 páginas) destaque os fatos da vida do biografado, a que teria presenciado, em sua trajetória como jornalista. Ele defende a ideia de que uma camada ideológica teria sido construída por sobre a imagem de Lula, resultando na criação de um verdadeiro mito. O autor é incisivo nas críticas a muitos traços de personalidade e de conduta política do ex-presidente. Para Nêumanne, Lula poderia ser definido, em poucas palavras, como “um delator de colegas, pouco afeito ao

trabalho e sem nenhum compromisso com os ideais e bandeiras que o levaram à presidência” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.120).

Uma biografia de Lula, assinada por Ted G. Goertzel, autor de origem norte-americana, é lançada em 2011, sob o título **Lula: The most popular politician on earth**². O biógrafo, credenciado como professor de Sociologia na Universidade Rutgers, nos Estados Unidos, enfoca a personalidade de Lula e analisa o impacto de sua imagem na sociedade brasileira. Já no primeiro capítulo, o subtítulo “Um pai abusivo, uma mãe corajosa” prepara o leitor para uma interpretação da conformação familiar com as virtudes da mãe e a total ausência da figura paterna.

O livro cobre o período político dos dois mandatos presidenciais. Aborda o transcorrer do processo de transição que levou à eleição de Dilma Rousseff, como sucessora de Lula, no comando do país. O sexto capítulo aborda questões polêmicas da gestão do biografado, como os escândalos envolvendo membros do governo e a compra de votos de deputados.

É provável que novos títulos biográficos focados em Lula desponham no mercado editorial para os próximos anos. Fernando Morais, respeitado biógrafo brasileiro e autor de clássicos como **Olga, Chatô, o rei do Brasil** e **O Mago** manifestou interesse em realizar projeto de resgate da memória do ex-presidente. Além dele, o jornalista Kennedy Alencar, atuante no jornal *Folha de São Paulo*, revelou a intenção de um livro sobre os bastidores da rotina presidencial. Já a biógrafa Denise Paraná também sinaliza com novo projeto centrado em Lula, a partir de nova pesquisa a ser realizada (BERTOL, 2011).

O período em que o presente trabalho foi realizado marca uma experiência determinante na trajetória biográfica em curso do presidente Lula. No dia 1º de novembro de 2011, o diagnóstico de um câncer na laringe exigiu uma renovação do mito político. As imagens do tratamento quimioterápico, expondo a queda de cabelo, a palidez e a perda de peso, demonstraram a fragilidade do mito político e deslocaram a perspectiva do herói para a realidade humana da decadência física. Os meses que se seguiram, da constatação da enfermidade até o seu controle, no dia 17 de fevereiro de 2012, foram marcados por um forte interesse público nos passos do presidente.

² A obra **Lula: O político mais popular da Terra**, em tradução livre. Não teve lançamento no Brasil.

Os deslocamentos ao hospital, para a aplicação dos medicamentos quimioterápicos, eram pauta dos principais telejornais e publicações impressas no país. Havia um temor coletivo de que a referência de liderança política, representada por Lula, estivesse comprometida, fadada a sair de cena, em função do câncer. O futuro de sua agremiação partidária, o Partido dos Trabalhadores, chegou a ser posto em cheque diante de uma possível ausência de Lula do certame político. Passado o período de provação, o herói segue forte em sua influência no cenário político nacional, tanto que planeja apoiar os seus apadrinhados políticos e correligionários nas eleições municipais, a partir do mês de agosto de 2012 (ISTOÉ, 15/02/2012).

5.2 Recortes biográficos de Evo Morales

Uma das primeiras edições biográficas de Evo Morales data de 2006, com o título **Evo Morales, um indígena presidente – Como um aimará voltou ao poder**. O livro foi escrito pelo médico e jornalista, nascido na Bolívia, Reginaldo Ustariz Arze, em coautoria com a então estudante de Comunicação Social e poeta boliviana Alejandría Carranza.

Alejandría chegou a viajar para a terra natal do biografado, a cidade de Orinoca, para averiguar as origens indígenas do mesmo. O livro apresenta a história de Evo Morales como marco para a construção de uma nova perspectiva de nação boliviana. A singularidade da trajetória de Morales é enfatizada ao longo de toda a obra.

Outra biografia sobre o líder boliviano Evo Morales foi lançada em 2007. **Un tal Evo: Biografía no autorizada**³ teve repercussão internacional, ao revelar detalhes da até então reservada vida íntima e amorosa do presidente. O livro afirma uma suposta fama de galanteador e reconhece o que assessores presidenciais trabalhariam para esconder: Evo Morales aproveitaria a sua solteirice para encontros passionais com diversas mulheres: “[Evo Morales] sabe utilizar seu *sexapil* [sic] presidencial e suas exóticas feições de indígena rústico para enlouquecer as mulheres - que desabam, indefesas, contra seu peito poderoso” (PINTO e NAVIA, 2007, p.19).

³ **Um tal Evo: Biografia não autorizada**, em tradução livre do espanhol para o português. Sem lançamento no Brasil. Distribuição em língua espanhola pela editora El País.

Nesta obra, os jornalistas bolivianos Darwin Pinto e Roberto Navia reconstruem, não apenas a esfera sentimental de Morales, como também o caráter do mesmo, descrevendo um homem frio, calculista, apegado à própria imagem e pouco afeito a demonstrações públicas de sentimento. O jornalismo de ficção é utilizado na retomada dos fatos, mas os mesmos não estão dispostos em ordem cronológica. Os autores declararam que o texto chamou muito a atenção da opinião pública na Bolívia, escandalizando boa parte do público e despertando clamores por censura, tanto de partidários, quanto de opositores ao regime de Morales.

Pediu-se publicamente para não ler o livro, antes mesmo que ele fosse publicado. Na Bolívia, ou estás com Evo ou contra Evo. As massas não entendem que ainda haja militantes do senso comum (PINTO *in* VILA-NOVA, 2007).

A biografia **Evo Morales: El cambio comenzó en Bolívia**⁴ foi lançada pelo espanhol Francisco Pineda Zamorano, no ano de 2007. O autor possui formação em relações internacionais e exerce atividades acadêmicas como catedrático na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. O lançamento do livro, na Bolívia, foi realizado no Palácio do Governo, com a presença do próprio presidente-biografado e de ministros. O livro aborda fatos marcantes da gestão presidencial de Morales, como a reforma agrária e a nacionalização da exploração petrolífera. Para Zamorano, a chegada ao poder de um líder indígena, com intenções reformistas, representa uma nova perspectiva de nação. O viés panegírico toma conta de boa parte das 176 páginas do livro.

Uma biografia de Evo Morales, elaborada fora das fronteiras nacionais bolivianas, é apresentada, em Viena (2007), pelas mãos do economista alemão (nascido na Bolívia) Muruchi Poma. Por pertencer à mesma etnia de Morales (aymá), o autor sustenta a teoria de que o nome original do líder boliviano era outro: Ibo Katari. O título da tradução para o idioma espanhol é **De cocalero a presidente de Bolívia** (2008).

Ainda referente ao ano de 2007, encontra-se o registro de um relato biográfico de Morales em língua inglesa. Intitulada **The rise of Evo Morales and the MAS**⁵, a

⁴ **Evo Morales: A mudança começou na Bolívia**, pela editora espanhola Almuzara. Não lançado no Brasil.

⁵ **A ascensão de Evo Morales e do MAS**, pela editora inglesa Zed Books, de Londres. Sem tradução para o português.

obra é assinada pelo acadêmico britânico Sven Harten. Estruturada em seis capítulos, nela são abordadas questões que ganham destaque na Bolívia com a presença pública de Morales: o multiculturalismo, o nacionalismo e o populismo. Com pós-doutorado em Ciência Política, o autor retoma as origens familiares do presidente boliviano e a trajetória de seu partido político, o Movimento pelo Socialismo (MAS).

As escritoras e jornalistas chilenas Elizabeth Subercaseaux e Malu Sierra assinam o levantamento biográfico **Evo: Despertar indígena**, de 2007. A obra não teve lançamento no Brasil. Essa parceria autoral entre as duas pesquisadoras pode ser observada em outra biografia política recente: a reconstrução de vida da presidente chilena Michelle Bachelet, cuja primeira edição é do ano de 2005.

Em 2008, é lançada uma biografia autorizada de Morales, em espanhol, escrita pelo jornalista argentino Martín Sivak. **Jefazo: Retrato íntimo de Evo Morales** foi concebida em tom testemunhal por um biógrafo-protagonista que despendeu boa parte de seu tempo para acompanhar o líder boliviano em viagens oficiais pela África, Estados Unidos, América Latina e interior da Bolívia. O livro é dividido em oito capítulos, ao longo de 336 páginas. O autor dedica os capítulos ímpares para a intimidade compartilhada com o presidente, e os pares para relacionar a vida do biografado com a história recente da Bolívia.

O presidente é apresentado como um homem que não contraiu matrimônio e nem mesmo pensa em fazê-lo, pois ele já *se encontra casado com a Bolívia* (SIVAK, 2008, p.8). À sua trajetória política é conferida ênfase descritiva, o que permite reconhecer os traços do Evo Morales sindicalista, do líder político e do chefe de Estado. O autor não esconde a apreciação e a simpatia ao percurso governamental de seu biografado. Revela que o primeiro contato com o mesmo foi em 1995, em razão de uma entrevista concedida.

Em 2010, a obra foi traduzida para a língua inglesa, rebatizada para **Evo Morales: The extraordinary rise of the first indigenous president of Bolivia**⁶. Uma constatação importante da obra é que Evo Morales se mostra muito mais pragmático do que ideológico, e que em sua intimidade acaba se distanciando do presidente venezuelano Hugo Chávez e do líder cubano Fidel Castro.

⁶ **Evo Morales: A extraordinária ascensão do primeiro presidente indígena da Bolívia (2010)**, em tradução livre do inglês para o português. Lançado pela editora norte-americana Palgrave Macmillan, de New York.

No ato de lançamento da obra, com a presença do presidente-biografado, o próprio autor ressalta que não chega a ingressar na vida privada de seu personagem, restringindo-se aos momentos de sua atividade política. Contudo, rejeita a alcunha de perfil oficial do presidente Morales, apesar de reconhecer a sua admiração pelo mesmo (EFE, 2008).

Em suma, o autor acredita que, em um relato biográfico, o pesquisador pode *ser subjetivo e tomar partido sem implicar em faltar com a verdade* (NOTIMEX, 2009).

5.3 Recortes biográficos de Hugo Chávez Frías

Hugo Chávez sem uniforme (2004), biografia escrita pelo casal de jornalistas venezuelano Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka, pode ser considerada uma obra de referência, tanto para partidários, quanto para opositores ao regime de Hugo Chávez (O GLOBO, 2006). O prólogo da publicação é assinado por Teodoro Petkoff, cientista político muito conhecido por sua postura oposicionista ao governo da Venezuela. O relato delimita dois momentos históricos que tiveram conexão direta com o futuro de Chávez: o golpe militar mal-sucedido contra Carlos Andrés Pérez, em fevereiro de 1992; e a tentativa de golpe de Estado contra o próprio presidente Hugo Chávez, em abril de 2002 (HIGHLAND PARK, 2005).

Ao questionamento sobre a real orientação política de seu biografado, Cristina Marcano sugere uma sintética definição: tratar-se-ia de *um populista com discurso de esquerda e administração de direita* (O GLOBO, maio de 2006). Ela considera que o presidente Hugo Chávez age e se porta conforme a ocasião pública exige. Em um encontro com homens de negócios, vestir-se-á como um deles. Em um comício direcionado às camadas mais pobres, ele utilizará uma típica camisa vermelha, aberta no pescoço. Mesmo como crítica de Chávez, ela elogia o relevo dado às questões referentes aos mais pobres (BEAUMONT, 2006).

Em síntese, a obra da dupla Marcano-Tyszka propõe um enfoque psicológico de Hugo Chávez, trazendo à tona detalhes do seu relacionamento tenso com a mãe e de sua cobiça em ser o centro das atenções (STARR, 2007). Traça, ainda, um panorama dos relacionamentos afetivos do personagem, que parece também modificar o seu comportamento privado com a conquista do poder. De suas declarações e posturas públicas, os autores levantam possíveis contradições e deixam ao leitor o veredicto sobre a personalidade do biografado.

Os autores de **Hugo Chávez sem uniforme** foram acusados de plágio e processados pelo escritor venezuelano Alberto Garrido, autor de diversas obras sobre Hugo Chávez. A reclamação é de que muitos trechos de obras escritas por Garrido teriam sido utilizados no relato da dupla Marcano-Tyszka, sem as devidas autorização e referência às fontes. Por meio da obra **Chávez con uniforme: Antibiografia**⁷ (2007), o próprio Garrido estabelece um contraponto ao trabalho de pesquisa do casal Marcano-Tyszka. Garrido é respeitado como profundo conhecedor do cenário político da Venezuela e da trajetória de Hugo Chávez ao poder. Ele critica o levantamento biográfico de **Hugo Chávez sem uniforme**, propõe correções de passagens históricas e interpretações de fatos da vida do mandatário venezuelano, além de questionar a representatividade do livro como documento biográfico.

Chávez con uniforme é um livro que pretende fazer justiça com a história contemporânea da Venezuela e com vários de seus protagonistas principais. Com esse fim tomamos como ponto de referência a obra **Chávez sem uniforme**, apresentado ao mundo como a *biografia* de Hugo Chávez. [A obra] pontua unicamente alguns detalhes – e o desenvolvimento de questões – que têm a ver com essa história, necessárias para aqueles que assumam – sem apuros ou pressões de mercado – a responsabilidade de escrever sobre esse processo (...) (GARRIDO, 2007, p.5)⁸.

O jornalista norte-americano Bart Jones utiliza-se da experiência de oito anos em território venezuelano, como correspondente da agência de notícias Associated Press, para escrever **Hugo Chávez: Da origem simples ao ideário da Revolução Permanente**. A biografia, de 516 páginas, com primeira edição em língua inglesa no ano de 2007, descreve as condições que levaram um populista como Hugo Chávez à conquista do poder na Venezuela. Em certa medida, o leitor pode se deparar com um biógrafo simpático à figura do biografado (STARR, 2007).

Em entrevista concedida ao jornal norte-americano *The Washington Post*, no dia 4 de setembro de 2007, Jones enaltece a condição de heroísmo de seu biografado, ao lembrar a transição de uma realidade humilde para o mais alto posto de uma república. O autor considera que a figura de Chávez é interpretada negativamente por audiências externas ao real contexto político venezuelano. Considera como

⁷ Obra não lançada no Brasil.

⁸ Tradução do espanhol para o português realizada pelo autor do presente estudo.

relevantes os níveis de aprovação nacional à gestão presidencial, principalmente dos eleitores provenientes das camadas sociais menos favorecidas economicamente. Para Jones, o presidente da Venezuela possui um genuíno interesse pelo atendimento às demandas dos pobres e socialmente excluídos, especialmente por ter vivido nas mesmas condições, em sua juventude.

Um dos primeiros lançamentos que trata da vida política e das ideias do líder Hugo Chávez, ainda que não se caracterizasse como uma obra biográfica, data do ano de 2002, sob o título **Hugo Chávez tal cual**⁹. Julgamos importante referir o livro, por tratar-se de uma seleção de material sobre o político, realizada por jornalistas do diário venezuelano *Tal Cual*, e organizada pelo fundador e diretor desse jornal, o jornalista Teodoro Petkoff. O autor, conforme citado anteriormente, é um opositor declarado ao governo Chávez, deixando claro o seu descontentamento com o que chama no livro de gestão *incompetente, corrupta, sectária e autoritária* (p.27).

Questões polêmicas do governo e contradições entre discurso eleitoral e práticas de gestão são expressas nas seleções que compõem a obra:

Em última análise, a leitura deste livro é um complemento amplo e detalhado sobre a vida política venezuelana dos últimos anos, o que permite dar conteúdo real e expressão a todas aquelas alusões que geralmente podem ser lidas sobre a atuação do presidente Chávez e de seu governo (ROSÓN, 2003)¹⁰.

O jornalista britânico Richard Gott é o autor da biografia **À sombra do libertador: Hugo Chávez e a transformação da Venezuela**, com primeira edição em língua espanhola em 2004. O relato é dividido em quatro partes: inicia com o resgate da formação intelectual e militar do biografado, como primeiro passo rumo à conquista do poder; a segunda parte relembra personagens históricos - Simón Bolívar, Simón Rodríguez e Ezequiel Zamora - que teriam ascendência sobre o pensamento de Chávez; a terceira parte aborda o lado conspirador da personagem, aprofundando as articulações políticas e militares que o levaram à conquista do primeiro mandato presidencial; o quarto momento corresponde aos procedimentos tomados por Chávez, já no poder, e a postura de opositoristas ao regime.

⁹ Obra não lançada no Brasil.

¹⁰ Tradução do idioma espanhol realizada pelo autor do presente trabalho.

O autor constrói a imagem de um líder que representa as origens simples da maioria venezuelana. Chávez é tomado como homem do povo, de fala simples, que atinge as massas por pertencer às massas. *Revolucionário* e *carismático* são os adjetivos que balizarão o tom de admiração que o biógrafo empresta ao biografado, ao longo das 288 páginas da obra.

Há três anos, depois de uma década de crise política e do colapso dos velhos partidos políticos corruptos, o sistema democrático levou à Presidência um homem do povo. Com ancestrais negros e indígenas, e a enfática retórica de um provinciano, Hugo Chávez começou a organizar uma revolução. Um tenente-coronel carismático e popular identificou as semelhanças que havia entre os soldados e o povo que era a sua origem (GOTT, 2004, p.8-9).

Gott revela, no epílogo do relato, que empreendeu esforços pessoais para percorrer as regiões socialmente desfavorecidas da Venezuela, em especial de Caracas, para medir a *força popular* de Chávez. A sua motivação para a escrita parece atrelada à predileção pelo contato analítico com a atmosfera social da nação e à admiração pelo líder da Venezuela. O biógrafo revela ter entrevistado Hugo Chávez por diversas vezes e ostenta a prerrogativa de ser recebido pelo mesmo no palácio presidencial, como se fosse *um velho conhecido, com um abraço fraterno* (GOTT, 2004, p.13).

Consideramos digno de nota o lançamento de um relato biográfico de Chávez elaborado por um escritor chinês, em 2011. Xu Shiceng define o seu biografado como *o grande líder da esquerda latino-americana do século XXI* (EFE NEWS SERVICE, 2011). **Biografía de Hugo Chávez: Da Revolução Bolivariana ao socialismo do século XXI**¹¹ teve cerimônia de lançamento oficial na embaixada da Venezuela, em Pequim, com a presença de autoridades dos dois países. A obra, publicada pela Editora Popular da China, destina-se a estudiosos asiáticos interessados na política latino-americana. Shiceng revelou ter se aprofundado no pensamento de Simón Bolívar para melhor compreender as ideias do próprio Hugo Chávez.

O mandatário venezuelano se depara, atualmente, com um grande desafio à sua imagem como herói político. O diagnóstico de um câncer maligno na próstata, em

¹¹ Em tradução livre do idioma chinês para o português. Sem previsão de lançamento no Brasil.

estágio avançado, coincide com o período em que nos debruçamos sobre a sua trajetória biográfica. As primeiras informações acerca do drama pessoal de Chávez foram divulgadas no mês de maio de 2011, considerando que os sintomas da doença já seriam do conhecimento do líder há mais de um ano. Ao que tudo indica, a decisão foi a de postergar, ao máximo, o conhecimento público sobre a sua saúde fragilizada, fato que pode ter contribuído para a piora de seu estado. Sucessivas intervenções médicas, em unidades hospitalares cubanas, tomaram parte da rotina de Chávez, obrigando-o a ausentar-se da Venezuela por longos períodos. A sua característica intransigência é manifestada nas negativas em obter auxílio de centros médicos mais avançados, na Europa. Decide dispor dos serviços de saúde cubanos, em uma clara tentativa de preservar os detalhes de seu tratamento distante do público. Informações extraoficiais dão conta de que as medidas terapêuticas não teriam surtido o efeito desejado. No início do mês de novembro de 2011, “médicos vaticinam que, se insistir na terapêutica leve, Chávez não terá mais que um ano de vida” (VEJA, 23/11/2011).

Apesar dos pareceres médicos fatalistas, Chávez procura mostrar-se confiante na cura, sustentando uma imagem de que conseguirá seguir no comando do seu país, e de que nada mudará no cenário político nacional. Às vésperas das eleições presidenciais de 2012, a reserva com que trata a doença, e as suas constantes manifestações de fé despertam incertezas quanto à capacidade de levar adiante as suas metas de reeleição (BBC BRASIL, 11/04/2012). O mito parece seriamente abalado pelas incertezas da realidade. É nesse ponto que o herói retorna ao patamar da vida comum.

5.4 Critérios de aproximação das obras biográficas

Em um primeiro momento, a comparação entre diferentes narrativas biográficas exige a identificação de características compartilhadas pelas mesmas, nos processos de criação e de distribuição. A partir da situação de comunicação biográfica, discutida anteriormente no capítulo 4, é necessário considerar as peculiaridades inerentes aos campos da produção e da recepção, no circuito de difusão das referências discursivas.

A opção pelo foco nos aspectos da produção de conteúdo engloba fatores como as características do pacto autoral: se as biografias são autorizadas, independentes ou não autorizadas, encomendadas, ou mesmo ditadas pelo

biografado a um terceiro. Nesse sentido, o critério para agrupamento deve obedecer à semelhança quanto às categorias de concepção do relato. Agrupar-se-iam biografias autorizadas com as suas congêneres, encomendadas ou ditadas da mesma forma que as independentes, com as não autorizadas.

A escolha dos critérios relativos à recepção aponta para o impacto que o conteúdo divulgado possa ter em suas respectivas audiências. É o público quem define o sucesso ou o ostracismo de uma obra qualquer, e em especial daquelas que tratam de transmitir a imagem de alguém. O reconhecimento ou não da imagem que se quer passar, de determinado sujeito, e o impacto da mesma, na opinião dos leitores, corresponde ao traço de popularidade de uma obra biográfica.

Por esse caminho, as referências literárias que repercutiram com maior fôlego perante a opinião pública dão indícios de que alcançaram o intento de mobilizar a atenção dos receptores, seja pela quantidade de documentos averiguados, pelo número de entrevistas, pelo volume de informações, ou mesmo pelo ineditismo na revelação de determinados fatos. As biografias, assim definidas como *populares*, realçam as características públicas e privadas de um sujeito destacado. Conferem a esses personagens, como texto de valor biográfico, distinções de cunho heróico, cotidiano ou como fábulas de vida.

Ao escolhermos como objetos de análise, para o presente estudo, os relatos biográficos **A história de Lula: O filho do Brasil** (2009), de Denise Paraná; **O que sei de Lula** (2011), de José Nêumanne Pinto; **Evo Morales: The extraordinary rise of the first indigenous president of Bolivia** (2010), de Martín Sivak; e **Hugo Chávez sem uniforme** (2006), de Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka, utilizamo-nos dos critérios de repercussão e de popularização, focados na esfera da recepção. A escolha de duas obras para a vida do presidente Lula é justificada pela insuficiência da narrativa de Denise Paraná em abranger todas as fases da adaptação proposta à Jornada do Herói, de Joseph Campbell. O relato em questão deixa de levantar os acontecimentos pertinentes à conquista do poder presidencial, correspondente à fase do Retorno.

Consideramos que os trabalhos, acima mencionados, tiveram expressiva repercussão em seus respectivos locais de lançamento, e também para além dele. As obras possuem citações em veículos de imprensa e trabalhos acadêmicos, de dentro e de fora dos contextos nacionais que procuram retratar. As obras se

aproximam, ainda, pelos critérios de investigação empregados, já que todas elas são assinadas por profissionais com formação e atuação no campo da Comunicação Social.

Quando o relato possui mais de uma versão, como no caso do trabalho de Denise Paraná, que antes de **A história de Lula: O filho do Brasil** (2009), publicou uma primeira versão da biografia de Lula, em 1996 (com o mesmo título de 2009) e que ganhou uma reedição, em 2002, como **Lula, o filho do Brasil**, priorizamos a abordagem mais recente. No caso de **Hugo Chávez sem uniforme**, com primeira edição em língua espanhola de 2004, preferimos a versão em português, e também a mais recente, lançada no Brasil, em 2006. Já a obra **Evo Morales: The extraordinary rise of the first indigenous president of Bolivia** teve a nossa preferência em relação à versão em espanhol (de 2008) por ser mais recente (de 2010) e por contextualizar melhor aspectos locais da política boliviana, com vistas a atingir um público externo, não familiarizado totalmente com o contexto político do país em questão.

Para estruturar a análise crítica de conteúdo dos relatos biográficos, utilizamos como referência as etapas do mito do herói, de Joseph Campbell (1999). A visão esquemática desse autor demonstra que a construção heróica dos mitos pode revelar aspectos comuns às vidas do mundo real. Os homens comuns experimentaríamos sensações, tentações e necessidades semelhantes aos experimentados pelas figuras míticas, inclusive a necessidade de superar os próprios problemas e fraquezas, reconhecendo o seu papel no mundo, assimilando experiências e conhecimentos que serão, um dia, partilhados e, assim, capazes de influenciar na própria realidade.

Edgard Morin utiliza o termo *olimpiano* para referir-se às personalidades midiáticas que promovem a interconexão entre o imaginário, o real e as identificações e regramentos do contexto societário. Engloba os personagens que adquirem *status* de heroísmo, em função da hipervalorização de suas ações, nos mais diversos campos de atividade. O fluxo informativo acelerado, acerca do universo privado de ídolos escorados nos pilares da cultura de massas, promove o ingresso do ser heroico na vida cotidiana dos indivíduos ordinários. É a especulação da intimidade dos chamados *olimpianos* que estende ao grande público a capacidade de identificar-se e de projetar-se em relação a realidades e destinos

gloriosos. A vida privada humaniza os heróis, enquanto o papel público que encarnam confere-lhes o *status* de distinção sobre-humana (MORIN, 2000, p.105-109).

O heroísmo moderno é regido pela incitação publicitária mercantil e possui a capacidade de sacralizar o profano e de transformar o empírico em mitológico. Com isso, formas de expressão tão amplas e variadas, como as conquistas sexuais, a superação individual, as condutas revolucionárias e reformistas, ou os talentos artísticos e desportivos, por exemplo, são passíveis de identificação como elementos de distinção heroica. Ocorre uma valorização exagerada dos acontecimentos mundanos e um encantamento repentino pelo que antes, talvez, fosse considerado como vulgar, ou indigno de livre expressão pública. São exemplos disso o traço heroico contemporaneamente adquirido por integrantes dos círculos sociais (os conhecidos *playboys* e *socialites*), por suas liberdades financeiras e libertinagens festivas, e o interesse súbito pelos protocolos públicos e informações privadas pertinentes à vida de chefes de Estado, reis, rainhas e príncipes (MORIN, 2000).

Para Morin, a cultura de massas contorna a sua impossibilidade de institucionalizar-se, calcando a sua força nos referenciais de mercado e de consumo, deslocando para si a força de instituições sociais tidas, outrora, como tradicionais (a Igreja, o Estado, a família). Os modelos heroicos que desafiam regras, que conquistam o inesperado, que realizam desejos carnavais exóticos e que desafiam as injustiças sociais possuem a dupla natureza de qualquer mito, por mais antigo que seja: o traço humano e a vertente sobre-humana. A intimidade dos seres heroicos é paradigmática ao transmitir sensações ao público, tanto de familiaridade, quanto de inacessibilidade. O denominador comum a todos eles, seja qual for o contexto de divulgação, é a busca dos ideais de sucesso e de liberdade (MORIN, 2000).

O escritor e roteirista norte-americano Christopher Vogler promoveu uma adaptação da jornada do herói para a construção de narrativas literárias e cinematográficas. Apesar de considerar o esquema do mito do herói, de Joseph Campbell, demasiadamente centrado na figura masculina e fixado em um modelo linear de descrição das histórias, ele ressalta a aplicabilidade do circuito ao contexto das sociedades contemporâneas. Ainda que a figura do herói possua representatividade distinta para cada sociedade, o seu culto estará presente para reforçar as virtudes e as qualidades a serem perseguidas pelos seus cidadãos.

Vogler considera que *todas as histórias, de maneira consciente ou não, carregam padrões do antigo mito e podem ser entendidas nos termos da Jornada do Herói* (VOGLER, 2006, p.33)

A mitologia é o útero da iniciação da humanidade à vida e à morte, ensina-nos Campbell (CAMPBELL e MOYERS, 1990). Prestar atenção aos significados contidos nas histórias mitológicas dos heróis e de seus feitos exitosos representa a aquisição de um aprendizado fundamental para a vida, com a tomada de consciência sobre as potencialidades do ser humano no mundo. O mito tem a função de educar, transmitindo costumes, valores e subsidiando o autoconhecimento das sociedades.

À trajetória do mito campbelliano correspondem períodos em que os heróis lidam com situações de divinização e de humanização. Por isso, a consolidação exitosa de uma vida heróica depende da capacidade do sujeito heróico em transitar entre diferentes realidades ao longo do seu aprendizado: a do divino e a do humano.

Consideramos que a reconstrução de vida dos homens célebres, dignos de distinção pública por atuações acima da média, nos campos do conhecimento, das artes e dos esportes, por exemplo, guarda semelhanças com o percurso trilhado pelos heróis de Campbell: ambos são mais do que simples histórias, são narrativas que pretendem auxiliar na compreensão dos mundos e realidades imaginadas (sejam eles divinos ou humanos). Nesse sentido, consideramos o modelo adaptável para a análise das biografias de personalidades políticas, cujas estratégias discursivas transitam entre a celebração e a humanização de seus personagens centrais.

Propomos, dessa forma, uma adaptação do modelo da jornada mitológica do herói, de Joseph Campbell, para a análise das construções discursivas das produções de cunho biográfico: o início da trajetória do herói, de acordo com o autor, é marcado pelo estágio da *partida*, quando o indivíduo passará por incidentes que lhe indicarão a especial possibilidade de estender a sua vivência do mundo comum para a esfera do divino. Ao herói caberá o livre-arbítrio para decidir se aceita os chamados para uma nova vida, no plano do mito, ou se sucumbirá às incertezas e dificuldades do novo caminho que se mostra. Aceitar uma nova vida significará, no final desse estágio, à renúncia do antigo plano de vivência.

O estágio da *iniciação*, na concepção campbelliana, reservará ao herói uma série de provações, encontros com desejos e realizações relacionados ao sexo

oposto (com a ambiguidade da figura feminina, como fonte de desestabilização e/ou estabilidade intelectual) e com características representadas pela figura paterna, fonte de segurança e de reflexão. A vitória nessa etapa representará o acesso a uma nova capacidade interpretativa do mundo. Trata-se de um período de intensa aquisição de conhecimentos e experiências que aproximarão o protagonista do acesso ao plano superior que lhe é apresentado.

O momento do *retorno* corresponde ao regresso do herói ao plano mundano para partilhar do conhecimento e das vivências extraordinárias que adquiriu ao longo de sua jornada de aprendizado. É o momento de colocar a serviço da humanidade as suas habilidades superiores de interpretação da realidade e servir de exemplo de conduta para os seres comuns. A sua determinação para tornar reais os seus sonhos e objetivos será tomada como modelar. O seu discurso é compreendido por todos os tipos de público, mesmo que o seu conteúdo englobe conceitos e raciocínios superiores. O herói retorna para auxiliar os demais na compreensão do mundo da vida e, ao mesmo tempo, estará aperfeiçoando a si mesmo, com a colaboração de agentes e situações externos que lhe reforçarão a condição de superioridade heróica. É somente com o retorno ao mundo da vida que o herói terá a sua imagem galvanizada como mito.

Com base na divisão proposta por Joseph Campbell, para a jornada mitológica do herói (discutida em detalhes no capítulo 3), efetuamos a seleção dos trechos das narrativas para o estudo discursivo. Assim, foram analisadas todas as passagens das biografias que fizessem menção a um dos três estágios da trajetória heróica em mito, com a transposição de seus significados para o campo da reconstrução biográfica de indivíduos célebres: *a partida*, *a iniciação* e *o retorno*, juntamente com as suas respectivas subdivisões.

O estágio da *partida* corresponde, no presente texto, ao resgate do mundo cotidiano dos biografados, mostrando como as características ambientais atuam, ou atuaram, na formação do caráter dos indivíduos. Geralmente são retomados fatos e contextos que remetem às fases infantis e juvenis. Os biógrafos ressaltam, com frequência, provações que os biografados tiveram de superar. A vivência em um mundo repleto de dificuldades surge como explicação possível para o caráter e visão de mundo superiores dos heróis em questão. A superação das dificuldades vividas nos respectivos mundos cotidianos, onde os heróis nasceram e viveram os seus

primeiros anos de vida, corresponderá aos recortes de vida subdivididos em cinco estágios de desenvolvimento:

- a) o chamado da aventura: lembranças de momentos de superação de adversidades e manifestações de predestinação;
- b) a recusa ao chamado: hesitação em aceitar qualidades pessoais acima da média ou o desânimo diante de ações mal-sucedidas;
- c) o auxílio sobrenatural: colaboradores, amigos ou figuras protetoras que auxiliaram em momentos difíceis da vida. Identificação com ideias e personalidades que ofereçam segurança;
- d) a passagem pelo primeiro limiar: primeiros contatos entre os limites de si com o mundo ao redor;
- e) o ventre da baleia: período em que o indivíduo já se encontra preparado para abandonar as perspectivas de uma vida comum, ampliando o leque de possibilidades exitosas no campo político.

A iniciação compreende as situações e momentos em que o biografado/herói se mostra capaz e atuante em contextos que remetem ao destino de liderar e exercer o poder no campo político. É o período de maior aprendizado para a vida e para o meio político-governamental, quando se aprende as vicissitudes e benesses que o poder lhe trará, quando no seu ápice. Esse período compreende:

- a) o caminho das provas: hesitações características das primeiras vivências como liderança política, com a sobrevivência a essas mesmas provas e hesitações;
- b) o encontro com a deusa: posicionamento em relação ao sexo oposto, demonstrando o nível de influência que os laços afetivos com a parceira (as) amorosa (as) desempenha em sua missão, rumo ao plano superior;
- c) a sintonia com o pai: romper com o passado e encontrar no pai, ou em figuras que remetam ao mesmo, a sensação de segurança e pertencimento para seguir em frente com a sua missão;
- d) a apoteose: exercer uma capacidade própria de interpretação da realidade circundante;

- e) a benção última: o herói começa a assumir um patamar de liderança e de atração que lhe destaca entre os cidadãos ordinários.

O *retorno* enquadra as lembranças e momentos de atuação no círculo político, quando a conquista do poder governamental é efetivada, com a demonstração de possíveis resistências iniciais em transmitir o saber aos demais. É quando o herói precisa circular com desenvoltura entre a esfera do poder máximo na escala republicana e a realidade do povo nacional. Ele engloba:

- a) a recusa do retorno: possibilidade de desânimo diante dos desafios que a rotina política exige, tais como a burocracia, as alianças com opositores e os índices de popularidade;
- b) a fuga mágica: desejo de fuga diante de possíveis fracassos ou dificuldades de gestão, buscando situações de escape como compensação psicológica. Suscetibilidade para cair em tentações que lhe desviem do caminho que trilha;
- c) o resgate com auxílio externo: surgem personagens que influenciarão de maneira decisiva na trajetória política e pessoal do biografado;
- d) a passagem pelo limiar do retorno: desenvolver maior capacidade de tornar conceitos abstratos exemplificáveis, proporcionando sua compreensão pelo grande público;
- e) senhor de dois mundos: na medida em que vai adquirindo experiência de vida e de governança, o líder consegue transitar com maior fluência entre a esfera do poder e do povo. O poder de liderança é manifestado por uma evolução espiritual que lhe faz propício a rever situações e superar pendências passadas;
- f) liberdade para viver: novo ciclo de vida, pronto para vivenciar uma nova história pessoal: a biografia de um ser que decide os rumos da própria História.

Como *recursos discursivos*, entendemos as tipificações, arquétipos e recursos literários empregados para a construção do personagem e do contexto no qual o mesmo está inserido. Dessa forma, julgamos possível empreender uma análise crítica do discurso, a partir da identificação de referências e elementos textuais utilizados para o reforço de determinado sentido interpretativo no texto.

Por fim, levaremos a *situação biográfica de comunicação* (exemplificada no capítulo 4) como mecanismo para a tentativa de estabelecermos, para cada trecho discursivo, uma possibilidade de sentido para os leitores. Trata-se da indicação das possíveis imagens e significados atribuídos nos âmbitos do implícito (a partir da relação *imagem construída pelo autor X imagem reconhecida pelo leitor*) e do explícito (com a *inserção social do personagem pelo autor X efeitos dessas imagens nos leitores*). Consideramos importante sintetizar as possíveis concepções dos âmbitos do implícito e do explícito, de maneira direta, mediante o uso de poucas palavras. Quase como a descrição de uma impressão objetiva, obtida após a leitura dos trechos destacados.

6- Análise comparativa das obras biográficas

No presente capítulo, analisamos as narrativas biográficas escolhidas como objeto de estudo. Utilizamos a adaptação proposta à Jornada do Herói, de Joseph Campbell, descrita no capítulo 5, como uma categorização geral, que permite o enquadramento das fases da existência dos heróis políticos. Consideramos as plataformas biográficas políticas como um universo particular para a identificação de um pensamento político comum.

Utilizamos a Análise Crítica do Discurso (ACD) como recurso analítico para tentarmos compreender o impacto social que a interferência no imaginário popular proporciona. Os textos biográficos articulam recursos discursivos e conectam-se com outras formações discursivas diversas, formando um imenso cenário multimídia com poder suficiente para moldar perspectivas históricas e sociais. Cientes de que a primazia na difusão do conteúdo das vidas políticas representa um importante mecanismo de hegemonia, buscamos a contextualização dos fatos descritos, nos relatos biográficos, e suas interpretações críticas, com vistas ao enquadramento das abordagens dentro de uma prática política histórica: o *neopopulismo* político-partidário.

A fim de lidarmos com a complexa teia de interações, que envolve o público leitor e as construções biográficas, tomamos como base conceitual uma adaptação ao modelo de situação de comunicação, proposto por Patrick Charaudeau (2008) e discutido, em pormenores, nos capítulos 3 e 4.

Iniciamos o processo analítico de conteúdo com a reconstrução da vida do presidente boliviano Evo Morales, através da obra **Evo Morales: The extraordinary rise of the first indigenous president of Bolivia** (2010), de Martín Sivak. Seguimos com a biografia do líder venezuelano Hugo Chávez Frías, por meio do relato **Hugo Chávez sem uniforme: Uma história pessoal** (2004), de Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka. A perspectiva de vida do ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva exigiu a investigação de dois títulos biográficos, a partir de **A história de Lula: O filho do Brasil** (2009), de Denise Paraná, e de **O que sei de Lula** (2011), de José Nêumanne Pinto. Justificamos a escolha de dois compêndios, para a análise da trajetória de Lula, pela insuficiente abrangência da abordagem da

jornalista Denise Paraná para os fins do presente estudo: o texto não cobre o período da ascensão do personagem ao poder presidencial (correspondente à fase do *Retorno*, na perspectiva campbelliana).

Na parte conclusiva do trabalho, relacionaremos os aspectos comuns às narrativas destacadas, propondo uma tipologia para a abordagem política dita *neopopulista*. Buscamos, com isso, averiguar as possíveis aproximações e distanciamentos dos personagens com a prática política do *neopopulismo*.

6.1 Jefazo: Retrato íntimo de Evo Morales, por Martín Sivak

O biógrafo Martín Sivak faz uso de recursos discursivos que remetem à identificação do personagem Evo Morales, com referências a sua terra natal, a seu grupo étnico e a sua atividade agrícola. Esses elementos são considerados de suma importância para a formação de sua personalidade política. A situação de comunicação biográfica desenha um líder que conhece a realidade de seu povo e se identifica com o mesmo. O contato com o povo é tido como prioridade e ícones da orientação política de esquerda, no continente latino-americano, são tomados como referência central pelo personagem. A interpretação da reconstrução biográfica, através do modelo da jornada mitológica do herói, de Joseph Campbell, confirmou o tratamento heróico conferido ao biografado. Ao longo da descrição de sua evolução, o leitor é capaz de identificar traços de caráter extraordinário e uma determinação fora do comum no então futuro presidente da Bolívia. Renúncias em sua vida pessoal são efetuadas para que a dedicação aos projetos de conquista do poder tenha exclusividade. A proximidade entre biógrafo e biografado é demonstrada ao longo do texto, por meio de referências que indicam confiança e admiração mútuas. O primeiro tem o privilégio de acompanhar a rotina de Morales, com liberdade para circular pelos corredores palacianos e andar a bordo de jatos e veículos oficiais de governo. A trajetória governamental exitosa do mandatário boliviano é situada como um momento histórico de valorização do povo e da identidade nacional. Mas, para atingir o destaque político, muitos empecilhos e inimigos tiveram que ser driblados.

6.1.1 A partida

Na etapa da *partida*, os marcos de origem e ancestralidade surgem como elementos basilares na vida política do futuro líder Evo Morales. São simbolismos e

peças cuja evocação resulta no posicionamento do contexto nacional como um universo de segurança para Morales, repleto de elementos capazes de justificar e amparar comportamentos e decisões, de cunho político ou pessoal. Apesar da segurança que confere ao herói, o mundo em que inicialmente está inserido também é promotor de adversidades a serem transpostas, tais como a pobreza e a falta de instrução escolar. A valorização da família (pais), da devoção à pátria e da vocação pública são valores identificados como centrais na situação de comunicação biográfica, demonstrando o delineamento de uma personalidade política dita *populista*.

6.1.1.1 O chamado

O contexto em que o herói Evo Morales transita é definido como um universo de provações e dificuldades. A biografia apresenta a ideia de predestinação, quando trata da vitória do indivíduo diante dos obstáculos que o ambiente, no qual está inicialmente inserido, lhe oferece. O texto aponta o líder como um dos poucos escolhidos para a sobrevivência em um meio social que se mostrava de imensa hostilidade. As características de predestinação surgem já na ocasião do próprio nascimento do herói, ou no decurso dos seus primeiros anos de vida. “Desde o início Evo ficou marcado como um sobrevivente. Quatro de seus sete irmãos morreram, um ao nascer, e os outros três – Luis, Eduvé e Reina – de doenças curáveis” (SIVAK, 2010, p.32). Logo adiante: “Como todos os pequenos garotos daquela região, Evo se tornou um trabalhador no dia em que começou a andar” (SIVAK, 2010, p. 33). E, ainda: “Em Calilegua, a família Morales mal tinha algo para comer, e por meses eles passaram com macarrão tostado e chá” (SIVAK, 2010, p.34)¹.

O biógrafo descreve situações de extrema privação financeira vividas pela família de Evo Morales. A mensagem passada ao leitor coloca as agruras e percalços que o protagonista foi obrigado a enfrentar, no início de sua trajetória, rumo ao mundo célebre, como fatores decisivos para o desenvolvimento das qualidades necessárias para atender ao chamado para a aventura heróica.

A narrativa biográfica considera que Morales reúne as capacidades pessoais indispensáveis para a posição de líder de Estado. As três regras morais, a ele apresentadas desde a mais tenra idade, surgem como elementos definidores de um possível futuro como *líder revolucionário*. Do aprendizado propiciado pela cultura

¹ Os trechos destacados da obra foram traduzidos pelo autor do presente trabalho.

local, na qual estava inserido, surge uma importante conclusão pessoal que guiaria as suas ações no campo político. *Não ser servil* representa, ao tomarmos como base as regras e realidades do núcleo social da infância de Morales, lutar contra os possíveis responsáveis pelas privações materiais e pelo trabalho infantil, marcos de sua jornada evolutiva inicial.

Como parte de sua educação, Evo teve que memorizar três regras de conduta: AMA SUA (não seja um ladrão); AMA QUELLA (não seja preguiçoso); AMA LLULLA (não seja mentiroso). A quarta ele adicionou mais tarde: AMA LLUNK'U (não seja servil) (SIVAK, 2010, p.33).

Além do aprendizado para a vida, que o mundo comum lhe ofereceu, por meio de desafios cotidianos a serem vencidos, uma das características que passam a diferenciar a trajetória de Morales é a sua capacidade de liderança. Por sua evolução repleta de percalços, que demandaram tremendos esforços de superação, o herói teria o privilégio de contar com uma sensibilidade superior para a compreensão dos dramas humanos. Por vivenciar os caminhos acidentados de uma existência desprovida de facilidades e confortos, o ser heróico em questão possuiria uma inquietação interior a clamar por mudanças na realidade que a ele, e a muitos outros como ele, influenciou.

A diferença entre ele e os outros residiria no desenvolvimento dessa referida sensibilidade superior para a análise das situações sociais e dos potenciais para mudanças na própria realidade. Morales é detentor, como nos indica a biografia, de uma capacidade inigualável para compreender as necessidades e os anseios dos demais, guiando naturalmente os mesmos em busca das conquistas esperadas. Essa qualidade superior mostra-se tão plenamente desenvolvida, a ponto de lhe outorgar a escolha de uma trajetória que supera o mundo dos afazeres comuns. É nesse ponto que o herói começa a surgir, no relato em questão.

Os recursos discursivos apresentam os traços únicos da personalidade do sujeito heróico aos poucos, através de descobertas no decurso de eventos de menor monta, na vida comum do indivíduo: é através do esporte, por exemplo, que são identificadas qualidades pessoais, consideradas como acima da média, para o exercício da liderança de grupos em sociedade. É possível ao leitor a associação

das vivências do herói, em um contexto de privações materiais e intelectuais, com os anseios posteriormente demonstrados para a modificação dessa mesma realidade.

As audiências que compartilham de dificuldades e necessidades sociais ou econômicas semelhantes terminam por sentirem-se extremamente próximas e identificadas com o protagonista. Acima de tudo, a mensagem principal do momento do *chamado*, nesse caso, consiste em considerar as provações passadas em uma realidade difícil como fontes para a admirável solidez de caráter do herói-político Evo Morales.

6.1.1.2 A recusa ao chamado

O convite do destino para liderar grupos e compreender a realidade dos desfavorecidos, em determinados contextos sociais, aponta para um caminho predestinado de vitórias e ascensão no campo da política partidária. Mas o que se vê, a partir do momento do *chamado* para a aventura, são indícios pontuais de insegurança para a aceitação do seu destino grandioso. A biografia indica que o líder passa por uma série de dúvidas e incertezas internas antes que possa assumir a trajetória pública como uma das metas centrais de sua vida.

Em 1995, ele não se considerava um político, ele estava com medo de ingressar na política, como se ela fosse uma prisão da qual ele não estaria apto a escapar, mais tarde (SIVAK, 2010, p.78).

As posturas de hesitação continuariam a se manifestar, ao longo da biografia política de Morales, mesmo quando o protagonista já se encontra inserido em uma trajetória inicial de sucesso na vida pública.

6.1.1.3 O auxílio sobrenatural

Após o recebimento do chamado para a aventura, o herói poderá contar com auxílios e estabelecer identificações com pessoas e referências que lhe tragam a segurança necessária para seguir em frente, em sua nova perspectiva de vida. Ainda por ocasião do parto, Morales recebera a ajuda de uma curandeira, uma presença de ocasião em seu mundo, naquele instante, sem a qual, informa-nos o biógrafo, estaria muito próximo da morte. Nesse caso, o auxílio de terceiros também é fundamental para que o herói possa tomar consciência de sua própria inclinação heróica.

Os traços para o exercício da liderança, qualidades decisivas para que Morales se diferenciasse dos modelos de vivências comuns, são apontados por pessoas próximas e que acompanharam a sua evolução no desenvolvimento infantil. É nesse momento que o apadrinhamento político de Filemón Escobar (pioneiro entre as lideranças dos trabalhadores do setor minerador da Bolívia) surge como auxílio decisivo para a formação da personalidade política de Evo Morales. A narrativa evidencia a influência que Filemón teria no pensamento de Morales. Aponta, ainda, para a figura deste como o grande responsável pela identificação dos traços firmes de liderança em Morales (SIVAK, 2010, p.78).

A identificação do herói com a realidade dos plantadores da folha de coca também pode ser considerada como um auxílio decisivo, que se constrói de maneira espontânea, como sugere a obra. O seu primeiro envolvimento no ramo político se dá, justamente, em função de sua proximidade com os interesses e lutas dos chamados *cocaleiros*.

Foi nesse segmento populacional que Morales conquistou apoio para a sua escalada política. Ele procurou enfatizar a sua própria experiência como agricultor. Dessa maneira, começa a se erigir a imagem de político conhecedor da realidade e preocupado com os interesses do povo. Para o leitor, através da militância pela causa dos plantadores da folha de coca, fica implícita a atenção de Morales com as demandas de grupos desfavorecidos socialmente: se o líder tem tamanha preocupação com as possíveis injustiças cometidas contra este segmento agrícola do país, certamente terá a mesma preocupação com as demandas dos demais grupos minoritários do povo boliviano. Essa possível associação fica disponível à interpretação por parte dos leitores da biografia.

6.1.1.4 Passagem pelo primeiro limiar

A travessia do limiar, na narrativa biográfica de Evo Morales, é marcada por uma situação de crise que pontua sua transição entre a atuação sindical e a projeção nacional como político. A descrição da prisão e a soltura de Morales, acusado de organização irregular de grupos, surge como um momento em que a vida do líder passa a se conectar com a história política de sua nação. A prisão de Morales representaria, de acordo com a reconstrução biográfica, *um marco na história do movimento cocaleiro* (SIVAK, 2010, p.45).

A liberdade da prisão fez com que o líder se juntasse a uma grande marcha, na Bolívia, *pela vida, coca e soberania nacional* (Idem, p.46), em uma clara alusão ao traço *populista* de liderança que se junta às massas populares e recebe o acolhimento das mesmas. A comunicação biográfica oferece a interpretação do evento de soltura de Morales da prisão como um momento em que a sua liderança chega ao nível nacional, levando as causas do movimento sindical que presidia para a pauta política da nação. O líder deixa de ser um mero militante sindical (mesmo que já tivesse posição central na política nacional, nesse referido espaço temporal) e passa a ter a sua imagem vinculada ao exercício da política partidária, em âmbito nacional.

6.1.1.5 O ventre da baleia

Neste ponto do chamado para a aventura, o herói já demonstra segurança para sair de seu mundo cotidiano, inicialmente apresentado na subfase do *chamado*, e iniciar a trajetória heróica em um novo plano de existência. No caso das lideranças políticas, cujas biografias aqui analisamos, esse novo mundo representa a vida pública que a carreira política proporciona. Os desdobramentos que ainda terão lugar na caminhada dos protagonistas, com desafios a serem transpostos, transcorrem agora a partir da existência privilegiada dos heróis.

No caso da biografia de Evo Morales, indícios de amadurecimento pessoal são expressos a partir de referências que remetem à modéstia e à aparente consciência de seu papel no mundo. A relevância pessoal dos momentos passados em sua terra natal e a valorização das dificuldades transpostas surgem como elementos que demonstram a maturidade de caráter do ser biografado. “À medida que passava pelos prédios feitos de tijolos de barro, Evo lembrou que tinha dormido em um deles, durante a marcha de El Chapare para La Paz” (SIVAK, 2010, p.24).

É possível notar, no trecho acima, estratégias de discurso que conduzem o leitor ao entendimento da modéstia que permearia o caráter do personagem: ele se sujeitou a dormir em uma casa simples, sem infraestrutura adequada, em nome de seus ideais mais caros. O uso da palavra *marcha* confere a ideia de uma mobilização coletiva de relevância, em busca de algum tipo de reivindicação ou de modificação da realidade sociopolítica vigente: os ideais revolucionários do grupo,

personificados na imagem do líder que está à frente, desprendido de qualquer apego pessoal, para envolver-se na militância comum.

Os vínculos fortes de Morales com sua terra natal, e com todos os elementos referenciais que a ela estejam conectados, denotam o conhecimento que o mesmo ostentaria da realidade do povo de sua nação.

Em uma volta de helicóptero, ele nomeou os pequenos povoados e algumas das famílias que lá viveram. Também apontou a localização de São Francisco, onde ele tem o seu pedaço de terra (SIVAK, 2010, p.27).

A ideia que se pretende passar ao leitor parece ser a de um líder que valoriza os seus governados e não se esquece de suas origens, por mais humildes e sofridas que possam surgir aos olhos de quem possui recursos materiais. A frase *ele tem o seu pedaço de terra*, da citação acima, mostra a tentativa de vincular a trajetória do biografado com a dos homens comuns.

Não seria porque atingiu os patamares do poder político que o líder deixaria de exaltar as suas referências de trabalhador da agricultura (fato que auxilia em sua conquista de apoio popular). Conhecer as famílias que habitavam as cercanias de suas propriedades de terras pelo nome representaria o valor que o líder confere para cada integrante do povo boliviano.

A grandeza de espírito que o líder adquire, em seu estágio da jornada de herói, permite que reconheça certas carências advindas de suas origens. Ele admite que a educação escolar que recebeu no contexto do campo não foi satisfatória, mas termina por exaltar as outras habilidades que desenvolveu em função das vivências nesse mesmo ambiente campesino. Entre elas, o relato confere ênfase para as qualidades de integração a grupos e de contato com o povo.

6.1.2 A iniciação

A etapa da *iniciação* é marcada por personagens que surgem para tentar desestabilizar a trajetória de Evo Morales. As investidas incluíam atentados contra a vida do mesmo. O menosprezo quanto às suas origens indígenas, à sua baixa escolaridade e à atuação como planador da folha de coca foi outro obstáculo a ser transposto pelo herói, segundo a biografia. Esse aparente desdém, proveniente de seus adversários, terminaria por contribuir para o fortalecimento da imagem de Morales como legítimo representante de grupos minoritários marginalizados

socialmente. O biografado é considerado como *um pai para os bolivianos*, perfeitamente sintonizado com referenciais nacionalistas que pontuam as descrições ao longo do texto. O protagonista teve de resistir às tentações de suborno e ganhos fáceis, enquanto integrante do sindicato de sua categoria.

Apesar de considerar o dinheiro como algo supérfluo e desnecessário, Morales consegue sintonizar-se com referências capitalistas. Ele é mostrado como um consumidor de artigos de luxo, familiarizado aos prazeres que o universo mercantil pode proporcionar.

Um ponto de interrogação é dedicado aos aspectos de sua vida privada: a figura feminina é tratada mais como uma fonte de prazer do que um elemento de constituição familiar. A imagem que se constrói, a partir da biografia, dá conta de um homem atraente ao sexo oposto e dotado de atributos que demonstram potência sexual e virilidade. Mas quando se sente acuado, ou em momentos de dificuldade pessoal, encontra na imagem dos pais e nas marcas referenciais de sua nação os elementos para a evocação da ordem e da serenidade necessárias à rotina política.

6.1.2.1 O caminho das provas

O *caminho das provas* representa os princípios de uma trajetória pública exitosa. Mas, para se alcançar o êxito, é necessário uma série de concessões e transposições de empecilhos. Morales enfrenta como desafio, neste subestágio da fase da *iniciação*, a interposição de inimigos que dificultam a sua ascensão na carreira política. Um bom número de adversários tentou desestabilizá-lo, sem obter sucesso, através de ataques diretos à sua imagem.

Hugo Banzer Suárez, titular do posto de presidente da Bolívia por dois mandatos (1971-1978; 1997-2001), é nomeado na narrativa como um dos desafetos de Morales, ao mover-lhe acusações de charlatão e de criminoso. A biografia indica que as incriminações são feitas sem provas e não tiveram comprovação posterior, contribuindo para o fortalecimento da imagem do jovem líder e estimulando o crescimento político do acusado.

Tentativas de desestabilizar Morales no caminho que trilhava, a partir de sua eleição para mandato legislativo, em 1997, partiram de outra figura política importante no cenário boliviano: o ex-presidente Jorge Quiroga (agosto de 2001 a agosto de 2002). Ele propõe a expulsão de Morales do Congresso por um mês,

situação que não se consuma. O fato de protestos encabeçados por Morales terem resultado em confrontos que resultaram em mortes contribuiu para que a oposição tentasse destruir a sua reputação. Integrantes da campanha de Quiroga para a presidência da Bolívia desdenhavam das possibilidades de vitória do seu principal oponente no pleito, Evo Morales, classificando-o como *índio sindicalista* incapaz de bater um engenheiro formado por universidade estrangeira. As capacidades intelectuais e morais de Morales eram, assim, menosprezadas por seus rivais.

A interpretação oferecida ao leitor para esse agudo menosprezo refere o preconceito em relação às identificações que Morales mantém com grupos minoritários da Bolívia. O biógrafo reproduz um ambiente fortemente polarizado para o país, com determinadas regiões claramente desprezadas e relegadas a uma posição de inferioridade em relação às porções mais desenvolvidas economicamente. De acordo com o autor, para as elites bolivianas, o Oeste representa a estagnação, terra de índios, isolamento e esquerdismo. O Leste representa a modernidade, o sucesso e a riqueza. Por ser considerado um genuíno representante dos cidadãos da porção Oeste da Bolívia, a dos plantadores de coca, o líder sofreria o menosprezo característico das elites contra o povo mais pobre e defasado, nos planos social e econômico.

O governo norte-americano pode ser considerado, no contexto narrativa biográfica de Morales, como um de seus mais contundentes opositores. Atentados contra a sua vida teriam sido planejados por representantes dos Estados Unidos em território boliviano. Em verdade, as diferentes passagens do relato não contribuem com nenhum tipo de provas para as acusações de conspiração contra o protagonista. As suposições encontram força na crença do próprio biografado.

O presidente boliviano Gonzalo Sánchez de Louzada (Goni) é apontado como outro forte adversário político de Morales, em função de sua proximidade com o governo norte-americano e por seu esforço em *destruir* Morales em determinadas situações. “As mortes dos protestos de janeiro excederam o número de 12. Dali em diante, Goni quis destruir Morales, mas lhe faltava o poder e os meios para isso” (SIVAK, 2010, p.96).

Antigos aliados de Morales também se tornaram seus adversários, na medida em que seu papel no cenário político boliviano adquiria cada vez maior protagonismo. O rompimento com o seu principal mentor político, Filemón Escobar,

surge como o resultado do estreitamento das relações entre Morales e o ex-presidente boliviano Carlos Mesa, com o qual mantém uma relação cambiante entre apoios e divergências políticas. A relação conturbada termina com Mesa classificado como desafeto político do protagonista.

Resistir às tentações de ganhos fáceis do mundo político-sindical foi uma tarefa imposta ao herói na narrativa. A descrição da lembrança de Morales sobre uma tentativa de suborno sofrida surge como elemento para interpor a ideia de que o líder manteve-se íntegro, ao não corromper-se em troca de favores políticos.

6.1.2.2 O encontro com a deusa

A vida sentimental do mandatário boliviano é tratada com reserva, indicando-se, em diversas passagens textuais, que não haveria nenhum relacionamento sério que merecesse destaque. O campo afetivo perde espaço em importância diante da trajetória pública. Em diversos momentos, recorre-se ao argumento de que a dedicação integral do presidente ao seu povo somente era possível graças ao seu desprendimento afetivo.

A figura feminina é colocada como uma fração de diversão e aventura na vida do líder da Bolívia. As relações que teve com o sexo oposto surgem como eventos casuais e sem maiores consequências na vida do mesmo. Apesar de existir uma breve menção aos filhos de Morales, e de seu distanciamento em relação a eles, os nomes das mães não são revelados. Apenas se afirma que Morales possui dois filhos de mães diferentes.

Os encontros furtivos com os encantos femininos parecem reforçar uma imagem de homem poderoso e atraente. Os predicados do líder, ao que tudo indica, exerceriam uma atração irresistível às mulheres. Contudo, ele parece preferir a reserva no campo afetivo, em nome da dedicação integral ao trabalho como líder máximo de sua nação. Não deseja que as tentações do sexo oposto o desviem de seu principal objetivo de vida: a luta por seus ideais revolucionários.

A imagem levada ao leitor é a de um personagem solteiro e livre para ser extensivamente assediado pelo sexo oposto. Romântico, evita falar de seus desejos e sentimentos, mas quando encontra-se à vontade, revela ao seu biógrafo o que desejaria em uma parceira: “atlética, de orientação política de esquerda, jovem, uma

boa pessoa, engraçada. Alguém para tomar conta dele e acariciar os seus cabelos” (SIVAK, 2010, p.113).

6.1.2.3 A sintonia com o pai

O relato biográfico indica que Morales valoriza seus pais e procura evocar a lembrança dos mesmos em atos públicos e sempre que vivencia momentos de dificuldade. As imagens parentais lhe conferem segurança e confiança nos momentos de incertezas e desafios extremos. Contudo, determinadas recordações da vida de seu pai são geradoras de tristeza. O alcoolismo e a pobreza são elementos negativos, associados à convivência de Morales com o seu progenitor.

Ele lembrou a triste embriaguês dele com álcool puro, algumas vezes misturado com canela, ou o pranto dele quando reunia os filhos e fazia-os chorar lembrando o quanto a pobreza havia lhe feito sofrer (SIVAK, 2010, p.58).

Outro lamento do biografado consiste em sua ausência na morte dos pais, por estar envolvido em compromissos no exterior, associados a uma já insipiente carreira pública. Trata-se de um forte indício ao leitor de que a trajetória exitosa no campo político exige escolhas pessoais difíceis, como estar longe da família em momentos decisivos e importantes.

A proximidade com o líder cubano Fidel Castro é classificada como uma relação que se assemelharia ao contato entre pai e filho.

(...) Evo tem sido capaz de edificar uma relação com Castro quase de pai para filho. Uma coincidência o ajudava: o presidente da Bolívia nasceu em 1959, o mesmo ano da Revolução Cubana (SIVAK, 2010, p.69).

Estar próximo de Castro significa, para Morales, manter vínculos estreitos com os ideais da Revolução Cubana, um dos seus principais espelhos de modelo revolucionário. Dessa maneira, Castro possui influência nas ideias de Morales e o influenciará em momentos decisivos de sua caminhada política.

6.1.2.4 A apoteose

O biografado atinge a apoteose quando a sua compreensão do mundo o coloca em uma posição de referência para os demais. Isso fica explícito no momento em que a narrativa posiciona Morales como líder que, por ter vivido as mesmas condições desfavoráveis que a maior parte do povo, pode ser considerado como *um pai para os bolivianos*. O biógrafo se prende à ideia de que uma nação é igual a uma família, sendo que o líder assume a posição paternal perante a nação.

Morales é apresentado aos leitores como líder que tem como uma de suas principais preocupações a defesa dos interesses nacionais. Esse traço de nacionalismo fica explícito no caso da disputa social pela exploração das reservas de gás natural, na Bolívia (em 2003), gerando um impasse no qual Morales teve papel central. Ele conduziu protestos pela nacionalização dos hidrocarbonetos, atuando como defensor dos interesses bolivianos na administração das riquezas naturais. A ideia básica, aqui trabalhada pelo biógrafo, é de que o líder esteve presente sempre que os pretensos interesses nacionais estiveram ameaçados.

O herói surge, no âmbito biográfico, como portador de dons premonitórios. A interpretação de supostas mensagens, contidas em sonhos ou pressentimentos, mostra a valorização que o próprio Morales confere às manifestações místicas.

O sonho daquela noite tinha indicado que ele iria ganhar. Ele contou ao seu porta-voz, Alex Contreras, que escalou a montanha de Cuchi-Cuchi, em Orinoca, onde ritos sagrados são realizados. Daquelas alturas, ele contemplou uma paisagem sublime. Na vida real, dias atrás, uma lhama foi sacrificada no cume da mesma montanha (SIVAK, 2010, p.155).

A biografia, nesse caso, oferece ao leitor a interpretação de que as mensagens sobrenaturais que o líder recebe possuem ligação com elementos e rituais característicos de sua cultura local. O sonho que Morales teve, no dia das eleições presidenciais, esteve correto ao indicar-lhe que a vitória estava muito próxima.

6.1.2.5 A benção última

Neste ponto da jornada de iniciação, características pessoais vinculadas ao líder demonstram o poder de influência e de admiração que o mesmo é capaz de engendrar no grande público. Assim, a descrição das viagens de Morales, em

campanha para a Presidência, serve para revelar o quanto ele é nobre para sacrificar-se em nome do seu povo. Surge um herói de espírito prático e com criatividade para vencer as dificuldades que a busca por seus ideais implicaria.

Evo começou a viajar pelo país. Ele realizou a maior parte dos deslocamentos em uma caminhonete Nissan, sem pintura, que comprou com \$15.000 dados a ele por disputar o Prêmio Nobel da Paz, em 1995 (SIVAK, 2010, p.89).

Os próprios eventos históricos parecem conectar-se com a existência do herói de forma natural. O líder é preso no dia 29 de agosto de 1989 e, libertado no dia 7 de setembro do mesmo ano, participa de uma grande marcha na Bolívia, *pela vida, coca e soberania nacional* (SIVAK, 2010, p.45-46). O seu nome surge como uma referência no movimento sindical boliviano. A atitude de estar à frente de um protesto em prol dos interesses da nação coloca o ator político na posição de um líder que busca o contato direto com o povo. Ele deseja a presença física nas aglomerações reivindicatórias como forma de galvanizar o seu nome em momentos relevantes da política nacional. A sua prisão e a posterior libertação do cárcere representam um marco em sua ascensão política no país.

Em certo ponto da narrativa, ocorre a inserção do biografado no contexto do capitalismo global. Uma marca de grife internacional aparece como peça de adorno no vestuário de Morales. *Ao vestir o mesmo tipo de óculos Ray-Ban de Tom Cruise, em Top Gun* (1986) (SIVAK, 2010, p.7), ocorre a identificação do líder com elementos de uma cultura mercantil, cujos ideais correm de encontro aos anseios de Morales por austeridade material e combate às grandes corporações estrangeiras.

A mensagem é de que o personagem revolucionário, apesar de seus ideais reformistas, do combate às elites do capital e do desapego ao dinheiro e aos bens materiais, sabe apreciar os prazeres que o próprio capitalismo oferece.

Sempre viu o dinheiro como algo maldito: não tocá-lo e nem desejá-lo. Seus vícios antes de tomar posse – ou, melhor dizendo, de se divertir – consistiam em um pouco de farra, os esportes (tênis ou jogos de futebol) e suas sextas de solteiro (SIVAK, 2010, p.65-66).

Apesar de suas inspirações revolucionárias de intervenção na realidade social de seu país, Morales é definido como um líder pacífico. “Evo, que havia flertado com

a ideia de uma luta armada, fez dessas palavras as suas: a revolução deveria ocorrer por meio dos votos, ou não ocorreria” (SIVAK, 2010, p.69). Sua personalidade aparece desvinculada da imagem que, muitas vezes, ele mesmo evoca como modelo de intervenção política: a Revolução Cubana, que sugere a revolta armada como meio para a mudança social.

6.1.3 O retorno

Superar certa aversão inicial ao universo político consiste em um desafio enfrentado pelo protagonista em seu período de retorno. A inserção na política é acompanhada de eficiente proveito dos espaços propiciados pelos meios de comunicação social. Habilidades oratórias e facilidades em conectar-se comunicativamente com o povo são características que tornam Evo Morales uma liderança detentora de expressiva popularidade. O seu desejo de obter reconhecimento, claramente, ultrapassa as fronteiras de sua nação. O biógrafo Martín Sivak destaca traços de humildade, justiça e austeridade como marcas do caráter do seu biografado. Morales surge como uma opção mais completa e preparada do que os seus antecessores, um ícone que se dedica mais ao povo, de maneira geral. O contato direto com o povo e com os movimentos sociais exige sacrifícios na vida pessoal que em nenhum momento são negados. Tudo gira em torno da *performance* pública do ser político. Em determinado momento, é possível identificar demonstrações de resignação de Morales em relação às suas limitações intelectuais. Ele considera que o destaque em habilidades práticas, como o dinamismo administrativo e o traquejo comunicativo, conferiu-lhe o sucesso na atividade militante-política. A crença em relatos e rituais que remetem a termos sobrenaturais aparece como uma constante recorrência do biografado, nas mais diversas situações públicas e pessoais que enfrenta. Nesta etapa do retorno, assim como anteriormente, na etapa da *iniciação*, surge um personagem que se mostra totalmente desapegado dos bens materiais, buscando conter gastos em suas viagens internacionais e dispensando o conforto em nome da austeridade, em diversas ocasiões relatadas.

6.1.3.1 A recusa do retorno

Chega o momento em que o herói necessita estabelecer uma ponte comunicativa com os seus seguidores. É preciso sintonia com o mundo da vida comum para que a mensagem superior que carrega possa ser repassada e implique nas possibilidades de mobilização coletiva. A posição de liderança precisa ser posta em contato com o povo. A narrativa biográfica mostra que Morales supera as inseguranças iniciais de sua inserção no campo político quando adquire posição de destaque no cenário nacional boliviano. É quando, então, aprende a lidar com o povo. “Eu detestava política antes, mas agora eu aprendi que é fundamental conhecer e estar envolvido com ele [povo], ele disse, lembrando o que ele temia em 1995” (SIVAK, 2010, p.104).

Surgem indicativos de desconforto com a rotina no princípio da gestão presidencial de Evo Morales. O texto fala de incômodos provocados pela falta de privacidade e pelos entraves burocráticos. O sistema causou estranhamento ao mandatário, acostumado com a rotina de gestão característica das organizações sindicais.

Durante os primeiros dias, Morales tinha ficado desconfortável pela falta de privacidade – tinha pessoas ao seu redor constantemente – e pela lentidão da burocracia. Ele começou a esquecer o mecanismo sindical de gestão imediatamente (SIVAK, 2010, p.194).

6.1.3.2 A fuga mágica

A crença de Morales em relatos místicos, como explicações para eventos da realidade, é apresentada como um traço característico do seu modo de agir. Os sonhos premonitórios adquirem tanta importância quanto a opinião de pessoas próximas. A descrição de que sentia-se perseguido por inimigos demonstra o apego de Morales aos mecanismos místicos de interpretação da realidade.

Para ele, aqueles sonhos são geralmente premonitórios, sinais que ele deve prestar atenção da mesma forma que ele escuta as sugestões dos conselheiros ou as propostas dos sindicatos (SIVAK, 2010, p.51-52).

Ao trecho acima cabe, ainda, a interpretação de que o líder conta com o auxílio de inspirações sobre-humanas, no momento de tomar importantes decisões políticas ou pessoais. A crença em lendas e ditos populares representa uma conexão estabelecida entre Morales e a cultura boliviana, marcada pela fé em símbolos e rituais, principalmente por parte dos povos campesinos. O biógrafo ressalta o respeito que Morales dispensa às identidades e costumes locais, sendo frequentes as homenagens ritualísticas que recebe, principalmente de grupos indígenas, em eventos oficiais ou informais. Ele chegou a buscar auxílio com especialistas em rituais andinos, antes de iniciar o seu governo, *para se livrar das más energias deixadas no Palácio Queimado* (SIVAK, 2010, p.162).

Em uma situação descrita no relato, após um ritual sagrado de purificação, Morales se dirige à multidão e mostra o quanto ele mesmo acredita e busca segurança para a vida prática, nos rituais místicos.

Eu quero pedir a todos vocês, com muito respeito às autoridades nativas, às nossas organizações, aos nossos *amatuas* (especialistas em rituais andinos): Olhem por mim e, se eu estiver incapaz de avançar, me empurrem para frente, irmãos e irmãs (SIVAK, 2010, p.159).

Ao evocar a lembrança da morte do pai, Morales encontra uma explicação de cunho místico: a causa estaria associada a uma crença popular, cujas origens remetem ao domínio do folclore boliviano. “Ele falou sobre o *lik'ichiri*², uma possível causa para a morte de seu pai, Dionísio, em 1983. O *lik'ichiri* extrai a gordura do corpo e enfraquece o mesmo” (SIVAK, 2010, p.57).

Outros momentos de fuga mágica da realidade consistem na estratégia de obter segurança com a utilização de identidades opostas. Com isso, assumir determinados posicionamentos implicaria, necessariamente, em negar o seu oposto.

Nos primeiros dois anos como presidente, Evo apoiou-se na construção de identidades opostas [cada uma contém o seu oposto]. Ele foi nacionalista e anti-imperialista; popular e plebeu contra as elites e oligarquias; um índio desafiador do colonialismo interno e externo; antineoliberal, mas com o cuidado de não definir-se como socialista (SIVAK, 2010, p.214-215).

² A palavra significa *ladrão de gordura*, em tradução literal da linguagem aymara. A lenda conta que criaturas sobrenaturais, sugadoras de gordura humana, assombrariam as terras altas do território andino.

Dizer-se nacionalista e anti-imperialista significa conferir apoio irrestrito a tudo o que se refere com o nacionalismo e negar qualquer referência que se ligue à ideia de imperialismo. A utilização de identidades opostas pode soar como uma forma de radicalismo político do líder, ou como uma possibilidade de enfatizar-se a força dos seus posicionamentos, construindo uma imagem de extrema determinação para com os seus ideais políticos. Quanto ao primeiro caso, uma postura radical pode servir como forma de se evitar a discussão e o contato com ideias diferentes das suas, constituindo-se, assim, como uma forma de fuga da realidade e reclusão em seu próprio mundo de segurança.

6.1.3.3 O auxílio externo

O relato biográfico indica que o herói busca a sensação de segurança em elementos que remetem à figura dos seus pais e ao seu ambiente cultural de origem, na Bolívia. “Eu acredito na terra. Em meu pai e minha mãe. No Chuchi-cuchi [uma montanha boliviana]. E hoje é a celebração de Cuchi-cuchi” (SIVAK, 2010, p.66).

Por mais de uma ocasião, ocorre uma equivalência entre as possibilidades de identificação com o âmbito de uma nação e de uma relação maternal. É quando a expressão *Mãe Terra* é utilizada como sinônimo para *nação*. Essa aproximação de sentidos atua para o fortalecimento dos laços de Evo Morales com o seu país, que surge como sinônimo de uma grande família.

Fidelidade aos interesses de sua terra e de seu povo são características relacionadas ao perfil de Morales, na biografia. Demonstrações de nacionalismo são identificadas em diversas situações no relato: em discurso na Organização das Nações Unidas, Evo demonstra aversão tácita ao capitalismo e critica a interferência externa nos assuntos internos da Bolívia (SIVAK, 2010, p.189); em outra situação, decreta a estatização das refinarias de petróleo do país, a fim de garantir a soberania nacional na exploração dos hidrocarbonetos (Idem, p.200); ao descrever os afazeres de Morales em viagens internacionais, o biógrafo indica que o líder *tirou apenas duas horas para dormir, dedicando quase a noite toda para falar com a Bolívia [no telefone]* (SIVAK, 2010, p.72).

O primeiro discurso de Morales, como presidente eleito, demonstra um auxílio externo ao círculo privado de relações que se faz presente em muitas de suas falas

públicas. A biografia permite o vislumbre de um herói político que faz questão de delegar protagonismo político para o povo. As suas declarações dão conta de que o povo governa junto com ele. Além disso, procura valorizar todas as manifestações e ritos que julgue pertencentes ao âmbito popular (inclusive a sua cultura materna, a *aymara*).

Nós ganhamos. Pela primeira vez, nós indígenas vamos governar esse país (...) Ele encerrou o discurso com um brado *cocalero*: ‘Causachun Coca! Wañuchun yanquis’ [Vida longa à Coca! Morte aos lanques!] (SIVAK, 2010, p.155-156).

A ideia que se passa ao leitor é de um líder que encontra força e motivação no contato com as massas. Quando questionado pelo biógrafo sobre os seus discursos públicos, Morales responde que *concebe a política como demonstração de força através das marchas ou, como prefere dizer, as concentrações* (SIVAK, 2010, p.14). É delas que o líder lança mão para reafirmar a sua autoridade, demonstrando que o apoio das multidões, presentes em suas constantes viagens pelo território boliviano, são fonte de força e legitimidade para sua gestão. Esta seria uma forma de manter-se distante da influência de organizações políticas estrangeiras: mostrar-se sempre cercado por um séquito de admiradores e partidários.

O prazer de estar em contato com o povo surge como uma vontade genuína do líder, que parece considerar fundamental, e valorizar, o auxílio externo ao âmbito da vida particular que recebe na rotina política, seja a partir do contato com os seus subordinados no poder, seja nos encontros com as pessoas, em atividades públicas.

6.1.3.4 Capacidade comunicativa (passagem pelo limiar do retorno)

A habilidade de Morales para atuar no cenário político-midiático é descrita como uma qualidade pessoal reconhecida por todos. Além das habilidades como orador e do bom desempenho nas aparições públicas, ele é apontado como detentor de extremo carisma, também nos bastidores da mídia. O biógrafo considera que Evo foi capaz de *construir a si mesmo como um personagem na mídia* (SIVAK, 2010, p.45).

A descrição da visita de Morales a um pequeno vilarejo indica a sua preocupação em conquistar popularidade e levar as suas ideias políticas ao grande

público. O fato de visitar locais distantes e ignorados pela maioria dos governantes sugere que o líder prioriza uma presença equânime de sua imagem em todas as regiões da Bolívia. Solícito, busca sempre estar junto do povo para promover uma relação cada vez melhor com o mesmo.

Apesar do já referido traço de nacionalismo, Morales não almeja reconhecimento unicamente no plano interno de seu país. Em suas viagens internacionais, em especial no princípio da gestão presidencial, quando a curiosidade sobre a sua imagem era intensa no exterior, ele recebe elogios do público de fora da Bolívia. A repercussão de uma entrevista que Morales concedeu à uma emissora televisiva norte-americana oferece pistas de que seu jeito de ser e agir publicamente fora reconhecido e bem recebido pela comunidade internacional.

Nos programas subsequentes, Stewart continuou falando sobre aquela entrevista que foi discutida em vários jornais dos Estados Unidos. Ele também pediu a sinceridade de sua audiência: 'Neste país, será que nós sabemos o que é a Bolívia?' (SIVAK, 2010, p.165).

O biógrafo de Morales acompanha as jornadas políticas promovidas pelo interior da Bolívia, e constata que a palavra *revolução* é personificada na figura do biografado e dos seus seguidores (SIVAK, 2010, p.28). O líder possui o dom de guiar a sua revolução com a demonstração de carisma e confiança, não necessitando recorrer à luta armada para atingir os seus propósitos.

6.1.3.5 Senhor de dois mundos

Uma das virtudes ligadas à trajetória política de Morales é a humildade. Na descrição da estadia da comitiva presidencial em Cuba, o líder foi capaz de renunciar ao próprio conforto para economizar o dinheiro público. Em relação aos seus subordinados, não se furta em dividir as mesmas acomodações e revela um costume peculiar: chamar a todos de *grande chefe* (*jefazo*), embora o *grande chefe* seja ele (SIVAK, 2010, p.1). Um de seus prazeres é a disputa de partidas de futebol com assessores e funcionários do seu governo, momento em que confraterniza com todos, independentemente de sua posição como chefe de Estado.

As análises do biógrafo, acerca do perfil político de Morales, apontam para características que o distinguem de seus predecessores no cargo. A mensagem

principal é de que o líder boliviano é melhor e mais justo do que os demais políticos. A eleição de Morales para a Presidência representaria uma importante mudança no perfil de liderança nacional, servindo como modelo de superação e de simplicidade admirável. Ele também se destaca dos perfis tidos como dominantes, no cenário político da Bolívia, por conferir maior valor à história de seu país e às pessoas.

Antes, o presidente da Bolívia, além de ser branco ou *mestiço* (de descendência européia) tinha que demonstrar certo conhecimento adquirido na Universidade, escola, forças armadas, ou outro círculo social predeterminado. Morales veio sem esse conhecimento, sem a cultura geral das classes média e superior, e tem demonstrado a falha deste imperativo de Chefe de Estado Educado (SIVAK, 2010, p.132).

A simplicidade, inerente ao caráter de Morales, manifesta-se através do desejo em manter permanente contato com trabalhadores e movimentos sindicais durante a sua gestão. A imagem que se constrói é a de um líder que devota extrema atenção para as reivindicações e necessidades dos seus liderados. Tanto que o presidente boliviano parece considerar a nação que representa como uma grande família. No papel de presidente, ele seria o patriarca dessa conformação familiar, na qual o povo depende de sua atenção e cuidados. Assim, liderar significa prover o povo das condições necessárias para o desenvolvimento. O compromisso irrestrito, estabelecido entre Morales e o povo da Bolívia, exige determinados sacrifícios em sua vida pessoal, para que possa dedicar-se com integralidade ao mundo político. Em suma, o povo parece estar em primeiro lugar na vida do mandatário, que afirma não pensar em contrair matrimônio, pois *já está casado com o povo da Bolívia* (SIVAK, 2010, p.8).

O biógrafo assinala que Morales é visto como a encarnação da mudança, por determinados grupos que o cercam. Considerado como um verdadeiro ídolo, sua imagem é cultuada por seus seguidores, gerando um fenômeno chamado de *evolatria*. O autor da obra refere, ainda, o termo *evismo* para referir-se à projeção do governo (interna e externa), a partir da centralidade da imagem do líder (SIVAK, 2010, p.208-210). Nesse sentido, os níveis de popularidade do governo estarão estreitamente relacionados com a aprovação das posturas do governante no espaço público. Em outras palavras, tudo gira em torno do líder, que possui a prerrogativa de transitar com desenvoltura entre a esfera do povo e do poder.

6.1.3.6 Liberdade para viver

Evo Morales surge como um indivíduo que prima pela reserva em relação aos detalhes de sua vida privada. Quando instado pelo biógrafo a falar de si mesmo, parece preferir a abordagem de aspectos referentes à sua trajetória pública, como governante. Os filhos de Morales são mencionados apenas uma vez ao longo de todo o relato biográfico e sob o rótulo de uma relação familiar distante e fria. A precariedade dos laços familiares é tida como um dos preços a serem pagos pela dedicação irrestrita ao povo e às causas públicas. O líder sacrifica a sua vida pessoal, em nome do sucesso em sua trajetória como governante. Após eleito presidente, busca não envolver aspectos privados em sua vida pública. Considera que a confusão entre o público e o privado atrapalharia a rotina de governo (SIVAK, 2010, p.118).

Neste ponto da jornada, o herói é capaz de identificar as suas habilidades e as suas deficiências. Morales define-se como um indivíduo não apto ao trabalho intelectual, em virtude de sua criação e educação precárias. Por outro lado, identifica em si mesmo traços positivos de liderança no campo político, facilidade no trato com grupos e na mediação de conflitos. As suas habilidades são vinculadas a atividades de cunho prático e que envolvam o contato com o público.

Apesar de galgar o mais alto posto político da nação, Morales não se vê como ente superior aos demais. Tem humildade ao definir que sempre se sente em casa quando visita a sua terra natal, com a impressão de que nada mudou desde que se tornou um político célebre (SIVAK, 2010, p.38).

Uma das características do protagonista que ganha destaque é seu desapego aos bens materiais. Ele procura se cercar da companhia de pessoas que compartilhem desse pretensível traço de austeridade na vida material. Sua história de provação econômica é aliada à missão de trabalhar pela mudança da realidade social de sua nação. Nas palavras de seu biógrafo, *Evo é o filho da precariedade e, simultaneamente, a incorporação da mudança* (SIVAK, 2010, p.218).

6.2 *Hugo Chávez sem uniforme: Uma história pessoal*, por Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka

Hugo Chávez Frías é retratado como um personagem político singular em suas estratégias e atitudes. Mas apresenta uma tendência para a ambiguidade, com facilidade para mudar de opinião conforme os interesses de ocasião. O biografado é definido como um comunicador nato: é capaz de contagiar audiências heterogêneas com um discurso inflamado e com fortes expressões nacionalistas. As suas medidas de governo buscam respaldo nas metas de proteção da soberania nacional e figuras políticas históricas, de orientação esquerdista, evocadas como exemplos a serem seguidos. A fim de erguer uma sólida fachada de líder revolucionário, Chávez procura aproximar a sua biografia com a de personalidades políticas como Fidel Castro, Simón Bolívar e Ezequiel Zamora, dentre outros. As suas bases ideológicas são tomadas emprestadas de expoentes da esquerda latino-americana. A vida pessoal do biografado é tratada com extrema discricção, sendo que a renúncia dos aspectos pessoais, em nome da carreira política, surge como uma opção tomada conscientemente.

O entrosamento de Chávez com as janelas de visibilidade proporcionadas pela mídia indica um líder que sabe construir e manter a própria imagem de popularidade e proximidade com o povo. Desponta como mestre em evocar entidades genéricas (*o povo, a pátria, a revolução*) como fontes de zelo e dedicação pessoal e em nome das quais alcança legitimidade para muitas de suas ações e posturas políticas. Ao final, a imagem de Chávez compreende as características essenciais do ser político, do *homem político*: a aparência de que sempre soube o que quiz e de que buscou, sempre, defender as ideias em que acreditava, lançando mão de estratégias e recursos de alianças para a conquista e manutenção do poder político almejado.

6.2.1 A partida

No espaço da *partida*, encontramos os elementos que pretensamente atuaram na formação da personalidade política do futuro líder nacional. Ao mesmo tempo, é possível vislumbrar as demonstrações de predestinação de Hugo Chávez para a liderança de grupos e para a busca de seus ideais políticos. Desde cedo (aos 13 anos de idade), em seu desenvolvimento, surgem referências a pensadores

esquerdistas e revolucionários, dos quais tomará emprestadas muitas de suas ideias. O encontro com o pensador equerdista Estéban Ruiz Guevara ocorre nessa época e é referido como um divisor de águas em sua vida. A experiência militar aparece como fundamental período de formação das capacidades de liderança e de combatividade políticas. O personagem desenvolve o pensamento militar da estratégia, empregando o planejamento conspiratório como uma das ferramentas básicas para a sua ascensão no certame político. As memórias de infância dão a entender que o biografado teria experimentado condições de vida peculiares às camadas populares e desfavorecidas da Venezuela (muito embora tenha sido criado pela avó paterna, que lhe ofereceu uma vida financeiramente confortável). O biografado procura cercar-se de pessoas que tenham a possibilidade de auxiliá-lo em ações e ambições políticas futuras. É ressaltada a fidelidade que o líder venezuelano dedica a todos os referenciais políticos e históricos que admira. A biografia enfatiza os predicados do personagem como comunicador, traços considerados como inerentes ao seu caráter, e que influenciarão de maneira decisiva na conquista da popularidade.

6.2.1.1 O chamado

Um dos pontos-chave para o início da preparação de Hugo Chávez ao ingresso na carreira política é a convivência no ambiente militar. O texto indica que a sua adesão às Forças Armadas teria ocorrido por acaso e guiado pela inocência. O líder teria enxergado nas trincheiras do Exército uma oportunidade para conhecer a capital da Venezuela e tentar a vida em uma cidade com maiores oportunidades.

Um dia chegou ao liceu um oficial da Escola Militar (...) Aí está: essa é a minha. Vou para a Escola Militar em Caracas, fico conhecendo Caracas, depois me retiro da Escola Militar e fico por lá (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.32-33).

Aos 17 anos, Chávez ainda estava inserido em um contexto rural, com escassas perspectivas de mudança social. O esporte e a carreira militar apareciam como únicas possibilidades para ascender socialmente. Assim, justifica-se a busca de Chávez por um futuro melhor a partir da rotina na caserna e com a vida em uma cidade grande. A ideia que passa é a de que, desde o período de sua adolescência,

Chávez já sabia o que queria e contou com o auxílio do destino: ele descobre as suas potencialidades políticas na rotina do Exército, período em que se interessa, ainda, por esportes, artes e mulheres (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.42).

A mudança do mundo rural de Barinas para Caracas foi abrupta. Alguns incidentes próprios da dinâmica militar vão-lhe temperando o caráter e revelando traços que se acentuarão com o passar do tempo (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.39).

A predileção por ideais de pensadores políticos de esquerda desponta de maneira precoce na vida do líder, ainda no período da adolescência. Neste ponto, surge a construção de uma imagem de predestinação para o personagem. Ele sempre soubera o que desejava para o seu futuro e sentia-se um predestinado para ser protagonista da história: um ser com missão superior.

Seu diário pessoal registra, de maneira meticulosa, como a intenção política amadureceu nele, como já se assume como alguém predestinado, com uma missão na história (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.48).

As memórias da juventude de Hugo Chávez dão conta de um jovem que teria vivido a realidade comum às camadas populares de seu país, tornando-se um rapaz competitivo e rebelde. A facilidade no contato interpessoal e no estabelecimento de vínculos de amizade surge como mais uma característica distintiva de seu caráter. De acordo com os biógrafos, Chávez teria sido o presidente venezuelano que melhor soube tirar proveito de suas origens. Ele consegue converter as suas próprias circunstâncias geográficas de nascimento em acontecimento histórico.

Logo fez amigos no bairro onde vivia Rafael, o 23 de Janeiro, uma zona popular cheia de grandes prédios de interesse social, símbolo do que a democracia oferecia aos setores mais pobres da cidade (...) Na Academia, Chávez tornou-se um estudante competitivo e às vezes rebelde (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.36).

Retratos de vivências em meio à escassez de bens materiais aparecem como desafios transpostos por sua família. A situação econômica desfavorável dos pais é relacionada com o fato de sua educação ter ficado ao encargo de sua avó paterna (a

quem, por isso, considera como mãe). Por ter se separado cedo de sua mãe biológica, Chávez desenvolve uma rejeição à figura da mesma, situação que é tomada como influência para a formação de um perfil político crítico e agressivo no futuro. As melhores condições financeiras da avó permitem que tenha uma educação de qualidade, experimentando uma infância classificada, no relato, como feliz e comum.

O momento marcante para o *chamado* de Hugo Chávez para a aventura da trajetória política se dá aos 13 anos de idade, quando, em seu local de nascimento, encontra suporte e esclarecimentos para a vida, na figura do líder esquerdista Estéban Ruiz Guevara.

6.2.1.2 A recusa ao chamado

No período da infância e da adolescência, apesar da demonstração de inclinações para exercer atividades no campo da comunicação e da liderança, o personagem parece preferir um caminho diferente: a carreira de esportista. “Sempre esteve mais perto do sonho de ser um lançador profissional de beisebol que de buscar firmar-se como comunicador ou animador de espetáculos” (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.231).

As impressões de pessoas próximas a Chávez, nos períodos de formação da infância e adolescência, são de um indivíduo tímido e retraído, traços bem diferentes de sua idade adulta, quando se mostra comunicativo, falante e carismático (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.229).

6.2.1.3 O auxílio sobrenatural

De acordo com o relato, Hugo Chávez procura cercar-se de indivíduos que representem a defesa de ideais políticos de cunho revolucionário e reformista. Procura vincular a própria imagem à de personalidades associadas à esquerda política, tanto nos cenários venezuelano quanto latino-americano. O militante político venezuelano Douglas Bravo aparece como importante influência política de Chávez, de quem toma emprestadas as ideias, fazendo-as suas, e com quem manteve contato frequente (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.59).

No contexto da vida militar, o líder busca o contato com aliados para os seus propósitos de investida contra a realidade política vigente em seu país. Colegas de

caserna se tornariam futuros parceiros políticos, aproximados pela afinidade a ideais de revolução e intenções reformistas. O irmão mais velho de Chávez (professor de física e militante do Movimento de Esquerda Revolucionária – MIR) aparece como o familiar que teve relevante influência política, auxílio pelo qual demonstra profunda gratidão.

O modelo político que primeiramente teria alcançado algum peso sobre Chávez é a revolução nacionalista do general peruano Juan Velasco Alvarado. Ao líder é delegado certo fetichismo quanto às referências políticas que caem em seu gosto.

Velasco, que cerca de oito meses depois seria derrubado por um golpe direitista, lhes presentearia, nessa noite, um livro de bolso azul, *A Revolução Nacional Peruana*, que se transformaria, para Chávez, em título de cabeceira e uma espécie de fetiche (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.43).

O relato de outro episódio indica o empenho do personagem em demonstrar fidelidade para com as figuras públicas que lhe inspiravam os caminhos da política. Em um dia de folga da caserna, Hugo Chávez aproveita para visitar o túmulo de um ídolo, Látigo Chávez (líder dos trabalhadores do setor petrolífero e jogador de beisebol venezuelano). A situação é refletida pelos biógrafos, que questionam a consistência dos laços estabelecidos pelo biografado com os seus referenciais de conduta política e de exemplos de vida.

Que há por trás da sacralização de um petrolífero ao qual jamais conheceu, por que o soldado Chávez presta contas a um ídolo morto, como se estivesse diante dos restos de seu próprio pai? (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.41).

A Revolução Cubana aparece como um evento histórico de considerável influência na formação política do futuro presidente venezuelano. O período de sua adolescência é atrelado ao contexto político de Cuba da década de 1960: Chávez teria ingressado na Academia Militar com o livro **O diário de Che Guevara** debaixo do braço (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.34-35).

A ideia que se passa é a de um líder que se tornou um revolucionário por ter sido influenciado, desde cedo em sua formação, por ideais e referências revolucionárias. Em sua trajetória, Chávez aparece em um movimento crescente de

aproximação a nomes associados à militância revolucionária e que serão seus reais aliados políticos no futuro, como foi o caso de William Izarra, militar e ideólogo da revolução venezuelana, e com o militar e político Francisco Árias.

6.2.1.4 Passagem pelo primeiro limiar

O primeiro contato de Chávez com as possibilidades de interação no universo político surge a partir da relação paternal estabelecida entre este e o líder esquerdista José Estéban Ruiz Guevara (apontado, no relato, como o primeiro farol político de Hugo Chávez). A imagem construída é a de um personagem que teve o interesse pela política despertado desde a infância, através de leituras e das orientações informais do mestre Ruiz Guevara (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.31).

6.2.1.5 O ventre da baleia

O herói surge como predestinado para a sua missão desde o início de seu desenvolvimento. Na infância e na adolescência, as noções de liderança de grupos surgem em diversas situações. Princípios de atuação social e aprendizado político ganham espaço na vida de Hugo Chávez. Ainda criança, inicia contato com ideias marxistas, com o destino lhe possibilitando o encontro com mentores intelectuais, como no caso de Estéban Guevara. Contatos com colegas íntimos, no ingresso à vivência militar, são indicativos da formação de uma rede de amigos que lhe será de extrema utilidade no decurso de seus projetos políticos.

As inclinações pessoais para atuar como comunicador despontam como traços fundamentais de seu caráter, ao lado da própria ambição pelo poder. Neste ponto da jornada do herói, Chávez está pronto para dar início à sua missão de vida: tornar-se parte da história como político de projeção nacional.

6.2.2 A iniciação

Hugo Chávez enfrenta momentos de decepção quando os seus planos conspiratórios fracassam. Contudo, sua passagem pela prisão se mostrará como um momento sabático para o seu desponte político. Mistura de sorte e oportunismo, será a partir deste evento que passará a ganhar projeção nacional, movido pelo acaso e por sua aptidão comunicativa. Assim, em sua posterior campanha para a

Presidência da República, o discurso anti-imperialista e anticapitalista empregado por Chávez caminhará, sem maiores problemas, ao lado das tomadas de apoio político e financeiro de empresários e personalidades influentes economicamente. O personagem parece, pois, levar uma vida dupla: concilia o discurso contrário ao capital com o apoio financeiro recebido de grandes conglomerados; coaduna a disciplina das atividades militares com a clandestinidade das atividades conspiratórias; conjuga a imagem de chefe familiar com as aventuras amorosas fora do matrimônio. A vida sexual com amantes indica predicados de atração sexual e de virilidade, traços admirados na figura masculina pela cultura local. O distanciamento do pai biológico encontra compensação no apego à imagem de ícones da história venezuelana e da América Latina, como quando evoca a trajetória revolucionária de seu bisavô paterno. Hugo Chávez conduz um discurso que prega a ruptura com um passado desvirtuado, em nome da promessa de uma nova ordem social, sob a sua tutela, mais justa e mais igualitária.

6.2.2.1 O caminho das provas

O período que Hugo Chávez passa na prisão aparece como decisivo para o seu ingresso na vida política. É quando conhece futuros colaboradores e começa a articular a sua imagem pública enquanto recluso. A narrativa sugere um grande lance de sorte: o fracasso na iniciativa de um golpe de Estado, liderado por Chávez, serviu-lhe como trampolim político.

Contudo, antes do auxílio do destino, o líder teve de passar por um período de crise e frustração, por ver suas intenções golpistas fracassarem. De acordo com depoimento de sua mãe, a tentativa mal-sucedida do golpe de 1992 surpreendeu aos próprios familiares, já que seu filho mantinha as ações que planejava em segredo, atuando como um legítimo conspirador em silêncio. Ao longo de sua vida, Chávez guardaria sempre mistério e reserva quanto aos fatos transcorridos nesse episódio, também conhecido como 4F (por ter ocorrido no dia 4 de fevereiro de 1992).

Naquele momento, por volta das quatro da manhã, o filho se sente perdido. O ataque a Miraflores foi completamente sufocado. Ninguém sabe ainda que é o líder da insurreição. Nesse instante, o comandante Hugo Chávez se sente, segundo ele próprio disse, como um 'tigre enjaulado, não sabia como enfrentar aquilo, como agir' (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.90).

O personagem seguiu ascendendo no cenário conspirador-revolucionário da Venezuela, na década de 1980, mantendo uma vida dupla: conciliava a carreira como militar com as atividades secretas que compreendiam as suas metas pessoais para a conquista do poder. Sentia-se, à época, perseguido por adversários que pareciam interpor-se a seus objetivos políticos (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.74-75).

O líder sentia-se julgado pela opinião pública em função do apoio recebido de empresários e instituições financeiras internacionais na campanha eleitoral para presidente. As grandes somas em dinheiro recebidas do segmento empresarial se mostravam incompatíveis com a sua postura pública anticapitalista e revolucionária, sustentada por um discurso que valorizava os humildes e rejeitava os poderosos (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.22-23).

6.2.2.2 O encontro com a deusa

As memórias de juventude mostram um Hugo Chávez que adquire matrimônio relativamente cedo, aos 23 anos de idade, constituindo uma família com o nascimento de sua primeira filha. Contudo, o casamento e a gravidez de sua esposa parecem não ter a mesma importância que os referenciais de sua trajetória pública. A mensagem que fica é a de um líder que abre mão das preocupações e ambições de sua vida privada para dar vazão aos seus projetos políticos.

Hugo Chávez tem apenas 23 anos. Casou-se com sua conterrânea baronesa Nancy Colmenares. Segundo uma amiga dele, ela estava grávida e esperava o nascimento de sua primeira filha. Nada disso, porém, tem em suas anotações pessoais o mesmo resplendor que a política (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.49).

Chávez aparece, ao longo do relato, como um homem que buscou sempre relacionar-se com muitas mulheres. Apesar de contrair matrimônio aos 23 anos de idade, manteve um caso amoroso extraconjugal por muitos anos. A amante escolhida era Herma Malksman, uma ativista que comungava dos mesmos interesses e ideais do jovem revolucionário Hugo Chávez.

O desejo de poder do personagem é equivalente ao desejo de conquista do sexo oposto: sempre procurando obter o máximo de proveito e exercendo um

intenso poder de atração perante os demais. Um panorama de anseio sexual e infidelidade matrimonial que encontraria respaldo no imaginário masculino da sociedade venezuelana: ter uma esposa e manter diversos casos extraconjugais.

6.2.2.3 A sintonia com o pai

A construção biográfica de Hugo Chávez demonstra a importância que a busca por referenciais e modelos de conduta possui em sua vida. O pai biológico não aparece como figura representativa na formação de seu caráter, possivelmente por não terem estabelecido laços de convivência significativos. Como aparentes suplentes para a representação paterna, surgem frequentes tentativas de vincular a sua imagem com a de ícones da história política venezuelana e latino-americana. Chávez encontra apoio explícito nos perfis de Ezequiel Zamora, Simón Bolívar e Simón Rodríguez encarnando, dessa forma, a defesa de ideais pretensamente nacionalistas.

Mas, no plano teórico, Chávez também resgatou Ezequiel Zamora, converteu-o no fundamento de seu projeto político. Junto a Simón Bolívar e Simón Rodríguez, professor e mentor de Bolívar, o herói federalista completa a trilogia que passou a chamar de 'árvore das três raízes', a base ideológica da revolução tomada das ideias do ex-guerrilheiro Douglas Bravo e seu Partido da Revolução Venezuelana (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.126).

Como referência familiar de interesse político, Chávez evoca a trajetória de seu bisavô, a quem passa a reverenciar como modelo de militância esquerdista revolucionária. O ímpeto pelo resgate da história de vida de Pedro Pérez Delgado é repentino, fazendo com que o seu bisavô ganhasse reverência de herói. Hugo Chávez promove, com essas iniciativas, o encontro com referenciais ideológicos de orientação marxista e confrontadores dos cenários capitalistas e liberais. Chávez faz suas as ideias daqueles a quem considera como heróis revolucionários, dedicando-lhes uma veneração digna da referência de uma figura paternal.

Pedro Pérez Delgado [*Maisanta*] é, talvez, um santo menor, sobretudo se comparado com figuras como Simón Bolívar e Ezequiel Zamora. (...) Chávez é bisneto dele. Tanto o impressionou que, a partir desse instante, Hugo Chávez começa a investigar, a revisitar a vida do avô, a fim de resgatá-la e integrá-la à própria existência (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.128-130).

O ápice da identificação com um herói revolucionário toma forma na reverência dedicada a Ezequiel Zamora. Declarações de Chávez apontam que ele mesmo seria a reencarnação do líder revolucionário Ezequiel Zamora. Pessoas próximas ao primeiro costumam afirmar que ele realmente acredita nisso.

6.2.2.4 A apoteose

O líder começa a utilizar os seus dotes comunicativos para conquistar seus seguidores. Utiliza um discurso pretensamente centrado na vontade do povo por mudanças no contexto sociopolítico vigente no país. Prega uma aparente ruptura com um passado local, marcado por partidos políticos corruptos, que se revezavam na presidência da Venezuela. A sua campanha política o colocou como diferencial em relação aos demais políticos. Chávez direciona a sua crítica aos antecessores no poder e ao *status quo*, colocando-se ao total dispor das necessidades do seu povo nacional.

Os golpes de sorte são colocados como fatores constantes para o êxito na carreira política. A predestinação auxiliaria nos momentos decisivos e, de maneira inexplicável, guiaria os seus passos políticos. Desponta em sua vida uma vontade latente e incontrolável *de dar o golpe, de lançar-se ao poder* (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.77).

A análise dos biógrafos dá conta de uma personalidade política marcada pelas qualidades da determinação e da estratégia. Nesse sentido, o líder empreenderia a sua trajetória pessoal como um verdadeiro herói. Ele próprio tem consciência de encarnar a representação do herói que vence ao final.

Apegado a rituais, valoriza as figuras políticas e históricas que lhe despertam admiração. Consegue, dessa maneira, projetar uma imagem pessoal de líder revolucionário no âmbito da sua nação, pois representaria os anseios do povo por mudanças, encarnando os ideais esquerdistas e revolucionários das personalidades que admira e a quem devota profunda veneração.

6.2.2.5 A benção última

A vida do líder modifica-se por completo após a sua libertação da prisão. A narrativa explicita que a fama repentina e o destaque pessoal, adquiridos com a

repercussão de suas articulações políticas no cárcere, fizeram com que Chávez modificasse substancialmente a sua personalidade. Chávez passa a ser visto como *símbolo sexual* e sua vida sentimental é reestruturada: ele põe fim ao casamento e à relação com a amante Herma Marksman. O depoimento da ex-amante demonstra o quanto foram radicais as mudanças nos rumos da vida do personagem, a partir do evento da prisão, em função das atividades golpistas do 4F.

A metamorfose que se operou com a popularidade, segundo ela, foi tal que hoje não vê mais o mínimo traço do homem que amou e com quem conspirou tantos anos. O Hugo Chávez que saiu do cárcere era outro, um desconhecido (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.136).

O biografado parece esforçar-se para garantir a si mesmo uma perspectiva de ser superior, procurando atrelar a sua trajetória de vida à construção histórica de sua nação. “O ritual de 1983 no Samán de Güere mostra um traço peculiar em Chávez: o esforço para fazer coincidir os fatos de sua própria vida com datas e acontecimentos históricos” (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.63).

As breves descrições das relações de Hugo Chávez com seus filhos expõem a imagem de satisfatório exercício da paternidade. É considerado um bom e carinhoso pai. No tocante à sua vida material, o panorama é de total desapego aos bens. O fato de não ser um homem de muitas posses, antes da conquista do poder, torná-lo-ia uma pessoa simples e desapegada das questões financeiras (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.143).

A partir dos anos 1980, Chávez é definido como *líder indiscutível*, no lastro de suas atividades políticas dentro do Exército Bolivariano Revolucionário (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.69).

6.2.3 O retorno

A conquista do poder e da visibilidade política permite a Chávez ampliar o seu discurso inflamado contra o sistema político em geral. O personagem se posiciona como uma alternativa nova, uma possibilidade de mudança e revolução na cultura política e na sociedade vigentes. A sua formação é deslocada para o âmbito externo à política, como líder *outsider*. Chávez parece pródigo em evocar entidades supremas para justificar as suas próprias ações, assim como recorre à identificação

de inimigos gerais e facilmente mencionáveis. Passa a todos a sensação de que o povo governa junto com ele. Ao mesmo tempo, desenvolve diversas políticas assistencialistas, na tentativa de satisfazer parcialmente às demandas de grupos. Fidel Castro surge como um dos seus principais mentores políticos, ao lado da figura de seu irmão mais velho. A biografia mostra Hugo Chávez como um indivíduo cujas ações e ideais seriam guiados pela necessidade pessoal de ser amado. Esse fato poderia explicar a sua recorrente postura de ambiguidade política, com mudanças frequentes de opinião, na aparente tentativa de agradar aos seus diferentes perfis de interlocutores.

A capacidade oratória do personagem apresenta-se acentuada, com excelente proveito das aparições nos veículos de comunicação e expressivos índices de popularidade. Chávez chega a ser definido, no relato, como um homem à frente de seu tempo. De acordo com os biógrafos Cristina Marcano e Alberto Tyszka, trata-se de um personagem político de difícil classificação.

6.2.3.1 A recusa do retorno

O relato biográfico explicita as tentativas de Hugo Chávez em desvincular-se do universo político e da imagem de político aos moldes considerados como tradicionais em seu contexto nacional. É apresentado como um líder moldado do lado de fora dos círculos políticos (líder *outsider*), ingressando no poder para modificar a realidade social, supostamente estilhaçada por injustiças e atitudes criminosas, provenientes dos políticos tradicionais. Chávez eleva o tom a partir de um discurso *antipolítico*, que prega a renovação das fileiras político-partidárias e oferece uma clara oposição social entre ricos e pobres.

Em suma, Chávez recusa a imagem de político tradicional, colocando-se na posição de líder *outsider*, que se vincula ao povo e coloca-se fora do jogo político tradicional. São indícios dessa renúncia ao protocolo e da tentativa de aproximação com o povo a pretensa espontaneidade inconsequente e a renúncia a formalidades em eventos e situações oficiais, fatos que, não raro, ocasionam constrangimentos para suas contrapartes. Por conta disso, acaba construindo uma imagem internacional de intempestivo e provocador, com a classificação de suas atitudes como *destemperadas* e de sua figura como *folclórica*.

Outra característica marcante de sua postura pública é a acentuada ambivalência política demonstrada ao longo de sua gestão como presidente: as mudanças de posicionamento são frequentes e as suas opiniões, em muitos casos, se mostram incoerentes com a realidade. Chávez parece agir politicamente conforme a ocasião se apresenta. O discurso parece mudar conforme o perfil da audiência (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.150-151). É quando, por exemplo, o discurso revolucionário e simpatizante à luta armada, marcas de sua trajetória como conspirador, em busca do poder, cede espaço para uma abordagem em prol da democracia pacífica, depois de eleito presidente. Assim, duas situações distintas são tratadas com abordagens discursivas diferenciadas, a fim de atender às expectativas do público.

6.2.3.2 A fuga mágica

A capacidade superior de atuação do herói, aparentemente, outorga-lhe o direito de vincular-se a entidades supremas para, assim, justificar os próprios comportamentos e atitudes. “Desde suas primeiras declarações, Chávez invocou com furor o Pai da Pátria como justificador e legitimador de todas suas ações” (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.118-119).

A entidade *povo* é tomada como fonte de legitimidade e força política. Quando da declaração de que não pretendia renunciar ao cargo, em 2002, o líder venezuelano afirma que não abdicaria do poder que lhe fora outorgado pelo povo em *caráter eterno* (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.223). Ao ingressar no território dos símbolos e referências não passíveis de verificação prática, o personagem consegue esquivar-se de explicações detalhadas para as suas ações. Submete a sua vontade ao desejo supremo de entidade superior ao plano do indivíduo, do mundo real. Além disso, ao referir o povo como uma entidade suprema, traz para junto de si um conceito de pretensa supremacia coletiva, em nome do qual passará a agir.

Assim, o mito da *simbiose* entre líder e povo vai sendo construído: estabelece-se uma pretensa relação de devoção recíproca e incondicional entre o mandatário e os seus liderados. A vida privada é desprezada como um mistério inconveniente. A prioridade é a dedicação ao povo, nem que para isso seja necessário abandonar o

universo da realidade privada em nome da encarnação imaginária do poder absoluto.

A partir de 2003, o universo privado adquiriu em Hugo Chávez uma correspondência com o mito construído: seu único amor é o povo. Ao que parece, daí em diante, a vida privada é velada pelo mistério, a intimidade quase um segredo de Estado (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.308).

O apego a sonhos e projetos, cuja realização se torna uma tarefa desmedida, quase impossível no plano do real, mostra-se como mais uma estratégia de Hugo Chávez para fugir da realidade. Ele reafirma publicamente propósitos políticos aparentemente fantasiosos, como o desejo de manter-se na presidência até o ano de 2020. “Chávez prefere abraçar sonhos que parecem impossíveis de alcançar que enfrentar as duras realidades da vida – diz seu amigo psiquiatra Eduardo Chirinos” (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.280).

Quando sente que seu governo sofre qualquer tipo de ameaça ou desestabilização, o protagonista busca a identificação de inimigos públicos relacionados a entidades coletivas: os adversários contumazes apontados são os Estados Unidos, as elites econômicas da Venezuela e o capitalismo global. Demonstra, ainda, repentina fixação por determinadas pessoas ou ideias que lhe despertem o agrado.

6.2.3.3 O auxílio externo

O líder considera que o povo governa junto com ele. Por isso, tenta engajar a todos na defesa dos seus ideais supostamente revolucionários. Delega ao povo a condição de protagonista político. No entanto, o relato mostra que as expectativas geradas no povo por mudanças sociais significativas não chegam a ser plenamente satisfeitas. Para preencher possíveis insatisfações, medidas assistencialistas são adotadas:

Quando não havia mais operações sociais a oferecer, Chávez alcinhou um termo grandiloquente para englobá-los. (...) lançaria a *Misión Cristo* (...). A crítica geral a todo o projeto concentra-se em três aspectos fundamentais: é populista, discricionário e não conta com nenhum controle social (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.339).

Os méritos pelos triunfos de governo também são divididos com a entidade do povo. Hugo Chávez procura o auxílio de seus seguidores ao longo da trajetória política. Um dos seus homens de confiança é Luis Miquelena (Ministro do Interior em seu governo), a quem classificou como braço direito (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.160). O líder cubano Fidel Castro é considerado por Chávez um influente mentor político, cujas palavras foram decisivas em momentos de crises e incertezas, como na ocasião de sua deposição da Presidência da Venezuela, em abril de 2002. A amizade mantida com Fidel Castro parece colaborar para a sustentação de uma autoimagem de *liderança revolucionária*.

Sua amizade com o veterano Fidel, 28 anos mais velho que ele, serve-lhe de reforço; o faz sentir-se independente, mais soberano, mais revolucionário. (...) enfatiza Castro (...) 'Chávez não é um homem de violência (...) como Bolívar e Washington, é um revolucionário' (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.263).

Dignos de confiança são também considerados os seus colegas militares, a quem delegou posições estratégicas em sua gestão presidencial. Posteriormente, decepcionar-se-á com casos de corrupção envolvendo esses mesmos auxiliares de governo que tanta empatia e confiabilidade despertavam.

A influência do irmão mais velho, Adán, surge como importante referência política para Hugo Chávez. A família acabou envolvida na política no encaicho da ascensão de Chávez ao poder. Graças a sua popularidade, e também às polêmicas que a sua postura pública gerou, os seus cinco irmãos e o pai acabaram inclinados para o cenário político.

A família presidencial não permaneceu alheia à fama e à popularidade de Hugo Chávez. Tampouco à rejeição que isso gera. Os dardos dirigem-se contra toda a família, porque agora quase todos estão na política. Com o triunfo do ex-comandante, em 1998, despertou-se o apetite político em quatro de seus cinco irmãos (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.314).

Os próprios meios de comunicação estatais venezuelanos aparecem, a certa altura no relato, como organizações que expõem aberta defesa à imagem pública de Hugo Chávez e consistem em importante fonte de auxílio.

Os meios de comunicação do Estado se transformaram, por sua parte, em brigadas de propaganda que parecem dispostas a qualquer coisa para defender o presidente (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.246).

O personagem parece ter a necessidade de sentir-se amado, de sentir-se aceito pelos demais. Em função disso, aponta o seu psiquiatra pessoal Edmundo Chirinos, deriva um comportamento narcisista. Pessoas próximas a Hugo Chávez reforçam a ideia de que o líder busca a atenção do outro, a qualquer custo:

Edmundo Chirinos, que foi seu psiquiatra, diz: - Chávez tenta que o amem e , se não o amam, começa a ter reservas. Ele precisa ser admirado, essa é a parte de seu narcisismo; precisa ser escutado e atendido, admirado, até idolatrado (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.347).

6.2.3.4 Capacidade comunicativa (passagem pelo limiar do retorno)

As qualidades de Hugo Chávez como orador e comunicador são amplamente referidas pelos biógrafos. Segundo eles, o tom de informalidade impresso nas falas públicas do líder, marcadas por exemplos pessoais de superação e de determinação, cativa os seus ouvintes. A perspicácia com a qual se comunica faz com que a sua mensagem seja amplamente difundida ao público, que obtém facilitada compreensão de suas falas. É a partir do período em que permanece no cárcere que as suas virtudes comunicativas manifestam-se para o grande público.

Chávez aprende rápido. Sabe como louvar o interlocutor. Sabe como cortejá-lo, como fazê-lo sentir-se próximo. (...) Começa também, da prisão, a criar uma relação pessoal com os meios de comunicação (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.233).

Chávez é definido como uma pessoa que vai direto ao ponto em suas arguições. Fala o que pensa e, às vezes, fala o que não deveria, arrependendo-se mais tarde. De acordo com depoimento de sua mãe, o traço de sensibilidade de Chávez ganharia equivalência na personalidade de seu pai.

- O caráter dele é como eu sou. Direto, quando não gosta de uma coisa, diz. – E também peca por imprudência. – Às vezes diz coisas que não deveria dizer. Depois se arrepende, mas já as disse. – Do pai, declara: - O filho herdou a sensibilidade (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.313).

O personagem faz uso dos recursos midiáticos para a disseminação de sua mensagem. De seu desempenho diante das câmeras e microfones, resultaria uma imagem pessoal de simplicidade no falar e no agir, predicados que facilitariam a sua interação com diferentes perfis de público. A ideia que passa é a de que fala uma linguagem universal, a linguagem do povo, pretensamente acessível a todos.

Grande parte de sua retórica parece desenvolver-se com ênfase semelhante a dos pregadores das chamadas igrejas eletrônicas. Fala com simplicidade, dando sempre exemplos; explica-se por historietas, controla à perfeição os códigos populares (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.336).

A relação com a mídia compreende momentos de afinidade e discórdia. Quando Chávez rompe relações com os veículos oficiais, inicia-se um período de disputas ideológicas envolvendo órgãos de imprensa a favor e contra a sua gestão. Um dos únicos jornais com que não rompeu ligações possuía linha editorial de gosto popular. Tratava-se do jornal Últimas Notícias, sob o comando do jornalista Eleazar Días Rangel (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.240-241). Quando as divergências com os veículos de comunicação venezuelanos se intensificam, Chávez tenta a implantação de uma lei que lhe dá amplo controle sobre o conteúdo veiculado. A mensagem que passa é a de um líder que não mede esforços para manter uma imagem favorável ao seu governo na mídia de seu país.

O presidente venezuelano parece transitar entre dois papéis distintos, desempenhados na esfera governamental: uma roupagem midiática e outra correspondendo à realidade histórica. Os biógrafos chegam a propor uma questão: existiria diferença entre a figura histórica de Chávez e a sua representação na mídia? (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.248).

6.2.3.5 Senhor de dois mundos

Hugo Chávez é apresentado como um homem visionário, com ideias à frente de seu tempo. O seu principal motivo de satisfação compreenderia a conquista de influência e poder político (MARCANO-TYSZKA, ano, p.162-165).

Apesar das dificuldades enfrentadas por seu governo, Chávez consegue manter a sua popularidade em alta. A boa aceitação de sua imagem é utilizada

como forma de fortalecer-se no poder. Promove identificação pessoal com os pobres e desfavorecidos socialmente em seu país. O seu carisma ganha o reconhecimento de todos.

Ninguém, porém, nem uns nem outros, pode deixar de observar e reconhecer o carisma de Hugo Chávez. Essa magia que estabeleceu com os pobres da Venezuela. Para eles, Chávez é um sentimento profundo, inquestionável; uma emoção que já se tornou uma fé (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.335).

O líder procura a lembrança de suas origens humildes e chega a ironizar as próprias carências intelectuais. Sugere que não saberia ser outra coisa que não um homem comum e simples, um típico representante do povo. Rechaça o convívio e a identificação com as elites sociais venezuelanas (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.17).

O governo de Chávez é definido como centrado na figura do líder máximo da nação. Ou se está contra ele, ou se está a favor dele. Aqueles que divergem da gestão presidencial colocam-se em oposição ao líder, e vice-versa. As emoções políticas são todas expressas em relação à figura máxima da liderança. Dessa forma, entende-se que o líder deva ter pulso firme para reagir às críticas dos opositores e proteger o governo e a sua nação, o seu povo.

O único debate concentra-se numa única pessoa, na adesão ou repúdio fervoroso ao líder. Só Chávez parece ser uma emoção que contagia, contra ou a favor. Não há outra coisa. O mandatário seria combativo em defesa própria. Sua agressividade, uma forma de proteção (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.332-333).

No que diz respeito à política internacional, o mandatário venezuelano parece desfrutar de considerável autonomia: não cede em suas posturas nacionalistas, diante de suas contrapartes, em outros países. Chávez também costuma ser recebido com interesse e curiosidade pelas audiências externas, justamente por sustentar uma postura diferenciada de político: irreverente, decidido e que não faz concessões nem ao presidente dos Estados Unidos (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.13).

6.2.3.6 Liberdade para viver

A chegada de Chávez ao poder é marcada pelo desejo de conquistar cada vez mais influência política. Suas ambições extrapolam as fronteiras de sua nação: cogita ampliar a divulgação de sua imagem para outros países, incluindo na lista o território de seu maior inimigo, os Estados Unidos. Sua ideia passa *pela criação de uma rede continental de televisão e um programa de rádio semanal, cujo conteúdo pudesse ser acompanhado de Chicago à Patagônia* (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.238).

O presidente venezuelano mostra-se hiperativo em seus afazeres governamentais, demonstrando energia e disposição comparáveis às de seu antecessor no cargo, Carlos André Perez. Chávez confessa que, aos 45 anos, se vê como um jovem, pronto para a batalha. É como se a sua vida ganhasse um novo recomeço, com novas possibilidades de conquistas e de vivências (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.164).

Hugo Chávez parece ter se adaptado à rotina no poder de maneira natural. Após ocupar o mais alto cargo da nação, apesar de carregar origens supostamente humildes, não apresenta receios ao cultivar costumes atrelados às camadas mais abastadas, financeiramente. Sua aproximação de símbolos do capitalismo e da riqueza, como relógios Cartier, Boucheron e Rolex, é realizada sem aparentes conflitos com a sua retórica pública anticapitalista e em favor da distribuição de renda em seu país (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.200).

Há quem arrisque , na verdade sem maior fundamento, que o refinamento de Chávez teria a ver com seu contato com a faustosa elite árabe (...). A foto de Saddam Hussein dirigindo uma Mercedes Benz negra com Chávez de co-piloto dá a volta ao mundo (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.201-202).

Chávez promove concessões em sua vida privada com vistas à construção de uma imagem pública favorável. Os biógrafos reverberam a especulação de que o período de crise referente ao segundo casamento do presidente foi deixado de fora da mídia, mantendo-se a união apenas por uma questão de aparência. A crise no enlace poderia ter surgido do próprio receio de Chávez perante a possibilidade de protagonismo político da primeira-dama. Outra interpretação considera que a esposa de Chávez, Marisabel, não compreendeu o fato de o mandatário estar *casado com o*

povo, não aceitando a sua *dedicação integral à revolução* (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.306).

O sigilo para aspectos mais íntimos surge como uma estratégia para evitar que crises e detalhes de sua vida pessoal venham a interferir no personagem público. Assim, parece justificada a sua decisão em preservar os integrantes de sua família dos holofotes da mídia. A impressão deixada é de que os veículos midiáticos respeitam essa opção presidencial, poupando a família de especulações acerca de escândalos e situações delicadas.

O presidente procura manter a descendência afastada da vida pública, do poder que detém e encarna. Talvez deseje protegê-los desse campo de batalha que é sua vida. Os que o atacam, tampouco têm recorrido à intimidade da família em busca de escândalos, com a intenção de fazer desse espaço um lugar de conforto (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.321).

O enquadramento de Hugo Chávez como líder *neopopulista* é discutido pelos biógrafos, que o consideram como um tipo de liderança de difícil classificação. Uma análise da sua imagem como presidente, elaborada pelo acadêmico venezuelano Alfredo Ramos Jiménez, considera-o como *neopopulista*, no momento em que Chávez demonstra a intenção de dominar e de manipular as classes populares, reforçando uma pretensa sensação de participação e de identificação do povo com o seu governo. Seria uma gestão marcada pela centralidade da figura do líder, cujo poder não pode ser delegado a ninguém e onde o carisma é colocado como predicado fundamental (MARCANO-TYSZKA, 2006, p.343).

Outro ponto de vista apresentado pela narrativa corresponde à opinião do estudioso político venezuelano Carlos Romero, para quem Chávez seria definido como *caudilho militar do século XXI no comando de um governo populista militar* (Idem, ibidem).

Contudo, a imagem do líder debilitado pelo câncer, amplamente fixada na pauta jornalística mundial, na atualidade, põe em teste a força de Chávez como líder *neopopulista*. A realidade dos fatos passa a desmentir o mito construído acerca de sua trajetória pessoal e a postura como governante nacional. Até a finalização dessas linhas, o futuro do presidente venezuelano Hugo Chávez parecia tão limitado quanto a sua expectativa de vida. De acordo com fontes médias extraoficiais, no

atual estágio de sua doença, o líder teria uma expectativa de vida de, aproximadamente, um ano.

6.3 Lula, o filho do Brasil, por Denise Paraná

A obra concentra o seu foco na jornada típica de um herói: a migração da família de Lula, da escassez de recursos de uma cidade interiorana do Brasil, para o núcleo urbano de pleno desenvolvimento portuário e industrial do estado de São Paulo. A saga do personagem é traçada a partir da superação das dificuldades em família, com destaque para a figura materna, tomada como exemplo de dedicação e cuidado aos filhos. A situação biográfica demonstra influências opostas em Lula, a partir das figuras parentais: o pai, alcoólatra e violento, representaria as injustiças e os perigos de uma sociedade que se deixa levar pelos vícios e delinquências. A trajetória da mãe abriria as portas para um contexto em que a honestidade, a compreensão e a dedicação à família são os elementos definidores do caráter e do sucesso de um grande homem. É essa última perspectiva que Lula toma em seus discursos públicos, ressaltando sempre as suas origens humildes e o empenho honesto da superação das adversidades impostas pela condição social. Assim, aproxima-se da realidade social de muitos brasileiros, oferecendo o exemplo de que um homem simples, do povo, pode atingir o posto mais alto na escala republicana.

O relato biográfico escrito pela jornalista Denise Paraná limita-se à reconstrução da trajetória de Lula desde o nascimento até o ingresso na carreira política, através das atividades sindicais. O texto não remete ao período do Lula governante, desde a sua eleição para deputado federal (1987-1989, representando o estado de São Paulo), passando pelas corridas eleitorais dos anos de 1989 e 1994, até a conquista do primeiro mandato presidencial, em 2002. Esse lapso temporal faz com que a perspectiva da jornada do herói, de Joseph Campbell, seja contemplada parcialmente, excluindo-se o estágio do *retorno*, momento que representa o regresso da mensagem do protagonista, mediante a consolidação de sua influência na política governamental. A biografia **O que sei de Lula** (2011), do jornalista José Nêumanne Pinto, por sua vez, promove uma análise crítica do período em que Lula esteve na Presidência do país. O autor investiga as motivações do biografado, em suas ações políticas, buscando uma imagem do que existiria por trás do mito político

consolidado. Por essa razão, o relato de Nêumanne Pinto é acrescentado ao corpus de análise do presente trabalho.

O que se vê na retomada dos períodos da *partida* e da *iniciação* do líder político reflete uma mistura de aptidão e sorte: Lula manifestou uma condição cognitiva acima da média na infância, desenvolvendo posteriormente as ferramentas comunicativas que lhe possibilitaram o domínio das audiências. Por outro lado, ele sempre pareceu estar na hora certa e no lugar certo, contando com o acaso, em diversos momentos, para o benefício de sua carreira política. Um desses momentos de sorte é o seu próprio ingresso no campo político, por meio da atividade sindical: como veremos adiante, não fossem as insistências de seu irmão mais velho, Lula não teria a iniciativa de integrar as atividades da cúpula sindical de sua categoria. Por isso, a biografia permite a compreensão do biografado antes como *um homem na política*, distanciado da noção de *um homem político*. Como líder *outsider*, o seu despoite se dá fora das esferas tradicionais da política: a noção é de um *homem do povo*, que se mostra como uma alternativa nova na defesa dos interesses dos desfavorecidos, dos trabalhadores humildes e honestos, assim como ele e sua mãe. Seu estilo de fazer política aparece como conciliador, mais distanciado da insistente combatividade típica de líderes *populistas*. Busca o diálogo com adversários, aliados e setores sociais, fato que acaba lhe conferindo destaque na atuação pública inicial. Coloca-se plenamente à disposição do povo, mas não chega a renunciar à sua vida privada. O discurso de Lula não se mostra tão imerso em preceitos nacionalistas, traço também peculiar às práticas ditas *populistas*.

6.3.1 A partida

Os recursos discursivos da etapa da *partida* delimitam um contexto de extremas adversidades para o desenvolvimento do herói, em seus primeiros anos de desenvolvimento. Privações financeiras levam o protagonista à experiência do trabalho infantil e fazem com que os instintos de sobrevivência tenham a sua maturidade acelerada. O contato com essa realidade parece dotar Lula de uma sensibilidade especial para identificar o sofrimento e as necessidades dos demais. A sua capacidade cognitiva superior seria notada por uma professora do ensino primário, chegando a profetizar um futuro promissor e diferenciado para o seu aluno. O desinteresse pelos temas políticos surge como um desequilíbrio inicial do herói

em sua trajetória, fato posteriormente superado. O irmão mais velho, Frei Chico, aparece como guardião e fonte inspiradora para os caminhos da vida pública no universo político. Dramas na vida pessoal fazem com que Lula ingresse com maior ímpeto em sua preparação para a liderança política: a participação na gestão sindical dos metalúrgicos de sua localidade representa o ponto crucial da jornada do herói na biografia.

6.3.1.1 O chamado

Luiz Inácio Lula da Silva é considerado como um sobrevivente desde o seu nascimento, em uma pequena localidade do interior do estado brasileiro de Pernambuco. É citada a alta taxa de mortalidade infantil da região, no período, colocando o personagem como uma exceção dentro do contingente de sobrevivida ao parto. O bebê é recebido em um contexto familiar de extrema pobreza e desestrutura. Além das privações materiais, Lula chega ao mundo no momento em que o pai prepara-se para ir embora de casa, na companhia de uma amante, deixando para trás os filhos e a esposa. A descrição da residência da família Silva oferece uma dimensão das carências presentes no cotidiano de Lula e de seus irmãos.

A casa em que Luiz Inácio nasceu, em Caetés, no sítio de Vargem Comprida, era uma meia-água feita de estuque, caiada de branco. Tinha um quarto e uma sala, que também servia de cozinha. O chão era de terra. Não existia banheiro, nem dentro nem fora. O banho era semanal, em açudes que ficavam a 6 ou 8 quilômetros de distância (PARANÁ, 2009, p.34).

O evento que aparece como um divisor de águas na vida do protagonista é a migração de sua família, da região Nordeste do Brasil para o Sudeste. Em busca de melhores condições de vida, a mãe de Lula decide vender todos os seus bens e ir atrás do marido, no estado de São Paulo. A biografia define a jornada como uma travessia entre dois mundos: um futuro de maiores possibilidades espera os migrantes, em troca de muito trabalho e dedicação, em um contexto metropolitano. É aí que o destacado destino de Lula começaria a ser traçado.

A poeira que o caminhão levantava fazia desaparecer o mundo que Lula conhecia. De agora em diante, tudo era novo. Nenhuma referência parecia segura diante daquilo que começavam a ver (PARANÁ, 2009, p.45).

A opção por fixar residência em uma terra distante, em termos geográficos e culturais, fez com que os membros da família Silva tomassem consciência do quão restrito era o seu horizonte de expectativas. O mundo em que viviam resumia-se ao universo da família, dos parentes e dos vizinhos. Era como se vivessem alheios “a outras raças humanas” (sic) (PARANÁ, 2009, p.46).

O texto trabalha com o estranhamento da família Silva em um contexto de vida diferente, cheio de descobertas aparentemente banais, mas de amplas perspectivas de autoconhecimento. Foi quando passaram a ter contato com avanços da civilização, como o automóvel e a água encanada, e tomaram parte de uma experiência coletiva que lhes possibilitaria a formação de uma consciência de classe.

Desde a mais tenra idade, Lula e seus irmãos tiveram de iniciar trajetórias no mundo do trabalho e começaram a frequentar a escola, apesar das expressas proibições do pai. O desempenho estudantil chegou a render distinções aos mesmos, mesmo que eles estivessem com uma base escolar inferior à média dos estudantes da mesma faixa etária, em uma cidade de maior porte.

Apesar das proibições do pai, e de terem entrado na escola sem conhecer o alfabeto, sem saber escrever os próprios nomes, os filhos de Lindu se destacavam nas notas. Os três conquistaram os primeiros lugares de suas classes, com direito a louvor, distinção e um prêmio (PARANÁ, 2009, p.64).

Uma das primeiras pessoas que teria identificado em Lula um potencial superior às demais crianças de sua faixa etária foi uma professora, chamada Terezinha. O fato mostra-se marcante no relato, pois a docente, diante do futuro promissor que antevia para o garoto, chegou a oferecer-se para adotá-lo, apresentando como atrativo melhores condições financeiras para o seu desenvolvimento. A oferta foi prontamente recusada pela mãe de Lula, para quem a ideia de entregar um filho para outra pessoa parecia uma proposta inconcebível, uma ofensa imperdoável para quem sacrificava a sua vida em nome de sua prole (PARANÁ, 2009, p.65).

O relato indica a admiração que Lula nutria pelos operários que trabalhavam em grandes indústrias automobilísticas. Ele observava o bom nível de vida de que desfrutavam, possibilitado pelas condições favoráveis de trabalho e remunerações consideráveis para os padrões da época. De acordo com o relato biográfico, sonhou em ser um deles, situação que o levou à busca de formação profissional na área. A conquista deste sonho representou, para Lula, uma nova perspectiva de vida: um futuro melhor, repleto de possibilidades de sucesso.

Era o integrante da família com maior destaque em função dos seus interesses, méritos e conquistas pessoais. A biógrafa considera que o personagem, a essa altura, conseguira romper com a barreira social (referida, simbolicamente, como *muro*) que separava a sua família das demais classes sociais, no contexto de uma cidade como a Grande São Paulo dos anos 1960. De acordo com o relato biográfico, “Luiz Inácio era o único filho formado, o intelectual da família. O futuro o esperava. Ele havia encontrado e aberto uma porta no muro” (PARANÁ, 2009, p.75).

6.3.1.2 A recusa ao chamado

Indícios de recusa ao seu destino de liderança pública surgem na descrição de um garoto que se mostrava tímido e retraído em diversas ocasiões. Sensações de desconforto surgiam quando tinha que vender laranjas e era obrigado a gritar em público o nome da fruta. A narrativa lembra, ainda, do insucesso em seu primeiro emprego, como telefonista, em uma fábrica de persianas: como era nervoso e agitado, não conseguia estabelecer contato satisfatório com os seus interlocutores. Acabou demitido do emprego e chegou a ouvir uma sentença negativa quanto ao seu futuro, como político de proeminência. Achava que não tinha inclinação para lidar com as pessoas. “Ele sabia que, no futuro, teria que escolher uma profissão silenciosa. Falar com as pessoas, definitivamente, não era um dom que ele tinha” (PARANÁ, 2009, p.71).

Outro momento de negação do destino ocorre quando demonstra profundo desinteresse em tomar parte da rotina sindical. Demonstrava uma personalidade desvinculada de interesses políticos e de classe. Não via com ambição a dinâmica da militância por causas coletivas, considerando os sindicalistas como oportunistas e desprovidos de confiabilidade. O testemunho de uma cena violenta durante uma greve de funcionários metalúrgicos de uma empresa parece ter contribuído para a

imagem negativa dos movimentos de classe. Ele viu um operário ser atingido por um tiro e o proprietário da fábrica ser arremessado da janela do segundo andar do prédio por trabalhadores revoltados (PARANÁ, 2009, p.84).

Mesmo quando decide fazer parte da militância sindical, Lula não parece demonstrar indícios de pretensões políticas futuras. Com a contração de matrimônio no mesmo período em que opta por iniciar trajetória como sindicalista de sua categoria profissional, o personagem demonstra encontrar a felicidade plena com a conquista de uma posição profissional e com a formação de uma família. Aspirações políticas e ambições pela conquista de poder passam ao largo dessa etapa da jornada do herói.

6.3.1.3 O auxílio sobrenatural

Lula encontra respaldo e força interior em sua família e no exemplo de vida que tem na figura de sua mãe. O relato coloca a matriarca dos Silva como personagem de destaque, a grande responsável pelos valores e ensinamentos passados ao seu filho mais ilustre. Assim como a trajetória do filho Lula, o seu exemplo de superação e de austeridade ganharia projeção heróica na história recente do país.

Lindu virou nome de praça em Recife e de posto de saúde em Caetés. A anônima sertaneja tornou-se personagem de livro e de filme, *Lula, o Filho do Brasil*, a maior superprodução da história do cinema brasileiro (PARANÁ, 2009, p.139).

Nas situações mais difíceis de sua vida, Lula parece ter ganho respaldo no exemplo de sua mãe, mulher lutadora que, diante das adversidades, parecia não esmorecer, ofertando sempre, a todos os que a cercavam, o auxílio para as necessidades e a cortesia de um sorriso no rosto. A narrativa aponta que a perseverança diante do adverso é uma característica que Lula herdou de sua mãe, dona Lindu (PARANÁ, 2009, p.67).

A influência do irmão mais velho aparece como importante impulso para o ingresso nas fileiras da política. Sem a insistência de Frei Chico, o destino de liderança nacional de Lula estaria longe de ser delineado. Foi com as injustiças cometidas pelo pai que os dois irmãos refletiram, juntos, sobre a justiça. Foi a partir

do cotidiano de operário, partilhado, que ambos começaram a discutir sobre as questões de sua classe profissional e dos trabalhadores de seu país.

Mas o laço de amizade mais profundo, apontado no texto, dá-se com o personagem chamado Lambari, companheiro de Lula desde a infância. Eles se encontraram na adolescência, em um momento em que Lula se sentia muito solitário, em função das mudanças de residência promovidas por sua família. O contato surgiu na vizinhança onde moravam. A amizade perduraria para sempre: até os seus últimos dias de vida, em 2008, Lambari *era apontado como o melhor amigo do presidente* (PARANÁ, 2009, p.139).

6.3.1.4 Passagem pelo primeiro limiar

O ingresso de Lula no movimento sindical, pelas mãos de seu irmão Frei Chico, consiste em um momento marcante do início da sua formação política. É quando passará, à medida que adquire vivências novas com a atividade sindical, por uma transformação em sua consciência. Deixará de ser despolitizado, demonstrando cada vez maior interesse pela atuação conciliadora no campo político, lutando pelos ideais que considera como justos.

A morte de sua primeira esposa significará um momento de crise que terminará por reforçar a devoção de Lula às atividades no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. De acordo com a biógrafa, Lula substituirá a família que tinha pelo sindicato (PARANÁ, 2009, p.102).

6.3.1.5 O ventre da baleia

O líder encontra a plenitude em sua vida quando percebe o gosto pela atividade sindical, passando por experiências que vão lhe agregando vivências e saberes novos, que se mostrarão de extremo valor, futuramente, em suas investidas na política partidária. É a partir de sua referida militância no sindicato, com a liderança de greves e acompanhamento das reivindicações trabalhistas dos seus colegas, que Lula vai desenvolvendo a iniciativa de criar um partido político no Brasil. Pensa em uma agremiação partidária que represente os anseios da classe dos trabalhadores, algo até então inédito. Surgiria a atitude pioneira da criação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, motivado por sua ascensão no cenário político-midiático nacional no período.

A sensação de plenitude também responde por conquistas do personagem, tidas como fundamentais, no campo afetivo. Após período de crise, em função da perda da primeira esposa e do filho natimorto, Lula encontra uma mulher, também viúva, para contrair o seu segundo matrimônio. O casamento com Marisa Letícia representa, no relato, um momento de maturidade e realização de sonhos antigos, desfeitos pelo sopro do destino. A dor da perda de um filho, no nascimento, parece suprida pelo carinho dedicado ao enteado e ao filho que virá, nove meses após o seu casamento com Marisa. A vida pessoal e a trajetória profissional, a partir dos fatos supramencionados, parecem estar em perfeita sintonia e são responsáveis por uma genuína felicidade do herói.

6.3.2 A iniciação

No período da *iniciação*, o herói começa o processo de aperfeiçoamento pessoal, lidando com as dificuldades que o impediam de ter sucesso em uma carreira pública. A situação de comunicação biográfica indica que Lula teve de superar alguns traços de seu caráter: a timidez e a dificuldade de se expressar verbalmente. Além disso, eventos penosos de sua vida pessoal tiveram que ser assimilados, como a morte de sua primeira esposa, grávida do primeiro filho do casal. O marco para a mudança de consciência do biografado em relação ao mundo e à sua própria trajetória consiste na prisão e tortura de seu irmão mais velho, Frei Chico. A partir desse evento, o personagem começa a ver as injustiças do mundo com outros olhos e busca, com ainda maior vigor, a luta por seus interesses.

A realização pessoal surge com o segundo casamento de Lula. Neste sentido, é possível perceber que a família é a base das suas conquistas: seja nos exemplos de vida de seu irmão mais velho e de sua mãe, ou na formação de um núcleo familiar a partir da conquista da mulher amada. A realização política, na existência de Lula, corre ao lado da força encontrada no terreno da família. O protagonista surge como o responsável por um novo momento político no Brasil, com uma maneira diferenciada de se fazer política. A propulsão da carreira política de Lula virá com a fundação do Partido dos Trabalhadores movido, principalmente, pelo desejo de lutar pelos direitos da classe à qual pertence: a dos trabalhadores assalariados do país.

6.3.2.1 O caminho das provas

A primeira grande adversidade que o protagonista enfrenta, após iniciar a trajetória pública que lhe prepararia para o êxito na política, foi a morte de sua mulher, grávida de seu primogênito. O evento mostra a impotência sentida por Lula, ao tentar auxílio médico para a esposa, e ver o seu pedido negado. O cenário é o do típico descaso com a assistência à saúde, para quem não dispõe de condições financeiras favoráveis, no Brasil. A perda prematura da família que começava a formar fez com que Lula se devotasse integralmente às lides do sindicato. Passou por três anos de depressão, superados posteriormente com o encontro de um novo amor e de uma nova perspectiva de construção familiar.

A trajetória como sindicalista representou a superação de limitações inerentes à personalidade de Lula. Como era tímido e tinha dificuldades em expressar-se oralmente, a sua meta foi perder o receio de falar em público. Passou a expor as suas ideias para audiências cada vez maiores, deixando de ser um mero integrante da diretoria de seu sindicato e adquirindo a projeção política necessária para pleitear a posição de presidente. Mesmo assim, resquícios de sua timidez marcante ainda eram vistos nas cerimônias de que tomava parte.

Na cerimônia de posse da presidência, seu nervosismo quase o impediu de ler um discurso que já tinha estudado por horas. (...) Numa espécie de discurso de vanguarda, escrito com a ajuda do advogado do sindicato, Lula criticou o capitalismo e o socialismo (PARANÁ, 2009, p.113).

A prisão de Frei Chico, em 1975, fez com que Lula temesse pela vida do irmão. Ele estava em viagem ao Japão, em missão sindical, quando soube do ocorrido. Teve medo de ter o mesmo destino, por sua exposição como sindicalista, em uma época de perseguições políticas pela Ditadura Militar. O personagem encontrou Frei Chico e descobriu o calvário que o mesmo teve de enfrentar ao longo de várias sessões de tortura. O fato modificou a maneira de Lula encarar a sociedade e a militância política.

Quando Lula descobriu que Frei Chico tinha sido torturado, ficou revoltado. Sentiu que aquilo significava uma grande virada em sua vida. Começou a perguntar a si próprio: Qual é a lógica de prenderem um cara como o meu irmão? Qual é a lógica de prenderem um cara pelo simples fato de ele ser contra as injustiças sociais do país? (PARANÁ, 2009, p.119-120).

Lula não tardaria a ser posto no cárcere pelos mesmos militares que torturaram o seu irmão. Ele não chegou a sofrer violências semelhantes enquanto preso, mas sentiu o quanto o sistema social era intolerante com as reivindicações coletivas e oposições ao regime em vigor. Foi preso no momento em que despontava como liderança nacional na esfera sindical. Em pouco tempo, teve de somar mais um drama pessoal à conturbada trajetória pública que trilhava: sua mãe, fonte de inspiração para os momentos mais difíceis da vida, morreu vítima de câncer. Lula obteve autorização especial para deixar o cárcere e acompanhar o velório.

6.3.2.2 O encontro com a deusa

O desejo de Lula em constituir uma família é expresso ao longo de todo o relato. Antes dos 25 anos, o personagem contrai núpcias com a irmã daquele que é citado como o seu melhor amigo. Convivera com a futura esposa desde criança, sendo que a paixão aflora na idade juvenil. A vida de casado representava a concretização das expectativas do biografado: ter um lar, uma esposa para recebê-lo quando chegasse em casa e gerar filhos. Aliando tudo isso a uma condição profissional de empregabilidade e respeito dos colegas, o período representava plenitude. Até o momento em que Lula perde a sua primeira esposa prematuramente, grávida do seu primeiro filho, vítima de uma hepatite.

Após um período de três anos de depressão, Lula encontra uma namorada, Miriam Cordeiro. Esse breve relacionamento amoroso resultou na concepção de seu primeiro filho. Contudo, o verdadeiro amor de Lula seria conquistado com insistência e com a ajuda do destino. Ele viria a se apaixonar pela filha de um taxista, do qual era freguês. A história de vida da moça assemelhava-se com a sua: casamento em idade jovem e viuvez prematura. Além disso, ela tinha um filho de seu primeiro casamento, o que viria a suprir a dor de Lula em ter visto o seu primeiro filho morrer junto com a esposa. A conquista da moça que lhe despertou o interesse parecia uma obsessão. Ela guardava profundas semelhanças físicas e de caráter com a sua mãe.

Lula olhou aquela moça loira de olhos claros, como a sua mãe. Viu o rosto maternal, a expressão de quem não se espanta com a dureza da vida e segue em frente. Achou a loirinha linda e imaginou que ela ficaria bem em seus braços (PARANÁ, 2009, p.104).

A forte ligação sentimental do personagem com a figura materna é um elemento insistentemente referido pela biógrafa. A descrição das duas mulheres com quem Lula se envolveu seriamente ressalta as semelhanças que elas teriam com a referência materna do biografado. A primeira esposa, Lourdes, foi descrita como *de personalidade parecida com a de sua mãe* (PARANÁ, 2009, p.89).

Lula é apresentado, no relato biográfico, como um adolescente tímido. Frequentador assíduo de bailes e festas, com a presença de amigos e garotas de sua idade, o personagem era considerado *o bobo da turma*, por desconhecer os macetes e as estratégias adequadas para lidar com o sexo oposto (PARANÁ, 2009, p.81). A primeira paixão foi pela irmã de um amigo seu, em uma situação definida como *mágica*: fosse pelo destino traçado, ou em função dos hormônios da adolescência, o fato é que Lula olhou para a menina em questão como nunca antes havia olhado (Idem, ibidem).

O período que se segue ao óbito de sua primeira esposa é definido como de profunda depressão. Quando consegue se reerguer, Lula busca recuperar o tempo perdido. E isso significa, nos termos do relato, lançar-se na busca de aventuras amorosas, com o maior número possível de mulheres.

Tornando-se uma espécie de Don Juan são-bernardense, quase todas as noites, ao sair do sindicato, Lula aproveitava a vida em bailes, festas, barzinhos, de olho nas moças que cruzassem o seu caminho (PARANÁ, 2009, p.103).

Sua atração sobre o sexo oposto parecia irresistível, com a superação dos resquícios de timidez do seu caráter. As aventuras amorosas surgem como uma forma de divertimento e de auxílio para a superação de um momento de dificuldades pessoais. A ênfase na quantidade de mulheres que fariam parte de seu universo de relacionamentos casuais repercute o senso masculino de autoafirmação, por meio da comprovação de virilidade e potência sexual.

6.3.2.3 A sintonia com o pai

A relação de Lula com a figura paterna é marcada pela coexistência de sentimentos antagônicos: a raiva e a admiração. A lembrança do alcoolismo do pai e de sua negligência na educação dos filhos surgem, no relato, como elementos desencadeadores dos sentimentos de raiva. Por outro lado, as constatações de que o ascendente paterno tinha boa disposição para o trabalho e era capaz de sustentar duas famílias ao mesmo tempo, são situações que despertam a admiração por parte do protagonista.

O texto reforça a desestrutura familiar provocada pela infidelidade conjugal do pai de Lula. Quando decide abandonar a esposa e os filhos para fugir com a amante grávida, ocorre uma ruptura com a figura paterna e uma veneração dos esforços maternos para a manutenção do lar. Lula consegue rememorar o pai somente a partir dos cinco anos de idade, momento em que Aristides retorna à casa de sua esposa. Ele volta acompanhado dos filhos provenientes de uma segunda união, com uma prima de sua primeira mulher.

A memória de Lula concentra-se no fato de ter sido obrigado a conviver com um pai dividido entre dois núcleos familiares, sendo que os filhos concebidos com a amante recebiam melhor tratamento. Despontam um profundo desprezo pelo descaso com que a mãe fora tratada pelo marido, tendo sido abandonada às vésperas de dar à luz ao próprio Lula. Os leitores são induzidos ao contágio pelos sentimentos de rejeição a um pai que prefere entregar-se ao vício da bebida e torna-se violento e autoritário com os filhos de sua primeira união. A violência física contra a prole é tida como uma consequência de sua ignorância e falta de senso paternal. O desfecho da vida do pai de Lula, Aristides, é redigido como um momento de morte solitária: distanciado das duas famílias entre as quais dividia a posição de chefe, é enterrado como indigente.

Contudo, a biógrafa nota manifestações contidas de admiração à figura paterna, em função da capacidade de manter duas mulheres e duas proles. Há, nessa concessão à imagem do pai, o sentimento masculino da potência sexual e da virilidade: apesar de violento e infiel, sustentava dois núcleos familiares com o dinheiro de seu trabalho e era capaz de satisfazer sexualmente os anseios de duas mulheres sob o seu amparo.

6.3.2.4 A apoteose

Lula é posicionado como promotor de um novo ciclo para o sindicalismo brasileiro. As suas habilidades de conciliador permitiram o surgimento de um canal de diálogo entre os trabalhadores e o setor patronal, antes praticamente inexistente. Suas iniciativas, aparentemente, colaboraram para que os metalúrgicos adquirissem consciência de classe e pudessem reivindicar os direitos sociais e trabalhistas que lhes cabiam.

Eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, em 1975, o personagem conta com a simpatia dos seus liderados para obter a reeleição para o cargo, com 98% dos votos, no ano de 1978. É nesse período que a sua imagem ganhará projeção nacional, como veremos adiante.

Neste período de sua linha de vida, o biografado é apresentado como um líder totalmente engajado na militância sindical, promovendo caminhadas até as portas das fábricas para conversar diretamente com os trabalhadores. Indícios de que o contato com a realidade dos seus liderados era uma meta prioritária. O jeito simples de agir do líder é um trunfo utilizado a seu favor: todos o admiravam por estar sempre disposto a receber os sindicalizados em sua sala, tratando-os de igual para igual. O seu diferencial, como liderança, parece residir no traço desprezioso de seu caráter: ele parece atuar politicamente em nome dos interesses coletivos, desprovido de ambições e vaidades pessoais envolvidas. No entanto, quando se coloca na posição de negociador político, mostra-se implacável na defesa dos interesses daqueles que representa.

A facilidade de aglutinar seguidores é debitada à sua dedicação e à visível facilidade com que consegue comunicar-se com as audiências, desenvolvendo uma fala de ampla compreensão e incentivadora da militância sindical.

6.3.2.5 A benção última

Entre 1968 e 1972, Lula atuou como suplente da diretoria, conciliando a atividade sindical com o trabalho como metalúrgico. A partir de 1972, passa a dedicar-se exclusivamente às lides sindicais, deixando o chão da fábrica onde atuava e ingressando no período de maior aprendizado político de sua vida, de acordo com o relato. O reconhecimento nacional da liderança de Lula é alcançado

em 1978, ano em que consegue reeleger-se para a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

A repercussão de sua imagem na imprensa, à época, era expressiva. Lula era procurado por autoridades e personalidades políticas de relevo. O ingresso definitivo na arena política virá com a criação do Partido dos Trabalhadores, o PT, no ano de 1980, movido pelo desejo pessoal de criar uma agremiação partidária que representasse os interesses da classe trabalhadora no Brasil.

6.4 O que sei de Lula, por José Nêumanne Pinto

O relato apresenta o personagem como herói da democracia, ao lutar contra a repressão do regime militar no Brasil, no final dos anos 1960 e início dos 1970. O episódio da tentativa de aproximação entre representantes do governo ditatorial e o então sindicalista proeminente demonstra um lado pouco conhecido da história. Ao biografado confere-se a imagem de conciliador, uma pessoa capaz de sobreviver às hostilidades de qualquer ambiente. Ao mesmo tempo, Lula é indicado como antiherói político, ao empreender medidas tanto para favorecer aliados, como para aniquilar adversários. Casos de corrupção envolvendo peças-chave de sua gestão despontam sob a sua pressuposta anuência. Recursos e instituições estatais, como a Polícia Federal, teriam servido de objeto para articulações que visavam benefícios pessoais ao gestor máximo da nação. Lula parece querer tirar vantagem de todas as situações, realizando a opção pela vida política em função das benesses que poderia angariar. A ação em nome do povo e dos trabalhadores do Brasil não passaria de um subterfúgio para a aproximação com a parcela majoritária do eleitorado brasileiro. Contudo, sua personalidade política não deixa de se apresentar como a de um predestinado: superou as adversidades da vida infanto-juvenil, emergindo do universo da pobreza e da exclusão social para o mais alto posto republicano. Sua capacidade comunicativa e aguçada sensibilidade para a interpretação da realidade não escapam ao retrato biográfico, esboçado por José Nêumanne Pinto.

6.4.1 A partida

A obra de José Nêumanne Pinto acrescenta, a esta etapa da jornada do herói, uma leitura crítica da trajetória de Luiz Inácio Lula da Silva, já que boa parte

das informações sobre as origens familiares e o desenvolvimento infanto-juvenil do personagem é retirada das biografias de autores como Denise Paraná, Audálio Dantas, Mário Morel e Richard Bourne.

Nêumanne Pinto destaca, basicamente, três características principais que levam a história pessoal do *menino retirante* Lula ao reconhecimento público nacional e internacional. Em primeiro lugar, a sorte aparece como companheira constante do futuro líder, em todas as etapas de sua vida, desde as maiores dificuldades enfrentadas ao nascer, até os percalços da infância carente de recursos financeiros e educacionais. Ao representar a realidade de milhões de brasileiros pobres e carentes, relegados ao esquecimento, Lula teve a sorte de destacar-se e ter a sua vida admirada como um modelo de conquista aparentemente viável e acessível a todos.

A segunda característica fundamental em sua existência, o talento, permitiu que sua realidade fosse alçada do esquecimento, em meio às adversidades ambientais, para um futuro promissor, no âmbito das atividades públicas. A sua capacidade aguçada de percepção da realidade e a sagacidade para lidar com situações adversas, tirando proveito pessoal das mesmas, transformaram o que seria mais uma vida comum em uma jornada heroica facilmente admirável.

Por fim, a terceira característica, responsável pela distinção do personagem como herói, consiste na vivência adquirida no meio hostil que lhe foi apresentado, desde os primeiros instantes de vida. Logo cedo aprendeu o valor dos laços familiares, tendo na figura da mãe o exemplo de moral e perseverança, e na imagem do pai, de acordo com Nêumanne Pinto, os traços individualistas para tirar vantagens pessoais das situações e sustentar uma imagem de fortaleza e virilidade masculinas.

6.4.1.1 O chamado

A jornada pessoal de Lula da Silva exerce influência e atração às audiências devido a sua mensagem universal e alentadora: a capacidade de sobrevivência do ser humano. Como a sua história remete a circunstâncias comuns a milhares de cidadãos brasileiros, nascidos e criados nas regiões interioranas a partir da década de 1940, o processo de identificação com o personagem torna-se praticamente instantâneo. Ele surge já como um sobrevivente, desde o

nascimento, diante das altas taxas de mortalidade infantil existentes no país naquele período. A paternidade ausente e a devoção à figura materna são elementos também comuns ao universo de famílias numerosas e com dificuldades financeiras formadas, à época, em cidades do interior da região Nordeste do Brasil.

O caminho percorrido pela família Silva, do campo em direção à cidade grande, consiste em um périplo com traços bíblicos, ao representar um árduo trecho a ser percorrido, na fuga de um contexto sem perspectivas, em busca de uma terra imaginada como a salvação para boa parte dos seus problemas.

Naquela viagem, 60 pessoas encarapitadas na carroceria do caminhão dormiam nas próprias tábuas onde viajavam sentadas, ao ar livre ou em postos de gasolina, à beira das estradas esburacadas do interior do Brasil, então ermo e inóspito. Os Silva comiam frango, bolachas, farinha de mandioca, bananas e carne-seca em farnéis embrulhados em panos de prato pela mãe (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.49).

Outra mudança de endereço da família foi fundamental para o destino de Lula. Em função dos constantes abusos físicos e morais, promovidos pelo pai, a mãe decide mudar-se com os filhos de casa, escolhendo como residência as proximidades da região do ABC paulista, palco da efervescência do movimento sindical dos metalúrgicos, o que cooptaria Lula, nos anos seguintes. Uma mostra a mais da predestinação, atuando no decurso do caminho do protagonista.

O pequeno Lula teve de enfrentar barreiras para o acesso ao ensino escolar, a principiar pela resistência do pai em permitir a matrícula de sua prole masculina nos estabelecimentos. “Tem esse negócio de escola, não. Menino homem tem é que trabalhar” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.53), dizia o patriarca do clã dos Silva, com uma construção linguística que denota a intransigência de quem aprendeu cedo as lides do trabalho braçal, conferindo segundo plano para a educação básica. Considerando o ensino como uma atividade diminuta e dispensável, admitia a sua frequência para as mulheres (o autor ressalta que o desprezo para com a educação formal não era uma exclusividade das classes mais baixas, das regiões rurais do Nordeste do Brasil, imperando também entre as famílias com maiores recursos financeiros e estruturais). Quando afastado da

convivência paterna, Lula pode frequentar a escola e conseguiu destacar-se pela inteligência acima da média, chegando a conquistar premiações em disputas escolares. Ele estudou até a quinta série do primário.

O protagonista do relato não escapou de mais uma realidade peculiar a milhares de crianças em idade escolar, no país, dos anos 1940 até os 1980: precisou ingressar nas fileiras do trabalho infantil. O estágio como engraxate rendeu-lhe dinheiro para ajudar na casa da mãe e desfrutar de amenidades também típicas da realidade infanto-juvenil do período: sentava em uma padaria, pedia um pão com mortadela e refrigerante. Além disso, conseguia sustentar outro gosto pessoal: as sessões de cinema, uma atividade que lhe empolgaria pelo resto da vida.

O primeiro emprego formal foi como telefonista, não permanecendo por muito tempo na função por inaptidão: a timidez o impedia de falar com os clientes com desenvoltura. Lula demonstrou muito contentamento quando conseguiu realizar o sonho de sua mãe, pouco tempo depois, ao conseguir trabalho como metalúrgico em uma fábrica de parafusos. Foi nessa época que Lula tornou-se praticante e apreciador de uma atividade esportiva típica dos brasileiros: o futebol.

O autor realiza uma aproximação da trajetória pessoal de Lula com a de Juscelino Kubitschek (governador do estado de Minas Gerais, de 1951 a 1955, e presidente do Brasil, entre os anos de 1956 e 1961): os dois tiveram origens muito humildes e souberam aproveitar essa imagem em suas carreiras públicas. Além disso, considera que ambos comungam o apego a sonhos e metas fantasiosas, a ansiedade em mostrar resultados administrativos, o equívoco em diversos projetos concebidos e os privilégios concedidos a amigos e apadrinhados políticos, frutos da mentalidade política de suas respectivas épocas:

Lula: o metalúrgico é filho da mentalidade brasileira que produziu JK: a pressa que leva à imperfeição, a opção pelo ocasional em detrimento do permanente, do que pode vir para ficar, a submissão ao charme, ao encanto pessoal, a prioridade da ilusão sobre a realidade, o uso do marketing para moldar a realidade à feição das conveniências do governante e de seu grupo próximo de parentes, compadres e apaniguados (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.74).

6.4.1.2 A recusa ao chamado

A aparente ausência de traquejo para a oratória surge na descrição de sua infância como traço de dificuldade para a aceitação do chamado. Na realidade, o vislumbre das condições a que o menino Lula esteve exposto, em seus primeiros anos de vida, por si só, desestimulavam qualquer sonho ou aventura de melhores dias em sua existência.

A iniciativa para o trabalho parece focar mais a satisfação dos anseios maternos e a opção por uma vida confortável do que o real desejo pessoal de seguir a carreira no ramo da metalurgia. A escolha da profissão é embasada na admiração do poder aquisitivo dos empregados das grandes montadoras de veículos da região do Grande ABC, em São Paulo. Em sua primeira experiência dentro de uma fábrica, procurou sujar de óleo o macacão, com as mãos, para impressionar a mãe, quando retornasse à sua casa.

Da mesma maneira, o ingresso nos quadros administrativos do sindicato de sua categoria profissional surge como uma legítima opção de ocasião. A insistência do irmão, Frei Chico (experiente sindicalista, na época), para que participasse de algumas reuniões da organização, foi decisiva para a escolha. O que Lula aparenta perseguir, com afincamento, são o conforto e a tranquilidade de uma vida que ele não teve em sua infância e adolescência. Quando pensou em desistir da permanência na vida sindical, por ocasião da reeleição da diretoria, em 1972, foi incentivado a continuar por um experiente sindicalista e seu mentor na carreira pública, Paulo Vidal.

O autor refere Lula como oportunista, o tipo de pessoa que sabe o momento certo de agir e que é dotado de uma capacidade superior para a análise das situações. Lula sabe agradar aos seus interlocutores, assim como tem a firmeza de expor os seus pontos de vista. Escolhas aparentemente guiadas pelo acaso, como o ingresso no sindicato, na realidade, escamoteariam planos de crescimento e vantagens pessoais para o protagonista. Há nisso uma dupla perspectiva do caráter de Lula, frente às principais escolhas de sua vida.

Em certos momentos, o personagem surge como ser desprezioso e humilde, que parece guiado pelo destino no chamado para a aventura do herói, prestes a recusar oportunidades por conta da ingenuidade, peculiar às origens rurais. Em diferentes pontos, no relato de Nêumanne Pinto, Lula desponta como

indivíduo consciente de seus atos, e capaz de qualquer escolha que o deixe mais próximo da conquista de seus objetivos pessoais.

6.4.1.3 O auxílio sobrenatural

A principal referência de caráter para o protagonista consiste na figura materna. Longe de sua terra natal, e tendo que criar os filhos sozinha, Dona Lindu desperta elogios no filho, que enxerga nela um exemplo de perseverança. Mulher de *atitudes proféticas*, de acordo com o autor, é possível considerar que suas movimentações (as mudanças de residência, o esforço para ter os filhos na escola, o desejo de ver Lula como operário) contribuíram, sobremaneira, para que a sorte batesse à porta de Lula da Silva.

Quando eu começo a lembrar do sacrifício que minha mãe fazia, eu fico pensando como as mulheres de hoje são fúteis. Porra, a minha mãe era analfabeta, não sabia fazer o 'o' com o copo. Ela ia para São Paulo com os filhos agarrados no rabo de saia, para tirar documentos, ir atrás de emprego, e não reclamava (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.65).

O convívio com o pai trouxe boas referências para Lula, apesar da brutalidade e da violência com que este era tratado. De acordo com o autor, a herança paterna compreende a predileção pelas bebidas alcoólicas e a capacidade de se safar da melhor forma das situações menos agradáveis (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.51). A mensagem paterna, com exemplos de infidelidade conjugal e de indiferença para com a prole, caminha na direção do individualismo social, onde pensar sempre em si e no próprio bem-estar constitui-se no lema maior.

O início da vida profissional de Lula contou com o auxílio de um orientador, que lhe ensinou o ofício e o tratava com o carinho que se dedica a um filho. Tamanha importância em sua formação acabou relegada ao esquecimento, pois no relato consta, apenas, o prenome do zeloso mestre de ofício do futuro chefe da nação: Barbosa. O autor refere certa indiferença, demonstrada por Lula, em relação ao profissional que o iniciou na carreira que escolheu inicialmente seguir. O protagonista, no auge de sua fama como sindicalista, na década de 1980, não sabia “sequer o paradeiro do homem que tanto o ensinou, em um momento marcante de sua vida” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.66).

O irmão mais velho de Lula prestou relevante auxílio para o ingresso na vida sindical. Frei Chico, reconhecido no meio sindical, indicou Lula para integrar a diretoria da organização. Durante a infância e adolescência, foi uma companhia constante na rotina do protagonista, acompanhando-o nas lides do trabalho infantil, nas caçadas com o pai e nas brincadeiras e sonhos de criança. O seu pensamento esquerdista teve profunda influência em Lula.

O sindicalista Paulo Vidal é outro nome fundamental no delineamento da trajetória pública exitosa de Lula. Foi ele quem ensinou a Lula boa parte dos macetes e manobras que o tornariam um grande líder dos trabalhadores. Pavimentou o caminho para uma grande mudança na maneira de se fazer política sindical, da qual Lula tomaria a frente e se tornaria o verdadeiro baluarte. O autor considera que Vidal foi o grande pioneiro da revolução sindical brasileira, “ao levar as reivindicações dos poderosos empregados das montadoras do ABC, conquistar as mentes e os corações dos jornalistas de política e economia, saindo do comando do processo e cedendo o lugar para Lula” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.93).

6.4.1.4 Passagem pelo primeiro limiar

A vida de Lula começa a mudar com a sua adesão ao movimento sindical, em 1969, quando passou a atuar como militante remunerado e não necessitou mais trabalhar como operário no chão da fábrica. Os ensinamentos para a nova atividade no sindicato foram tomados do experiente sindicalista que o acompanhava. Paulo Vidal presidia a chapa vencedora que Lula integrava, na eleição para a nova diretoria, entrando na disputa pela impossibilidade de seu irmão, Frei Chico, concorrer. No mesmo ano, contraiu matrimônio com uma moça chamada Lourdes, em cerimônia simples, na casa da sogra.

De acordo com o biógrafo, estar ao lado de Vidal representava um lance do destino: estava no lugar certo, na hora correta e com a pessoa adequada (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.91). O mesmo lembra que Lula procurou relegar o nome de Vidal ao esquecimento, depois que adquiriu fama e projeção na política nacional. Mostras de ingratidão, por parte do personagem, cuja fama inicial adviria justamente de um terreno muito antes pavimentado por iniciativas do próprio Vidal:

Vidal foi o verdadeiro criador da estratégia de negociação em separado com os sindicatos, o pai do sindicalismo autêntico do ABC nos anos de 1970, o criador (involuntário) de Lula, o metalúrgico. Foi ele quem elaborou a agenda que retirou os sindicatos operários das páginas de polícia dos jornais e os levou direto para a alçada das editoriais de economia (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.91).

O biógrafo é pioneiro ao descrever uma relação pouco discutida em outros relatos, e que teria contribuído para o contexto favorável à afirmação política de Luiz Inácio Lula da Silva. O regime militar brasileiro teria tentado se aproximar de figuras como Paulo Vidal e Lula, na década de 1970. Prova disso teria sido uma reunião entre Lula e um representante do governo militar, coronel do exército Gilberto Zenkner. O biógrafo, apesar de ter presenciado o encontro, como jornalista, não recorda a data exata e nem o local da reunião, na qual Lula falou quase o tempo todo, e o enviado do Planalto limitou-se a ouvir com atenção. Contudo, o autor não oferece registros que comprovem os verdadeiros interesses da proximidade estabelecida entre as figuras de Lula sindicalista e do general Golbery do Couto e Silva. O proveito com a situação de abertura democrática, a partir do processo de anistia, na década de 1970, é dado como certo para o deslanche político de Lula. Este ganhou prestígio pela luta contra a ditadura, no período.

O registro do fato, de qualquer maneira, é mais um indício de que o conflito entre os generais Medeiros e Golbery pode ter sido, a meu ver, fundamental para a guinada que fez do maior dirigente sindical da história do país um dos artífices da queda da ditadura (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.131).

O novo sindicalismo brasileiro, criado por Paulo Vidal Neto e conduzido, posteriormente, por Luiz Inácio Lula da Silva, serviu como antítese ao próprio regime autoritário que tentou arregimentá-los, ao postar a figura do trabalhador como protagonista social e contestador da ordem autoritária vigente. A imprensa começava a cair no gosto da liderança que despontava, com “a saga do proletário que virou estadista” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.145). O estilo de Lula fazer política sindical agradava, por “priorizar a convergência de opiniões em um

ambiente (sindicalismo) onde imperava as divergências. Além disso, procurava ouvir a todos, fazendo amigos e influenciando os demais” (Idem, p.147).

6.4.1.5 O ventre da baleia

O talento de Lula para negociar fez com que fosse bem relacionado, tanto com os trabalhadores que representava, como com os integrantes do setor patronal. Os movimentos grevistas que liderava promoviam as suas ações de maneira pacífica, sem confrontos físicos e derramamento de sangue. Assim, o gosto pela atividade sindical foi crescendo em seu íntimo, tanto que decidiu deixar um pouco de lado o lazer (jogos de futebol e bailes populares) para dedicar-se ao trabalho, em tempo integral. Os amigos com quem dividia a mesa dos bares eram, também, ligados ao movimento sindical (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.152).

Lula estava maduro politicamente, a ponto de tornar a longa greve dos metalúrgicos, no início dos anos 1980 (período que marcava 16 anos do golpe militar), em um movimento democrático, com o uso de elementos cívicos e conectando a esfera sindical ao mundo oficial. A reunião que decretou essa greve tornou-se um símbolo, com milhares de metalúrgicos concentrados em um estádio de futebol, cantando o hino nacional e aclamando o seu líder.

Lula, o símbolo do operariado, de sua greve e, depois, do primeiro partido de massas que a esquerda brasileira conseguiu criar, fortaleceu seu caráter mítico de herói, ganhou um capítulo especial na história brasileira e começou a nutrir a lenda que o levaria ao poder e à glória três decênios depois (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.169).

A prisão de Lula por integrantes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), em função da declaração federal que considerava a paralisação como ilegal, trouxe ainda maior maturidade para a liderança e para os seus liderados. O protagonista ganhou a liberdade do cárcere fortalecido e sob a epígrafe de herói nacional. O caminho em direção ao poder, com a criação do primeiro partido político pretensamente centrado nos anseios dos trabalhadores, já se encontrava esboçado.

6.4.2. A iniciação

Neste ponto da jornada, Lula promove mudanças radicais em suas convicções e posturas políticas, com vistas à conquista do poder. Procura distanciar-se da figura de sindicalista promotor de greves e crítico ao sistema político tradicional, em direção a uma postura de conciliador, tentando não manter vínculos com correntes políticas específicas. A falta de experiência no campo administrativo e a baixa escolaridade foram elementos que dificultaram a inserção do protagonista na política partidária. As sucessivas derrotas eleitorais que sofreu, a partir do insucesso na disputa presidencial de 1989, serviram para que repensasse a própria imagem e adquirisse experiência no certame político. Desenvolveu, como atributo fundamental, a capacidade oratória de expressar, em sentenças simples, a complexidade de mensagens políticas. O autor agrega mais um item à lista de predicados do biografado: a iniciativa de se eximir das responsabilidades, evocando o nome de terceiros. A satisfação do ego e do orgulho pessoal passa pela valorização da virilidade e da potência sexuais. A atração exercida sobre o sexo oposto é uma prerrogativa do herói. O matrimônio surge como uma vocação inerente aos homens, em idade adulta, um indicativo social de maturidade e de seriedade. As lembranças do convívio paterno são fontes de tristeza e rejeição pela violência e indiferença sofridas na infância, cedendo espaço para a admiração, diante da postura de subjugação da mulher e da disposição do pai para o exercício da lide pesada de estivador.

6.4.2.1 O caminho das provas

Um dos primeiros desafios superado por Lula, no decorrer de sua experiência como sindicalista, foi evitar as investidas de agremiações partidárias, e de integrantes do governo federal, para utilizá-lo como fantoche político. Ele temia que o movimento operário, o qual liderava, fosse capitaneado como massa de manobra para interesses de terceiros. Procurou, por isso, passar uma imagem de amplitude partidária e de independência em seus princípios políticos, na alçada sindical.

Contudo, a influência de deputados estaduais de orientação esquerdista, como Fernando Henrique Cardoso (presidente do Brasil entre os anos de 1995 e 2003), Fernando Morais (jornalista e escritor brasileiro) e Luiz Carlos Prestes

(senador brasileiro entre 1946 e 1948), foi decisiva para que Lula abraçasse de vez a trajetória política (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.176). Iniciativas intimidadoras à sua atuação sindical foram, também, decisivas em sua opção pela política parlamentar: *o sobrevoos dos helicópteros do exército sobre a assembleia geral dos trabalhadores, a intervenção no sindicato e a prisão de Lula no DOPS* (Idem, p.178).

A ideia para a fundação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, não teria partido diretamente de Luiz Inácio Lula da Silva, nem mesmo de suas citadas influências políticas de pensamento esquerdista. O autor refere um sindicalista, aliado a grupos de extrema-esquerda, chamado Benedito Marcílio, como articulador da disputa de espaço político, pelos grupos de orientação marxista, no período de abertura democrática. Lula teria sido escolhido para divulgar essa bandeira e tornar-se o seu porta-voz, em função de seu já reconhecido papel de destaque, à época, como opositor ao regime ditatorial no Brasil.

No entanto, apesar de suas habilidades oratórias, e de articulação política, Lula carecia de conhecimentos administrativos para planejar a criação e conduzir os rumos burocráticos de uma nova legenda partidária. Por isso, foi decisiva a iniciativa de cercar-se das habilidades de uma figura mais experiente no jogo político: José Dirceu de Oliveira e Silva, considerado o efetivo estruturador dos planos de organização do Partido dos Trabalhadores e do seu (futuro) bem-sucedido projeto de conquista e manutenção do poder (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.183).

Apesar da alegada boa sorte, sempre presente nos caminhos políticos do protagonista, a derrota nas eleições presidenciais, no ano de 1989, expôs carências e equívocos a serem transpostos. A baixa escolaridade, por exemplo, era um fator negativo em sua trajetória. O autor considera que Lula, por sua baixa instrução escolar, não tinha consciência da própria relevância de seus atos na reconstrução democrática da nação.

Mas o longo e competente aprendizado em que se empenhou para viver a vida do povo, sofrer a dor do homem comum e saber quais são seus medos e aspirações lhe apresentou uma conta a pagar: a baixa instrução. (...) [Lula não conseguiu compreender] A diferença sutil entre o próprio heroísmo na reconstrução democrática e o (no mínimo) controverso papel desempenhado pelos companheiros da extrema-esquerda (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.226).

6.4.2.2 O encontro com a deusa

A competência nas performances sexuais aparece como elemento de capital importância para a manutenção da autoestima de Lula, que procura vincular-se a uma imagem de virilidade e poder sexual. Esse modelo de conduta segue o compasso da trajetória de seu pai, Aristides, que mantinha duas esposas e dois núcleos familiares, simultaneamente.

O líder sempre se orgulhou de seu apetite sexual e, um dia, em campanha pela presidência, em 1998, confessou sua inaptidão para a abstinência a alguns companheiros de confiança. Um deles, o ex-guerrilheiro César Benjamin, revelou, em artigo para a *Folha de São Paulo*, ter ele dito que chegou a tentar forçar sexualmente um jovem companheiro de cela (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.165).

O matrimônio era considerado, na comunidade rural nordestina, onde Lula e sua família viveram, como um importante ritual de afirmação para um homem em idade adulta. Isso fica evidente na passagem textual que refere uma grande mudança na vida do personagem, com a contração do primeiro matrimônio, “tornando-se um homem sério, sinônimo de casado em sua origem nordestina” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.80).

A história da conquista de sua segunda esposa, Marisa Letícia, coloca em questão aspectos relacionados à ética e ao oportunismo do personagem. O então dirigente sindical teria se aproveitado da recente condição de viuvez da moça pretendida, para assediá-la. Como ela partiu em busca de documentos do falecido marido, na sede do sindicato onde Lula atuava, este tomou vantagem da situação para atender Marisa Letícia e, assim, aproximar-se dela. Para o autor, trata-se de “um método heterodoxo de conquista amorosa” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.98), por desconsiderar a situação de fragilidade de uma mulher, diante do ímpeto de possuí-la. É, assim, explícita a posição de homem másculo, com voraz apetite sexual, nas palavras do biografado, reproduzidas no texto: “E eu pensava: Qualquer dia eu vou papar a nora desse velho...” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.99).

Apesar do evidente tom machista, quando se trata do exercício da sexualidade e da conquista amorosa do sexo oposto, a esposa também surge

como uma presença forte e influente na vida de Lula. Ela seria uma das únicas pessoas cujos pareceres e opiniões seriam dignos de consideração. Assim como sua mãe, a esposa de Lula é considerada como uma importante fonte de segurança e influência pessoal. O desejo de constituir um núcleo familiar estável, explicitado pelo protagonista desde a sua juventude, é atingido a partir de sua segunda união matrimonial.

6.4.2.3 A sintonia com o pai

O pouco tempo em que conviveu com o pai, entre os sete e os dez anos de idade, deixaram em Lula lembranças tristes de negligência, brutalidade e ignorância. A imagem paternal de abuso do álcool, e de indiferença para com a esposa e sua prole, é a marca mais forte na mente do biografado. No entanto, Lula pode ser considerado um privilegiado por, ao menos, ter conhecido o seu pai, já que era comum a existência de núcleos familiares compostos apenas pela mãe, na comunidade onde viveu os seus primeiros anos de formação. Não raro, os homens deixavam as esposas para trás, como o progenitor de Lula fez, a fim de partirem para outros destinos, na companhia de mulheres mais novas.

O compromisso com o cuidado do lar e dos filhos aparece como uma prerrogativa inerente ao âmbito feminino. O homem representa a força, a independência e a busca por satisfação pessoal, pela concretização dos impulsos sexuais, não importando as consequências de suas ações. Foram essas últimas referências que o pai lhe deixou, como exemplo de vida masculina, comum ao homem rural, perfil típico da localidade onde transcorreu a primeira década do aprendizado infantil do protagonista. Em função da ausência paterna, Lula foi criado em um legítimo lar *matriarcal*: tudo girava em torno da figura da mãe, adorada, seguida e reverenciada por todos os integrantes do seu clã.

Contudo, o autor da biografia ressalta que nem todas as lembranças paternas são negativas. Lula acompanhava o pai em caçadas, situações em que sentia genuíno carinho pelo mesmo. Nessas situações, o pai representava uma proteção, demonstrando aparente preocupação com a segurança do filho. Além disso, Lula reconheceria o fato de o seu progenitor sustentar duas famílias e dispor dos cuidados maritais a duas mulheres, ao mesmo tempo.

6.4.2.4 A apoteose

Lula se tornou admirado na condição de guia dos companheiros de trabalho e de luta política. A liderança das greves dos metalúrgicos trouxe-lhe reconhecimento no cenário político, entre o final dos anos 1970 e início dos 1980 (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.148). O fato de não manter vinculações partidárias, e de não ater-se estritamente ao ideário das esquerdas rendeu-lhe boa reputação perante a opinião pública. Aos olhos dos governantes federais era visto, antes, como um possível aliado político, do que como uma ameaça ao poder estabelecido. Foi essa independência em relação aos partidos políticos, naquele momento da trajetória, o grande trunfo da liderança que se estabelecia nacionalmente.

6.4.2.5 A benção última

No auge da militância sindical, Luiz Inácio Lula da Silva descobriu o tom certo de manifestar-se publicamente, entoando uma fala que conquistava o homem comum, as pessoas simples que comungavam origens familiares supostamente tão humildes quanto as suas. Criou-se um novo perfil de sindicalismo, centrado no exemplo proclamado pelo protagonista. Uma característica fundamental do estilo de liderança de Lula: ele passava a impressão de que as audiências conduziam os seus discursos e os seus projetos. Era como se os seus liderados o guiassem em suas iniciativas e debates. No entanto, de acordo com o biógrafo, tudo não passaria de fingimento: o biografado “só fazia o que lhe convinha” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.154).

Outro importante traço do caráter de Lula sindicalista, apontado pelo autor, consiste em sua capacidade de “se eximir da responsabilidade de seus gestos e de convencer o interlocutor disso”. Em último caso, a responsabilidade pelas decisões tomadas em assembleia seria da massa, não dele, como líder (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.155).

O relato indica que as sucessivas derrotas eleitorais, em três pleitos presidenciais consecutivos (nos anos de 1989, 1994 e 1998), trouxeram a Lula, e ao Partido dos Trabalhadores (centrado em sua imagem), a maturidade política necessária para o alcance do poder máximo da república. Os anos dedicados à disputa do sufrágio presidencial culminaram com uma estratégia que sairia

vitoriosa, no ano de 2002. Foi quando Lula decidiu impor as suas próprias convicções aos companheiros de partido e dirimir as desconfianças, que ainda rondavam a opinião pública, referentes às suas capacidades administrativas (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.229).

A certa altura, foram necessárias mudanças no discurso político e nas propostas de campanha. O inicial isolamento interno da agremiação partidária de Lula teve de ser reconsiderado, com a incorporação de aliados políticos para a composição de uma chapa que gerasse confiança ao eleitor. Ao discurso partidário primevo, centrado na luta dos trabalhadores e no combate às grandes concentrações de renda, teve de somar-se a simpatia com outras classes e realidades sociais. A incorporação de um virtual adversário das causas operárias tornou-se a sinalização de que a conquista do poder dependia da abertura política: nas eleições presidenciais de 2002, o bem-sucedido empresário industrial do setor têxtil, José Alencar, foi convidado para disputar a vice-presidência, ao lado de Lula.

À estratégia de conquista da confiança do eleitorado somou-se a adoção de uma nova postura pública do político Lula. O autor refere uma nova fase da trajetória do biografado, denominada *Lula Paz e Amor* – e marcada pela adoção de um discurso bem mais moderado (e distante da combatividade grevista que marcou a trajetória do Lula metalúrgico e sindicalista) e de uma estética mais amistosa e agradável (com a barba bem aparada e conservada, deixando à mostra alguns fios brancos, possivelmente para indicar os sinais da maturidade).

A fim de tranquilizar a opinião pública de que não empreenderia mudanças radicais nos cenários econômico e social da realidade brasileira, foi publicado um documento, chamado “Carta ao povo brasileiro”. As linhas da publicação mostraram uma mudança ideológica significativa, desde a fundação do Partido dos Trabalhadores, com promessas de manutenção de iniciativas implantadas por governos antecessores. Lula preparava-se para, finalmente, empreender uma estratégia eleitoral vencedora, contando com o auxílio técnico de Duda Mendonça, um respeitado especialista em *marketing* político.

Lula ganhou a eleição de 2002, de acordo com o biógrafo, por conseguir passar a ideia de que se tratava de uma personalidade política diferente dos demais sujeitos políticos. Uma imagem de líder *outsider*, pretensamente livre de

todos os vícios e desqualificações que a vinculação à política tradicional poderia trazer. A reeleição para um segundo mandato, em 2006, teria como trunfo a capacidade de convencer os eleitores “de que em nada os adversários diferiam dele” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.229).

6.4.3 O retorno

Dispondo do poder máximo na escala republicana, Lula é mostrado como um político capaz de manipular os seus subordinados visando os seus próprios interesses e de grupos por ele privilegiados. Aqueles que estão próximos ao líder parecem levar vantagem em relação àqueles que não desfrutam de sua preferência. Esse individualismo, na prática governamental, representaria um afastamento do protagonista dos reais interesses do povo. O discurso público mantinha as intenções de mudança social e redistribuição de renda, a despeito de atitudes conservadoras de sua gestão. A imagem de pai dos pobres e de apaziguador de conflitos internacionais permaneceria galvanizada no imaginário popular, apesar dos crimes e casos de corrupção que levantaram suspeitas sobre a participação de integrantes da sua agremiação partidária, o Partido dos Trabalhadores.

6.4.3.1 A recusa do retorno

Lula é apresentado como um tipo de liderança que procura desvincular-se da esfera política tradicional. Posicionado como líder *outsider*, ele parece reunir capacidades que o tornam um ser único e diferenciado, em relação à estirpe tradicional dos políticos brasileiros. Quando da conquista do poder, Lula busca a manutenção de uma imagem pública de neutralidade ideológica, não restringindo o seu discurso a ideais unicamente revolucionários, ou esquerdistas (suas bandeiras inspiradoras, na atuação sindical).

Muito embora Lula negue aproximações com pressupostos da prática política de grupos com orientação direitista e conservadora, é notória a sua habilidade de cooptar aliados políticos, beneficiando-se de programas administrativos vinculados a partidos e personalidades que foram grandes adversários ideológicos seus, no passado sindicalista.

A partir da posse na Presidência, em 2003, Lula mantém o planejamento da economia nacional praticamente inalterado, em relação à gestão de seu antecessor

no cargo, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Além disso, aparece ao lado de adversários políticos históricos, como os ex-presidentes José Sarney (1985 – 1990) e Fernando Collor de Mello (1990 – 1992).

O Lula presidente, de acordo com o autor, distancia-se dos interesses do povo, à medida que o seu mandato avança, empreendendo manobras políticas em prol do capitalismo e da perseguição a desafetos políticos. O aparato estatal teria sido utilizado, indevidamente, para criar falsas ilusões de combate à corrupção, escamoteando ações que visavam interesses exclusivos de grupos empresariais e políticos ligados a Lula.

Cita-se o exemplo da exacerbada publicidade, conferida às operações da Polícia Federal, aparentemente investindo contra *burgueses* que teriam enriquecido ilicitamente. Contudo, o biógrafo indica interesses particulares do mandatário nacional em prejudicar determinados alvos das caçadas federais, agindo, no final das contas, em benefício próprio.

Nos fóruns internacionais e encontros de chefes de Estado, Lula teria demonstrado dificuldades em distinguir o pessoal do institucional, evocando informalidades e posturas públicas não condizentes com o cargo que ocupava. A impressão é de que o líder, inexperiente nas tratativas e protocolos da esfera governamental, tomava partido de experiências suas dos tempos da lida sindical, não sabendo diferenciar um papel do outro. Nas palavras do autor, o presidente Lula “confunde a negociação em fóruns internacionais com as noitadas no bar de Tia Rosa, em São Bernardo, onde decidia os passos dos metalúrgicos nas greves, no fim dos anos 1970” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.411).

6.4.3.2 A fuga mágica

Uma das principais estratégias para salvaguardar a imagem do presidente Lula, diante dos escândalos que atentavam contra a ética e a idoneidade de integrantes de seu governo, foi a eleição de bodes expiatórios para assumirem toda a culpa publicamente. O autor exemplifica com o caso envolvendo a compra de votos de parlamentares e que ficou conhecido pela imprensa como *escândalo do mensalão*. As incriminações geraram enorme crise política para o governo, chegando a por em cheque a popularidade de Lula, em uma possível reeleição para o cargo. Provas testemunhais davam conta de altas somas financeiras, captadas em

negociações envolvendo empresários e órgãos públicos e, posteriormente, destinadas a políticos, em troca de apoio.

As denúncias não resultaram em punições para a maior parte dos envolvidos, sendo que os únicos efetivamente maculados pela trama foram o mentor do esquema, o ministro-chefe da Casa Civil de Lula e integrante do PT, José Dirceu, e o operador da ilegalidade e delator da mesma, o então deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ). Lula, apesar de ter o seu nome elencado, posteriormente, como conhecedor e cúmplice do esquema, não teve a sua imagem seriamente prejudicada em função do escândalo. Os altos níveis de popularidade foram utilizados para isentar o governo e o presidente da república da culpa pelas denúncias de corrupção. Segundo o autor, os índices favoráveis de apoio público teriam subido à cabeça do líder, que opta pela ação guiada por seus interesses pessoais, em primeiro plano:

Some-se a isso a percepção megalomaniaca enganosa, permitida pelos altos índices de popularidade (87%, segundo o Ibope, às vésperas das eleições de outubro de 2010) que lustram seu ego inflado, de que a conveniência do chefe de governo é, por definição, o destino da pátria (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.413).

A fim de afastar de si a responsabilidade por índices sociais ou econômicos desfavoráveis, Lula lançava mão da estratégia de empurrar a culpa para os seus antecessores no cargo. A sua predileção especial era criticar a gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, com quem sempre manteve relações amistosas, e com quem chegou a compartilhar ideais políticos, no passado. O distanciamento de seus antecessores no poder era sustentado pela ideia de que havia uma *herança maldita*, atrelada às administrações que antecederam a sua, e com a qual teria que lidar para empreender a sua governança, pretensamente diferenciada e competente. A *satanização* dos adversários incluía a evocação de entidades coletivas, facilmente identificáveis, como dificuldades interpostas em seu caminho político: os tucanos (integrantes do Partido da Social Democracia Brasileira, PSDB), os proprietários de latifúndios improdutivos, os defensores das privatizações, entre outras alcunhas.

6.4.3.3 O auxílio externo

O relato indica que o sucesso de Lula, na manutenção do poder político conquistado, ganha respaldo na predestinação e na sorte. Os novos rumos tomados pela bem-sucedida campanha para as eleições presidenciais de 2002 são atribuídos à troca de coordenação da campanha. Lula decidiu substituir o então prefeito de Santo André, Celso Daniel, pelo prefeito de Ribeirão Preto à época, Antônio Palocci.

É provável que, mais uma vez, o destino e a sorte lhe tenham dado uma mão quando o forçaram a substituir Celso Daniel por Antonio Palocci na coordenação da campanha de 2002. Até então, as candidaturas de Lula à presidência seguiam a prescrição, assustadora para a classe média, da ruptura com o mercado financeiro, o calote da dívida externa e outras bandeiras socialistas (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.351).

Lula buscou inspiração em ícones populistas, durante os seus dois mandatos à frente da nação. A imagem de pai dos pobres foi tomada emprestada ao ex-presidente brasileiro Getúlio Vargas (presidente brasileiro de 1951 a 1954 e de 1930 a 1945) (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.357). Além disso, o autor traça um paralelo entre as trajetórias de vida, com origens familiares humildes, de Lula e Juscelino Kubitschek (presidente do Brasil entre os anos de 1956 e 1961).

Boa parte do sucesso político de Lula parece creditado à incompetência de seus adversários. O biógrafo lembra que um caso de crime tributário, como o caso da compra de votos de parlamentares, poderia ter custado o mandato de Lula, caso os opositoristas tivessem explorado o escândalo contra os integrantes do governo. A estratégia política do principal adversário de Lula, no pleito presidencial de 2002, José Serra (PSDB), mostrou-se equivocada por pregar mudanças em uma situação governamental que detinha grande simpatia popular.

A relação de proximidade e afinidade mantida entre Lula e o presidente cubano Fidel Castro foi sempre muito aberta, ao longo de seu governo. Contudo, o autor nota uma situação constrangedora para Lula, quando visitou Cuba no momento em que um dissidente do regime de Castro realizava uma greve de fome. Lula teria pecado por permitir o registro de “uma foto sua rindo ao lado do folgazão Fidel no flagrante da notícia da morte por greve de fome de um dissidente” (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.405). Equívoco semelhante representaria o apoio de Lula ao regime do Irã, prejudicial para a sua imagem de líder conciliador mundial. O

apoio de Lula aos regimes de Hugo Chávez, na Venezuela, e de Evo Morales, na Bolívia, é considerado, pelo autor, como uma atitude de *capacho*, por ceder aos interesses dos colegas latino-americanos e deixar que se aproveitassem da sua popularidade internacional.

6.4.3.4 Capacidade comunicativa (passagem pelo primeiro limiar)

O protagonista apresenta mudanças no discurso, quando atinge o poder máximo, abandonando antigas causas da militância sindical. De acordo com o relato, utilizou-se de artifícios peculiares à esfera dos antigos inimigos de classe, que dizia combater: procurou manter um cenário econômico que favorecesse os grandes empresários, oferecendo facilidades para os seus apadrinhados políticos e brindando o povo com medidas de caráter assistencialista. Um experiente banqueiro, com amplo trânsito pelo cenário norte-americano (Henrique Meirelles), foi escolhido para comandar o Banco Central do Brasil, fato paradoxal para quem, anteriormente, pregava oposição tácita à acumulação de capital especulativo. As contravenções cometidas por correligionários e aliados políticos seriam lançadas ao esquecimento, enquanto aqueles que se mostrassem como opositores ao regime ganhariam todo o rigor da lei (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.297). As posturas revolucionárias de outrora foram deixadas de lado, em nome do sucesso político, para a conquista do poder. O autor resume o individualismo e a ganância, pertinentes às posturas governamentais de Lula, através da seguinte frase: “se dar bem, do melhor jeito, sem reparar com mais quem” (Idem, p.294).

Apesar das inconsistências ideológicas e prioridades governistas aos setores ligados ao capital, Lula parece insistir na sustentação do discurso de mudança social. As medidas de amparo financeiro aos mais necessitados e o aumento da renda dos trabalhadores brasileiros foram as suas principais bandeiras para comprovar a preocupação com a melhoria nas condições de vida do povo. As pessoas foram incentivadas ao consumo, mediante reduções em tributos federais (prática eminentemente capitalista), sob a alegação de alavancar a economia, movimentar o setor industrial e gerar mais empregos.

A biografia ressalta a competente capacidade de comunicação do presidente Lula, com falas recheadas de exemplos de sua vida comum e de metáforas diversas. A simplicidade de expressão seria responsável por facilitar a comoção do

público e a compreensão do conteúdo das mensagens. Trata-se de um orador com charme e poder para se comunicar.

Na mesma proporção dos predicados oratórios, relata o biógrafo, encontra-se presente uma total *ausência de escrúpulos* do presidente (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.375). A expressão remete a uma crítica do autor às tentativas de cerceamento da liberdade de expressão, durante a gestão de Lula. A imagem de defensor da autonomia do indivíduo, para a manifestação de ideias e pensamentos, galvanizada no decurso de sua atuação sindical, seria contrastada por medidas de controle da informação, através de mudanças na legislação brasileira que regula o setor da comunicação. Cita-se a proposição de um órgão específico para regular as produções audiovisuais no país (agência Nacional do Cinema e do Audiovisual), em 2004, e a criação de uma entidade para controle da atividade jornalística, em todo o território nacional (Conselho Federal de Jornalismo). As proposições causaram polêmica e não obtiveram aprovação para entrar em vigor.

6.4.3.5 Senhor de dois mundos

A capacidade de entender o povo e de combater as injustiças que o oprimem aparece como uma prerrogativa quase que exclusiva do presidente Lula. Apresentado-se publicamente como o pai dos pobres, na realidade, aponta o autor, Lula não teria empreendido nenhuma medida relevante para modificar o cenário de pobreza nacional. O grande apelo eleitoral do chamado *lulismo*, como é referido o culto à imagem do líder, foi a ampliação de medidas distributivas de renda, como o Programa Bolsa Família (ajuda financeira mensal destinada a famílias pobres).

A gestão presidencial, centrada na figura do líder, resultou em altos níveis de popularidade e no domínio da agremiação de Lula, o Partido dos Trabalhadores, sobre a máquina pública (NÊUMANNE PINTO, 2011, p. 377-413). O perfil gestor de Lula obtinha aceitação por públicos de classes sociais bem distintas, como os trabalhadores assalariados e os empresários, os grandes capitalistas industriais e os movimentos sociais ligados à socialização da terra e da moradia.

6.4.3.6 Liberdade para viver

Lula incorporou o perfil de liderança conciliadora, capaz de aproximar adversários políticos e proporcionar alianças improváveis. No cenário internacional,

era tido como um apaziguador de conflitos e moderado interlocutor para líderes latino-americanos de posicionamentos nacionalistas radicais. O seu estilo, com inspiração conciliadora de governar, espelhar-se-ia, de acordo com o relato, em tradicionais figuras históricas da cena política brasileira: dom Pedro II, Bernardo de Vasconcelos, Getúlio Vargas e Tancredo Neves (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.397).

Contudo, a autonomia de ação que detinha, em função de sua popularidade, foi utilizada para fins de manipulação da opinião pública, como a omissão de dados para sustentar um balanço positivo das contas públicas. O autor afirma que Lula possuía um estilo agressivo de atuar, faceta pouco conhecida do governante, cujas marcas de conciliador e apaziguador de conflitos ganhariam prioridade na divulgação pública.

O presidente brasileiro não mediria esforços para derrubar pessoas e manipular situações, com vistas à manutenção de suas metas de permanência no poder. Nêumanne Pinto cita os casos envolvendo as mortes dos prefeitos eleitos, pelo Partido dos Trabalhadores, Antonio da Costa Santos (Campinas) e Celso Daniel (Santo André), como exemplos de situações suspeitas de serem execuções movidas por interesses políticos. Nada foi judicialmente comprovado, mas o autor descreve que Costa Santos morreu baleado, em uma suposta tentativa de assalto, após revelar a Lula esquemas de corrupção na gestão do prefeito que lhe antecedeu no cargo, Jacó Bittar.

Já Celso Daniel foi assassinado pouco antes de licenciar-se da prefeitura de Santo André, para coordenar o programa de governo da candidatura de Lula à presidência, em 2002. De acordo com o autor, Celso Daniel teria compactuado com esquemas de corrupção, envolvendo agentes públicos municipais e empresários, para desviar dinheiro para o Partido dos Trabalhadores. Em outra situação polêmica, o integrante do PT e servidor público Paulo de Tarso Venceslau resolveu denunciar esquemas de fraudes em licitações municipais, sofrendo a exoneração do cargo que ocupava, à época, na cidade de São José dos Campos, como possível retaliação, a mando de Lula.

Apesar dos deslizes éticos, Lula é considerado, pelo biógrafo, como um verdadeiro herói da democracia, ao empreender oposição ferrenha à ditadura militar, na posição de político civil, ligado ao movimento sindical dos metalúrgicos. O próprio protagonista parece não ter noção do papel fundamental que desempenhou, em prol

das mudanças sociais, que viriam nos anos seguintes. Contudo, o relato indica que Lula teria se equivocado, ao aproximar-se de integrantes da guerrilha armada, pois as ações orquestradas por esses grupos contribuíram mais para endurecer o regime militar, do que para a sua queda.

Muitos dos integrantes de cargos estratégicos, nas futuras gestões presidenciais de Lula, seriam oriundos dessas mesmas facções políticas armadas. O relato indica que muitos foram os indivíduos que se aproveitaram da fama adquirida por Lula, na militância sindical, para ascender ao poder. Em certo ponto, o autor relativiza os comportamentos radicais do presidente Lula, atribuindo-os à falta de esclarecimento e de consciência do próprio relevo de sua biografia para a história brasileira.

Para Nêumanne Pinto, o biografado poderia ter conquistado um terceiro mandato presidencial, na esteira dos altos níveis de apoio popular que dispunha. Demonstra surpresa o fato de Lula não ter trabalhado para uma modificação na Constituição do país, que lhe outorgasse a disputa eleitoral pela terceira vez consecutiva. Por outro lado, Lula lançou mão de sua popularidade crescente para eleger um sucessor ao cargo máximo da República, em 2010: a ex-ministra de Minas e Energia e ex-chefe da Casa Civil em seu governo, Dilma Rousseff (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.451).

O apadrinhamento da candidatura de Dilma, uma personalidade sem nenhuma experiência em sufrágios, seria a opção de Lula para manter influência no futuro governo, sem o risco de ser traído. O biógrafo considera que uma mulher no cargo representaria uma ameaça menor à imagem do protagonista (o típico pensamento *machista* que caracterizaria a formação de Lula) (NÊUMANNE PINTO, 2011, p.452).

7. Conclusão

No capítulo 1, vimos que os líderes latino-americanos, identificados com estratégias de comunicação *neopopulistas*, comungam a busca pela diferenciação pessoal, no que diz respeito aos padrões políticos considerados como convencionais, em seus respectivos contextos regionais. A pretensa sensação de contato direto com o povo é a premissa central que os une, sob a perspectiva de uma prática política comum. O presente estudo constata a centralidade que a repercussão midiática adquire, no delineamento dos perfis políticos de orientação *populista*, no continente latino-americano. As estratégias de comunicação *neopopulista* constituem-se, dessa maneira, em elementos basilares para a interação entre a esfera do poder e o âmbito da cidadania.

A análise de textos biográficos dos líderes Luiz Inácio Lula da Silva, Hugo Chávez Frías e Evo Morales confirma estilos de governo centrados no contato direto com o povo e, por isso, apresentando traços comuns, o que permite o esboço de uma tipologia básica para o fenômeno, na América Latina.

Constatamos a possibilidade de se identificar o nível de inserção do biografado em uma estratégia de comunicação dita *populista*, independentemente de suas vinculações ideológicas e/ou partidárias. Da mesma forma, julgamos exitosa a tentativa de dirimir a falsa ideia de que o populismo latino-americano corresponderia a uma prática política antiquada e restrita ao pensamento esquerdista radical. Consideramos que o nível de inserção de um político no universo do *populismo* político está diretamente vinculado às concessões que empreende, em seu estilo de liderança governamental, visando à conquista da adesão popular. Essas concessões correspondem às categorias tipológicas que detalhamos adiante.

Verificamos que os recursos discursivos, utilizados pelos biógrafos, remetem à dedicação irrestrita dos líderes em relação ao povo, somada à extrema destreza demonstrada em situações que envolvam as práticas comunicativas. O líder surge como o único ser com a capacidade de compreender as necessidades do povo e de se fazer entender, proporcionando a transposição dos significados do ambiente político para a realidade do povo. Como aos heróis das narrativas mitológicas, é a eles outorgada a prerrogativa de transitar e efetuar a interconexão entre o mundo dos afazeres políticos e a esfera dos direitos e das obrigações cidadãos. O líder

neopopulista constitui-se em uma referência de conduta e de preceitos morais para os seus seguidores.

As personalidades dos mandatários *neopopulistas* latino-americanos, peculiares aglutinadores das paixões e dos conflitos populares, comungam os traços de mestre de cerimônias e orador persuasivo, sempre em perfeita integração com as diversas manifestações discursivas, inerentes às rotinas governamentais nacionais. As lideranças presidenciais aparecem inseridas em um amplo cenário multimídia, onde a integração com as diferentes linguagens e plataformas de difusão da informação representa uma premissa fundamental para o sucesso e a manutenção do poder político. A própria plataforma biográfica, utilizada como objeto de estudo, no formato de livro, mostrou-se como uma alternativa de extensão do conteúdo informativo acerca da vida dos respectivos personagens.

O processo de identificação dos protagonistas das narrativas com os leitores envolve a utilização de estereótipos, mitos e arquétipos, todos estes inseridos nos contextos sociopolíticos regionais dos envolvidos. A figura masculina, por exemplo, possui centralidade na representação do poder *neopopulista*, na América Latina. Quando os biógrafos abordam a relação dos personagens com o sexo feminino, as passagens textuais ressaltam o poder de sedução e a potência sexual. Evo Morales, Hugo Chávez e Lula da Silva, em algum momento de suas vidas, são classificados como mulherengos, homens em busca da satisfação de seus instintos sexuais mais primitivos, a partir de relações casuais.

Em sintonia com a inserção social do biografado, o relato de Evo Morales promove a sua integração com uma realidade boliviana repleta de crenças em lendas, manifestações místicas e explicações tradicionais para os mais diversos eventos do cotidiano. As referências de ancestralidade do presidente fazem alusão à forte divisão socioeconômica, presente no país, com contrastes que expõem, lado a lado, as realidades de regiões industrialmente desenvolvidas com as de locais carentes em recursos. Descreve a união em torno da figura de Morales em contraponto com a extensa divisão da população em etnias e grupos de classe, com interesses e demandas coletivas divergentes.

A fim de promover o reconhecimento da imagem do biografado pelas audiências, Hugo Chávez aparece extensivamente atrelado ao legado de lideranças venezuelanas de pretensa representatividade política, na militância de orientação

nacionalista, como sugerem as alusões aos perfis de Ezequiel Zamora, Simón Bolívar e Simón Rodríguez. Chávez teria surgido na história da nação para redimir um suposto passado de domínio promovido pelas elites, que se revezavam no poder e expandiam redes de corrupção e favorecimentos, o que, pretensamente, alijava o povo da participação política. O presidente venezuelano constituiu-se, para o relato, em um típico representante da esfera militar: indivíduo frio e estrategista, no desfrute do prestígio e da influência que a organização que representa possui, entre a população da Venezuela. Mesmo tendo a sua formação política em meio à disciplina rígida da caserna, o protagonista busca a autoidentificação com a imagem de líder revolucionário, restaurador da ordem social para o povo, mesmo que, para isso, seja necessário recorrer à luta armada.

A situação de comunicação biográfica indica Lula da Silva como a encarnação do perfil comum à grande parcela da população brasileira: oriundo de um contexto familiar carente de recursos, fadado ao esquecimento, em uma região inóspita do interior do país. Exposto às agruras da falta de instrução escolar e da ausência paterna, teve de lutar para sobreviver desde muito cedo, constituindo-se em um exemplar típico da maioria esquecida em seu país, capaz de adaptar-se a qualquer ambiente. A sua astúcia e inteligência para os assuntos de cunho prático representam o chamado *jeitinho brasileiro*, ao relacionar a capacidade de lidar com a adversidade das situações expostas, sem, aparentemente, perder a alegria de viver, o humor e a simplicidade.

Consideramos, por isso, as biografias políticas como uma forma de divulgação da imagem em que a imersão na rotina dos heróis pode tanto servir como extensão ao *marketing* político, como ceder espaço para a dúvida, o questionamento e a ironia, em relação a determinados fatos da vida do homem público. Elementos que passam ao largo da investigação jornalística e da alçada pública ganham espaço para articulações, com ares de novidade e/ou exclusividade.

Essa possibilidade cristalizou-se, por exemplo, nas importantes diferenças encontradas entre as abordagens dos jornalistas Denise Paraná e José Nêumanne Pinto, sobre a trajetória de Lula da Silva. Enquanto a primeira mostrou-se claramente simpática ao biografado, apresentando um indivíduo politizado e com consciência de classe, guiado pelos interesses sociais daqueles que representava, no início de sua trajetória política, Nêumanne Pinto constrói o contraponto, ao indicar

a existência de um Lula pouco conhecido do grande público, movido por interesses pessoais em primeiro plano. Este personagem desconheceria a relevância do próprio papel desempenhado na luta sindical e na redemocratização do país. O autor acrescenta uma leitura crítica do governo Lula (período que não é abordado na biografia assinada por Denise Paraná), não eximindo o presidente da responsabilidade por casos de corrupção, perseguição política a adversários e favorecimento de companheiros de partido.

A argumentação conclusiva, na presente análise, confirma o tratamento heroico e a roupagem mítica das trajetórias dos personagens. Contudo, identificamos a possibilidade de representação do biografado como a antítese do herói. Como no caso do retrato de Lula escrito por José Nêumane Pinto, o político é definido como um anti-herói, ser que utiliza de sua astúcia e predestinação ao sucesso político com ímpetos inescrupulosos, buscando atingir a satisfação de seus anseios pessoais, em primeiro plano.

A fase da *partida* compreende as provações que se interpõem ao herói, no decurso de seu desenvolvimento, com a manifestação de traços que distinguem o ser extraordinário da alçada comum. O período da iniciação representa os primeiros contatos com a realidade política, como indivíduo dotado de uma missão superior, em busca de aprendizados e vivências que serão de suma importância para a etapa do *retorno*, quando o poder máximo é conquistado e a figura do líder passa a ser uma referência para todo um grupo populacional.

O escrutínio dos textos deu-se em perfeita sintonia com a adaptação que propusemos às etapas do mito do herói, de Joseph Campbell (descritas no capítulo 5). Constatamos, dessa maneira, uma padronização na apresentação dos personagens ao público, ao longo das etapas do desenvolvimento de suas vidas, envolvendo os âmbitos da atividade pública e a herança privada. O caráter mítico dos relatos é evidenciado nos contornos excepcionais que os dramas e percalços das vidas ilustres dos políticos apresentam. No final, o protagonista é um vencedor em sua missão de modificar a realidade, na qual está inserido. A sua popularidade supera as adversidades inerentes às gestões administrativas federais.

Com o propósito de oferecermos uma tipologia básica para a identificação de estilos políticos de orientação *neopopulista*, no contexto da América Latina, apontamos nove características que estão presentes em todos os textos biográficos,

por nós analisados. Todas elas se relacionam com o incremento dos sentimentos de proximidade entre o líder e os seus seguidores:

- 1) recusa da imagem de político tradicional;
- 2) ações realizadas em nome do povo;
- 3) identificação de inimigos públicos relacionados a entidades coletivas, facilmente mencionáveis;
- 4) qualidades essenciais de comunicador e orador;
- 5) identificação pessoal com os pobres e desfavorecidos de seu país;
- 6) governo centrado na figura do líder;
- 7) posturas públicas de caráter nacionalista;
- 8) por trás do pretense desprezo aos bens materiais, inserção tácita ao capitalismo;
- 9) constantes referências à virilidade e potência sexuais.

É possível notar diferenças representativas entre os estilos de governança *neopopulista* de Evo Morales e de Hugo Chávez, em relação ao de Lula da Silva, indicativos do emprego de uma estratégia mais moderada, por parte do último. Com base nessa premissa, aventamos a possibilidade de diferenciarmos uma forma moderada do *neopopulismo* (que contemple as nove características tipológicas descritas acima) e uma forma radical do mesmo (que adicione outros traços ao perfil da liderança política, visando à aproximação com o povo).

A forma radical da estratégia política *neopopulista*, com base nos exemplos de Hugo Chávez e de Evo Morales, torna-se reconhecível por meio de três características atreladas aos respectivos perfis políticos:

I) renúncia ao cuidado com a vida privada, em nome do exercício da condição de líder nacional supremo;

II) reivindicação de entidades superiores, para justificar os próprios comportamentos e atitudes;

III) combatividade política: o líder deve ser temido politicamente pelos seus adversários.

À semelhança do protagonista do relato literário **O outono do patriarca** (1975), de Gabriel García Márquez, típico representante do chamado *patriarcalismo*

(organização social centrada na figura de autoridade masculina, suprema e intransferível), o líder *neopopulista* é aquele para quem a simplicidade de agir e de governar encontra abrigo na devoção popular irrestrita à sua imagem. Assim como os relatos romanceados, as biografias políticas propõem um olhar diferenciado à vida de seus protagonistas, onde a realidade dos fatos nem sempre é evocada. A política é feita de imagens. O campo biográfico é o terreno fértil para a livre expressão do heroísmo e da predestinação. O casamento entre as duas práticas representa a construção de mitos políticos que somente encontram abalo quando a realidade interrompe o circuito da comunicação biográfica (como no caso dos diagnósticos de câncer dos líderes Hugo Chávez e Lula da Silva).

O fictício patriarca da obra de Marques expõe a impossibilidade da comparação entre a figura do *pai do povo* com os demais indivíduos, do herói com os seres comuns: a sua trajetória, marcada por traços autocráticos e assistencialistas, somente ganha equivalência na figura de um sócia perfeito. De maneira análoga, quando surge a necessidade de escolher um sucessor, para gestões *neopopulistas*, o líder precisa ligar a sua própria imagem à do sucessor escolhido, repassando os próprios predicados discursivos e a popularidade única. Foi o que aconteceu com Lula da Silva, em 2010, quando promoveu a sua sucessora no cargo, a atual Presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

O posicionamento dos auxiliares, na vida dos líderes *neopopulistas* latino-americanos, encontra semelhança com o *patriarca* de García Marques: os principais ajudantes externos da liderança tornam-se os seus fiéis seguidores e, em troca, recebem reconhecimento e *status* diferenciados.

A partir da tipologia proposta para o fenômeno do *neopopulismo*, consideramos possível identificar manifestações discursivas e literárias, como estratégias de comunicação que ressaltem estilos *populistas*, ou *neopopulistas*, de governança e trajetória de vida.

8. Referências bibliográficas

- ALVES, Brito. **A história de Lula: O operário presidente**. São Paulo: Espaço e Tempo, 2003.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BEAUMONT, Peter. Review: "The new kid in the barrio" The Observer [London (UK)] 7 de maio de 2006.
- BERGAMO, Mônica. "Enciclopédia Lula" Folha de São Paulo 23 de novembro de 2009.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BERTOL, Rachel. "Lula virou história" Valor Econômico 28 Jan 2011.
- BETTO, Frei. **Lula: Biografia política de um operário**. São Paulo: Perseu Abramo, 1989.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: UnB, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica" In MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOURNE, Richard. **Lula do Brasil: A história real**. São Paulo: Geração, 2009.
- BRANFORD, Sue; KUCINSKI, Bernardo. **Politics Transformed – Lula and the Workers' Party in Brazil**. London: Latin American Bureau, 2003.
- BRETAS, Beatriz. "A expansão do eu na vida cotidiana: A construção da subjetividade em territórios telemáticos" In: CAIAFA, Janice; ELHAJJI, Mohammed. **Comunicação e sociabilidade: Cenários contemporâneos**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BRUM, Eliane. "Lula, o filho do Barretão" Época [São Paulo] 28 de outubro de 2009.
- BURKE, Peter. "A invenção da biografia e o individualismo renascentista" Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.19, 1997.

_____. **A fabricação do rei: A construção da imagem pública de Luís XIV.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CAMMACK, Paul. "The resurgence of populism in Latin America" Bulletin of Latin American Research, n.19, p.149-161, 2000.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito.** São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** São Paulo: Pensamento, 2007.

CANOVAN, Margaret. **Populism.** New York: Harcourt Brace Javonovich, 1981.

_____. "Trust The People! Populism and the Two Faces of Democracy" In: Political Studies (1999), n. XLVII, 2-16.

CARLYLE, Thomas. **Os heróis e o culto dos heróis.** São Paulo: Cultura Moderna, 1930.

CARNEIRO, Gabriela de Oliveira Piquet. **A nova maioria: Determinantes do apoio político ao neopopulismo na América Latina.** São Paulo: USP, 2009. Tese (Doutorado).

CAVALHEIRO, Edgard. **Biografias e biógrafos.** Curitiba: Guaíra, 1943.

CHACON, Vamireh. **Deus é brasileiro: O imaginário do messianismo político no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Linguagem e discurso: Modos de organização.** São Paulo: Contexto, 2008a.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: Do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHAUI, Marilena de Souza. **Cultura e democracia: O discurso competente e outras falas.** São Paulo : Cortez, 2000.

CLARET, Martin. **O fenômeno Collor.** São Paulo: Martin Claret, 1989.

CONNIFF, Michael L. **Populism in Latin America.** Tuscaloosa and London: University of Alabama, 1999.

_____. "Neo-Populismo en América Latina. La década de los 90 y después" Revista de Ciencia Política, v. 23, n.1, 2003.

_____. **Política urbana no Brasil: A ascensão do populismo, 1925 - 1945.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

CRISPIANO NETO, Joaquim. **Lula na literatura de cordel.** Fortaleza: Imeph, 2009.

DANTAS, Audálio. **O menino Lula**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

DARWIN, Pinto; NAVIA, Roberto. **Um tal Evo: Biografia no autorizada**. Santa Cruz: El País, 2007.

DEIWIKS, Christa. "Populism." Living Reviews in Democracy, 2009

DEMMERS, Jolle; FÉRNANDEZ JILBERTO, Alex E.; HOGENBOOM, Barbara. **Miraculous metamorphoses: The neoliberalization of Latin American populism**. London and New York: Palgrave, 2001.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

DI TELLA, Torcuato S. **Para uma política latino-americana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. "Populism into the twenty-first century" Government and Opposition, v. 32, n. 2, p.187-200, 1997.

DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1955.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma vida**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FARO, José Salvador. "A comunicação populista no Brasil: O DIP e a SECOM" In: MELO, José Marques de (Org.). **Populismo e comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981, p.85-94.

FAUSTO, Boris. "O neopopulismo na América Latina." Folha de S.Paulo, 2006.

FERREIRA, Jorge Luiz (Org.). **O populismo e sua história: Debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **O outono do patriarca**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

GARRIDO, Alberto. **Chávez con uniforme: Antibiografía**. Caracas: Bimedia21, 2007.

GERMANI, Gino. **Política e sociedade numa época de transição: Da sociedade tradicional à sociedade de massas**. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOERTZEL, Ted G. **Lula: Brazil's Lula: The most popular politician on earth.** London: Brown Walker, 2011.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. "Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo" Revista de História, n.150, p.129-155, 2004.

GOTT, Richard. **À sombra do libertador: Hugo Chávez e a transformação da Venezuela.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GUERREIRO, Mário; OLIVA, Alberto. "Populismo: Ilusionismo e autoengano" In: Banco de Ideias, Rio de Janeiro, vol.10, n.37, dez 2006 jan/fev 2007.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARTEN, Sven. **The rise of Evo Morales and the MAS.** London: Zed Books, 2007.

HIGHLAND PARK, N. J. "Caudillo de cuerpo entero" La Nación, [Buenos Aires] 20 de agosto de 2005.

HOFSTADTER, Richard. "Estados Unidos" In: IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernest. **Populismo. Sus significados y características nacionales.** Buenos Aires: Instituto de Desarrollo Económico y Social, 1969: p.15-38.

IANNI, Octavio. **A formação do estado populista na América Latina.** São Paulo: Ática, 1989.

IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernest. **Populismo. Sus significados y características nacionales.** Buenos Aires: Instituto de Desarrollo Económico y Social, 1969.

JAGERS, Jan; WALGRAVE, Stefaan. "Populism as political communication style: An empirical study of political parties' discourse in Belgium" European Journal of Political Research, n. 46, p. 319–345, 2007.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2000.

KELLER, Alfredi. In: TABAK, Fanny. **Ideologias - Populismo.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KLÖCKNER, Luciano. **O diário político de Sereno Chaise: 60 anos de história.** Porto Alegre : AGE, 2007.

KUCINSKI, Bernardo. **As cartas ácidas da campanha de Lula de 1998.** São Paulo: Ateliê, 2000.

LACLAU, Ernesto. **La razón populista.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

LAVORATTI, Liliansa. “Lula, de retirante nordestino a mito nacional” In: Gazeta Mercantil [São Paulo] 2 de outubro de 2006.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1954.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema” In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LOWENTHAL, Leo. **Literature and Mass Culture – Communication in Society**. New Brunswick: Transaction, 1984.

MARCANO, Cristina; TYSZKA, Alberto. **Hugo Chávez sem uniforme**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2006.

_____. “Entrevista” O Globo [Rio de Janeiro] 7 de maio de 2006.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MAUROIS, André. **Aspects de la biographie**. Paris: B. Grasset, 1930.

_____. **A vida de Shelley**. São Paulo: Nacional, 1941.

_____. **A vida de Disraeli**. São Paulo: Nacional, 1957.

MAZZOLENI, Gianpietro; STEWART, Julianne; Horsfield, Bruce (Org.) **The media and neo-populism: A contemporary comparative analysis**. Westport: Praeger, 2003.

MELO, José Marques de (Org.) **Populismo e comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981.

MITIDIERI, André Luis. **Como e porque (des) ler os clássicos da biografia**. Porto Alegre: IEFL: EDIPUCRS, 2010.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **The development of greek biography**. Massachusetts: Harvard University, 1971.

MORÁN, José Manuel. “A comunicação populista – Populismo, totalitarismo e políticas de comunicação: O referencial nazifascista” In: MELO, José Marques de (Org.). **Populismo e comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981.

MOREL, Mario. **Lula: O início**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUDDE, Cas. “In the name of the peasantry, the proletariat, and the people: Populisms in Eastern Europe” In: East European Politics and Societies, Reino Unido: v.14, n. 2, p.33-53, 2000.

NÊUMANNE PINTO, José. **O que sei de Lula**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2011.

NOGUEIRA, C. M. M. “Considerações sobre o modelo de análise do discurso de Patrick Charaudeau” Belo Horizonte: Ensaio, v.6, n.1, 2004.

NOTIMEX “Describe libro de Martín Sivak a proceso boliviano y su presidente. Aparece en México ‘Jefazo. Retrato íntimo de Evo Morales’” [Cidade do México] 24 de janeiro de 2009.

O GLOBO. “Reforçando o mito” [São Paulo] 9 de dezembro de 2009.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. “Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850)*” História, São Paulo: Unesp, v.26, n.1, p.154-178, 2007.

PANIZZA, Francisco. “New wine in old bottles? Old and new populism in Latin America” In: Bulletin of Latin American Research, n.19, p.145-147, 2000.

PARANÁ, Denise. **A história de Lula, o filho do Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1996.

_____. **Lula, o filho do Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

_____. **Entre o sonho e o poder: A trajetória da esquerda brasileira através das memórias de José Genoíno**. São Paulo: Geração, 2006.

_____. **Lula: O filho do Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

_____. **A história de Lula, o filho do Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PATARRA, Ivo. **Lula presidente do Brasil: A estratégia que derrotou FHC em 1994**. São Paulo: Alfa-Omega, 1995.

- PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- PERON, Eva. **A razão de minha vida**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1950.
- PHILIPS, Tom. The Guardian [London (UK)] 5 de março 2010.
- PINHEIRO, Roseane Arcanjo. “José Louzeiro e Ferreira Gullar: jornalismo, ousadia e luta pela liberdade de expressão” In: Revista Cambiassu, n.2, vol.16, 2006.
- PINTO, Darwin e NAVIA, Roberto. **Un tal Evo: Biografía no autorizada**. Santa Cruz de la Sierra: El Pais , 2007.
- PLUTARCO. **As vidas dos homens ilustres**. São Paulo: Américas, 1953.
- POMA, Muruchi. **De cocalero a presidente de Bolívia**. Barcelona: Flor del Viento, 2008.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- QUIJANO, Aníbal. “Populismo y fujimorismo” In: BURBANO DE LARA, Felipe (Org.). **El fantasma del populismo**. Caracas: Nueva Sociedad, 1998, p.171-205.
- RANK, Otto. **El mito del nacimiento del héroe**. Buenos Aires: Paidós, 1961.
- REED, John. **México rebelde**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. “Lênin e as heranças do populismo” In: X Encontro Regional de História, Universidade do Estado de Rio de Janeiro, 2002.
- RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. “Neopopulismo: Uma realidade latino-americana” In: Ibérica - Revista Interdisciplinar de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, n. 8, p.4-27. Ago/dez. 2008.
- ROSÓN, María del Mar Martínez. "Reseña Hugo Chávez Tal Cual, de Teodoro Petkoff" In: América Latina Hoy, n33, p.194-195, 2003.
- SÁDABA, Teresa. **Framing: El encuadre de las noticias – El binômio terrorismo e meios**. Buenos Aires: La Crujia, 2008.
- SAVARINO, Franco. “Populismo: Perspectivas europeas y latinoamericanas” In: Espiral, Estudios sobre Estado y Sociedad, v.13, n.37, p.77-94, set/dez. 2006.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: As tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Uiran Gebara da. “A escrita biográfica na antiguidade: Uma tradição incerta” In: Politeia, n. 1, vol.8, p.67-81, 2008.

SIVAK, Martín. **Jefazo: Retrato íntimo de Evo Morales**. Buenos Aires: Debate, 2008.

STARR, Alexandra. “The Chávez phenomenon” Houston Chronicle [Houston, (USA)] 30 de setembro de 2007.

STEWART, Angus. “Las raíces sociales” In: IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernest. **Populismo. Sus significados y características nacionales**. Buenos Aires: Instituto de Desarrollo Económico y Social, 1969: p.221-240.

STRATE, Lance. “Heroes: a communication perspective” In DRUCKER, Susan J.; CATHCART, Robert S. **American heroes in a media age**. Cresskill: Hampton, 1997.

SUBERCASEAUX, Elizabeth; SIERRA, Malu. **Evo Morales: Primer indigena que gobierna en America del Sur**. Santiago de Chile: LOM, 2007.

TAGUIEFF, Pierre-André. **L’illusion populiste: Essai sur les démagogies de l’âge démocratique**. Paris: Flammarion, 2007.

TAVARES, Olga. **Fernando Collor: O discurso messiânico, o clamor ao sagrado**. São Paulo: Annablume, 1998.

TCHAKHOTINE, Serge. **A mistificação das massas pela propaganda política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

THENÓRIO, Iberê. “Versões diferentes da biografia de Lula confundem em livrarias” Portal G1 [São Paulo] 23 de fevereiro de 2010.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRE, Carlos de la. “The resurgence of radical populism in Latin America” In: Constellations, v. 14, n. 3, 2007.

TOURAINÉ, Alain. “Os riscos da adesão de Lula ao neopopulismo” In: Jornal Do Comercio, Rio de Janeiro, 30 jan. 2006. Entrevista concedida a Napoleão Sabóia.

USTARIZ ARZE, Reginaldo. “Entrevista Reginaldo Ustariz” In: Revista IHU [São Paulo] 27 de fevereiro de 2010.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VIEGAS, Ana Cláudia. “O “eu” como matéria de ficção: O espaço biográfico contemporâneo e as tecnologias digitais” In: Revista Texto Digital, n.2, 2008.

VILA-NOVA, Carolina. “Biografia não autorizada traz Morales sedutor e frio” In: Folha de São Paulo [São Paulo] 28 de janeiro de 2007.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e biógrafos: Jornalismo sobre personagens.** São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida.** São Paulo: Unesp, 2008.

VILAS, Carlos M. “El populismo latinoamericano: Un enfoque estructural” In: Desarrollo Económico, v. 28, n. 111, p. 323-352, out./dez. 1988.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: Estruturas míticas para escritores.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VYKOUPILOVÁ, Hana; STOJAROVÁ, Věra. “Populism in the Balkans: Case of Serbia” In: ECPR Conference, setembro de 2007.

WALICKI, Andrzej. “Rusia” In: IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernest. **Populismo. Sus significados y características nacionales.** Buenos Aires: Instituto de Desarrollo Económico y Social, 1969: p.81-120.

WEFFORT, Francisco Corrêa. **O populismo na política brasileira.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

WEYLAND, Kurt. “Clarifying a contested concept: Populism in the study of Latin American politics” In: Comparative Politics, v. 34, n. 1, p. 1-22. out. 2001.

WOLTON, Dominique. “As contradições do espaço público mediatizado” In: Comunicação e Política, Revista de Comunicação e Linguagens, números 21 e 22. Lisboa: 1995.

WOOLF, Virginia. **Granite and rainbow: Essays.** Michigan: Hogarth Press, 1958.

WORSLEY, Peter. “El concepto de populismo” In: IONESCU, Ghita; GELLNER, Ernest. **Populismo. Sus significados y características nacionales.** Buenos Aires: Instituto de Desarrollo Económico y Social, 1969: p. 258-304.

ZAMORANO, Francisco Pineda. **Evo Morales: El cambio comenzó en Bolívia.** Córdoba: Almuzara, 2007.